



- R -

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas - Universidade Nova de Lisboa
Departamento de Sociologia

"Voz do Povo": a dramatização no discurso de um jornal revolucionário

Dissertação de Mestrado em
Sociologia Aprofundada e Realidade Portuguesa

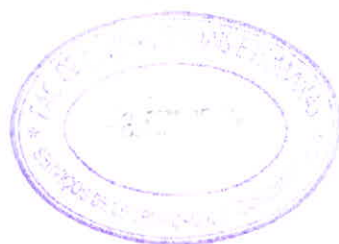
316.77(469)"19"

Pedro Diniz de Sousa

Trabalho orientado por

Prof. Doutor Casimiro Marques Balsa
Prof. Doutor Pedro Tavares de Almeida

*



Lisboa, 1998

50455

Agradecimentos

Ao Prof. Doutor Casimiro Marques Balsa e Prof. Doutor Pedro Tavares de Almeida, pelo apoio e encorajamento.

Ao Prof. Doutor Paulo Filipe Monteiro, Prof^a. Doutora Cristina Ponte, Prof. Doutor Paquete de Oliveira e Prof^a. Doutora Madalena Matos, pelo apoio;

Ao Major Mário Tomé, pela abertura e disponibilidade; à Dr^a. Natércia Coimbra, pelo apoio e eficácia na disponibilização de documentos de grande importância, incluindo os próprios jornais;

A todos os que me encorajaram, em particular à Veva, também pela paciência e à mãe, também pela ajuda preciosa;

Aos colegas do Gabinete de Informática da FCSH, pela paciência, em particular à Mafalda, pelo encorajamento;

O meu agradecimento também às seguintes instituições:

União Democrática Popular; Centro de Documentação 25 de Abril da Universidade de Coimbra; Hemeroteca de Lisboa.

ÍNDICE

I - INTRODUÇÃO

1. A QUESTÃO CENTRAL OU O QUE PRETENDEMOS SABER.....	1
2. DELIMITAÇÃO DO OBJECTO DE ESTUDO: ESCOLHA DO PARTIDO; ESCOLHA DO <i>MEDIUM</i>; ESCLARECIMENTOS ADICIONAIS.....	4
2.1 <i>CONTEXTO POLÍTICO E ESCOLHA DO PARTIDO</i>	4
2.1.1 Contexto político	4
2.1.2 A escolha do partido.....	6
2.2 <i>O CONTEXTO MEDIÁTICO E A ESCOLHA DO MEDIUM</i>	9
2.2.1 Contexto mediático	9
2.2.2 A escolha do <i>medium</i>	10
2.3 <i>ALGUNS ESCLARECIMENTOS ACERCA DO OBJECTO DE ESTUDO</i>	12

II - ENQUADRAMENTO TEÓRICO E PROBLEMATIZAÇÃO

1. A "VOZ DO POVO" NOS CAMPOS POLÍTICO E JORNALÍSTICO	15
1.1 <i>A METONÍMIA ORIGINAL: "O JORNAL É O POVO"</i>	15
1.2 <i>A FUNÇÃO PRIMORDIAL: A REVOLUÇÃO</i>	16
1.3 <i>A FUNÇÃO TRIBUNÍCIA</i>	17
1.4 <i>O CONCEITO JORNALÍSTICO DA "VOZ DO POVO"</i>	19
1.4.1 A ideologia da objectividade	19
1.4.2 A "Voz do Povo" nos antípodas do "espelho"	20
2. O "DISPOSITIVO PANÓPTICO" COMO AGENTE REVOLUCIONÁRIO ...	24
2.1 <i>UM "DISPOSITIVO PANÓPTICO DE VISIBILIDADE"</i>	24
2.2 <i>A REDE DE CORRESPONDENTES</i>	24
2.3 <i>A FUNÇÃO DE VIGILÂNCIA REVOLUCIONÁRIA</i>	27
2.4 <i>A FUNÇÃO DE "UNIR AS MASSAS"</i>	29
2.5 <i>A FUNÇÃO DE EDUCAR ORGANIZAÇÕES POLÍTICAS</i>	30
3. A DRAMATIZAÇÃO COMO AGENTE REVOLUCIONÁRIO AO NÍVEL DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS.....	31
3.1 <i>A TEATRALIDADE DO POLÍTICO</i>	31
3.2 <i>O CARÁCTER DRAMÁTICO DA COMUNICAÇÃO MASS-MEDIÁTICA</i>	32

3.3	<i>A DRAMATIZAÇÃO COMO ESTRATÉGIA DE ACÇÃO REVOLUCIONÁRIA</i>	33
3.4	<i>A FUNÇÃO DE CONFERIR VISIBILIDADE OU "EXISTÊNCIA EM PENSAMENTO"</i>	37
	Um exemplo de "existência em pensamento"	38
3.5	<i>A FUNÇÃO DE LUTA PELA IMPOSIÇÃO DE UMA VISÃO DO MUNDO</i>	39
3.5.1	A construção da realidade pelos <i>media</i>	40
3.5.2	A visão marxista-leninista do mundo	42
	Consciência de classe	43
3.5.3	Uma visão "emprestada"	45
3.5.4	Uma visão dominada	46
	Interpretação de um fracasso	47
3.6	<i>A "FUNÇÃO REMITIFICADORA"</i>	48
3.7	<i>A FUNÇÃO DE AGITAÇÃO POLÍTICA</i>	49
3.8	<i>A FUNÇÃO DE UNIÃO ESPECTADOR/ACTOR</i>	51
4.	DEFINIÇÃO E OPERACIONALIZAÇÃO DOS CONCEITOS	53
4.1	<i>O CONCEITO DE NOTÍCIA</i>	53
	A notícia como construção da realidade	53
4.2	<i>O CONCEITO DE DRAMATIZAÇÃO</i>	55
4.3	<i>DRAMATIZAÇÃO NO CAMPO DOS MEDIA</i>	57
4.3.1	<i>ACÇÃO</i>	58
4.3.2	<i>A METÁFORA - UMA METÁFORA É UMA ENCENAÇÃO</i>	59
4.3.3	<i>A METONÍMIA</i>	60
4.3.4	<i>RECURSOS DISCURSIVOS DE SIMPLIFICAÇÃO</i>	65
4.3.5	<i>O APELO À AFECTIVIDADE E ÀS EMOÇÕES OU APELO AFECTIVO</i>	68
4.3.5.1	Utilização dos sentimentos	69
4.3.5.3	As palavras de ordem	73
4.3.5.4	Vitimização	73
4.3.6	<i>PERSONIFICAÇÃO</i>	74
4.3.7	<i>DESFECHO</i>	75

III - METODOLOGIAS DE ABORDAGEM DO OBJECTO

1.	DELIMITAÇÃO DO CORPUS	77
1.1	<i>ESCOLHA DO PERÍODO DE ANÁLISE</i>	77
1.2	<i>ESCOLHA DO GÉNERO JORNALÍSTICO</i>	78
1.2.1	Rejeições	79
2.	ANÁLISE COMPARATIVA: UMA EXIGÊNCIA METODOLÓGICA	83
2.1	<i>ESCOLHA DO "PORTUGAL SOCIALISTA" E REEQUACIONAMENTO DA QUESTÃO CENTRAL</i>	84
2.2	<i>UMA NOVA DIFICULDADE: A DESIGUAL "DISTÂNCIA" DOS DOIS DISCURSOS</i>	85

3. ABORDAGEM DO OBJECTO NA PERSPECTIVA DA ANÁLISE DE CONTEÚDO.....	87
3.1 A DEFINIÇÃO DAS UNIDADES DE REGISTO	87
3.1.1 A noção de valor.....	88
3.2 A INSUFICIÊNCIA DAS CONTAGENS.....	89
3.3 A ANÁLISE DO DISCURSO ENQUANTO RELACIONAMENTO DE DOIS UNIVERSOS: O LINGUÍSTICO E O SOCIAL.....	89
3.4 RECUSA DA EXPLICAÇÃO A FAVOR DA DESCRIÇÃO.....	91
4. ENQUADRAMENTO TEÓRICO DOS PROCEDIMENTOS DE CONSTITUIÇÃO DA GRELHA DE ANÁLISE, CODIFICAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS.....	92
4.1 CONSTITUIÇÃO DE CATEGORIAS DE ANÁLISE.....	92
4.1.1 Categorias de análise rejeitadas	92
4.2 DECOMPOSIÇÃO DAS CATEGORIAS DE ANÁLISE EM VARIÁVEIS.....	94
4.3 AGREGAÇÃO DOS DADOS EM MODALIDADES	95
4.3.1 Perder informação para ganhar validade estatística e viabilizar a análise.....	95
4.3.2 A lista de modalidades agregadas	96
4.4 ACERCA DA AGREGAÇÃO DAS OCORRÊNCIAS EM MODALIDADES.....	97
4.5 A QUESTÃO DA DIMENSÃO DOS DOIS CORPUS	98
4.5.1 O rácio de correcção das frequências absolutas.....	98
4.5.2 O recurso às frequências relativas.....	99
4.6 DOIS TIPOS DE ANÁLISE DOS DADOS	99
4.7 ANÁLISE FACTORIAL DAS CORRESPONDÊNCIAS	100
5. RECOLHA E PROCESSAMENTO INFORMÁTICO DOS DADOS	102
1.1 DIGITALIZAÇÃO DAS NOTÍCIAS.....	102
1.2 PROGRAMAS INFORMÁTICOS CRIADOS PARA A RECOLHA E PROCESSAMENTO DOS DADOS.....	102

IV - ANÁLISE DOS DADOS

1. RÓTULOS DE CODIFICAÇÃO	103
1.1 <i>UMA DIFICULDADE PARA A ANÁLISE COMPARATIVA</i>	103
1.2 <i>ANÁLISE DOS RÓTULOS DE CODIFICAÇÃO</i>	104
1.3 <i>"VOZ DO POVO": IMPORTÂNCIA DECISIVA DOS RÓTULOS</i>	104
1.3.1 PCP e aliados	106
1.3.2 O campo sindical	110
1.3.3 Campo laboral	113
a) Entidades do campo laboral valoradas negativamente	114
b) Entidades do campo laboral positivamente valoradas pelos rótulos	117
1.3.4 Campo político	121
1.4 <i>OS RÓTULOS NO "PORTUGAL SOCIALISTA"</i>	126
1.4.1 PS	127
1.4.2 PCP	128
1.4.3 Outras entidades do campo político	129
1.4.4 Campo laboral	132
1.5 <i>RÓTULOS DE CODIFICAÇÃO: CONCLUSÕES ADICIONAIS</i>	132
1.5.1 Uma visão do mundo simplificada, valorada e caricaturada	132
1.5.2 Concentração de temas, dispersão de rótulos	132
1.5.3 "Voz do Povo": "revolução simbólica"	133
1.5.4 "Portugal Socialista": apresentação do PS como força ideológica	133
2. OPOSIÇÃO OU ASSOCIAÇÃO ENTRE DUAS ENTIDADES	134
2.1 <i>LUGAR DE IDENTIDADE E DE FUNÇÕES</i>	134
2.2 <i>MODELO DE LEITURA DAS FIGURAS OA-1 E OA-3</i>	134
2.3 <i>A ESTRUTURA DE RELAÇÕES DEFINIDA PELA "VOZ DO POVO"</i>	138
2.3.1 Centralidade do campo social/laboral e das relações de oposição entre entidades deste campo: <i>centramento na luta de classes</i>	138
2.3.2 Os campos político/ideológico e militar/policial: <i>entidades de suporte</i>	139
2.3.3 Ausência de entidades positivamente valoradas nos campos político e militar: <i>politização da luta de classes</i>	140
2.3.4 Ausência de relações de associação entre entidades igualmente valoradas: <i>indistinação; identidade?</i>	141
2.3.5 Conclusões	142
2.4 <i>A ESTRUTURA DE RELAÇÕES DEFINIDA PELO "PORTUGAL SOCIALISTA"</i>	145
2.4.1 Centralidade do campo político/ideológico e das relações de associação estabelecidas pelo PS com entidades deste e doutros campos	145
2.4.2 Legitimidade dos partidos e das instituições políticas	145

2.4.3 Predominância de uma estrutura triangular de relações entre PS, MFA e povo: <i>um triângulo de poder</i>	145
2.4.4 Ausência quase total de oposições binárias: <i>a visão do consenso</i>	146
2.4.5 Entidades do campo político/ideológico associadas ao PS: partidos socialistas estrangeiros, instituições políticas portuguesas, ideologias	147
2.4.6 O caso da entidade <i>Portugal</i>	148
2.4.7 As relações não envolvendo o PS	148
2.4.8 Conclusões	149
3. SENTIMENTOS	150
3.1 AGREGAÇÃO DOS SENTIMENTOS EM CAMPOS SEMÂNTICOS	150
3.2 ANÁLISE COMPARATIVA DA UTILIZAÇÃO DOS SENTIMENTOS	151
3.2.1 Uma disparidade motivadora	151
3.2.2 Alguns dados fundamentais	153
3.2.3 Positivo/negativo	153
3.2.4 Os sentimentos como "cimento" das visões do mundo	156
3.2.5 Rácios "VP"/"PS" e "PS"/"VP" na utilização dos sentimentos	157
3.3 ANÁLISE DOS SENTIMENTOS EM FUNÇÃO DO RESPECTIVO SUJEITO E DESTINATÁRIO	158
3.3.1 Sentimentos mais frequentes na "Voz do Povo"	166
3.3.2 Sentimentos mais frequentes no "Portugal Socialista"	171
3.4 CONCLUSÕES ADICIONAIS: O LUGAR DOS SENTIMENTOS	174
3.4.1 "Portugal Socialista": o investimento simbólico no sentimento ou o sentimento elevado à categoria de ideologia	174
3.4.2 "Voz do Povo": mobilização do espaço afectivo para a luta de classes	175
4. ENFATIZAÇÃO	177
4.1 A ENFATIZAÇÃO NA "VOZ DO POVO"	177
4.1.1 Enfatização das denúncias	178
4.1.2 Enfatização da luta: apelo espiritual e apelo pragmático	179
4.1.2.4 Orientação e correcção das acções de luta	183
4.1.3 Enfatização da hostilidade do povo ou dos trabalhadores	184
4.1.4 Enfatização da situação económica e social do povo ou dos trabalhadores	185
4.1.5 Enfatização na "Voz do Povo": conclusões adicionais	186
4.2 A ENFATIZAÇÃO NO "PORTUGAL SOCIALISTA"	187
4.2.1 Enfatização de referências ao PS	187
4.2.2 Enfatização de denúncias	188
4.2.3 Enfatização de situações de luta	189
4.2.4 Enfatização de elogios e de situações de entusiasmo ou esperança	190
4.2.5 Enfatização da situação económica e social do povo ou dos trabalhadores	191
4.2.6 Enfatização no "Portugal Socialista": conclusões adicionais	191
4.3 COMPARAÇÃO DA ENFATIZAÇÃO NOS DOIS JORNAIS	192

5. VITIMIZAÇÃO.....	194
5.1 <i>VITIMIZAÇÃO NA "VOZ DO POVO"</i>	<i>194</i>
5.1.1 Factor 1: oposição entre situações de agressão/vitimização no campo laboral e no campo político.....	196
5.1.2 Factor 2: oposição entre situações de agressão/vitimização conjunturais, relativas à luta política e situações de agressão/vitimização estruturais, relativas às estruturas socio-económicas.	197
5.1.3 Relacionamento dos factores 1 e 2	198
5.1.4 Factor 3: oposição entre situações de agressão/vitimização no campo militar e no campo partidário ou ideológico.....	202
5.2 <i>VITIMIZAÇÃO NO "PORTUGAL SOCIALISTA"</i>	<i>203</i>
5.2.1 Factor 1: oposição entre situações de agressão/vitimização no seio da luta política imediata e situações de agressão/vitimização de âmbito estrutural	203
5.2.2 Factor 2: oposição entre situações de agressão/vitimização no campo partidário e no meio universitário.....	205
5.2.3 Factor 3: agressão/vitimização por via militar e policial versus agressão/vitimização no campo laboral	206
5.2.4 Cruzamento dos factores e identificação de grupos	206
6. NOMEAÇÃO DE PESSOAS.....	208
6.1 <i>O SINAL DE VALORAÇÃO.....</i>	<i>208</i>
6.2 <i>ANÁLISE COMPARATIVA DAS NOMEAÇÕES NOS DOIS JORNAIS.....</i>	<i>208</i>
6.3 <i>NOMEAÇÕES NA "VOZ DO POVO": UMA EXTENSA LISTA DE DENÚNCIAS.....</i>	<i>209</i>
6.3.1 O significado da denúncia pela nomeação	211
6.3.2 Eleição de heróis	212
6.3.3 Fraca expressão das figuras da UDP	212
6.3.4 Total disciplina ideológica	213
6.4 <i>NOMEAÇÕES NO "PORTUGAL SOCIALISTA": UMA EXTENSA APRESENTAÇÃO DO PARTIDO.....</i>	<i>214</i>
6.4.1 Importância dos titulares do poder	215
6.4.2 Uma representação moderada	216
6.5 <i>CONCLUSÕES ADICIONAIS: IDENTIFICAÇÃO DOS NARRATÁRIOS E DAS FUNÇÕES DA NOMEAÇÃO.....</i>	<i>217</i>
6.5.1 "Voz do Povo": função de "denúncia" ou revelação política	217
6.5.2 "Portugal Socialista": função instituinte.....	218
6.5.3 Participação do "Portugal Socialista" nos rituais políticos.....	218
7. METÁFORAS.....	219
7.1 <i>METÁFORAS NA "VOZ DO POVO"</i>	<i>219</i>
7.1.2 Os tipos de metáfora.....	219
7.1.3 Metáfora do corpo: instrumento de acção e coesão; forma de personificação	220
7.1.4 Metáforas relativas ao cérebro, mãos e olhos: representação dos poderes.....	221

7.1.5 Metáforas de animais: visão caricatural das relações entre indivíduos de diferentes classes	221
7.1.6 Metáfora da luta: transportar o leitor para a verdade; a <i>alegoria da guerra</i>	222
7.1.7 Outras metáforas na "Voz do Povo"	223
7.2 METÁFORAS NO "PORTUGAL SOCIALISTA"	224
7.2.1 Importância da metáfora do corpo	225
7.3 ANÁLISE DAS PRINCIPAIS ENTIDADES OBJECTOS DE METÁFORA.....	225
7.3.1 Entidades metaforizadas na "Voz do Povo"	226
7.3.2 Entidades metaforizadas no "Portugal Socialista"	229
8. METONÍMIA ENTRE FACTOS NOTICIADOS E A SUA EXPLICAÇÃO HISTÓRICA	231
8.1 "VOZ DO POVO": EXPOSIÇÃO DE UM PROGRAMA POLÍTICO	231
8.1.1 A ideia de "avanço da luta"	233
8.1.2 Materialização da ideologia pela encenação da <i>praxis</i> marxista.....	234
8.2 "PORTUGAL SOCIALISTA": TRANSPORTE DOS FACTOS PARA UMA ESCALA NACIONAL	234
 V - CONCLUSÕES	
 1. A LUTA DE CLASSES COMO ENREDO CENTRAL	237
1.1 Os rótulos de codificação como reacção às categorias que ofendem a visão binária.....	238
1.2 O apelo afectivo como forma de conferir intensidade à luta de classes	239
1.3 Metáforas: a luta de classes através da <i>alegoria da guerra</i>	243
1.4 Metonímia entre os factos noticiados e a sua interpretação histórica: a encenação da teoria e da <i>praxis</i> marxista	244
1.5 A nomeação, forma privilegiada de denúncia.....	244
2. IDENTIFICAÇÃO DAS PERSONAGENS PRINCIPAIS.....	245
3. "PORTUGAL SOCIALISTA": BREVE APRESENTAÇÃO DE UMA VISÃO DE CONSENSO	249
3.1 Apresentação ideológica do partido; legitimação dos futuros titulares do poder.....	250
3.2 O sentimento elevado à categoria de ideologia.....	251
4. "COMMENTS ARE SACRED, FACTS ARE FREE" OU A DRAMATIZAÇÃO COMO RESPOSTA À AMBIGUIDADE DO JORNALISMO POLÍTICO	252
UM PARADIGMA DE DRAMATIZAÇÃO NO JORNALISMO POLÍTICO	252
 BIBLIOGRAFIA	255

I

INTRODUÇÃO

1. A questão central ou o que pretendemos saber

"(...) esta Revolução foi sobretudo verbalista e teatral. Com uma dupla vantagem: é que se tratava de um teatro a sério sem atingir, salvo raras excepções, níveis de violência."

Dominique Pouchin, "O último teatro leninista"¹

Esta frase do correspondente do "Le Monde" em Portugal nos anos de 1974 e 1975, Dominique Pouchin, mereceu-nos particular atenção. O jornalista revê a revolução portuguesa através de algumas imagens ilustrativas de como ela foi uma "*reposição histórica*, reunindo todos ou quase todos os ingredientes do leninismo." Imagens evocativas da Revolução de Outubro, tais como "os blindados do RALIS virando os canhões para a fachada de São Bento; (...) as manifestações que desciam as ruas do Bairro Alto, gritando e exigindo a dissolução da Assembleia Constituinte; (...) os operários da construção civil sitiando o Parlamento; (...) os camponeses alentejanos em constantes idas e vindas no caminho Évora-Lisboa" (POUCHIN, 1994:181).

Este testemunho vem de certa forma ao encontro da nossa própria memória do período revolucionário. Ele perfila-se no nosso imaginário como um universo de imagens e cenários que tinham o seu quê de encenação, na medida em que pareciam derivar directamente de um "guião" ideológico, mais do que da expressão espontânea das necessidades reais. Além dos acontecimentos revolucionários de maior impacto, eram as manifestações e os comícios, as palavras de ordem e as canções de intervenção, a proliferação de murais e *graffiti* nos muros das ruas de Lisboa, os incontáveis autocolantes, panfletos e jornais que se espalhavam por toda a parte.

Uma revolução de acontecimentos mas sobretudo de imagens fortes, no dizer daquele jornalista, e uma revolução dos signos e da linguagem, como conclui Madalena Matos no seu trabalho sobre o debate político em Portugal de 1974 a 1976.² Uma revolução teatralizada?

¹ Comunicação no colóquio "O 25 de Abril nos Media Internacionais", realizado em Lisboa em 1990.

² A autora procura pôr em evidência a eficácia do factor simbólico no processo revolucionário. "Facteur symbolique, considéré non comme une instance parallèle ou juxtaposée à d'autres instances ou

Partimos desta questão para lançar a nossa problemática.

Será que os protagonistas do processo revolucionário português recorreram a práticas de "dramatização" no decurso dos processos comunicacionais que desenvolveram?

Se a abordagem teórica que levámos a cabo nos leva a supor que a resposta a esta questão será afirmativa, isso não faz diminuir a nossa motivação para o trabalho, porque, caso se confirme a presença do discurso dramático, logo surgem outras questões, não menos aliciantes:

- Como se caracteriza a dramatização do discurso dos protagonistas do processo revolucionário português?

- Quais são as funções políticas e simbólicas que essa dramatização desempenha no mesmo processo?

O resultado residual obtido nas eleições de Abril de 1975 pelos partidos mais abertamente defensores da via revolucionária do processo português põe a nu a necessidade de estes partidos emprestarem uma grande dose de encenação revolucionária ao chamado "PREC".

Não existindo, para mais, um controlo efectivo do poder político e militar por parte destas forças políticas - o COPCON e o sector revolucionário do MFA são excepções a considerar, ao assumirem-se em várias ocasiões como contra-poder militar (REIS, 1994:34) -, é de supor que as práticas do leninismo, tais como o controlo operário sobre as empresas ou a vigilância revolucionária sejam *encenadas*, como forma de conferir ao "processo revolucionário" alguns atributos necessários à sua legitimação e sobrevivência: visibilidade, coerência, credibilidade.

Para existir, o processo revolucionário precisa de ser visível aos olhos da sociedade que o sancionará e, finalmente, decidirá do seu destino. Mas também a ideologia, a visão do mundo que sustenta esse processo precisa de ser visível, sob pena de todo o processo fracassar. Hamiche, numa obra acerca do teatro na Revolução Francesa, refere que a imposição da ideologia ao nível da "superestrutura" é uma questão de vida ou de morte para uma revolução (HAMICHE, 1973:12). Marx e Lenine, como veremos, valorizam igualmente sobremaneira o campo simbólico.

A *visibilidade* é proporcionada por actos de comunicação. Mesmo num período rico em formas de comunicação, em que a participação directa dos cidadãos em múltiplos organismos e actividades sociais podem proporcionar a

paliers de la réalité sociale, mais comme élément constitutif de la vie politique elle-même." MATOS, 1992:398

visibilidade, a *encenação*, no discurso dos *media* ou "no terreno", é hipoteticamente um dos meios importantes de conseguir esse efeito.

Simultaneamente, as acções revolucionárias precisam de ser *coerentes*, conformes a uma linha ideológica e pragmática identificável e reconhecível pelos militantes, pelos aderentes e pelo público em geral. A encenação, se for eficaz, transmite esta coerência; clarifica a orientação do partido, conferindo-lhe também *credibilidade*.

Como veremos em capítulos próximos, *é o discurso dramático que, pelas suas características, melhor realiza a encenação de que falamos*. Será que ele é posto em prática? E se sim, de que forma e cumprindo que funções políticas e simbólicas?

Escolhemos, para explorar esta questão, a análise da dramatização no discurso de um jornal, a "Voz do Povo", ligado a um relativamente pequeno partido da "extrema-esquerda", a UDP. A selecção do partido, do *medium* e do período de análise, que obedeceu a critérios de pertinência para o tema e de operacionalidade, encontra-se justificada seguidamente.

2. Delimitação do objecto de estudo: escolha do partido; escolha do *medium*; esclarecimentos adicionais

2.1 Contexto político e escolha do partido

2.1.1 Contexto político

Estamos numa conjuntura internacional em que a força dos movimentos de esquerda nas sociedades europeias-ocidentais se faz sentir talvez mais do que nunca, perante as imagens da guerra do Vietname, da queda do regime de Salvador Allende, no Chile, ou do ainda próximo Maio de 68 em França (POUCHIN, 1994:180).

A revolução portuguesa de 1974 e o "processo revolucionário português" subsequente caem como mais uma bomba num mundo marcado pelas disputas ideológica, política e geoestratégica entre capitalismo e socialismo, entre direita e esquerda, entre o Ocidente e o Bloco de Leste (FONTAINE, 1994:257-260).

Acompanhando a atenção generalizada da imprensa, sucederam-se debates, teses e livros acerca do 25 de Abril. Durante dois anos, "saltou para as primeiras páginas dos jornais" um processo que gerou alarme (nuns) e entusiasmo (noutros) à escala mundial. No dizer de Mário Mesquita, em introdução a uma investigação que realizou acerca da presença da revolução na imprensa europeia,

"Portugal transformou-se, após a Revolução do 25 de Abril, no 'laboratório político da Europa' e, simultaneamente, em factor de instabilidade face ao equilíbrio político europeu estabelecido em Itália"

MESQUITA, 1994a:13

Repetiu-se a ideia de "Cuba no Sul da Europa", enquanto Kissinger lançou o célebre aviso de que a revolução portuguesa seria a "vacina da Europa".³

Em Portugal, as ideias de esquerda têm um claro ascendente na sociedade. Ser "de direita" é ser reaccionário, é pertencer de algum modo ao regime ditatorial acabado de derrubar e estar associado às suas "imagens de marca"

³ Ao mesmo tempo, Kissinger dirigia ao Kremlin um aviso: "L'URSS ne doit pas prétendre à la faculté d'influer directement ou indirectement sur les événements, contrairement au droit du peuple portugais de déterminer son propre avenir. L'intervention dans ce sens de puissances extérieures à ce pays, qui est un ami et un allié de longue date des États Unis, est incompatible avec tous les principes sur lesquels repose la sécurité de l'Europe." FONTAINE, 1982:366

negativas: a PIDE, o aparelho repressivo, a Guerra Colonial, a oligarquia de algumas famílias. Ser de direita é ser, em última instância, "*fascista*".

Esta implantação social das ideias de esquerda pode encontrar uma explicação na longevidade do anterior regime, como sugere Lipset.⁴ Na sequência da revolução que pôs fim a uma ditadura de 48 anos e se arrastou até ao tempo europeu dos anos 70, nenhum partido com aspirações a ganhar peso eleitoral se assume como de direita, a não ser os movimentos mais radicais, de resto clandestinos e exprimindo-se na linguagem da violência. A queda de Spínola, em 28 de Setembro de 1974, terá marcado a "morte política" da direita.

A esta nova ordem política parece corresponder uma nova ordem verbal, como conclui Madalena Matos⁵. O vocabulário dos partidos e dos seus líderes, desde o PCP ao próprio PPD, não se desviam do "rumo a uma sociedade socialista". O próprio CDS, o partido com expressão eleitoral mais à direita do espectro partidário, assume a sua pertença ao "centro" através do seu nome e da sua sigla. Só à distância de 20 anos conseguirá mudá-lo e assumir frontalmente a sua posição: um acto que pode ser entendido como simbolizando a libertação do "estigma verbal" que condicionou a direita em Portugal no pós-25 de Abril.

A uma fase de "abertura do discurso" dos principais partidos imediatamente após o 25 de Abril, em que todos se unem em torno do conceito de "democracia", sucede, após o 11 de Março, uma "ruptura das gramáticas". Cada partido tende nesta fase a centrar o seu discurso na sua ideologia, e a identificar-se e legitimar-se por oposição a outros partidos (MATOS, 1992:372).

É nesta fase que os movimentos de esquerda, especialmente os mais radicais, assumem o centro das convulsões políticas, apoiando o denominado "movimento popular", cuja legitimidade se opõe à dos partidos da coligação governamental (PS, PPD, PCP).⁶

Os intelectuais estão em massa à esquerda do espectro político, bem como sectores do MFA e do Conselho da Revolução, sectores que, à margem da hierarquia de um "Estado democrático" em doloroso parto, exercem efectivo

⁴ Este autor afirma que "Quanto maior foi a duração e a intensidade da repressão do Estado sobre os direitos económicos e políticos da classe trabalhadora, mais dispostos estavam os trabalhadores a responder favoravelmente a doutrinas revolucionárias." LIPSET, 1992:314

⁵ MATOS, 1992.

⁶ Madalena Matos conclui que estes partidos da coligação se auto-legitimam no seu "acordo de fundo", contestando acto contínuo a legitimidade das forças políticas que se lhe opõem. "Cet accord, on s'en souvient, définit tant la pluralité des acteurs que les limites de cette pluralité: étaient exclus du débat légitime tous les acteurs mettant en cause le principe de l'unité des partis au gouvernement." MATOS, 1992:371

poder militar (REIS, 1994:24-28). Acreditam na revolução, no fim do capitalismo e empenham-se no processo político.

Em consequência, o sistema político não está, neste período histórico, suficientemente estabilizado quanto aos seus fundamentos e às suas orientações, nem sequer suficientemente legitimado.

De facto, nos órgãos do poder central marcam presença pessoas com ideias opostas em relação aos fundamentos do regime e existe uma relativa indefinição quanto às verdadeiras competências dos vários órgãos de poder vigentes - Presidente da República, Primeiro-Ministro, Governo, Conselho da Revolução, MFA.

A nível económico, apesar de se manterem as estruturas de produção capitalista, os órgãos de poder não fazem do "caminho para o socialismo" letra morta. A política de nacionalizações e a atitude em relação aos conflitos nas empresas são exemplos disso. Será Portugal em 1975 um país "do bloco capitalista"? É uma questão complexa que, face ao nosso *centro de interesse* e no contexto do nosso trabalho, não nos parece pertinente aprofundar.

Certo é que a sociedade, em 25 de Abril de 1975, nas eleições para a Assembleia Constituinte, recusou inequivocamente as vias radicais, excepto em três áreas geograficamente delimitadas, social e politicamente enquadradas numa tradição de luta: o proletariado rural do Alentejo e o operariado das cinturas industriais de Lisboa e do Porto (REIS, 1994:31-32).

De qualquer modo, se o nosso propósito é analisar o "processo revolucionário", a representatividade eleitoral não pode servir de critério de selecção. Vamos antes à procura de um agente de comunicação observável que seja representativo, sim, mas do próprio "processo revolucionário".

2.1.2 A escolha do partido

Sendo notório que em 1975 todos os partidos de esquerda e o próprio PPD se reclamam "da revolução", podemos considerar que a "via revolucionária" do processo português, no sentido de uma ruptura radical e imediata com o regime capitalista, só foi defendida, na teoria e na prática, pelos partidos de extrema-esquerda, que se multiplicaram desde Abril de 1974. São também estes os únicos partidos que se identificam com o que Madalena Matos chama o "movimento popular".⁷

É consensual a ideia de que o papel do Partido Comunista Português no decurso do processo, e em relação à "via revolucionária", não é linear. Depois das eleições de 25 de Abril de 1975 e do acordo de fundo entre PS, PPD e PCP

⁷ MATOS, 1992: 164-165, 371

na coligação governamental, este partido passa a fazer parte do poder político instituído, envolvendo-se no seu jogo complexo e cheio de subtilezas, quer a nível governamental quer noutros campos sociais, em especial no campo laboral. A actuação do PCP nos casos "República" e "Rádio Renascença" são apenas dois exemplos desta implicação (MESQUITA, 1994a:369-378; MORAIS, VIOLANTE, 1986:265-275).

Orientados para um partido da "extrema-esquerda", escolhemos a União Democrática Popular (UDP) por uma confluência de condições favoráveis à realização do trabalho que este partido nos proporciona. Destacamos algumas.

- Em primeiro lugar, a linha ideológica e pragmática do partido, ligada à "via revolucionária" do pós-25 de Abril consubstanciada no "movimento popular" e a mais próxima da hipotética revolução encenada que nos interessa particularmente.

- Em segundo lugar, a base de apoio considerável do partido, que nesse particular se distingue de outros movimentos de extrema-esquerda, de expressão extremamente reduzida. Não nos interessaria abordar um "partido virtual", sem implantação social, vivendo uma espécie de "fantasia revolucionária". Provavelmente não nos faltariam exemplos. Ao pretendermos ter uma perspectiva sobre o "processo revolucionário português", procuraremos interceptá-lo onde ele se aproximou mais de uma concretização na realidade social. Ora esta opção exclui todos os partidos menos dois: o MRPP e a UDP.

- Em terceiro lugar, a intensa acção comunicacional do partido, da qual resultou abundante documentação. A comunicação é um elemento fundamental nos processos revolucionários.

Sem nomear casos concretos, que abundam no período a estudar e cuja actividade está razoavelmente documentada (consultámos o vastíssimo espólio do Centro de Documentação 25 de Abril da Universidade de Coimbra), citamos algumas das instâncias de comunicação usadas pela UDP, que são de uma forma ou de outra veículos de transmissão da mensagem política:

Grupos de intervenção "cultural"; Acções de teatro; Espectáculos musicais; Campanhas de alfabetização; Um jornal; Comunicados na rádio; Comunicados na televisão; Comunicados em panfletos; Intervenções no Parlamento; Slogans e desenhos em cartazes, panfletos, autocolantes e pinturas murais; Jornais murais; Sessões de esclarecimento; Comícios; Manifestações.

Além disso, é importante assinalar a forte presença comunicativa do partido em instâncias como os sindicatos; as "assembleias populares"; as comissões de moradores; os "plenários de trabalhadores"; as associações de estudantes; etc.

A UDP, União Democrática Popular, é fundada em Dezembro de 1974, como resultado da união de três organizações políticas marxistas-leninistas: o CARP (m-l), os CCRML e a URML.

É um partido inspirado no "marxismo-leninismo", que defende a "democracia popular" e a "ditadura do proletariado". Politicamente conotado com o PCP anterior ao seu alegado "recuo" face à ortodoxia estalinista, propõe-se "reconstruir" esse partido. Fortemente crítico, inimigo mesmo, do PCP seu contemporâneo, acusa-o de "revisionista", "traidor à causa comunista" e "burguês", qualificativos que, a par da sigla "P 'C' P", acompanham insistentemente as referências ao partido de Álvaro Cunhal no discurso da UDP.

A UDP rapidamente encontra o seu lugar nos campos sociais onde há ou pode haver conflitualidade: conflitos laborais, que se vinham desenrolando nas empresas mais acentuadamente desde o início da década e que se intensificam com o fim da repressão; conflitos relacionados com o pôr em causa a propriedade privada de meios de produção e bens imobiliários; jogos de poder no seio de instituições. O lugar encontrado pela UDP nestes conflitos, ao envolver-se neles e ao verbalizá-los reduzindo-os por regra a uma "luta de classes" em curso, é "ao lado da classe trabalhadora", dos "operários e camponeses" e "contra a burguesia". A UDP reclama para si e para aqueles que considera aliados a exclusividade do protagonismo da "luta de classes" do lado do "proletariado", do "povo". As outras forças políticas estão, disfarçada ou declaradamente, do lado da "burguesia", sendo agentes dos grandes interesses económicos e dos "imperialismos" americano e soviético.

A UDP tenta e consegue lançar sementes na sociedade. Com um forte apoio de uma elite intelectual, consegue construir uma frente de meios de comunicação aproveitando numerosas instâncias de comunicação.

A comunicação é representada pelos membros da UDP como uma "arma" do proletariado no seu "combate" contra a "opressão da burguesia". O cantor de intervenção José Mário Branco tem numa das suas canções da altura o seguinte refrão: "A cantiga é uma arma de pontaria / A cantiga é uma arma contra a burguesia". A imprensa revolucionária, e o jornal que analisamos, assume frontalmente esta função.

2.2 O contexto mediático e a escolha do medium

2.2.1 Contexto mediático

Em 1975, os meios de comunicação social de impacto nacional, tanto ao nível das chefias como ao nível dos redactores, encontravam-se fortemente comprometidos com o jogo político e ideológico, o que contribuiu para a acentuada má qualidade dos produtos jornalísticos. Jean-Paul Sartre dá o mote:

"A imprensa portuguesa, dum modo geral, não me parece muito boa. Ela não explica nada. Não explica, por exemplo, o que é uma autogestão, o que foi o 11 de Março"

Sartre, citado por MESQUITA, 1994a:361

Completamos o quadro com algumas considerações de Mário Mesquita acerca da prática jornalística desta época:

"A capacidade de análise e selecção era diminuta. Confundia-se o essencial com o acessório (...)."

"A admissão de jornalistas, regra geral, processou-se segundo os trâmites da militância política (...)."

"Recurso, de preferência, a processos como a prosa oratória e triunfalista, a repetição de chavões doutrinários, o silenciamento de acontecimentos relevantes, a transformação de boatos em notícias"

MESQUITA, 1994a:361-362

Por outro lado, a produção e o consumo mediáticos - e culturais - cresceram consideravelmente. A possibilidade de fruição dum conjunto de liberdades que "sempre" tinham sido interditas, até escassos meses antes, juntamente com a pujança mobilizadora das mais variadas forças políticas, terão contribuído para uma "febre de participação" de largos estratos sociais na vida social e política, o que no caso da imprensa escrita se traduziu, pelo menos, na criação de inúmeros periódicos e no aumento exponencial das tiragens dos já existentes.⁸

Em contrapartida, a estabilização do regime democrático subsequente ao 25 de Novembro, foi acompanhada de um arrefecimento das tensões políticas e de uma queda drástica dessa "febre de participação", e assim das tiragens dos jornais, do número de grupos de intervenção cultural, da sua intensidade de acção, etc.

⁸ Relatório do Conselho de Imprensa, "A imprensa escrita em Portugal, 1974-1976", citado por Mário Mesquita (MESQUITA, 1994a:361).

A intensa actividade comunicativa - cultural, mediática - do "período da revolução", típica, segundo Lucien Sfez, dos períodos de crise⁹, revelou-se efémera. Falando metaforicamente, podemos afirmar que este fenómeno comunicacional terá até criado raízes na sociedade ao nível das representações sociais, mas que, destas raízes, se perderam completamente as que se plantaram com o objectivo claro de "edificar uma sociedade socialista" impondo-lhe a visão do mundo marxista.

2.2.2 A escolha do *medium*

É neste cenário que se torna imperativa, no contexto da análise sociológica da comunicação de um partido, a limitação drástica do número de *media* a observar, sob pena de se planear uma investigação demasiado extensa e sujeita ao erro de ignorar uma grande quantidade de instâncias e actos de comunicação que não deixaram rasto, num período excepcionalmente fértil em actividade política e social.

Investigar o discurso da UDP via televisão nessa altura seria uma tarefa muito complicada do ponto de vista operacional. Acresce que a televisão, tendo já um grande impacto social em 1974, está muito distante da posição quase hegemónica que hoje ocupa no panorama da comunicação. Como diz Mário Mesquita, "O processo revolucionário português decorreu numa fase ainda incipiente da televisão em directo (...)" (REBELO, 1994:118).¹⁰

Havia menos aparelhos, não havia côr, a vida social passava menos pela televisão. O autor adianta: "Em 1974/75, o jornal e a rádio usufruíam, pois, de uma posição hegemónica como suportes de informação" (IDEM, Ibidem:118).

O recurso às emissões da Rádio Renascença nos períodos em que foi controlada por elementos afectos à UDP afigura-se muito interessante, mas a presumível dificuldade, se não impossibilidade, de acesso à fonte, afastou à partida esta hipótese.

Pretendemos analisar o discurso da UDP. Poderíamos para tal escolher o suporte de observação entre diversas instâncias de comunicação veiculadoras do discurso deste partido, as mais importantes das quais acabámos de nomear. A escolha do jornal "Voz do Povo" prende-se com algumas prováveis vantagens operacionais na investigação.

⁹ SFEZ, 1988:45-46.

¹⁰ Foram raros os momentos de agitação revolucionária transmitidos em directo pela televisão. O desconcertante diálogo entre Dinis de Almeida e Mensurado captado por Adelino Gomes para a RTP à porta do RAL1, no 11 de Março, será uma das excepções.

Uma vantagem é a possibilidade de observar o material de forma sistemática: temos acesso a todos os números do jornal no período escolhido, o que não acontece com a maioria, senão a totalidade, das alternativas.

Uma segunda vantagem será a maior propensão de um jornal - que para mais nunca chega a ter uma ligação estatutária ao partido - a *encenar a realidade social* do que os documentos emitidos directa e explicitamente pelo próprio partido, tais como a autêntica mole de comunicados produzida. Isto porque a principal função do jornal, pelo menos na óptica do leitor desprevenido, é informar dessa realidade, ao passo que a função de um comunicado partidário, na mesma óptica, será mais persuadir e transmitir uma linha ideológica.

Uma terceira vantagem é a possibilidade de enriquecer o trabalho com importantes contributos teóricos, na medida em que a imprensa escrita é um campo abundantemente estudado pela sociologia e as ciências da comunicação.

O jornal "Voz do Povo" viu o número zero nas bancas no dia 13 de Julho de 1974, dois meses e meio depois da queda do regime marcelista. Nessa altura, a UDP ainda não existia - o partido seria fundado em Dezembro de 1974. No "Regulamento Interno" do jornal pode ler-se:

"O jornal 'Voz do Povo' não é órgão oficial ou oficioso de qualquer partido nem se define em relação aos programas destes."

Regulamento Interno do jornal 'Voz do Povo'

No mesmo documento, o jornal não deixa de se definir, logo na primeira alínea, como

"semanário informativo de combate e crítica social."

Idem

A defesa aberta da ideologia marxista e de uma linha de acção política extremista, a postura de combate vem a ser confirmada em toda a linha editorial do jornal, a começar pelo editorial do nº 0, de onde extraímos três excertos:

"Não há democracia sem ditadura do proletariado."

"Voz do Povo" surge como o desejo de ajudar a classe operária a realizar essa tarefa histórica, que a levará ao lugar dirigente que por direito lhe pertence."

"VOZ DO POVO surge como uma tribuna de luta frontal (...)"

Editorial do nº 0 da "Voz do Povo"

Apesar da *décalage* temporal entre o aparecimento do jornal e o aparecimento do partido, podemos justificar a consideração da "Voz do Povo" como "jornal da UDP" ou "veiculador da linha política da UDP".

A ligação entre UDP e "Voz do Povo" é incontestável. Na semana em que aquele partido é formado, a "Voz do Povo" "adopta" imediatamente e sem reservas o partido, conforme se lê no editorial do nº 21, de 23/12/74:

"Conforme tínhamos dito no número anterior do nosso jornal iríamos apoiar a formação de um partido cuja finalidade seria o aproveitamento revolucionário do período eleitoral (...). Tal partido, *'resultado de recentes contactos estabelecidos entre elementos de várias forças políticas que defendem a liquidação do capitalismo e o estabelecimento da Democracia Popular em Portugal'* é a União Democrática Popular (UDP)."

Editorial do nº 21 da "Voz do Povo", de 23/12/74

O director da "Voz do Povo", João Pulido Valente, é também um destacado dirigente do partido. Acresce que, desde o nº 21 inclusivé, ou seja, desde o momento da fundação da UDP, o jornal passa a emitir regularmente comunicados da UDP, a exhibir na primeira página e nas páginas anteriores o símbolo da UDP, a cobrir as actividades políticas e culturais da UDP.

Finalmente, no nº 45, de 10/6/75, podemos ler uma "Nota da Redacção" que confirma a nossa afirmação:

"Os três jornais nacionais que apoiam a UDP, 'A Causa Operária', 'Folha Comunista' e 'Voz do Povo' fundiram as suas redacções e administrações na 'Voz do Povo' que, a partir de agora, passará a ser o jornal que exprime as posições de apoio à UDP dos três jornais. (...)"

Nota da Redacção, nº 45, 10/6/75

2.3 Alguns esclarecimentos acerca do objecto de estudo

Uma vez justificadas as principais opções, impõe-se esclarecer algumas questões prévias relativamente à motivação científica do trabalho e antever algumas dificuldades que enfrentaremos.

Primeiro, não se trata de saber se as notícias são ou não verdade. Se esse fosse o nosso propósito, várias distâncias se encarregariam de nos dificultar o acesso aos factos.

Por um lado, a distância temporal. Vinte anos volvidos, não disporíamos dos meios necessários para a prospecção histórica que apuraria a verdade de

factos tão dispersos e localizados como os que constituem o grosso da matéria informativa da imprensa.

Por outro lado, a distância imposta pela diferença de quadros de percepção do real, que se traduz na dificuldade de assumir uma abordagem isenta. Se é consensual que, na conjuntura da época, se vivia sob um "império doutrinário e propagandístico" que segundo Mário Mesquita se estendia a toda a comunicação social de influência nacional (MESQUITA, 1994a:362), não nos podemos também esquecer que o actual campo de investigação científica se desenvolveu e consolidou a partir de categorias de apropriação do real que sobreviveram ao conflito simbólico-linguístico do Portugal pós-revolucionário. E que, face a este inevitável envolvimento ideológico, a confrontação de um universo ideológico distante torna-se problemática.

Estas dificuldades não nos impedem de proceder a uma análise cuidada e exaustiva. Levam-nos sim a repor a questão da distância (o contrário de proximidade) em relação ao objecto de estudo e a ter que lidar permanentemente com ela durante a análise.

Ao abordar a "dramatização no espaço noticioso", o nosso objectivo não é portanto desvendar a possível "manipulação dos factos", a sua falsificação, ou o "distorcer da verdade". Tal terminologia será evitada, porque se afasta daquilo que pretendemos saber.

Trata-se sim de procurar no tratamento dos factos feito pelo jornal, práticas ou "tácticas" que obedeçam à estratégia que enunciámos como hipótese. Práticas como: a selecção da linguagem; a utilização de conceitos; o sentido dado a palavras e a factos, enfatizando, diminuindo, reformulando-os de alguma maneira, o destaque dado aos elementos presentes na notícia.

Por outro lado, procuraremos averiguar se o discurso dramático produzido está efectivamente vocacionado para desempenhar as funções simbólicas que a nível teórico se podem atribuir à linguagem dramatizada.

II

ENQUADRAMENTO TEÓRICO E PROBLEMATIZAÇÃO

Antes de introduzirmos o tema da dramatização e subsequentemente nos debruçarmos sobre as funções que o discurso dramático pode desempenhar, propomo-nos elaborar uma introdução ao jornal enquanto instituição do campo do jornalismo doutrinário situada no contexto histórico português do pós-11 de Março. Partiremos depois para a análise do discurso dramático do jornal.

Começaremos por definir os traços individuais da "Voz do Povo" que nos parecem mais importantes, nomeadamente por nos permitirem situar o jornal em relação às suas motivações centrais, ao campo jornalístico e ao campo político envolventes. Estes traços constituem-se como elementos definidores de vectores de análise.

Seguidamente, veremos as funcionalidades da estrutura de funcionamento do jornal, baseada numa rede de correspondentes, estabelecendo paralelismos, que consideramos necessários, com a rede de idênticas características concebida por Lenine. Não estamos ainda no âmbito do discurso do jornal: trata-se de funções relativas à organização do proletariado em torno do partido e à tentativa de implementar o processo revolucionário no terreno.

Desta introdução partiremos finalmente para a análise das funções que o discurso do jornal desempenha ao nível das representações sociais. Introduziremos então o tema da dramatização, tentando descortinar as modalidades do jogo do discurso dramático ao nível das representações sociais.

Por último, a partir do conceito de dramatização, que adaptaremos ao campo dos media, definiremos os conceitos que permitirão precisar a problematização desenvolvida em termos operatórios, proporcionando as condições necessárias para o trabalho de recolha e análise dos dados.

1. A "Voz do Povo" nos campos político e jornalístico

1.1 A metonímia original: "o jornal é o povo"

O nome do jornal, "Voz do Povo", constitui um interessante ponto de partida de análise, que nos situa no seio da funcionalidade política primordial do jornal e que terá o seu devido lugar ao longo do nosso trabalho. De facto, este nome estabelece uma metonímia, nomeadamente entre "jornal" e "povo", cujo sentido se relaciona a diversos níveis com o discurso do jornal.

Resulta desta metonímia uma pessoa - o povo personificado - cuja voz é o jornal, a "Voz do Povo", e cujos *olhos e ouvidos* são os correspondentes, o que nos é dito literalmente no "Guia do Correspondente", através precisamente desta metáfora, reunindo trabalhadores dos três sectores de actividade:

"(os correspondentes) são os olhos e os ouvidos do jornal que chegam a todo o lado - à mais pequena empresa, à mais pequena repartição, à mais pequena aldeia."

Guia do Correspondente

A metonímia estabelece a união simbólica entre povo e jornal, ao unir numa só pessoa os correspondentes, que pertencem ao povo, e o corpo de jornalistas, que pertencem ao jornal.

Resolvendo os termos da metonímia, temos que:

- Os correspondentes são *os olhos e os ouvidos do povo*, porque são os olhos e os ouvidos do jornal ao mesmo tempo que *o jornal é o povo*.
- Os jornalistas são *a voz do povo*, porque são a voz do jornal ao mesmo tempo que, de novo, *o jornal é o povo*.

Esta metonímia, como veremos ao longo da análise, funciona como um postulado da orientação do jornal, tanto ideológica e editorial como discursiva, e permitir-nos-á compreender alguns vectores do discurso do jornal. Seria um erro não começar por referi-la.

Considerando o jornal como apoiante da UDP, do que não restam dúvidas, podemos estender esta união àquele partido e ver no jornal "Voz do Povo" *o corpo de uma união simbólica entre a UDP e o povo*.

1.2 A função primordial: a revolução

Pensamos ser importante situar o jornal "Voz do Povo" no sistema político em formação após a queda da ditadura. A metonímia "o jornal é o povo", à luz da visão marxista da dialéctica histórica, assumida pelo jornal, leva-nos a considerá-lo como agente da revolução popular.

Se bem que o "Estatuto Editorial" não refira explicitamente a necessidade da revolução, ele não deixa de a defender implicitamente, por exemplo no seguinte trecho:

"Defendemos o 25 de Abril na sua genuína expressão popular e enquanto ponto de partida para a radical democratização da sociedade portuguesa."

Estatuto Editorial

No mesmo documento diz-se também que

"As posições do jornal são expressas através do Editorial e de todos os artigos não assinados."

Estatuto Editorial

...E é nas notícias não assinadas do jornal, em quase todas elas, que encontramos a defesa aberta da revolução popular, da instauração do regime de ditadura do proletariado e da destruição do regime vigente, baseado em eleições livres e identificado como "democracia burguesa" ou "ditadura da burguesia".

A ideia do jornal ideológico como agente da revolução tem em Lenine o principal impulsionador, como veremos detalhadamente no capítulo referente à rede de correspondentes. Mais intensamente que no caso da "Voz do Povo", o nome escolhido para o jornal que Lenine fundou em 1900, a "Iskra" (o termo russo para *centelha*) reflecte a sua função revolucionária. "Duma centelha virá a chama", é o mote da "Iskra" que define claramente essa função revolucionária, associada à metáfora do incêndio. Também em *Que fazer?*, Lenine considera o jornal como "le fil conducteur" da organização revolucionária (LENINE, 1966: 219).

O jornal como agente revolucionário é uma ideia cujo sentido podemos também reconhecer na teoria da sociologia política e da comunicação. Do ponto de vista da sociologia política, podemos considerar que a "Voz do Povo"

desempenha a função de comunicação política, exigência fundamental de qualquer sistema político (SCHWARTZENBERG, 1979:177).¹¹

Enquanto os estudos clássicos de comunicação política incidiam sobre a relação entre governantes e governados, sobre o sistema político como sistema de poder, os autores funcionalistas concebem o processo de comunicação política como um *feedback* indispensável à readaptação dos sistemas políticos.

O processo de comunicação adoptado pela "Voz do Povo" constitui um elemento marginal ao sistema político português, o qual o jornal considera "burguês" e que procura destruir. Devemos entender esse processo como a exigência funcional não do sistema mas de um subsistema político que se constitui como um movimento de "democracia popular", que virá a ser corporizado na UDP, subsistema esse que assume uma posição de conflito em relação ao sistema político vigente.

A comunicação asseguraria a esse subsistema o *feedback* indispensável ao desenvolvimento da sua dinâmica revolucionária.

1.3 A função tribúncia

Um tanto paradoxalmente, uma postura radical e conflituosa como a deste jornal tem possibilidades de se desenvolver num sistema político recém-nascido, que procura ver reconhecidas as suas premissas de pluralismo democrático.

Segundo Lavau, em situações de conflitualidade que provoquem clivagens na sociedade que possam pôr em causa a estabilidade do sistema - como terá sido o caso do período escolhido para a análise e como será o caso da conflitualidade verbal e ideológica expressas neste jornal -, o poder político tem ao seu dispor vários mecanismos para "neutralizar as forças centrífugas" (Lavau, G., in CHARLOT, 1974:166) que o ameaçam: a reorganização para fazer desaparecer as clivagens; a repressão; e o fornecimento às forças centrífugas, isto é, aos grupos anti-sistema, de meios para se defenderem do próprio sistema, neutralizando assim os seus apetites mais agressivos. A esta última opção o autor chama a *função tribúncia*, que considera "a exigência funcional dum sistema político que sofre clivagens" (Idem, ibidem:167).

A opção da reorganização para fazer desaparecer as clivagens é no caso vertente uma opção de grande complexidade e melindre, dada a profundidade

¹¹ "A comunicação política é o processus de transmissão pelo qual a informação política circula de um lado para o outro do sistema político, e entre este e o sistema social." SCHWARTZENBERG, 1979:176

da principal clivagem, a pautar a guerra-fria à escala mundial, não o esqueçamos. Complexidade e melindre que se traduz de certa forma nas contradições e impasses gerados exactamente no momento em que essa reorganização é tentada sem êxito também no campo dos *media*, isto é, quando em diversos órgãos de comunicação social os trabalhadores passam a decidir a orientação ideológica do jornal, nomeadamente através dos Conselhos de Redacção e das Comissões de Trabalhadores, como reconhece o Relatório do Conselho de Imprensa (MESQUITA, 1988:92).

A repressão não é uma boa opção. Trata-se de um sistema cuja génese é indissociável da ideia de "fim da ditadura / princípio da liberdade" e que, além do mais, acabou de testemunhar um exemplo do fim pouco digno que a ciência política prognostica para os sistemas autoritários e fechados. A Comissão Ad Hoc criada pelo MFA para controlar a imprensa e que vigorou até à publicação da nova Lei de Imprensa (Fevereiro de 1975) teve ainda algumas intervenções de carácter censório, embora poucas e aplicadas de forma muito controlada pelo poder político e a própria sociedade.

Resta a opção de facultar aos grupos radicais os meios para se defenderem, passando estes a desempenhar a dita função tribuniária. E é este, em nosso entender, o lugar do discurso radical e dramático de jornais como a "Voz do Povo" no nóvel sistema político atravessado por profundas clivagens: com esse discurso, e por paradoxal que possa parecer, a "Voz do Povo" cumpre uma função importante ("exigência funcional") na sua estabilidade e na sua legitimação.

Impõe-se ressaltar um aspecto: é que, apesar de toda a sua postura conflitual, devemos ser prudentes se quisermos classificar a UDP como "partido anti-sistema". Isto porque o sistema político não está, como já referimos, suficientemente estabilizado e definido para poder ser claramente confrontado. Podemos classificar a UDP de partido anti-capitalista, revolucionário, conflitual, abertamente hostil em relação à ordem política e económica, que considera "burguesas", mas situando a sua acção num sistema político em larga medida indefinido.

1.4 O conceito jornalístico da "Voz do Povo"

1.4.1 A ideologia da objectividade

No jornalismo do século XX predomina uma ideologia que, remontando ao século passado¹², ainda hoje pauta os códigos deontológicos: a *ideologia da objectividade*.

A muito esperada Lei de Imprensa, de Fevereiro de 1975, que vem pôr ponto final a décadas de censura, estabelece, como um dos únicos limites à liberdade de imprensa, a necessidade de "garantir a objectividade e a verdade da informação."¹³

Também no Estatuto do Jornalista, de Setembro de 1979, se pode encontrar, como o primeiro dos deveres do jornalista, o de "Respeitar escrupulosamente o rigor e a objectividade da informação."¹⁴

Finalmente, a ideia de objectividade está implícita no Código Deontológico, alínea j), que reza: "[O jornalista deve] Recusar-se a redigir e obstar à publicação de quaisquer textos, títulos ou fotografias que excedam, contradigam ou distorçam os factos a que respeitam (...)"¹⁵

Mesmo hoje, numa era em que o imperativo da luta pelas audiências, mormente nas televisões, impõe duma forma indisfarçável a atitude de dramatização, uma procura incessante de imagens e situações dramáticas, os jornalistas, os editores, os directores de programas, os administradores continuam a assegurar a todos o respeito sagrado pelas regras da objectividade, da verdade "fotográfica" dos factos, e continuam a apregoar que as notícias que veiculam são o "espelho da realidade".

Nelson Traquina, no seu artigo "As Notícias", resume bem os traços desta ideologia que se tornou num mito do jornalismo no Ocidente:

"A noção chave desta mitologia é a noção do "comunicador desinteressado" aonde o papel do jornalista é definido como o do observador neutro, desligado dos acontecimentos e cauteloso em não emitir opiniões pessoais."

TRAQUINA, 1988:29

¹² O culto da "objectividade" e da "independência" do jornalismo remonta à segunda metade do século XIX, época em que surgiram, pela primeira vez, grandes órgãos de comunicação de massas destinados a extensos e variados públicos. Anteriormente, os jornais pouco mais eram que simples instrumentos de debate político e religioso, ou suportes de ideias aprofundadas no âmbito de pequenos grupos." (MESQUITA, REBELO, 1994:114)

¹³ Lei de Imprensa, Decreto-Lei nº 85-C/75, Artº 4º (cit. por AGEE, TRAQUINA, s/d:152)

¹⁴ Estatuto do Jornalista, Lei nº 62/79, Artº 11º (cit. por Idem, ibidem:200)

¹⁵ Idem, ibidem:212

O autor acrescenta, mais adiante:

"A metáfora, habitualmente evocada no campo jornalístico, do jornalista como "espelho", reflecte bem esse conceito do jornalista como simples mediador cuja existência se suprime quando o acontecimento é "reproduzido" na notícia."

TRAQUINA, 1988:30

A velha metáfora do espelho evoca também o carácter mágico do acto subjacente a este ideal de objectividade: o acto de transplantar a realidade do seu espaço natural para o espaço do *medium* e de a oferecer, intacta, ao espectador. Uma função semelhante à que é atribuível à máquina fotográfica antes de se tornar claro que a fotografia é, afinal, "a arte de mentir". Na alínea 3.5.1 deste capítulo, relativa à produção da realidade pelos *media*, referir-nos-emos à desmontagem que os teóricos da comunicação efectuaram desta ideologia.

1.4.2 A "Voz do Povo" nos antípodas do "espelho"

Podemos verificar, senão pela prática, pelos próprios estatutos do Jornal e do Correspondente, e principalmente pelo "Guia do Correspondente", que a ideologia seguida pela "Voz do Povo" contraria frontalmente, a ideia de jornalista neutral veiculada pela ideologia da objectividade.

Afinal não estamos no campo da imprensa "de referência" ou, nos termos da lei de imprensa de fevereiro de 1975, "informativa", mas sim no da imprensa "partidária" ou, nos termos da mesma lei, "doutrinária" (agee, traquina, s/d:151). A mesma lei é clara quando dedica o seu artigo 3º a distinguir os dois tipos de publicação e a vincular apenas o segundo tipo à necessidade de "respeitar os princípios deontológicos da imprensa e a ética profissional" (idem, ibidem).

Antes de precisarmos as características particulares do jornalismo da "Voz do Povo", cabe fazer uma breve contextualização histórica do jornalismo doutrinário ou *ideológico*. A génese histórica do jornalismo ideológico confunde-se com o aparecimento do próprio jornalismo, já que aquele é considerado como a primeira etapa da história do jornalismo, que coincide sensivelmente com o século XIX, prolongando-se até à Primeira Guerra Mundial (ALBERTOSA, 1974:71).¹⁶

¹⁶ Eis como o autor caracteriza esta fase do jornalismo: "La primera etapa, la del periodismo ideológico, dura en todo el mundo hasta el fin de la Primera Guerra Mundial. Es un periodismo doctrinal y moralizador, con ánimo proselitista al servicio de ideas políticas o religiosas; una Prensa

O jornalismo passa então dessa fase caracterizada por convulsões ideológicas para uma outra em que se sobrepõe o estilo informativo, baseado em factos e relatos. É o jornalismo informativo que dá origem ao que hoje se chama notícia ou informação, reportagem e crónica. É a época de ouro da ficção da objectividade, impulsionada pelo jornalismo anglo-saxónico que distingue formalmente notícia de comentário (MESQUITA, REBELO, 1994:115). A partir de 1945 tem início uma nova era, a do jornalismo em profundidade, que combina os factos com o respectivo comentário. Surge assim o também designado jornalismo explicativo, em que predomina a preocupação de *explicar* os acontecimentos noticiados.

O jornalismo da "Voz do Povo" situa-se numa "encruzilhada" histórica. Se em relação às sociedades ocidentais em 1975, e às respectivas tendências mediáticas, podemos falar de pós-modernidade, de génese da "terceira Revolução Industrial", de "sociedade da informação", o jornalismo ideológico da "Voz do Povo" parece encontrar no contexto histórico do pós-25 de Abril uma espécie de reminiscência das épocas revolucionárias do século XIX, que o propiciam. Em todo o caso, as suas notícias não deixam também de integrar as etapas informativa e explicativa, mais recentes.

Vejamos então algumas características do jornalismo ideológico da "Voz do Povo".

Ao descomprometimento da ideologia da objectividade, o jornal opõe o comprometimento dos jornalistas com a causa revolucionária, como já constatámos. A "Voz do Povo" auto-define-se como:

"semanário informativo de combate e crítica social"

Regulamento Interno

A ideia (sem dúvida utópica) de "comunicador desinteressado" é rebatida com a de "comunicador interessado", oposição que se aplica às funções da própria actividade jornalística: enquanto no primeiro caso elas são enquadráveis nas tipologias tradicionais que se desenvolveram basicamente a partir da triologia Formar-Informar-Divertir, no segundo caso elas obedecem a uma função política e a uma estratégia explícita de tomada do poder político. Podemos ler no Estatuto Editorial:

"A nossa acção reger-se-á sempre pela intransigente defesa e aprofundamento das transformações democráticas ocorridas na sociedade portuguesa após o 25 de Abril (...)."

"Defendemos o 25 de Abril na sua genuína expressão popular e enquanto ponto de partida para a radical democratização da sociedade portuguesa. (...)"

"No plano nacional, orientamos mais concretamente a nossa actividade pela defesa das liberdades e da Constituição, contra a escalada reaccionária nas Forças Armadas, no aparelho de Estado, na Imprensa, pela melhoria constante das condições de vida da classe operária, dos trabalhadores e de todos os sectores mais desfavorecidos da população (...)."

Estatuto Editorial

A ideia de "jornalista passivo" é assim substituída pela de um jornalista activo, dotado de uma missão política ao serviço "dos sectores mais desfavorecidos da população" na sua "luta contra a burguesia", "vigilante", encarregue de efectuar as "denúncias" e "revelações políticas" que Lenine preconizava, encarregue de *agitar* o leitor e de o instruir quanto às formas de luta a empreender.

As duas concepções em confronto podem resumir-se nas seguintes oposições, referentes à atitude que o jornalista deve assumir:

descomprometido	/	comprometido
comunicador desinteressado	/	comunicador interessado
espectador (passivo)	/	actor (activo)
espelho da realidade	/	agente da realidade

Adriano Duarte Rodrigues notou que o campo dos *media* tem a característica de unir ou servir todos os restantes campos sociais.¹⁷ Mas se é um facto que podemos abordar qualquer *mass-medium* nas suas funcionalidades económica, política e cultural, também devemos considerar que em cada meio de comunicação há dimensões que são de certa forma dominantes. No caso da "luta pelas audiências" de que hoje tanto se fala, provavelmente a função económica terá um papel mais determinante no desenrolar do jogo. Mas no caso de um jornal ideológico, procura-se captar um público com o fim de levar esse público a *aderir* às ideias veiculadas pelo partido. E o jogo económico da sobrevivência e da prosperidade encontra-se provavelmente subordinado à função política.

¹⁷ RODRIGUES, 1990.

Desta concepção da actividade jornalística assumida pela "Voz do Povo" e das suas funções resulta que a dramatização, tema central do nosso trabalho, deixa de ser vista com a desconfiança de uma prática que pode contrariar a "leitura objectiva" dos factos noticiados, passando a ser interpretada antes como uma boa tática para atingir o objectivo de fazer o leitor tomar partido. De facto, o discurso dramático possui, como definiremos mais tarde, vários atributos que, conjugados, tendem a criar a *sugestão de realidade* e a partir dela a levar o leitor a acreditar, a aderir e a tomar partido.

Ou seja, a prática de dramatização das notícias tem no caso da "Voz do Povo" uma justificação ideológica e moral que a legitima de uma forma particular. E podemos considerá-la como uma modalidade de ruptura com a ideologia da objectividade.

Há, no entanto, um aspecto importante a ressaltar.

Poder-se-á supor que o conceito de jornalismo comprometido com a realidade, assumido pela "Voz do Povo", bem como o carácter instrumental do próprio jornal, implicam um desapego pela chamada "verdade dos factos" em favor do efeito propagandístico da notícia.

Evidentemente que a informação da "Voz do Povo" não é neutral, isto é, não procura "ouvir as duas partes" ou diversificar os ângulos de visão dos acontecimentos. Mas pensamos ser despropositado falar de "desapego pela verdade".

A notória preocupação com a verdade dos factos tem por mote a célebre frase de Lenine "só a verdade é revolucionária", que inclusivamente surge por duas vezes ao longo do corpus. No "Guia do Correspondente", no capítulo "UMA QUESTÃO FUNDAMENTAL", que surge em destaque, enfatiza-se a necessidade de serem absolutamente verdadeiros os factos enviados para a redacção.

"É da maior importância que todos os elementos da notícia sejam absolutamente verdadeiros e objectivos."

Guia do Correspondente¹⁸

¹⁸ A justificação desta importância, porém, pode ser lida como mais pragmática: "Primeiro porque o público não acredita num jornal que publicar sistematicamente notícias falsas ou incorrectas; segundo porque o visado ou visados na notícia podem perseguir criminalmente o jornal, o que ainda dificultará mais a sobrevivência económica da imprensa popular." Guia do Correspondente

2. O "dispositivo panóptico" como agente revolucionário

2.1 Um "dispositivo panóptico de visibilidade"

Adriano Duarte Rodrigues refere que, no rescaldo da Revolução Francesa, se tornaram conhecidos diversos dispositivos utópicos de visibilidade, dos quais destaca o modelo de Jeremy Bentham, *The panopticon*.¹⁹

Trata-se de um modelo de comunicação, adaptável a qualquer organismo em que uma pessoa tenha a seu cargo a vigilância de muitas outras; era nesse tempo o caso de muitas instituições modernas, como a fábrica, a prisão ou o hospício. Este modelo estrutura-se em torno duma torre de controlo, opaca, invisível do exterior, e de secções, todas elas inteiramente transparentes; o organismo possui canais de comunicação visual tão sofisticados que a todo o momento o habitante da torre de controlo tem visibilidade sobre todas as secções, o que lhe permite dirigir o trabalho.

Adriano Duarte Rodrigues aplica este modelo à forma como se desenvolveu o campo dos *media* nas sociedades contemporâneas, mormente nas suas relações com a instituição política.

"A partir do momento em que a utopia panóptica se generaliza com o mito contemporâneo da transparência total do mundo, com a objectivação e a instantaneidade da informação, é o próprio olhar do vigilante que se subjectiva no olhar do cidadão, invertendo e domesticando a própria ordem vigilante do poder. Em cada lar instalam-se, enfim, os dispositivos maquínicos da vigilância generalizada do mundo (...)"

RODRIGUES, 1990:167

2.2 A rede de correspondentes

O jornalismo comprometido, interessado, activo e agente da realidade que descrevemos na alínea 1.4 deste capítulo, concretiza até certo ponto este *dispositivo panóptico* na *rede de correspondentes* que a "Voz do Povo" tenta promover. Um dispositivo neste caso dirigido não à totalidade do mundo, como o dispositivo mediático que hoje acompanha a chamada globalização, não à

¹⁹ RODRIGUES, 1990.

totalidade do campo político, mas à luta de classes, com o intuito estrito de lhe conferir visibilidade, e ao inimigo de classe, a burguesia, com o intuito adicional de o *vigiar e denunciar*. Ao longo da construção do nosso objecto de análise, veremos como se concretizam estas funções.

Em relação ao conceito clássico de "news net", com que Gaye Tuchman define a rede que os mass-media lançam sobre a realidade para captar as notícias²⁰, o *panopticon* possui um atributo suplementar importante, que é o objectivo de controlar efectivamente a realidade através do dispositivo de vigilância.

Resumindo o significado desta rede de correspondentes, que extraímos do "Guia do Correspondente", trata-se de fazer de cada leitor um correspondente e de cada correspondente um vigilante revolucionário, com o dever de fiscalizar localmente as acções e os simples movimentos dos capitalistas ou burgueses locais.

O seguinte trecho do "Guia do Correspondente"²¹ é claro:

"Não há limite, em número, para esses correspondentes; quantos mais melhor. Seria ideal que cada leitor nos escrevesse, dando novas informações ao jornal."

Guia do Correspondente

Seria interessante estudar a extensão da adequação da rede de correspondentes da "Voz do Povo" ao dispositivo panóptico de Jeremy Bentham. Mas os seguintes trechos não nos deixam dúvidas quanto a essa adequação, pelo menos relativamente aos traços essenciais do dispositivo:

"Os correspondentes oficiais do Jornal mantêm uma colaboração regular e constante. Estão espalhados por todo o País."

Estatuto do Correspondente

E principalmente este trecho, já citado:

"(os correspondentes) são os olhos e os ouvidos do jornal que chegam a todo o lado - à mais pequena empresa, à mais pequena repartição, à mais pequena aldeia."

Guia do Correspondente

²⁰ TUCHMAN, 1978:15-37.

²¹ O "Guia do Correspondente" é um documento importante para a nossa análise por se tratar, não de um texto convencional destinado a cumprir requisitos legais - com toda a sujeição a enviesamentos -, mas de um documento de trabalho, interno à instituição, dirigido às pessoas que tencionam ser correspondentes.

Adequação que se estende também à relação entre o sistema de punições previsto em *The panopticon* e o sistema de denúncias preconizado pela "Voz do Povo".

Organizado desta forma, estruturado em torno de uma rede de correspondentes sem limite máximo de número e todos munidos de cartão, o jornal passa a desempenhar diversas funções revolucionárias, todas elas preconizadas por Lenine na sua obra *Que fazer?*.

De facto, Lenine prevê uma rede de características semelhantes àquela que a "Voz do Povo" tenta implementar, chegando até a referir-se à rede de colaboradores do jornal como "rede de agentes" activamente empenhados na causa comum da revolução.

"Au contraire, un réseau d'agents (*) qui se serait formé de lui-même en travaillant à la création et à la diffusion d'un journal commun, ne devrait pas "attendre les bras croisés" le mot d'ordre de l'insurrection; il accomplirait justement une oeuvre régulière, qui lui garantirait en cas d'insurrection le plus de chances de succès."

LENINE, 1966:236

Numa nota de rodapé, a que se refere o asterisco²², o autor declara o seu agrado pela palavra "agente", em detrimento da palavra "colaborador", em virtude do carácter mais sincero, mais comprometido com a revolução, da primeira, e do "sabor a literatismo" da segunda.

(...) Esta palavra agrada-me, porque mostra de maneira clara e precisa a *causa comum* a que todos os agentes subordinam os seus pensamentos e os seus actos, e se tivesse de substituir esta palavra por uma outra, só escolheria a palavra «colaborador» se esta não tivesse certo sabor a literatismo e a vacuidade."

LENINE, 1973:178

Aliás, a recusa da elaboração literária constituiu-se como uma orientação explícita para o correspondente da "Voz do Povo", segundo o "Guia do Correspondente"; uma orientação que citaremos quando nos referirmos ao uso da linguagem popular.

Esta abordagem permite-nos concluir que a actuação da "Voz do Povo" se joga no espaço social a um nível muito mais do que simbólico.

Vejamos quais poderão ser as funções desta rede de correspondentes, análoga à "rede de agentes" de Lenine.

²² Esta nota de rodapé, suprimida por próprio Lenine na reedição de *Que Fazer?* de 1907 e também na edição francesa que consultámos, aparece incluída numa tradução portuguesa da obra (Lisboa, Edições Avante, 1973, p.178).

2.3 A função de vigilância revolucionária

Retomemos as atribuições dos correspondentes segundo o "Guia do Correspondente". Notemos, antes de mais, que não há limite em número para eles; seria ideal mesmo que cada leitor fosse um correspondente.

A ideia de que uma rede tão alargada tem propósitos estritamente jornalísticos parece-nos absurda. Não é difícil procurar outras funcionalidades para ela. A mais evidente de todas, patente no próprio guia e na doutrina de Lenine, é a de *vigilância proletária*.

O "Guia do Correspondente" instrui o correspondente não só quanto a aspectos técnicos e deontológicos do trabalho jornalístico, mas quanto às formas de organizar uma rede de informação local, e quanto aos temas que o correspondente deve procurar (capítulo "O QUE INTERESSA NOTICIAR"). Se no jornalismo convencional a noticiabilidade dos acontecimentos obedece a temas, como o progresso, o sexo ou a emoção, e a critérios, como a actualidade e a proximidade (ALBERTOSA, 1974:89), no caso da "Voz do Povo", a orientação temática incide sobre os desenvolvimentos da luta de classes e sobre as actividades "obscuras" da burguesia, o que nos conduz de novo à necessidade de efectuar denúncias ou revelações políticas.

Os temas "que interessa noticiar" são, nomeadamente: Lutas de trabalhadores; Movimento sindical; Organizações populares; Arbitrariedades do patronato; Violências ou arbitrariedades das forças repressivas; Actividades reaccionárias; Escândalos sociais; Austeridade dos ricos e dos governantes; Vida local.

Nesta subdivisão temática, detalhadamente explanada no "Guia do Correspondente", incluem-se, como se vê, diversos temas relativos à "vigilância proletária".

Outro exemplo dessa vigilância é o parágrafo seguinte, que instrui o correspondente acerca da forma como poderá criar uma rede:

"Mas onde criar essa rede?

Entre as pessoas que num dado sítio, estejam mais bem informadas. O porteiro da fábrica vê quem entra e quem sai; vê se o patrão lá vai de noite; os contabilistas e empregados de escritório têm muitas vezes conhecimento das falcaturas; num bairro ou numa aldeia, o barbeiro e o merceiro sabem tudo o que se passa, inclusivé dos organismos oficiais; os porteiros dos locais públicos, como restaurantes, teatros, etc., podem ser preciosos auxiliares (por exemplo: podem assistir ao discreto encontro de dois dirigentes políticos num restaurante sossegado)."

Guia do Correspondente

Este parágrafo mostra-nos que o alvo da vigilância são não só os patrões e empresários mas também os políticos e os próprios "organismos oficiais". Uma profusa recolha de informação por parte dos correspondentes populares, aqui cabalmente justificada por Domenach à luz das práticas propagandísticas leninistas:

"il n'y a pas de propagande sans un apport constant d'information, et c'est le second rôle des spécialistes communistes que d'alimenter les révélations politiques par un flot continu de nouvelles puisées dans tous les secteurs professionnels et sociaux. Chaque cellule fonctionne comme une antenne d'information, et, dans les régimes soviétiques, les journaux possèdent une multitude de «correspondants populaires» placés à tous les niveaux des activités du pays."

DOMENACH, 1962:27

Em mais um exemplo, depois de chamar a atenção para a necessidade de o correspondente do jornal criar "redes de informação" locais junto das pessoas mais bem situadas para conhecer as movimentações dos indivíduos suspeitos, aquele documento adverte os correspondentes para a necessidade de noticiar apenas elementos absolutamente verdadeiros, concluindo a seguir:

"Isto não quer dizer, evidentemente, que os correspondentes e o jornal deixem de acusar e denunciar indivíduos que merecem ser chamados a público."

Guia do Correspondente

A denúncia é efectivamente um dos pilares da propaganda leninista (QUINTERO, 1993:237, DOMENACH, 1962). Para Lenine, o propagandista tem o dever de efectuar denúncias, ou "revelações políticas" (DOMENACH, 1962:22) em ordem a "desmascarar os sofismas com que as classes dominantes escondem os seus interesses" (QUINTERO, 1993:237). É o jornalista informador, agente da "vigilância proletária", que mantém o inimigo sob controle e denuncia o seu carácter explorador. Lenine preconiza inclusivamente esta função à rede de correspondentes que prevê no "jornal destinado a toda a Rússia".²³

A função de "vigilância proletária", de redistribuição de informações importantes para o desfecho da luta de classes, de voz orientadora, encorajadora e moralizadora das "tropas" que se encontram na "linha da frente" da luta de classes - os trabalhadores e militantes envolvidos em conflitos sociais,

²³ "(...) des dénonciations politiques et économiques recueillies dans toute la Russie fourniraient un aliment intellectuel aux ouvriers de toutes professions et de tous degrés de développement; elles fourniraient matière et prétexte à des causeries et conférences sur les questions les plus variées (...)." LENINE, 1966:226

predominantemente laborais e políticos - é pois uma das atribuições do correspondente.

2.4 A função de "unir as massas"

Lucien Sfez refere que uma das principais funções dos *media* é a de reenviar as pessoas para os valores partilhados pela maioria, evitando assim os desvios. Para este autor, os *media* surgem assim como um "cimento social".²⁴

Salvaguardadas as distâncias, encontramos uma função análoga no jornal revolucionário. Segundo Lenine, uma das funções principais do jornal é unir os proletários que se encontrem isolados nas suas terras e cidades de origem.

"Il faut - c'est une nécessité indispensable - il faut avant tout élargir ce champ d'action, créer une liaison effective entre les villes sur la base d'un travail régulier commun, car le morcellement comprime les facultés de ceux qui, "accroupis comme dans un trou" (...) ignorent ce qui se passe dans le monde, ne savent pas auprès de qui s'instruire, comment acquérir l'expérience, comment satisfaire leur soif d'une activité étendue."

LENINE, 1966:225

Unir os proletários enquanto leitores do jornal e portanto levá-los a adquirir uma consciência colectiva, mas principalmente enquanto participantes na feitura do jornal. De facto, o trabalho para o jornal teria o condão de assegurar relações constantes entre eles, consolidando a unidade do partido.

"C'est /cette oeuvre/ enfin, qui apprendrait à toutes les organisations révolutionnaires, sur tous les points de la Russie, à entretenir entre elles les relations les plus régulières et en même temps les plus conspiratives, relations qui créent l'unité effective du Parti (...)."

LENINE, 1966:236

Um trabalho que implicaria, segundo Lenine, a constituição de fortes organizações locais, o que, como vimos na alínea 2.3, relativa à vigilância proletária, é também preconizado pela "Voz do Povo".

²⁴ Dans une société où la mobilité géographique et professionnelle, l'urbanisation, la bureaucratisation font que les individus sont de plus en plus étrangers les uns aux autres, les moyens de communication d masses, dont la fonction première est la création de leur public, apparaissent comme un nouveau ciment social et comme le seul instrument capable à la fois de refléter et de diffuser les valeurs partagées para le plus grand nombre, de contrôler aussi la déviance." SFEZ, 1993:1017

2.5 A função de educar organizações políticas

Para Lenine o "jornal para toda a Rússia" é um organizador colectivo, cumprindo a função de educar fortes organizações políticas locais (LENINE, 1966:217). Ele vai mesmo mais longe, ao afirmar que esse jornal é *a única* maneira de educar fortes organizações políticas (Idem, Ibidem).²⁵

Lenine vê uma simbiose entre o "trabalho sobre o papel" e o "trabalho político vivo no plano local", considerando "ridículo" opor os dois (LENINE, 1966:218).

A função clássica de "educar" atribuída aos jornais, tem no caso do jornal revolucionário uma vocação particular, a de educar organizações políticas. Uma função que a rede de correspondentes da "Voz do Povo" poderá desempenhar.

Encontramos, através da análise da obra de Lenine e do "Guia do Correspondente", fortes paralelismos entre as funções atribuídas por Lenine à "Iskra" e aquelas que o "Guia do Correspondente" permite detectar na "Voz do Povo".

²⁵ Lenine contesta assim a opinião de Nadiejdine, fundador do jornal socialista-revolucionário "Svoboda" ("Liberdade"), para quem se devia constituir "jornais locais em vasta escala", em vez de um jornal único nacional.

3. A dramatização como agente revolucionário ao nível das representações sociais

Neste capítulo introduzimos o tema da dramatização nos contextos político e mediático, após o que nos referiremos às funções simbólicas do jornal e às formas como a dramatização poderá desempenhá-las.

3.1 A teatralidade do político

Começemos por assinalar que a dramatização encontra terreno fértil no campo político de *per se*. Trata-se de um campo em que as encenações e os processos de ritualização são constantes (ABÉLÈS, 1996:107, FERNANDES, 1988:224), de tal modo que a noção de "teatro político" se impôs desde cedo nas representações sociais do respectivo campo. A noção desenvolveu-se também no campo do teatro, quando Erwin Piscator, na sua obra *Teatro Político* (1929), teorizou a actividade dramática como meio de, representando a realidade social, económica e política, intervir politicamente.

Se só alguns autores defendem que todo o teatro é político (DORT, 1971:267) - o que confere à noção de "teatro político" um carácter tautológico -, nos tempos "mediáticos" que atravessamos não é difícil aceitar que toda a política é teatral. Diversos autores, como Bourdieu, utilizam-na para designar a dimensão cénica do jogo político.

António Fernandes, depois de chamar a atenção para o facto de que "A necessidade de simbolização resulta da função semiótica dos indivíduos e, por isso, é conatural à natureza humana" e de que "A teatralidade envolve toda a vida social" (FERNANDES, 1988:221), defende que no político essa teatralidade é particularmente notória: "não existem quase nenhuma actividades que veiculem tantos ritos e símbolos como a actividade política" (Georges Burdeau, cit. por FERNANDES, 1988:222).

Para este autor, o espectáculo teatral na política tem a função de excitar e accionar o "inconsciente colectivo", no sentido da adesão das massas à força política que o encena, o que pode ou não significar a legitimação dum poder instituído. Adesão que, segundo o autor, é mais conseguida através do jogo emocional da paixão do que através da "razão":

"Mediante a teatralização, o poder procura obter pela sedução o que a razão não lhe consegue dar. O espectáculo tem o condão de movimentar as massas. As

populações não se deixam arrastar pelo bem fundado do raciocínio, mas pelas paixões e emoções."

FERNANDES, 1988:224

O jogo das personagens, que caracteriza a estrutura dramática, é também referido por este autor como uma componente importante da actividade política.

Concluindo, em política, "há representação no sentido teatral do termo, porque a ilusão está no centro do jogo" (ABÉLÈS, 1996:113).

3.2 O carácter dramático da comunicação mass-mediática

A teatralidade própria do político tem no campo dos *mass-media* um palco privilegiado para se manifestar. Muitos teóricos chamam a atenção para o carácter dramático das notícias dos *mass-media* em relação aos acontecimentos que relatam.²⁶ É a televisão, pelo poder sedutor da imagem, o *medium* mais propenso à dramatização.

Pierre Babin defende que a dramatização é mesmo necessária a toda a comunicação que pretenda ser eficaz na captação do interesse do interlocutor:

"Penso que toda a comunicação, visando suscitar o interesse dos auditores, deve ser dramática. A razão fundamental da dramatização é o interesse, móbil velho como o mundo. (...) se uma rádio quer vender os seus programas a um número sempre crescente de ouvintes deverá dramatizar."

BABIN, 1993:66

Também Lipovetsky fala desta tendência, num contexto que, não sendo pós-revolucionário, poderá abranger também o Portugal de 1975 por se referir genericamente às sociedades ocidentais. Lipovetsky refere que, ao transmitirem um clima de crise, de insegurança urbana e planetária, de escândalos e catástrofes, os *mass-media* orientam a informação "no sentido da emoção", sob uma capa de "objectividade de superfície" (LIPOVETSKY, 1989:127).

No campo da imprensa escrita podemos argumentar que, à semelhança de um palco do teatro, a notícia se constitui como um espaço discursivo em grande medida autónomo em relação ao acontecimento que relata, com lógica própria e liberdade ao nível da produção de significado. O discurso da notícia de jornal, referindo-se a um acontecimento, não se pode reduzir a ele, constituindo-se

²⁶ Como refere Leblanc: "A dramatização da actualidade é uma das componentes essenciais da história da informação de massas e, em particular, da do telejornal." LEBLANC, 1989:87

também, o próprio discurso, como um acontecimento particular (RODRIGUES, 1988:12).²⁷

Um dos aspectos que confere aos *mass-media* - em particular às notícias - um cunho dramático é a importância do *tempo presente*, como refere S. Dawson:

Uma história de tipo jornalístico tem mais em comum com o drama do que uma história vulgar, uma vez que o escritor está preocupado com o presente, com o sentido do que está a acontecer *agora*, não com o passado. (...) Esta noção de presente é parte integrante do drama, porque o que está a acontecer no palco, está a acontecer agora, pela primeira vez, e não no tempo que Suzanne Langer denomina de "passado virtual" da literatura narrativa."

DAWSON, 1975:31

É na notícia que a importância do tempo presente é maior. Se a crónica, a série ou documentário televisivos, o cinema, resistem ao tempo, no sentido de poderem ser consumidos num tempo relativamente longo, o mesmo não se pode dizer da notícia. A notícia perde rapidamente o seu valor, deixando em poucos dias de ser notícia. No próprio nome "nova", "nouvelle" ou "news" está contida a ligação do conceito com o tempo presente.

3.3 A dramatização como estratégia de acção revolucionária

A dramatização do discurso por parte de um jornal com as características da "Voz do Povo" apresenta-se como uma opção estratégica cuja utilização deixa à partida poucas dúvidas.

A "Voz do Povo" representa um relativamente pequeno partido que, pela natureza das suas posições, tem várias vantagens em assumir um discurso radical e dramatizador.

Com efeito, é o discurso dramático que, como veremos nos próximos capítulos, melhor opera ao nível simbólico em ordem a atingir a adesão dos leitores e a agitação política, imperativos do êxito revolucionário.

Ao nível das representações sociais, a dramatização desempenha diversas funções, que desenvolveremos nos próximos capítulos, das quais destacamos a

²⁷ Adriano Duarte Rodrigues fala ainda da dimensão simbólica da representação cénica dos acontecimentos noticiados, o que os define como "meta-acontecimentos": "O excesso, a falha, a inversão são apenas registos-pretextos, formas referenciais simuladoras das figuras discursivas que definem os meta-acontecimentos. Estas continuam a dar-se como factos, mas a sua emergência é toda ela inscrita na ordem do discurso, na ordem da visibilidade simbólica da representação cénica." RODRIGUES, 1988:11

de conferir uma "existência em pensamento" (BOURDIEU, 1989:160) a toda uma visão da realidade social e histórica pela qual se luta.

Os factores que empurram a "Voz do Povo" para a dramatização multiplicam-se. Jean Touchard notou que a dimensão, em número de militantes, de um partido, afecta necessariamente a sua ideologia (Jean Touchard, in CHARLOT, 1974:101). Parece-nos que essa dimensão afectará também a forma como a ideologia é transmitida.

A propensão à dramatização é também potenciada pelo facto de o período de análise (Março-Julho de 1975) ser um período de crise, portanto um período em que toda a ordem social e simbólica é questionada. Numa crise, a dramatização do discurso tem hipóteses de frutificar, na medida em que paira uma "deriva" e em que se procura "a ancoragem, o fim das derivas" (SFEZ, 1988:46), só alcançável por via dum conflito que permita "renovar o mito fundador" (Idem, ibidem).

Como estratégia, a dramatização pode inserir-se na teoria e na prática do marxismo-leninismo.

Na perspectiva marxista, uma das tarefas revolucionárias joga-se no campo simbólico e consiste numa "reconstrução do imaginário" que passa por "liquidar todas as superstições do passado", como refere Marx na sua obra clássica *O 18 do Brumário de Louis Bonaparte*. As superstições e a própria memória são inimigos a abater, porque alimentam a "fabricação de imagens" que suporta o sistema capitalista.²⁸

A tradição funciona para Marx como um peso:

"A tradição de todas as gerações mortas pesa sobre o cérebro dos vivos como um pesadelo."

MARX, 1984:21

Pesadelo, sonho, representação inconsciente que é preciso combater impondo uma outra representação, nomeadamente a cosmovisão marxista-leninista.

A assimilação desta representação e a sua concretização através da prática significará que o proletariado terá passado da fase da consciência de classe "em

²⁸ Como refere Sfez: "La fabrication d'images est devenue le secteur clef du capital qui balaye le champ social de la publicité pour le cirage jusqu'à l'image de marque des hommes politiques, et à celle de l'Etat lui-même." "(...) tout ce système fonctionne à la mémoire, une mémoire qui triche, mémoire ennemie." SFEZ, 1988:32

si" para a fase da consciência de classe "para si"²⁹, isto é, significará o despoletar da revolução.

A comunicação assume, no contexto revolucionário, uma importância superlativa, como aliás já constatámos ao abordar as ideias de Lenine acerca da dinâmica revolucionária. Como também vimos antes, é preciso arrancar os camponeses e os operários do seu isolamento criando canais de comunicação.

Ora esta exigência de comunicação implica o uso de uma linguagem simples, directa, facilmente assimilável por eles. Por outro lado, uma linguagem que prenda a atenção, com um forte conteúdo afectivo, que toque a sensibilidade do proletariado e dê resposta às suas aspirações.

A palavra de ordem surge como um modelo da almejada eficácia comunicacional. Segundo Domenach, com apenas duas palavras - Terra e Paz - Lenine conseguiu exprimir as reivindicações fundamentais de milhões de camponeses-soldados do exército russo (DOMENACH, 1962:25), estando no seu uso o segredo da revolução.

Como veremos seguidamente, é o discurso do drama que melhor responde às exigências de comunicação que vimos enunciando.

"O público do romance é muito diverso do público do drama: no primeiro caso, trata-se do *leitor* isolado, que lê a obra segundo os seus interesses, a sua disposição de espírito e segundo as suas disponibilidades de tempo; no segundo caso, encontramos o *espectador*, que se congrega com outros homens, para assistirem juntos à representação da obra dramática."

AGUIAR E SILVA, 1969:247

Aguiar e Silva diz-nos que o discurso dramático tem o condão de unir os leitores / espectadores numa espécie de consciência colectiva: a da condição de espectadores de uma peça teatral. No nosso contexto, podemos falar de consciência de classe. Mas não nos esqueçamos que, segundo os próprios estatutos do jornal, não há limite para os correspondentes, sendo "ideal" que todos os leitores sejam correspondentes. Ou seja, idealmente estamos perante uma estrutura de comunicação em que os espectadores, conscientes da sua condição, são também actores, contribuindo a uma só voz para o mesmo fim. Idealmente, estamos assim perante a consciência de classe *para si* que constitui o limiar da revolução proletária.

Marx preconiza a dramatização do real como estratégia da luta simbólica. Neste caso, dramatização no sentido de apelo afectivo. Ele afirma que é preciso

²⁹ Adam Schaff, "Consciência de uma classe e consciência de classe", in LUKACS, SCHAFF, 1973.

criar representações que exaltem os sentimentos e o pensamento das massas. Domenach cita-nos um exemplo ilustrativo desta ideia de Marx:

"il faut rendre l'oppression réelle plus dure encore, en y ajoutant la conscience de l'oppression et rendre la honte plus honteuse encore en la livrant à la publicité"

Marx, citado por DOMENACH, 1962:22

Outro aspecto importante na comunicação em contexto revolucionário é, como já referimos, a simplicidade do discurso. Ela é necessária para que haja uma fácil assimilação por parte do proletariado.

A "condutibilidade das ideias" (para usar uma expressão de Trotsky, citado por DOMENACH, 1962:25), característica necessária da situação revolucionária, exige um discurso simples.

Neste aspecto, o marxismo encontra-se numa situação de algum modo privilegiada, por se tratar de uma filosofia baseada numa dialéctica que pode ser lida pelo seu lado mais simples e de fácil e imediata adaptação à realidade, o que facilita os jogos de dramatização.³⁰

Ora, como nos dizem teóricos da literatura e dos *media*³¹ e como veremos ao definir os conceitos, o discurso dramático é o discurso simples por excelência, contrastando nesse vector com outras formas de comunicação como o romance, a lírica ou o jornalismo de referência "objectivo".

Para podermos definir a dramatização como uma estratégia tentaremos ir ao encontro das funções que ela desempenha ao nível do sistema político, das representações sociais, ou da luta simbólica em que o jornal está empenhado.

A identificação destas funções, que levaremos a cabo com base no contexto histórico específico e em diversos contributos teóricos, permitir-nos-á um aprofundamento da análise através da decomposição do conceito de dramatização nos seus vários atributos, que adiante definiremos em termos operatórios como categorias de análise.

³⁰ É precisamente nestes termos que Domenach se refere ao poder de difusão do marxismo: "Le marxisme pourrait être caractérisé par son pouvoir de diffusion: c'est une philosophie capable de se propager dans les masses, d'abord parce qu'elle correspond à un certain état de civilisation industrielle, ensuite parce qu'elle repose sur une dialectique qui peut être réduite à son extrême simplicité sans être substantiellement déformée." DOMENACH, 1962:21

³¹ Aguiar e Silva, Babin, Dawson.

3.4 A função de conferir visibilidade ou "existência em pensamento"

A visibilidade é, para Adriano Duarte Rodrigues, a principal característica de qualquer corpo social com legitimidade instituinte do respectivo campo social, mesmo que este não seja o político (RODRIGUES, 1990:145). É neste sentido que o mesmo autor refere que o campo dos *media* se constitui como campo de mediação entre os restantes campos sociais, desempenhando a função de lhes conferir visibilidade. Quer dizer, o campo religioso, o familiar, o político, o militar, etc., utilizam de múltiplas formas o campo dos *media* para se legitimarem, mediante processos rituais instituintes (RODRIGUES, 1990:146).

Bourdieu salienta que é a visibilidade que permite mudar a visão do mundo social (BOURDIEU, 1989:145).³² As notícias dão a ver, tal como um palco teatral dá a ver aos espectadores uma determinada peça. Possuem assim uma dimensão cénica. Adriano Duarte Rodrigues lembra que o "tornar visível através da encenação" é uma função própria do discurso jornalístico, dos *meta-acontecimentos*:

"Não é a morte nem a violência reais que os meta-acontecimentos visam, mas o direito à visibilidade, à encenação, de quantos não consideram respeitados os seus direitos à palavra dentro da ordem mediática."

RODRIGUES, 1988:12

A "Voz do Povo" representando uma ideologia que alegadamente não vê respeitados os seus direitos na ordem mediática, recorre à dramatização como meio para conferir visibilidade à sua cosmovisão, para cativar as massas para essa visão, a qual parte em grande desvantagem no espaço das representações sociais (desenvolveremos o tema da posição social das representações que a "Voz do Povo" tenta impor no capítulo "Uma visão dominada").

Como nota Maria Augusta Babo a propósito de um estudo sobre dramatização da paixão, a visibilidade ou a "exterioridade" que a dramatização confere a um objecto é "o garante da sua própria existência" (BABO, 1998:75).

Entendendo "visibilidade" como "existência em pensamento" ou existência como "ficção social"³³, podemos considerar que a *notícia dramatizada*

³² A primeira das condições para tornar visível uma representação é nomeá-la, conclui Bourdieu: "Compreende-se que uma das formas elementares do poder político tenha consistido, em muitas sociedades arcaicas, no poder quase mágico de nomear e de fazer existir pela virtude da nomeação." BOURDIEU, 1989:142

Nomeação pode ler-se aqui no sentido de *dizer o nome* e não apenas no de atribuir um cargo ou função. Trata-se de uma visibilidade que advém da mera presença no corpo de uma notícia.

³³ BOURDIEU, 1989.

contribui duma forma *mais activa* para gerar essa visibilidade, na medida em que a dramatização tem o condão de, encenando a realidade, chamar a atenção, apelar às emoções, prender a atenção do leitor/espectador, e enfim captar audiências, ideia que de resto já desenvolvemos na alínea 3.2 deste capítulo, referente ao carácter dramático da comunicação mass-mediática.

Finalmente, refira-se que Lenine, a propósito do seu jornal, a "Iskra", atribui também uma importância decisiva à questão da visibilidade, quando o compara a um fio de prumo, um fio de prumo "visible à tout le monde et auquel chacun pourrait s'en tenir". (LENINE, 1966:220)

Um exemplo de "existência em pensamento"

Bourdieu analisa as condições de utilização do termo "classe operária", interpretação que assume toda a pertinência no contexto do nosso trabalho e não só em relação àquele termo.

Para ele existe uma prática de representar de várias maneiras a categoria "classe operária", prática que confere existência real à "classe operária". Bourdieu sustenta que qualquer grupo social só tem existência a nível simbólico - e por isso poder político concreto -, se existir um mandatário desse grupo que fale em seu nome, como se verifica "na equação 'o Partido é a classe operária, ou a classe operária é o Partido'." (BOURDIEU, 1989:160)

No caso da classe operária, e para Bourdieu, trata-se de uma categoria que tem uma "existência em pensamento", ou, também nas palavras do autor, de uma "ficção social", baseada

"na existência de uma classe operária em representação, quer dizer, de aparelhos políticos e sindicais e de porta-vozes permanentes, vitalmente interessados em crer que ela existe e em fazê-lo crer (...)."

IDEM, *ibidem*

Esta classe operária seria então representada por entidades autorizadas, um corpo de mandatários, e por um conjunto de actividades e signos simbólicos como é o caso da manifestação - "aparato teatral da classe em representação", no dizer de Bourdieu -, e de todos os seus signos simbólicos: bandeiras, emblemas e insígnias, como gestos e palavras de ordem.

Como veremos mais adiante, esta concepção de Bourdieu em relação à "classe operária" ajusta-se, a vários níveis, ao conjunto da visão do mundo veiculada pela "Voz do Povo".

3.5 A função de luta pela imposição de uma visão do mundo

"O drama (...) procura representar também a totalidade da vida, mas através de acções humanas que se opõem, de forma que o fulcro daquela totalidade reside na colisão dramática."

AGUIAR E SILVA, 1969:245

Este trecho sugere-nos que a dramatização, ao "*representar a totalidade da vida*" através das acções humanas que se opõem, é uma forma de empreender a *luta simbólica pela imposição de uma visão do mundo*, de que fala Bourdieu, e de que partiremos para a nossa análise.

Bourdieu refere-se à luta política como uma luta pela imposição de categorias de percepção do mundo social, uma luta quotidiana pela imposição da visão legítima desse mundo.³⁴

Trata-se de uma luta que não se esgota no âmbito ideológico, uma vez que o poder de instituir uma visão do mundo legítima a intervenção directa no mundo social:

"O conhecimento do mundo social e, mais precisamente, as categorias que o tornam possível, são o que está, por excelência, em jogo na luta política, luta ao mesmo tempo teórica e prática pelo poder de conservar ou de transformar o mundo social conservando ou transformando as categorias de percepção desse mundo."

BOURDIEU, 1989:142

Hamiche, que estudou o teatro na França pós-revolucionária do fim do séc. XVIII, afirma também que a classe que acabou de fazer a revolução tem uma necessidade absoluta de "impor a sua ideologia ao nível da superstrutura", sob pena de a revolução não vingar (HAMICHE, 1973:12). Segundo este autor, uma das vias dessa imposição é a encenação, através de peças teatrais, da correspondente visão do mundo, centrada numa luta de classes que culmina com a vitória da classe revolucionária. Este modelo de acção baseado no teatro poderá encontrar uma variante na prática da "Voz do Povo".

E com efeito, mais eficazmente do que outras linguagens, o discurso dramático permite "criar o cenário, o mundo no qual a acção se desenrola" (DAWSON, 1975:47). É essa a sua vocação. Veja-se, mais adiante neste trabalho, a definição do conceito de dramatização. Simplicidade, envolvimento emocional entre emissor e receptor, apelo afectivo, criação de uma ilusão de

³⁴ "(...) as diferentes estratégias, mais ou menos ritualizadas, da luta simbólica de todos os dias, tal como os grandes rituais colectivos de denominação ou, mais claramente ainda, os confrontos de visões e de previsões da luta propriamente política, encerram uma certa pretensão à autoridade simbólica como poder socialmente reconhecido de impor uma certa visão do mundo social, quer dizer, das divisões do mundo social." BOURDIEU, 1998:90

realidade, são atributos do discurso dramático que favorecem a imposição de determinadas categorias de leitura do mundo.

O mesmo podemos dizer da concentração, outro atributo do dramático. No drama o discurso está concentrado em torno das personagens principais e do fio principal da peça. *Será que a "Voz do Povo" concentra a realidade noticiada em torno de uma temática central, em torno dos principais traços da sua visão do mundo?* Uma hipótese a confirmar pela observação.

3.5.1 A construção da realidade pelos *media*

Podemos dizer que a vocação da dramatização para impor uma visão do mundo é fortalecida pela vocação "natural" dos *media* para imporem visões do mundo.

As ciências da comunicação começaram por tipificar as funções dos *media* na clássica trilogia *informar, formar e divertir* (PAQUETE DE OLIVEIRA, 1988:84). Esta trilogia não contraria de todo a ideia da objectividade, a que nos referimos na alínea 1.4 e a que José Rebelo se refere como "ficção" (MESQUITA, REBELO, 1994:115).

E, efectivamente, hoje não é controverso afirmar-se que a imprensa ocupa um lugar de destaque no processo de produção/reprodução e sedimentação das representações sociais. Merton e Lazarsfeld formulam já esta ideia quando atribuem as seguintes funções aos *media*: "1) A atribuição e confirmação de "status", 2) A produção de normatividade, 3) A influência e conduta do gosto popular" (PAQUETE DE OLIVEIRA, 1988:85).

Numerosos autores vieram rapidamente contestar a visão idealista que entendia a imprensa como um espelho da realidade.³⁵ Bourdieu é um desses autores, assim como a socióloga norte-americana Gaye Tuchman, que entende as notícias como "realidade construída" a partir de enquadramentos ("frames").³⁶

Manuel Serrano utiliza os conceitos de "mediação cognitiva", para designar o papel simbólico que os mass-media desempenham na produção de percepções

³⁵ Autores como Horkheimer, Adorno e Habermas, da Escola de Frankfurt, Ellul, Bourdieu, Baudrillard ou Althusser negaram, cada um a seu modo, esse suposto grau zero da escrita de imprensa (...). Interrogaram esse conceito idealista de jornal como inocente "espelho da realidade"; de jornal ou de jornalista convertido(s) numa espécie de satélite, pairando sobre o mundo, capaz(es) de tudo captar, com o seu olhar panóptico, e de tudo transmitir sem reelaboração nem constrangimentos. MESQUITA, REBELO, 1994:115

³⁶ TUCHMAN, 1978.

e visões do mundo, e de "mediação estrutural", para designar o processo através do qual os mass-media influenciam e produzem a própria realidade social.³⁷

A função de "produzir realidade" é também referida por Nelson Traquina na sua abordagem das notícias, quando ele defende que muitas problemáticas só são abordadas por haver notícias, relatos de acontecimentos, que proporcionam essa abordagem.³⁸

Ou seja, a teoria das ciências da comunicação caminhou para a ideia de que os *media*, ao imporem uma determinada visão do mundo, ou das coisas que noticiam, estão também a produzir a realidade.

Podemos concluir que o dispositivo mediático se adequa aos propósitos do jornalismo político, nomeadamente aquele que é praticado pela "Voz do Povo" e a que nos referimos na alínea 1.4: produzir a realidade a nível simbólico, mas produzi-la também, através desse dispositivo, nos diversos campos sociais, ou seja, contribuir para o despoletar da revolução na sociedade portuguesa.

Podemos aqui evocar de novo o nome do jornal, "Voz do Povo", para constatar que é nele que começa a produção da realidade. Deste nome podemos deduzir nomeadamente que, se o jornal que interpreta a voz do povo é revolucionário, então o "povo" está do lado da revolução.

Por outro lado, como vimos no início do capítulo, é o discurso dramático que melhor potencia o *medium* no sentido de impor uma cosmovisão.

Veremos, quando desenvolvermos o conceito de dramatização, as modalidades de elaboração dessa visão do mundo no discurso da "Voz do Povo". Uma delas, talvez a mais importante, é sistematicamente interpretar e explicar os factos que noticia através dela, situando a "verdade" de um facto ao nível da sua explicação histórica.

"à propos de n'importe quel événement intéressant la vie des masses, le propagandiste leniniste doit remonter de l'apparence à la réalité, laquelle se trouve au niveau de la lutte de classe"

DOMENACH, 1962:22.

³⁷ "Mais recentemente, a teoria sociológica tem evoluído na análise desta questão. Na complexa sociedade da informação os mass-media desempenham uma dupla mediação: uma "mediação cognitiva", enquanto dão notícia, relatam o que acontece, reproduzem "a realidade", criam símbolos percepções e "visões" do mundo, mas também uma "mediação estrutural" enquanto, no seu discurso sobre as coisas e as pessoas, sobre os acontecimentos, eles produzem a própria realidade" PAQUETE DE OLIVEIRA, 1988:85.

³⁸ "Precisamente, muitas vezes, os assuntos, processos e problemáticas só são abordados, só entram no campo jornalístico através da existência de um... acontecimento, como a seguinte notícia sobre os maus tratos às crianças exemplifica: a problemática é constituída em notícia devido à realização de um acontecimento (...)." TRAQUINA, 1988:37

Este processo encontra-se formulado com rigor mais adiante, ao desenvolvermos o conceito de metonímia e as várias dimensões que ela assume nas notícias que constituem o corpus de análise.

Resumindo, a "Voz do Povo" luta no campo da imprensa escrita pela imposição de uma visão do mundo como a visão legítima, e luta também no campo político pela tomada de um poder que não lhe pertence, ou seja, lutando pela transformação das categorias de percepção em vigor. Para representar esta visão do mundo, a "Voz do Povo" utiliza o seu espaço editorial como palco da luta de classes, mormente aquele vasto espaço que dedica às notícias sobre um quotidiano marcado pela luta de classes, nas empresas, nas fábricas, nos campos, na vida municipal, sindical e política. Um palco onde constrói processos narrativos carregados de signos simbolizando essa visão, à semelhança das manifestações que o partido encena nas ruas, conferindo-lhe visibilidade e, em último lugar, a "existência em pensamento" de que fala Bourdieu.

3.5.2 A visão marxista-leninista do mundo

Mas quais são as características desta visão ou representação por que luta a "Voz do Povo"?

É uma representação das realidades histórica e social centradas na luta de classes entre burguesia e proletariado que culminará na vitória deste sobre aquela pela via revolucionária. Uma representação marcada por uma série de dicotomias que se desenvolvem a partir dessa clivagem central. Jean Charlot sugere mesmo uma "perspectiva preto no branco do universo político" (CHARLOT, 1974:180).

Estas dicotomias têm condições para se implantar numa realidade social fortemente marcada pela clivagem entre esquerda e direita: burguesia/proletariado, classe dominante/classe dominada, exploradores / explorados, capitalismo/comunismo, capital/trabalho assalariado, etc. A ideia da dialéctica histórica, da luta de classes como motor da História na marcha inexorável para o comunismo constitui o tema central da teoria marxista.³⁹

³⁹ Lembramos a este respeito alguns dos trechos mais significativos do "Manifesto do Partido Comunista":

"A história de toda a sociedade até aqui é a história da luta de classes.

(...)

A sociedade toda cinde-se, cada vez mais, em dois grandes campos inimigos em duas grandes classes que directamente se enfrentam: burguesia e proletariado.

Tudo o que na sociedade portuguesa se desvie da lógica da confrontação das duas classes tem o seu lugar marcado, no campo da luta (ou da realidade), ao lado da burguesia, porque, ao não procurar a todo o custo a sua destruição, está a contribuir para a manutenção da relação de forças vigente e para a manutenção do sistema de relações de produção; está a "fazer o jogo da burguesia" ou está a ser "seu lacaios" (da burguesia, dos patrões, dos capitalistas...).

Como veremos, o jornal procede a uma codificação da realidade social. O termo "lacaios" é um entre uma mole de expressões codificadas ou "rótulos" com que o jornal representa grupos e entidades sociais.

O seguinte texto de Jean Charlot resume bem o carácter dicotómico, ou binário, da visão marxista:

O importante, para os marxistas, é a infra-estrutura social determinada pelas relações de produção e as situações que daí resultam. O poder político não é senão o poder organizado por uma classe social para a opressão de uma outra, e a variedade de partidos políticos não chega a esconder o antagonismo fundamental entre a classe operária, que não dispõe senão da força do seu trabalho, e a classe capitalista, que tem o monopólio do dinheiro e dos meios de produção.

CHARLOT, 1974:180

Ora, o discurso mais vocacionado para a verbalização de uma tal visão do mundo parece-nos ser também o discurso dramático. Pierre Babin diz-nos que a *oposição binária* é mesmo um dos principais traços constitutivos da dramatização nos media (BABIN, 1993:69-71). O autor considera a oposição binária como uma forma de "simplificação" do discurso.

Consciência de classe

Podemos considerar a concepção marxista, e desenvolvida mais tarde por Lukacs, de consciência de classe, como uma das componentes da cosmovisão marxista.

A consciência de classe é para Lukacs uma racionalização abstracta, não concretizada por nenhuma pessoa. É nomeadamente a racionalização da situação objectiva da classe no sistema de relações de produção, feita por alguém que entendesse perfeitamente todos os dados dessa situação objectiva. Um proletário ou mesmo um intelectual podem aproximar-se dessa

(...)

O seu [da burguesia] declínio e a vitória do proletariado são igualmente inevitáveis"

MARX, ENGELS, 1997:36-48

racionalização mas dificilmente a concretizam: ela é um dado objectivo e abstracto (LUKACS, SCHAFF, 1973:38). No entanto, ela é o elemento decisivo para a acção histórica:

"(...) a acção historicamente decisiva da classe como totalidade é determinada, em última análise, por esta consciência e não pelo pensamento (...) do indivíduo;"
LUKACS, SCHAFF, 1973:38

O proletariado tem dificuldade de adquirir, por si próprio, a consciência de classe, devido ao seu baixo capital cultural. Segundo Lukacs⁴⁰ e segundo o próprio *Manifesto do Partido Comunista* de Marx e Engels, cabe aos intelectuais a tarefa de levar o proletariado a atingir a consciência de classe, e nomeadamente o estado de *classe para si*. Já Lenine considera que também ao partido cabe essa missão.

A noção de consciência de classe *para si* é importante para nós enquanto componente fulcral da visão do mundo que se pretende impor - enquanto estrutura de representações sociais -, na medida em que, consistindo a consciência de classe *para si* na situação mental e emocional que conduz à revolução, ela pode tornar-se um objectivo estratégico central do jornal revolucionário e levar à inflexão do discurso no espaço noticioso de modo a inculcar no leitor ou *narratário* essa consciência de classe.

Neste sentido, podemos encarar o discurso dramático, dadas algumas das suas propriedades já referidas - simplicidade, envolvimento emocional entre emissor e receptor, apelo afectivo, produção de uma ilusão de realidade -, como um meio privilegiado para levar os proletários a adquirir aquilo que a "Voz do Povo" em princípio entenderá por consciência de classe. Nesta perspectiva poderíamos considerar a dramatização como um instrumento de trabalho dos intelectuais na tarefa de inculcar no proletariado a consciência de classe.

É principalmente a função de união ou comunhão entre os espectadores, apontada por Aguiar e Silva (AGUIAR E SILVA, 1969:247) a propósito do drama e por Lenine a propósito do jornal revolucionário (LENINE, 1966: 225, 236), e já referida no nosso trabalho, que nos leva a considerar a relação entre o discurso dramático e a noção marxista de consciência de classe, provavelmente tida pelo jornal como um dos seus objectivos estratégicos.

⁴⁰ LUKACS, SCHAFF, 1973.

3.5.3 Uma visão "emprestada"

Podemos olhar a forma como a "Voz do Povo" representa a realidade social portuguesa como uma encenação (uma "reposição") da revolução bolchevique de 1917, recuperando as suas bandeiras, os seus símbolos, a sua linguagem e palavras de ordem, os seus heróis.

Uma ideia curiosamente explorada pelo próprio Marx a propósito das revoluções burguesas dos séculos XVIII e XIX, no "18 do Brumário".

Na verdade, Marx chama a atenção para o carácter dramático dessas revoluções burguesas. E dramático aqui no sentido de artificial, em que os heróis e as referências são extraídos do passado, da tradição, num clima de falsa euforia. Revoluções que, por não passarem de encenações do passado, por serem "farsas", acabam por ter "vida curta" (MARX, 1982:25).⁴¹ A mesma vida curta que teve o chamado PREC, quem sabe se também por via desse carácter artificial.

O facto é que podemos identificar, lendo a "Voz do Povo", heróis, cenários, estratégias e práticas, em suma, "adereços" que remontam a 1917. A "Voz do Povo" parece retomar um paradigma ideológico, um discurso e uma linguagem característicos da revolução bolchevique de 1917.

Citando a propósito Marx:

"...é precisamente nestas épocas de crise revolucionária que (os vivos) esconjuram temerosamente em seu auxílio os espíritos do passado, tomam emprestados os seus nomes, as suas palavras de ordem de combate, a sua roupagem, para, com este disfarce de velhice venerável e esta *linguagem emprestada*, representar a nova cena da história universal."

MARX, 1982:21

É certo que Marx desenvolve esta análise em referência às revoluções burguesas, para concluir que a natureza simbólica das revoluções proletárias não enferma desta relação com o passado e a memória, repousando pelo contrário num espírito totalmente liberto do peso da tradição, em constante autocrítica:

"A revolução social do século XIX não pode tirar a sua poesia do passado, mas apenas do futuro. Não pode começar consigo mesma antes de se limpar de toda a superstição perante o passado. (...) as revoluções proletárias, como as do século

⁴¹ "Revoluções burguesas, como a do século XVIII, avançam impetuosamente de êxito em êxito, os seus efeitos dramáticos atropelam-se, os homens e as coisas parecem iluminados por fogos-de-artifício, o êxtase é o espírito de cada dia; mas estas revoluções têm vida curta, chegam rapidamente ao seu apogeu e um longo mal-estar se apodera da sociedade, antes de ter aprendido a apropriar-se serenamente dos resultados dos seus períodos de ímpeto e de tempestade." MARX, 1982:25

XIX, criticam-se constantemente a si próprias, interrompem-se constantemente na sua própria marcha, voltam ao que parecia terminado, para o começar de novo (...)."

IDEM, IBIDEM:24-25

Não é porém esta ruptura radical com o passado que nos revela a experiência revolucionária portuguesa. Bem ao contrário, e indo de encontro à ideia de Marx, trata-se de um movimento revolucionário que, aproveitando a originalidade e o anacronismo da situação portuguesa, se apropria de uma linguagem e de um cenário antigos.⁴²

É também esta a ideia de Dominique Pouchin, correspondente do "Le Monde" em Portugal e testemunha ao mesmo tempo próxima e distanciada dos acontecimentos de 1975. Em comunicação dirigida a um colóquio acerca do 25 de Abril nos media internacionais, em 1990, ele classifica a revolução portuguesa de "verbalista e teatral". Mas não só: vê no período revolucionário português uma reencenação dos episódios mais emblemáticos do processo soviético na Rússia; e recorda-a através de imagens evocativas da Revolução de Outubro.⁴³

Em suma, é a dramatização como encenação ritualizada do mito fundador, ou talvez mesmo a função remitificadora de que fala Adriano Duarte Rodrigues e a que nos referiremos num capítulo próximo.

3.5.4 Uma visão dominada

A visão do mundo percepcionada por um leitor fiel da "Voz do Povo" é uma representação dominada pelas representações impostas pelos representantes de forças políticas detentoras de muito mais capital político, económico e social. De facto, no entender de Bourdieu, as tomadas de posição dominadas são homólogas à posição dominada do grupo que as protagoniza no espaço social. Os agentes cujas representações são dominantes, por seu lado, ocupam posições dominantes nos diversos campos do espaço social. (BOURDIEU, 1989:152)

A desigual distribuição do capital, ou a escassez de meios materiais e simbólicos por parte de quem tenta transformar a ordem das representações, conduz à conservação das relações de força simbólicas:

⁴² "L'originalité de la révolution portugaise, outre l'anachronisme de la situation du pays par rapport aux proches voisins européens (colonisation, dictature, faiblesse économique, etc.), réside dans l'actualisation, dans un espace restreint et un temps très court, d'une panoplie de récits déjà produits auparavant et ailleurs et, dans certains cas, déjà oubliés." MATOS, 1992:366

⁴³ Ver citações de Dominique Pouchin no capítulo 1. da Introdução.

"Os mais visíveis do ponto de vista das categorias de percepção em vigor são os que estão mais bem colocados para mudar a visão mudando as categorias de percepção. Mas, salvo exceção, são também os menos inclinados a fazê-lo."

IDEM:145

Quem está na posse das condições para transformar as representações não está interessado na mudança. Quem as não possui debate-se com toda uma situação de inferioridade na luta simbólica, que tende a ser combatida, recorrendo a uma maior e mais intensa ocupação do espaço editorial com as representações que se pretendem impor, recorrendo na mesma linha, e pelas razões já apontadas, à dramatização.

Impõe-se também denunciar junto dos leitores essa situação de desigualdade, de acesso diferenciado ao capital político, económico, social e cultural, no formato de *jogo viciado*, recorrendo a exemplos concretos para fazer passar a mensagem. Pelas leituras preliminares do material, constatámos que a televisão (a marginalização da UDP e da classe operária por parte duma RTP alegadamente controlada pelos "partidos burgueses") é o campo em que se expressa esta denúncia mais insistentemente. Televisão que é, já nesta época, o *medium* mais difundido em Portugal, com 722.315 aparelhos registados em 1975 (INE), embora não necessariamente o de maior impacto social (REBELO, 1994:118).

Interpretação de um fracasso

O fracasso das concepções políticas da extrema-esquerda no desfecho do período pós-revolucionário pode estar associado precisamente à perda de eficácia do discurso dramático verbal (imprensa, teatro) face aos novos *media* audiovisuais, nomeadamente no que respeita à função de *transmitir a ilusão de realidade*.

"Enfin, le théâtre ne prétend plus nous fournir l'illusion de la réalité. C'est que le cinéma et la télévision y pourvoient bien plus efficacement. *La Prise du Palais d'Hiver* ne pourrait que faire piètre figure devant *Octobre*, le film d'Eisenstein. C'est ce film et non le spectacle qui nous donne encore une vue globale de la révolution d'Octobre."

DORT, 1971:272

Para Bernard Dort, o teatro deixou de poder representar visões do mundo a partir do momento em que a ciência tornou claro que o homem não era o seu centro, que tudo é relativo. Não há um centro: há centros. Não há um público: há públicos. Não há um palco: há palcos. O teatro já não é o "teatro do mundo"

onde os espectadores se sentem perante a imagem do mundo, perante o seu centro; agora é um jogo de actores, que todos reconhecem como tal. Resulta que a relação entre público e palco se altera no sentido de uma distanciação; o público é livre de aceitar ou recusar a visão do mundo que lhe é proposta.

Podemos observar a comunicação entre a linguagem dramatizada da "Voz do Povo" e os seus leitores sob esta perspectiva. A visão do mundo marxista, binária, totalizante, é cada vez mais *uma das visões possíveis* e tem cada vez menos possibilidades de se apresentar como um centro gnoseológico. Este efeito de relativização, de distanciação em relação ao real - que pouco tempo depois chega a fazer-nos aceitar a "realidade virtual" -, aliado à emergência dos *media* audiovisuais como forma eficaz de criar a ilusão do real, pode ter contribuído para o fracasso do discurso dramático da imprensa, de que é exemplo a "Voz do Povo".

3.6 A "função remitificadora"

A ideia de impor uma visão do mundo - e particularmente uma visão do mundo decorrente de uma ideologia mitificada e previamente ritualizada em diversas conjunturas históricas - não é estranha à conclusão de Adriano Duarte Rodrigues de que os *media* têm uma "função remitificadora". Para este autor,

"Nas sociedades tradicionais, os mitos asseguravam o quadro de referência comum da experiência do mundo. (...) A época moderna fez do pensamento mítico o dispositivo do obscurantismo e da dominação, considerou-o como a cegueira da razão iluminada, como o entrave ao conhecimento positivo da ciência. Ficou assim o homem moderno despojado dos quadros explicativos que organizavam o desenrolar dos acontecimentos do mundo e lhes asseguravam coerência."

RODRIGUES, 1988:14-15

Muitos autores⁴⁴ referem-se, de resto, ao fenómeno de desintegração da identidade colectiva característicos das sociedades modernas. Os *media*, e a "prosa do presente" veiculada por eles, teriam segundo Rodrigues a função de, organizando "a experiência do aleatório", devolver ao homem moderno novos enquadramentos explicativos, devolver-lhe "uma imagem coerente do destino" (RODRIGUES, 1988:15).

A "Voz do Povo" assume precisamente esta função, quando nas notícias que produz descreve, narra e interpreta a actividade quotidiana noticiável nos

⁴⁴ Lipovetsky, Baudrillard, Lyotard, Featherstone, etc.

termos da visão do mundo que pretende impor, uma visão coerente e totalizadora.

Como referimos anteriormente, Sfez chama a atenção para a função remitificadora do conflito simbólico durante as crises, que se caracterizam pelo questionar da ordem simbólica e social, pela "abundância de signos, proliferação de poderes, sectarizações e desdobramentos" (SFEZ, 1988:46) e pela consequente "deriva". Como Madalena Matos também refere, a situação vivida no Verão de 1975 tinha precisamente estas características: crise, proliferação de símbolos e poderes (MATOS, 1992:373); uma situação que jogou a favor da "Voz do Povo", na medida em que a diferença e o radicalismo do seu discurso puderam ser aceites ou pelo menos tolerados pela sociedade.

Sfez conclui:

"Alors, pour stopper le désordre, une seule solution, monter un conflit, c'est à dire pousser la rupture, vaincre les images adverses et par communion renouveler le mythe fondateur."

SFEZ, 1988:46

Neste contexto, a dramatização das notícias tem o papel de intensificar constantemente o conflito, tornando-o real, e procurando assim impor a sua ordem simbólica.

Do que acaba de ser dito podemos concluir que a presença da função remitificadora na relação emissor/receptor dá um sentido acrescido à luta simbólica empreendida pela "Voz do Povo". E dá um novo significado ao acto de dramatizar: a atitude de dramatização é aqui vista como um ritual, uma celebração ritualizada do mito fundador, a explicação primordial, que poderemos identificar com a Revolução de Outubro e a sua fundamentação marxista-leninista.

3.7 A função de agitação política

"De Aristóteles a Hegel, é a noção de conflito ou tensão que se instala entre várias personagens que caracteriza a forma dramática."

BABO, 1998:75

Passando o conceito de dramatização, inevitavelmente, pelas noções de tensão e de conflito entre as personagens, podemos sustentar que o discurso da conflitualidade permanente constitui uma forma dramática de agitação política. É aliás esse o sentido da perspectiva marxista sobre o período pré-

revolucionário: um período marcado pela luta (in)tensa entre uma burguesia dominante e um proletariado dominado, que culminará na revolução proletária, etapa definitiva da luta de classes.

A imposição de uma tal visão da conflitualidade social desempenha a função de agitação política ao situar sistematicamente no campo político toda a conflitualidade e toda a tensão verificadas no campo laboral e noutros campos sociais, que como é sabido eram elevadas. Trata-se de uma hipótese que carece da confrontação empírica com o corpus: *será que a "Voz do Povo" produz de facto, como aparenta, um discurso centrado na tensão e no conflito?*

Mais uma vez concluimos que tal hipótese vai de encontro a uma ideia expressa por Lenine em *"Que fazer?"*, neste caso a de que o jornal revolucionário é um veículo indispensável de agitação política.

"(...) on ne peut commencer le "travail politique vivant" que par une agitation politique vivante, impossible sans un journal national paraissant fréquemment et judicieusement diffusé."

LENINE, 1966:219

Podemos atribuir ao conceito de agitação política - tão importante na teoria leninista - uma dupla pertença. Ao domínio mental e sensorial, por um lado, e ao domínio dos actos políticos concretos, por outro. O processo de agitação começa ao nível mental, quando o agente revolucionário adquire a consciência de classe, e desenvolve determinados sentimentos, como a revolta contra a exploração ou o ódio à burguesia. Parte então desse nível para o das acções concretas, quando o agente desenvolve actividades com um sentido político, sejam elas partidárias, laborais ou de outra índole social.

Este processo é despoletado pela figura do *agitador revolucionário*.

Lenine fazia a distinção entre agitador e propagandista, atribuindo ao primeiro o papel de comunicação directa e ao segundo um papel de rectaguarda, ao nível das elites.⁴⁵

Para Lenine, é ao agitador que cabe a tarefa de dramatizar os pequenos factos situando-os ao nível do tema central (a luta de classes), tentando suscitar nas massas os sentimentos de descontentamento, revolta e ódio de classe. E é ao propagandista que cabe dar uma "explicação completa" das contradições do capitalismo.

Se o discurso da "Voz do Povo" concentra sem dúvida estes dois trabalhos, o prático de agitação e o teórico de propaganda, é o primeiro que a nossa

⁴⁵ Esta distinção vai ao encontro das palavras de Plekhanov: "O propagandista inculca muitas ideias numa ou em poucas pessoas. O agitador inculca uma só ou poucas ideias numa massa de pessoas." Plekhanov, citado por DOMENACH, 1962:25

análise procurará caracterizar, por duas razões. Primeiro, porque o tema do nosso interesse, a dramatização, deverá encontrar no discurso de agitação um maior desenvolvimento. Segundo, porque esta opção nos afastou desde logo das secções do jornal puramente doutrinárias, levando-nos a constituir o corpus com base nas notícias e excluindo os editoriais e os artigos de opinião.

A notícia da "Voz do Povo" tem ainda a característica interessante de aparentemente concentrar as duas vertentes: a de agitação e a teórica.

Poderemos assim considerar o discurso das notícias da "Voz do Povo" como um espaço de agitação, tanto mais que, tal como diz Plekhanov a propósito do agitador, elas dirigem-se não a uma elite de poucos, mas a muitos, à massa de leitores do jornal, ao contrário do que possa acontecer com tipos de artigo teoricamente mais elaborados.

Existem fortes ligações entre a função de agitação e o discurso dramático. No próximo capítulo procederemos a uma definição de dramatização. Da decomposição do conceito que aí é feita, podemos concluir como alguns atributos da dramatização cumprem a função de agitação. É o caso dos relativos ao apelo afectivo: a ênfase, a vitimização, as palavras de ordem e a nomeação de determinados sentimentos.

Trataremos de confrontar a *hipótese da "agitação"* com os dados e, caso se confirme, de caracterizar essa agitação.

3.8 A função de união espectador/actor

A união entre os espectadores através da inculcação e partilha de uma cultura e valores comuns é uma característica da comunicação mass-mediática apontada por Sfez e à qual já nos referimos na alínea 2.4.

Também o discurso dramático tem o condão de unir os leitores/espectadores (AGUIAR E SILVA, 1969:247), levando-os a adquirir uma consciência colectiva resultante da sua condição de espectadores - no nosso caso, podemos pensar em consciência de classe.

Mas mais do que unir os espectadores entre si, a dramatização no campo político tem o condão de *juntar espectadores e actores numa só unidade*. Era este o sentido das gigantescas encenações que no séc. XIX e princípio do século XX constituíam o "teatro do povo", que segundo Dort está na origem do chamado "teatro político" dos nossos dias (DORT, 1971:267-280).

Estas encenações, constituindo um espectáculo a que em França se deu o nome de "Fête de la Cité", destinavam-se a comemorar a revolução ou outra

data decisiva para a nação, na qual o povo tivera um lugar central. A tomada da Bastilha, a tomada do Palácio de Inverno, para dar dois dos exemplos mais significativos, foram seguidas, poucos anos depois, de enormes espectáculos montados pelos respectivos regimes para comemorar as suas revoluções (a 14 de Julho de 1790 e a 7 de Novembro de 1920, respectivamente).

Nestes espectáculos teatrais a participação popular era o elemento central e pretendia naturalmente representar a centralidade que esse mesmo povo tinha tido poucos anos antes no desenrolar dos acontecimentos reais. Por isso o espectáculo tinha lugar no próprio local em que se haviam desenrolado os acontecimentos e era presenciado por verdadeiras multidões. Dort explica o sentido deste espectáculo:

Mais ces spectateurs de masse ne doivent pas être une simple foule, un rassemblement composite: l'objet du spectacle, c'est précisément de les constituer en une unité, de leur rappeler qu'ils sont un seul et même corps. A la limite, il ne devrait plus y avoir de différence entre acteurs et spectateurs: les premiers ne sont que les délégués des seconds; comme ils unissent le passé et le présent, ils lèvent toute séparation entre la salle et la scène."

DORT, 1971:270-271

Com esta evocação do "teatro do povo", a nossa intenção é questionarmos sobre se a "Voz do Povo" não estará com o seu discurso dramático a procurar uma união entre espectadores (neste caso os leitores) e actores (os protagonistas do jogo político e social noticiado).

Arrastar o leitor para a cena, informando-o de que ao ler o jornal ele está no fundo a ver-se a si próprio a actuar no palco social e político, é uma forma de tentar a identificação do leitor com aqueles de quem o jornal afirma serem representados pela UDP: os trabalhadores. Por outras palavras, é uma forma de levar o leitor a aderir implicando-o na acção.

Recolocando a questão em termos de conceito jornalístico, temos que o "espelho" que à luz da ideologia da objectividade aponta para a realidade, sofre uma mudança de orientação e passa a apontar para o leitor, que se revê nas notícias como o próprio sujeito da acção: estaremos perante uma "ideologia da subjectividade"? Uma questão que, por atractiva que pareça, não iremos desenvolver analiticamente.

4. Definição e operacionalização dos conceitos

4.1 O conceito de notícia

Precisamos de definir claramente aquele que constitui o objecto da nossa observação: a notícia. A justificação da escolha deste género jornalístico para objecto de análise encontra-se feita mais à frente, no capítulo referente à definição do corpus.

Basear-nos-emos em duas perspectivas clássicas: a de José Luis Albertosa e a de Gaye Tuchman. Em primeiro lugar, a definição de Albertosa:

"Noticia es un hecho verdadero, inédito o actual, de interés general, que se comunica a un público que pueda considerarse masivo, una vez que ha sido recogido, interpretado y valorado por los sujetos promotores que controlan el medio utilizado para la difusión"

ALBERTOSA, 1974:88

A notícia é antes de mais um *facto comunicado*. A tipologia dos géneros jornalísticos opõe claramente os textos que dão a conhecer factos - as notícias - aos textos que dão a conhecer ideias - os comentários (ALBERTOSA, 1974:73). Esta distribuição binária tem um maior enraizamento nos EUA, onde o jornalismo se desenvolveu desde cedo a partir da distinção clara entre *story* e *comment*, e do axioma *Facts are sacred, comments are free* (ALBERTOSA, 1974:73).

Outros géneros jornalísticos como a reportagem e a crónica são abrangidos por esta definição de notícia, pelo que os incluiremos no nosso corpus, na medida em que se baseiem em factos. É o que nos diz o mesmo autor no seguinte trecho:

"Las noticias - es decir, estos hechos verdaderos, inéditos, de interés general - se presentan en las páginas de los periódicos adoptando unas formas literarias determinadas, a través de la elaboración de unos particulares géneros periodísticos. Normalmente suelen adoptar uno de estos tres géneros: información, reportage o crónica."

ALBERTOSA, 1974:88

A notícia como construção da realidade

Por outro lado, o nosso entendimento de notícia só fica completo com a perspectiva de Gaye Tuchman, para quem as notícias são como janelas sobre a

realidade, formando quadros ou enquadramentos ("frames"). Segundo esta socióloga, aquilo que podemos ver e vemos de facto através dos "quadros" das notícias depende de factores como a distância a que nos encontramos da janela, do nosso ângulo de visão, da largura da janela, da opacidade ou transparência do vidro, enfim, das características da própria imagem que chega até nós (TUCHMAN, 1978:1).⁴⁶

Ora as "frames" são socialmente construídas, neste caso no seio da redacção do jornal, através de múltiplos constrangimentos com os quais os jornalistas interagem. É nesse sentido que Goffman define o conceito de "frame", em que se baseia Tuchman.⁴⁷

Tal como Bourdieu, para quem é a transformação das categorias de percepção do real que molda a própria transformação do real, Tuchman defende que as notícias, em vez de se constituírem como espelho da sociedade, participam constantemente na organização das acções sociais.

"(News) not only defines and redefines, constitutes and reconstitutes social meanings; it also defines and redefines, constitutes and reconstitutes ways of doing things - existing processes in existing institutions." ⁴⁸

(TUCHMAN, 1978:196)

No caso de um jornal ideológico como a "Voz do Povo", as perspectivas de Tuchman e Bourdieu são particularmente importantes. Existindo embora a distinção notícias-comentários, temos na prática que as notícias não se limitam a dar a conhecer factos, sendo antes a interpretação desses factos uma ocasião para dar a conhecer ideias. Os factos podem de certa forma ser considerados como pretextos para a exposição das ideias. No entanto, as ideias não deixam de ser relativas aos factos-pretexto, pelo que podemos sempre falar de notícias.

⁴⁶ "News is a window on the world. Through its frame, Americans learn of themselves and others, of their own institutions, leaders and life styles, and those of other nations and their peoples. (...)

But, like any frame that delineates a world, the news frame may be considered problematic. The view through a window depends upon whether the glass is opaque or clear, whether the window faces a street or backyard. The unfolding scene also depends upon where one stands, far or near, craning one's neck to the side, or gazing straight ahead, eyes parallel to the wall in which the window is encased." TUCHMAN, 1978:1

⁴⁷ "A "frame" is "the principles of organization which govern events - at least social ones - and our subjective involvement in them"." (Goffman, citado por TUCHMAN, 1978:192)

⁴⁸ Trata-se de uma perspectiva interaccionista, consubstanciada numa ideia mais vasta: "Two processes occur simultaneously: On the one hand, society helps to shape consciousness. On the other, through their intentional apprehension of phenomena in the shared social world - through their active work - men and women collectively construct and constitute social phenomena." TUCHMAN, 1978:182.

Assim, as "frames" que moldam as notícias têm aqui um carácter eminentemente ideológico e estão embebidas num objectivo claro: a luta simbólica pela imposição de uma visão do mundo.

Em suma, é-nos possível assumir a notícia como conceito operatório, mas devemos ter em conta que estamos perante um tipo particular de notícia, típico de um jornal ideológico.

4.2 O conceito de dramatização

A dramatização é a acção de dramatizar, e dramatizar pode definir-se como "dar forma de drama"⁴⁹. Por sua vez, a etimologia do conceito de drama, originário do grego, envia-nos para "acção"⁵⁰ e para acção desenvolvida numa cena de teatro.

O conceito de drama passou também a designar um género literário específico. É com base em definições que relevam dos domínios da literatura e da crítica literária que começaremos por abordar o conceito.

O drama, tal como a narrativa, distingue-se da lírica "por representarem o mundo objectivo e a *acção do homem* considerada nas suas relações com a realidade externa." (AGUIAR E SILVA, 1969:238).⁵¹

Tal como a narrativa, característica do romance, o drama apresenta

"personagens situadas num determinado contexto, em certo lugar e em certa época, mantendo entre si mútuas relações de harmonia, de conflito, etc. Estas personagens revelam-se através de uma série de acontecimentos (...)"

IDEM:243

Mas, enquanto na narrativa se dá grande importância à representação do ambiente, dos costumes, dos pequenos aspectos que caracterizam as situações, no drama estas figuras são abolidas a favor das personagens centrais em

⁴⁹ *Dicionário da Língua Portuguesa* de Cândido de Figueiredo, e em francês no *Dictionnaire Le Grand Robert*.

⁵⁰ Em grego: δράμα, ατος, *Dictionnaire Grec-Français* de A. Bailly, Paris, Hachette, 1901.

⁵¹ Para Aristóteles, a tragédia e a comédia "denominam-se *dramas*, pelo facto de imitarem *agentes*." É a propósito da tragédia que ele expõe as características do drama: "Todas as tragédias comportam espectáculo, caracteres, mito, elocução e pensamento. Porém, o elemento mais importante é a trama dos factos (ou o mito), pois a tragédia não é imitação de homens mas de acção e de vida (...) na tragédia não agem as personagens para imitar caracteres, mas assumem caracteres para efectuar certas acções; por isso as acções e o mito constituem a finalidade da tragédia." Aristóteles, *Poética*, Lisboa, INCM, 1990, pp. 160 e 111.

confronto. O drama *concentra* toda a acção nessas personagens por forma a aumentar o efeito de tensão do acto.

"tudo se subordina às exigências da *dinâmica do conflito*: as figuras supérfluas são eliminadas, os episódios laterais abolidos, defrontando-se as personagens necessárias e desenvolvendo-se entre elas uma acção que conduz sem desvios ao conflito. (...) A vida é assim representada nos seus momentos de exaltação e de crise."

IDEM:ibidem

Através da concentração (*concentração* e "*densidade*" são para Aguiar e Silva "dois imperativos do processo dramático de representar a vida." (IDEM:ibidem)), o drama gera assim um clima de crise. Aguiar e Silva refere a oposição entre *evolução*, própria do romanesco, e *crise*, própria do drama, esta colocando "as personagens perante conflitos e situações de *extrema tensão*."

O autor cita ainda Hegel para associar drama à ideia de movimento: uma dinâmica que converge no momento presente.⁵²

S. W. Dawson, num contexto de crítica literária, refere-se ao dramático através de propriedades que nos remetem para o mesmo tipo de significações:

"'Dramático', em crítica contemporânea, está vitalmente relacionado com um grupo compacto de outros vocábulos - 'situação', ' reacção', 'tensão', 'concreto' e 'apresentação' por exemplo - e com uma ênfase na ironia e na importância básica da *metáfora*, sem precedentes na história".

DAWSON, 1975:13

A ironia e a metáfora parecem ser elementos importantes no discurso da "Voz do Povo"; e o que nos diz o autor da obra "O Drama e o dramático" é que elas estão vitalmente relacionadas com a linguagem dramática.

Importante no drama é ainda a presença de "expectativa" e de "fim da expectativa":

"(...) cada situação procede da que a precedeu e dá origem a uma expectativa de mudança continuada até ao fim da acção que é, para utilizar as palavras de Johnson, "o fim da expectativa"."

IDEM:32

Existe uma apropriação dos conceitos de dramatização e de dramático por parte da linguagem corrente, que tivemos oportunidade de recolher nalguns

⁵² Para Hegel, a verdadeira unidade da acção dramática "não pode derivar senão do movimento total, o que significa que o conflito deve encontrar a sua explicação exaustiva nas circunstâncias em que se produz, bem como nos caracteres e nos objectivos em presença" Hegel, cit. por AGUIAR E SILVA, 1969:243

dicionários de referência das línguas portuguesa e francesa. Devemos recusá-los, por constituírem concepções reducionistas.

4.3 *Dramatização no campo dos media*

Utilizaremos o conceito de dramatização como a acção de dar forma de drama: uma forma discursiva baseada em alguns atributos que se combinam para criar a ilusão do vivido, a encenação do real.

Precisamos agora de adaptar o conceito de dramatização que procurámos na literatura ao campo jornalístico e à sua lógica, mais precisamente à lógica do campo jornalístico doutrinário. Só assim fará sentido o uso do conceito no nosso caso específico. Cabe aqui lembrar que o material constituinte do nosso corpus são as notícias, o que exclui desde logo outros tipos de artigos, como os de opinião, os discursos e a maior parte dos comunicados partidários, modalidades sem dúvida importantes no jornalismo doutrinário.

Esta adaptação terá que ser elaborada em termos operacionais, de forma mensurável no corpus seleccionado. Só assim será viável o nosso trabalho.

Convém aqui frisar dois aspectos:

1 - Através de leituras prévias, de obras teóricas e do próprio material, concluímos que as propriedades do conceito de dramatização chegado da literatura serão à partida propensas a fazer parte do discurso jornalístico doutrinário (veja-se também, na problematização, os capítulos referentes às funções da dramatização).

2 - Essas propriedades são identificáveis em múltiplos e precisos caracteres do discurso jornalístico doutrinário.

A noção de dramatização tomada por estudiosos do campo dos *media* remete-nos muitas vezes para sentidos diferentes dos da crítica literária. Babin, na sua análise da dramatização nos *media*, distingue cinco "procedimentos clássicos de dramatização" (BABIN, 1993:67):

- o exageramento
- a oposição
- a simplificação
- a deformação
- a amplificação emocional

Trata-se de uma decomposição do conceito em relação à qual temos de ser muito prudentes, sob pena de ficarmos desprovidos de meios de análise. Nomeadamente, não poderemos tomar o exageramento e a deformação *dos*

factos noticiados, mas apenas dos *elementos estilísticos e semânticos da linguagem* empregue. A razão é simples: esse procedimento implicaria provarmos o "exagero" ou a "deformação", o que nos remeteria para uma análise histórica que se nos afigura inviável.

Esta questão é fundamental pois permite-nos a clarificação do nosso objecto de estudo: ele não é constituído pelo conteúdo histórico das notícias, mas pelo discurso que as constitui.

Em face dos vários contributos teóricos recolhidos, procedemos a uma elaboração crítica de uma grelha de análise, constituída por categorias de análise, a qual nos permitirá, depois de aplicada ao material, avaliar as características da hipotética dramatização.

Esta elaboração incluirá o trabalho de definição e operacionalização dos conceitos envolvidos.

Tomemos em primeiro lugar um elemento à partida importante do discurso dramático que *não vamos incluir na análise*: a acção. Depois, definiremos os elementos que nos parecem fundamentais, expondo as razões e fundamentos que presidiram à sua escolha: metáfora; metonímia; apelo afectivo; simplificação; personificação; desfecho.

4.3.1 Acção

A acção é a nosso ver um elemento que, pela natureza do material, nos parece prudente rejeitar. Embora procurando detectar a acção expressa nas notícias, não desenvolveremos a análise deste elemento como indicador de dramatização, uma vez que ele constitui a essência dos próprios acontecimentos, independentemente da forma como a notícia é construída.

A acção não é inevitável apenas por estarmos perante um contexto em que os factos noticiados se compunham de intensa acção: greves, ocupações, piquetes, reuniões, assembleias-gerais, comícios, abaixo-assinados, comunicados, etc. A acção é inevitável também por ser um atributo inerente à própria definição de notícia.

A acção é um elemento a que qualquer jornal, do mais convencional ao mais radical, dificilmente fugirá no contexto em análise. Optámos por isso por neutralizá-lo, e por basear-nos noutras componentes do conceito de dramatização, que porventura realcem mais a originalidade do jornal que escolhemos.

4.3.2 A metáfora - uma metáfora é uma encenação

Trata-se de um conceito importante no presente trabalho. No grego antigo, como no actual, "metáfora" significa "transporte". A metáfora permite transportar uma ideia, um objecto, uma imagem do seu universo semântico originário para outro, levando imediatamente a uma leitura particular dessa ideia/objecto/imagem.

Como dizem Lakoff e Johnson, "A essência da metáfora é permitir compreender alguma coisa em termos de outra coisa" (MEUNIER, 1996:227). Trata-se de uma definição que acentua o carácter de mediação cognitiva da metáfora e que nos parece pertinente. Shaw desenvolve uma definição que adoptaremos por nos parecer precisa em termos operatórios:

Figura de retórica pela qual, em referência a uma pessoa, uma ideia ou um objecto, se emprega uma palavra ou uma frase que não lhe é literalmente aplicável. A metáfora é uma analogia implícita que, por um processo imaginativo, identifica uma coisa com outra.

SHAW, 1978:296

A importância da metáfora no nosso trabalho prende-se com vários aspectos, dos quais destacamos a analogia susceptível de ser estabelecida entre metáfora e encenação teatral: nesta, o encenador e os actores não se limitam a reproduzir milimetricamente a situação prescrita pelo guião; eles recriam o tema, sendo livres para o exprimir *num cenário adaptado a outros contextos*, com diferentes adereços, e até outro texto. De cada vez que uma peça de teatro é representada, encenadores e actores "dizem uma coisa em termos de outra", isto é, constroem uma metáfora. É também essa a perspectiva de Dawson, ao afirmar que "a relação entre o mundo dramático da peça e a realidade é metafórica." (DAWSON, 1975:25)

Este princípio pode aplicar-se às notícias da "Voz do Povo". Podemos considerar o acto de noticiar factos da realidade social portuguesa nos termos da revolução bolchevique de 1917, como uma metáfora.

Uma outra função importante da metáfora é a de dar *intensidade* àquilo que se pretende descrever. A intensidade é um dos atributos do discurso dramático.

Ou seja, as metáforas têm um sentido dramatizador identificável. Tomemos o exemplo da metáfora da luta, tantas vezes utilizada.

A *metáfora da luta*, usada sistematicamente na "Voz do Povo" para caracterizar a realidade social e política, tem o condão de levar o leitor a situar essa realidade ao nível da luta de classes; desenha assim uma outra metáfora: a que associa realidade social e luta de classes, exprimindo/explicando aquela em

termos desta. Esta metáfora cumpre a tarefa prescrita por Lenine de elevar o pensamento do leitor do nível do facto insignificante ao nível da explicação histórica: o nível da "verdade".

Se jornais de referência, ou de partidos mais moderados, poderão não se distinguir em alguns aspectos da "Voz do Povo" dada a natureza conflitual das situações, a "Voz do Povo" poderá distinguir-se deles, por exemplo, ao utilizar sistematicamente as metáforas. Procuraremos apurar o lugar e as funções que a metáfora ocupa na "Voz do Povo".

4.3.2.1 Outras formas de representação simbólica

O conceito de metáfora não nos pode seduzir ao ponto de o tomarmos por outras modalidades de representação simbólica da realidade próximas da metáfora. Além de conceitos como analogia, emblema, símbolo, atributo, destacamos os casos, que nos parecem particularmente importantes, de *alegoria*, *hipérbole* e *parábola*. São conceitos que não farão parte dos procedimentos de análise directa do corpus, mas que poderemos evocar na fase de interpretação dos dados.

Alegoria: "Método de representação em que uma pessoa, uma ideia abstracta ou um determinado facto nos aparece como aquilo que realmente é e também como alguma coisa diferente. A alegoria pode definir-se como uma metáfora desenvolvida (...)"

Hipérbole: "Exageração propositada e evidente; afirmação extravagante. A hipérbole é uma figura de retórica que não se pretende que seja entendida em sentido literal. O emprego do exagero para dar maior ênfase ao discurso é um artifício de uso corrente na poesia e no teatro."

Parábola: "História destinada a ensinar um princípio da religião, uma lição de moral ou uma verdade de carácter geral. A parábola ensina sempre mediante uma comparação com acontecimentos reais (a situação que se procura exemplificar na parábola)."

(Conceitos extraídos de SHAW, 1978)

4.3.3 A metonímia

A metonímia pode definir-se como o acto de tomar a parte pelo todo, ou vice-versa. Do ponto de vista literário, uma *metonímia* é uma "figura de estilo pela qual se designa uma realidade por meio de um termo referente a outra que está objectivamente relacionada com a primeira". "A metonímia (sentido lato) pode resultar das seguintes relações: a parte pela parte; a parte pelo todo; o todo

pela parte". Pode portanto revestir modalidades muito diversas, das quais destacamos: o continente em vez do conteúdo ou vice-versa; a causa pelo efeito ou vice-versa; o sinal pelo significado; o abstracto pelo concreto, etc.⁵³

Como forma eficaz de representar o real, juntamente com a metáfora, podemos dizer que a metonímia é uma das possibilidades daquele que precisa de encenar. A nosso ver, e em traços gerais, a metonímia está presente a diversos níveis na "Voz do Povo".

4.3.3.1 O jornal é o povo

Há uma primeira série de metonímias que atravessam o jornal: as que tomam o jornal "Voz do Povo", os jornalistas que produzem as notícias, os protagonistas dos actos e acontecimentos noticiados, e os grupos espontâneos formados na sequência desses acontecimentos, pela "classe operária" ou pelos "camponeses", ou pelo "proletariado", ou pelo "povo".

A metonímia em que se fala em nome da "classe operária", numa atitude de auto-delegação da *representação*, contribui por exemplo para conferir existência à categoria "classe operária" tentando impor a sua representação social. Um trunfo simbólico com probabilidade de ser bem sucedido numa sociedade em convulsão e em que a visão marxista da história está longe de ser marginalizada.

Vários autores referem este efeito metonímico entre representante e representado no campo político. São os casos de Bourdieu (BOURDIEU, 1989:157-159) e Abélès.

"o representante não existe enquanto tal, a não ser pela investidura que recebe do grupo, este por sua vez, não existe como conjunto unificado a não ser que um representante incarne e materialize a identidade de grupo."

ABÉLÈS, 1996:110

Cria-se assim um "círculo originário da representação", nas palavras do mesmo autor, o qual configura a relação de metonímia entre representante e representado de que também fala Bourdieu, ao referir-se ao processo mágico da representação.

"(...) o porta-voz dotado do pleno poder de falar e de agir em nome do grupo e, em primeiro lugar, sobre o grupo pela magia da palavra de ordem, é o substituto do grupo que somente por esta procuração existe; (...)"

⁵³ *Dicionário de Literatura* dirigido por Jacinto do Prado Coelho, 1º vol., Porto, Liv. Figueirinhas, 1969, p. 638.

"O ministro, ministro do culto ou ministro do Estado, acha-se numa relação de metonímia com o grupo, ele funciona como sinal pela totalidade do grupo."

BOURDIEU, 1989:158-159

Retomemos a citação do "Guia do Correspondente" com que iniciámos a problematização do trabalho e que nos fornece um exemplo de união do povo e do jornal num só corpo:

"(os correspondentes) são os olhos e os ouvidos do jornal que chegam a todo o lado - à mais pequena empresa, à mais pequena repartição, à mais pequena aldeia."

Guia do Correspondente

Este trecho reflecte aquela que chamamos a metonímia original, contida no nome do jornal e que une num só corpo jornal e povo. Recapitulemos também o significado que extraímos desta metonímia

- Os correspondentes são *os olhos e os ouvidos do povo*, porque são os olhos e os ouvidos do jornal ao mesmo tempo que *o jornal é o povo*.
- Os jornalistas são *a voz do povo*, porque são a voz do jornal ao mesmo tempo que, de novo, *o jornal é o povo*.

Procurámos decompor, já em termos operatórios, a "metonímia original" e detectámos três modalidades de o jornal se auto-delegar representante do proletariado, ou de estabelecer essa metonímia:

- A assinatura de notícias por elementos do proletariado, exteriores ao corpo redactorial;
- A utilização da primeira pessoa do plural, por parte dos jornalistas, a propósito de colectivos proletários;
- O recurso à linguagem do proletariado por parte dos jornalistas: termos, expressões, calão populares.

4.3.3.2 Assinatura de notícias por elementos do proletariado

Quando são operários e camponeses a empunhar a pena e a redigir, na primeira pessoa do plural, artigos de opinião e de reportagem, está-se a ritualizar uma união simbólica entre o jornal e a classe. Está a dizer-se que o espaço noticioso do jornal pertence à classe. A assinatura das notícias por elementos exteriores ao corpo redactorial permitir-nos-á detectar esta metonímia.

A mesma metonímia está também patente na estratégia editorial expressa no "Guia do Correspondente" e no "Estatuto do Correspondente", segundo a

qual todas as pessoas comprometidas com a causa proletária podem e devem ser correspondentes, fazendo assim *parte do jornal*.⁵⁴

Também quando o "Guia do Correspondente" diz que "Não há limite, em número, para esses correspondentes; quantos mais melhor. Seria ideal que cada leitor nos escrevesse, dando novas informações ao jornal", torna-se evidente uma diluição da fronteira entre o jornal, como espaço fechado, e o todo dos leitores, constituídos pela população proletária.

4.3.3.3 A utilização da primeira pessoa do plural

Quando o jornal usa a palavra "nós" a propósito do proletariado, da classe operária ou do povo, como se o redactor fosse um dos seus membros, ou como se o jornal fosse porta-voz da classe, está a metonimizar de outra forma jornal e povo.

De resto, Abélès refere-se à utilização da primeira pessoa do plural como uma "estratégia retórica" de afectação do sujeito ao todo do grupo, investindo automaticamente o grupo de todas as consequências do seu discurso (ABÉLÈS, 1996:111).

A condição para a medição deste efeito é a notícia não ser assinada por uma pessoa exterior à redacção.

4.3.3.4 O recurso à "linguagem operária"

Uma outra forma de metonímia enquanto expressão de uma relação de delegação surge-nos como hipótese: o recurso a termos, expressões e calão operários, configurando a pretensão de produzir um *discurso da classe operária*. A "Voz do Povo" legitimaria o seu auto-proclamado estatuto de representante da classe operária apropriando-se da linguagem popular, partilhada por esta classe.

Há um sinal favorável a esta hipótese. No "Guia do Correspondente" esclarece-se que os jornalistas e correspondentes da "Voz do Povo" devem recusar e desprezar a elaboração literária, a exibição das capacidades literárias e adoptar um estilo simples, directo, próximo da oralidade, o estilo que as representações sociais atribuem à classe operária.

⁵⁴ "Os correspondentes oficiais do Jornal mantêm uma colaboração regular e constante. Estão espalhados por todo o País. Possuem cartão do Jornal (que só poderão usar no desempenho efectivo das suas funções de correspondente) e na redacção central existirá um ficheiro actualizado onde constará nome, morada, idade, profissão e contacto telefónico." Estatuto do Correspondente

"Outra questão: os correspondentes devem ter a preocupação de transmitir à redacção a maneira de falar do povo. E, quando se tratar de correspondentes operários e camponeses, deverão também preocupar-se em escrever a notícia tal como se estivessem a contá-la de viva voz, sem a preocupação vulgar de "escrever bem"."

Guia do Correspondente

Trataremos então de confirmar se a "Voz do Povo" recorre à linguagem popular e à aproximação à oralidade.

4.3.3.5 Situar a verdade ao nível da luta de classes

Outra metonímia, muito importante, constitui um terreno de análise privilegiado: aquela que explica os episódios noticiados nos termos de uma visão histórica global. A propósito de pequenos episódios, a explicação histórica é invocada. O todo é sistematicamente inferido da parte, o todo explica a parte.

Esta prática não deve ser separada da prática prescrita por Lenine aos propagandistas revolucionários, os quais devem, a bem do impacto das ideias revolucionárias nas massas, aproveitar os factos mais ínfimos para os afectar à "verdade", que se situa sempre ao nível da luta de classes. Retomemos a este propósito Domenach:

"à propos de n'importe quel événement intéressant la vie des masses, le propagandiste leniniste doit remonter de l'apparence à la réalité, laquelle se trouve au niveau de la lutte de classe (...)"

"une guerre, une grève, un scandale politique, fournissent des occasions, mais plus souvent c'est à partir de faits minimes, les plus concrets, que la démonstration remontera à la cause."

DOMENACH, 1962:22-23

Esta metonímia permite impor uma visão do mundo, ao procurar associar-lhe a *verdade* escondida nos episódios noticiados. Ela revela uma "capitalização ideológica" do espaço noticioso, coerente com a natureza doutrinária do jornal.

Ela constitui, por outro lado, um acto teatral, pelo menos na acepção de teatro de participação política, definido por Erwin Piscator:

"L'idée fondamentale de toute action théâtrale réside dans l'élévation des scènes privés au niveau de l'histoire - il ne peut s'agir que d'une élévation au plan social, politique et économique."

Piscator, citado por DORT, 1971:275

É neste sentido que procuraremos no corpus do jornal a extensão e as formas da utilização da metonímia da explicação histórica, como também da metonímia que definiremos já de seguida, a que toma intervenientes da notícia por entidades colectivas.

4.3.3.6 Metonímia entre intervenientes da notícia e entidades colectivas

Uma modalidade particular da metonímia que acabámos de definir é a de tomar elementos que participam na notícia por entidades colectivas. Quando se diz *"o povo decidiu o saneamento da mesa do Hospital"* ou *"ninguém se manifestou contra, a reacção manteve-se na expectativa"*, está-se a proceder a uma metonímia entre intervenientes no acontecimento noticiado e as entidades colectivas "povo" e "reacção", respectivamente.

Trata-se da modalidade de metonímia mais comumente citada e que, no caso vertente, desempenha também a função de situar a verdade dos acontecimentos ao nível da sua explicação histórica, ao nível da luta de classes, tentando impor desse modo uma visão do mundo.

4.3.4 Recursos discursivos de simplificação

O discurso dramático caracteriza-se pela simplificação, a qual permite, nas suas diversas modalidades, incutir a intensidade, a concentração e a tensão de que ele necessita. Vários autores referem-se a este fenómeno. Além de Aguiar e Silva⁵⁵, também Pierre Babin considera a simplificação como um dos procedimentos clássicos da dramatização.

4.3.4.1 Oposições binárias

Quem opõe simplifica. Descrever a realidade através de oposições binárias constitui uma forma de simplificar.

"Ligada à oposição, a simplificação. Quem opõe simplifica. Atraído como está pelos contrários ou pelos semelhantes, lamina os matizes. O sistema é bem conhecido: reduz-se o conflito a dois aspectos facilmente reconhecíveis e compreensíveis: bom/mau, pobre/rico, verdadeiro/falso, forte/fraco,

⁵⁵ Vejam-se as citações do autor na alínea 4.2, relativa à definição de "dramatização".

vencedor/derrotado, puro/impuro. Estas características são, em seguida, atribuídas a diferentes personagens com os quais o espectador poderá jogar imaginariamente."

BABIN, 1993:71

Por outro lado, quem opõe dramatiza. Para Babin, a oposição é um dos traços fundamentais das cenas dramáticas, ao estabelecer automaticamente um efeito de tensão entre dois pontos.⁵⁶

No caso da "Voz do Povo", o estabelecimento de oposições binárias vai ao encontro da percepção do mundo marxista, dicotomizada em torno do antagonismo classe operária / classe capitalista, ideia que tivemos oportunidade de explanar, com base em vários autores, no capítulo "A visão do mundo marxista-leninista".

As oposições, desempenhando a função de inculcar no leitor um modo particular de aperceber a realidade, são também expressão da luta pela imposição de uma visão do mundo.

4.3.4.2 Associações discursivas binárias

Chamamos "associação discursiva binária" ao oposto de oposição binária, isto é, a uma situação discursiva em que duas entidades são apresentadas como aliadas, reunidas ou associadas de alguma forma, excluindo a oposição binária, bem entendido.

Uma associação simplifica, ao levar o leitor a produzir uma identificação, mais concreta ou mais abstracta, entre as duas entidades associadas. Uma relação que a própria oposição binária implica, ao associar implicitamente os vários termos que se situam do mesmo lado de uma cadeia de oposições binárias.

Juntamente com as oposições binárias e os rótulos de codificação, a que nos referiremos na próxima alínea, este recurso analítico permitir-nos-á a reconstrução de uma estrutura de representações (de entidades e de relações entre entidades) que constituirá a visão do mundo veiculada pelas notícias do jornal.

4.3.4.3 Rótulos de codificação: simplificação, valoração

⁵⁶ "Existe uma posição óptima que cria atracção e repulsa. Um encenador é aquele que tem o senso das relações que dramatizam. A caravana passa pela estrada, um homem, o cano da espingarda apontado, está escondido por detrás de uma elevação do terreno. A oposição é total: alto e baixo, atenção e adormecimento, imobilidade e movimento, silêncio e ruído de passos, foco num ponto do espaço que corresponde à linha da espingarda." BABIN, 1993:70

Uma prática aparentemente comum nas notícias da "Voz do Povo" é a ancoragem de uma determinada expressão ou palavra a uma determinada entidade ou situação. Estas expressões têm a função de "rótulos" e são usadas com regularidade para designar essas entidades. Alguns exemplos... O MRPP é regularmente qualificado de "bando de aventureiros" e os seus membros de "aventureiros"; a linha sindical defendida pelo PCP, reunindo no mesmo sindicato operários e técnicos, é designada por "caldeirada de classes". O PCP é designado por diversos rótulos, tais como "os revisionistas", "o partido de Cunhal" ou "P'C'P". A luta dos trabalhadores é muitas vezes referida como "justa luta".

Os *rótulos* são assim um meio de codificação do real e a sua utilização recorrente permite posicionar a entidade referida no quadro da visão do mundo que o jornal pretende impor, reenviando-a desse modo para a sua condição de personagem dessa visão tornada narrativa dramática. De facto, através dos rótulos cria-se a ilusão de um determinado real, tal como acontece numa encenação dramática, e contribui-se para a imposição de uma visão do mundo, função do drama de que demos conta anteriormente.

O rótulo surge como a "definição-síntese" do estatuto e funções atribuídos a cada personagem nessa visão do mundo, e leva o leitor a recolocar a entidade em relação a eles, orientando a sua descodificação.

Mais concretamente, ao identificar estes rótulos e as entidades que eles designam, procuramos:

- 1 - *Identificar as entidades (actores) em presença nos campos político e social encenados no espaço editorial;*
- 2 - *Identificar as características e funções que o jornal atribui a estes actores através dos rótulos e dos juízos de valor que eles contenham;*
- 3 - *Relacionando estes actores e os respectivos atributos, tentar uma reconstituição da "visão do mundo" pela qual luta a "Voz do Povo".*

a) A propriedade da simplificação

Os rótulos, na sua rigidez ou recorrência, têm a propriedade de simplificar a representação do real; é isso que nota Babin a propósito dos rótulos ("signos distintivos") das personagens da banda desenhada:

"(os heróis da BD) Revestem-se de signos distintivos claros. Linus, o inocente *Peanuts*, continuará sempre ridículamente coberto com a sua manta. No limite, a simplificação conduzirá a caracterizar os personagens com os traços de um animal: *Batman*, é o homem morcego."

BABIN, 1993:72

E como acabámos de referir, a simplificação é uma exigência do drama: de um cenário simples, bem definido, claro, depende a eficácia do processo comunicacional actor-espectador.

b) A propriedade da valoração

Os rótulos de caracterização possuem na maior parte dos casos, assim nos parece, um juízo de valor associado, uma componente valorativa decisiva na caracterização da entidade. O juízo de valor simplifica, ao libertar o leitor do trabalho de valoração da entidade.

Por exemplo: quem escreve "PCP" em referência ao partido homónimo está a ser objectivo, e não está a dizer nada de adicional acerca dele; quem escreve "P'C'P" está a ser subjectivo, a emitir um juízo de valor adicional. Está a dizer nomeadamente que o PCP não é comunista, que finge ser comunista, que é falso, que trai o proletariado, etc. Ao escrever apenas "PCP" não se reduz de forma nenhuma a complexidade do real ou a dificuldade da sua interpretação; ao escrever "P'C'P" limita-se de algum modo essa complexidade, porque se induz o leitor num pensamento interpretativo determinado, aliviando o seu esforço de interpretação.

Também neste sentido podemos considerar o "rótulo" como um factor de simplificação.

4.3.5 O apelo à afectividade e às emoções ou apelo afectivo

Esta característica do discurso dramático encontra-se presente de diversas formas no discurso da "Voz do Povo".

O apelo afectivo é uma técnica já preconizada por Marx. "(...) il faut rendre l'oppression réelle plus dure encore, en y ajoutant la conscience de l'oppression et rendre la honte plus honteuse encore" (Marx, citado por DOMENACH, 1962:22).

Ansart, no seu estudo acerca das paixões políticas, acentua esta vertente dramática. Para ele, o agente político é um "porteur symbolique de passions communes" (ANSART, 1983:23). Noutra passagem o autor sintetiza bem o que entende pelo carácter afectivo da comunicação em política:

"Les phénomènes modernes de la propagande, de l'imposition systématique des idéologies, nous permettent de mieux comprendre aujourd'hui combien la sensibilité politique n'est pas un état de fait mais aussi le résultat de multiples messages, appels, interpellations, dramatisations, qui viennent entretenir ou modifier journallement les

sentiments collectifs. (...) les confiances et les méfiances, les admirations et les haines sont, en permanence, l'objet d'un travail multiforme de renouvellement et d'inculcation".

ANSART, 1983:19

A função de manipulação "diária" da sensibilidade política através de "múltiplas mensagens, apelos, interpelações, dramatizações", parece-nos ser desempenhada não só por aquilo que designamos por apelo afectivo, mas também por outros indicadores de dramatização presentes nas notícias.

Como dissemos, o apelo emocional faz-se de múltiplas formas, muitas vezes subtis, muitas vezes de difícil detecção. Podemos por exemplo considerar todo o fenómeno de dramatização como um apelo emocional. Optámos por tentar uma medição do conceito, subdividindo-o nas categorias de análise mensuráveis que considerámos pertinentes. Nomeadamente:

4.3.5.1 Utilização dos sentimentos

Partindo das proposições de Pierre Ansart, procuraremos avaliar a utilização que o jornal faz dos sentimentos. Diversas hipóteses interrogativas conduzir-nos-ão a uma análise exploratória:

Quais são os sentimentos mais frequentes no corpus? A afectividade joga um papel importante no discurso do jornal? Que tipo de afectividade? Quais são os sujeitos de cada um dos sentimentos e os seus objectos ou destinatários?

4.3.5.2 A ênfase

Babin fala do "exageramento" enquanto característica do dramático. Evitaremos este conceito, uma vez que não temos a possibilidade de, à distância, provar o exagero ou a justeza das informações transmitidas pelo jornal. O nosso objecto de estudo é o discurso produzido e não a realidade social por ele noticiada.

Podemos no entanto apetrechar a nossa grelha de análise com o conceito de *ênfase*. Consideramos a ênfase como o realce ou a intensificação de determinado objecto, através das figuras discursivas definidas neste capítulo. Cumpre a função de *apelo afectivo*, já que ao realçar, ao intensificar, apela a sentimentos para chamar a atenção do leitor. A ênfase discursiva é uma forma de comunicar que dispensa a interpretação racional do texto.

Propomo-nos procurar o sentido da ênfase no jornal na perspectiva da nossa problemática, nomeadamente através de algumas questões:

O que se enfatiza? E como se enfatiza? Que afectos ou sentimentos são chamados nos actos de enfatização do jornal? Ou, questionando de outro modo, que tipo de apelo afectivo se procura com a enfatização? A função de agitação política é desempenhada através desta forma discursiva?

A noção de enfatização remete-nos portanto, não para os factos noticiados, mas para o discurso produzido: um discurso que é observável e cujos elementos estilísticos e semânticos *enfáticos* são identificáveis.

Mas identificáveis de que forma? A enfatização nem sempre é um dado objectivo. Resulta duma interacção das palavras e do seu sentido com o contexto. E a avaliação desta interacção envolve subjectividade. No entanto, é possível encontrar na linguagem *e no discurso* algumas formas objectivas de enfatização.

Mais ou menos objectivos, eis os critérios a que recorremos para a recolha dos dados:

4.3.5.2.1 Ponto de exclamação

Uma das formas de enfatizar é exclamar. E uma das formas de exclamar consiste em usar o ponto de exclamação, o que confere a uma frase não exclamativa o estatuto de exclamação.⁵⁷

Por outro lado, Dawson diz-nos que a linguagem exclamativa, interrogativa e imperativa são características do drama:

"(...) muita da linguagem dramática é exclamativa, interrogativa ou imperativa."
DAWSON, 1975:37

No caso da "Voz do Povo", procuraremos saber como actua o ponto de exclamação, nomeadamente identificando os tipos de situação em que ele é utilizado.

Duas ressalvas técnicas relativamente ao ponto de exclamação:

1 - Uma vez que as *palavras de ordem* vão constituir por si só um indicador de apelo afectivo, excluiríamos desta recolha de pontos de exclamação aqueles que estiverem contidos em palavras de ordem, para evitar a repetição do registo de um indicador de apelo afectivo.

2 - Para evitar uma repetição análoga, não consideraremos as frases terminadas com ponto de exclamação como *enfatização a nível semântico*, a

⁵⁷ A *Breve Gramática da Língua Portuguesa* de Celso Cunha e Lindley Cintra define o ponto de exclamação como um "sinal que se propõe a qualquer enunciado de entoação exclamativa".

menos que, retirando-lhes o ponto de exclamação, elas mantenham um cariz enfático.

4.3.5.2.2 Advérbios de intensidade e graus superlativos de adjectivos e advérbios

É mais um critério objectivo de detectar a ênfase. Advérbios como *já*, *muito*, *tanto*, *sempre*, *nunca*, *tão* ou *tanto* constituem meios de ênfase, desde que o contexto semântico no-la confirme.

O mesmo podemos dizer dos graus superlativos de adjectivos e advérbios: *muitíssimo*, *pobríssimo*, *imenso*, *pessimamente* são alguns exemplos de palavras que poderão definir uma ocorrência de ênfase, mais uma vez desde que a consideração do contexto semântico a não contradiga.

4.3.5.2.3 Ironia

A ironia tem muitas vezes uma função enfatizadora. É o caso do seguinte trecho, num contexto que se refere aos grandes agrários do Alentejo:

“E estes aonde é que estão? Na prisão é que não estão.” (ocorrência ae192, da notícia 4203lp da “Voz do Povo”)

Podemos dizer que este formato de pergunta/resposta para alertar os leitores para a liberdade dos grandes agrários, é irónico, e que neste caso, como noutros do mesmo tipo, a ironia é usada como meio de ampliar ou prender a atenção do leitor.

4.3.5.2.4 Outros tipos de “ênfase semântica”

Quando os critérios objectivos que acabámos de apontar não estão presentes no texto, a ênfase semântica é difícil de medir uma vez que a sua detecção envolve subjectividade. Relativamente ao contexto, uma frase pode ser enfática, mesmo não usando as formas objectivas de ênfase a que acabámos de nos referir; é o caso das hipérboles. Nesse e noutros casos, consideramos estar perante situações de “ênfase semântica”.

Podemos considerar a seguinte frase como uma forma de ênfase semântica:

“O comunicado da Intersindical é uma calúnia infame à luta dos trabalhadores portugueses por uma informação livre.” (ocorrência ae301, da notícia 4909mu da “Voz do Povo”)

Neste caso, a nosso ver, enfatiza-se através do uso do adjetivo "infame", mas também através da generalização da luta, extrapolando-a dum contexto específico para o da totalidade dos trabalhadores portugueses.

Situações como esta são frequentes no discurso da "Voz do Povo"; a sua escolha como unidades de análise foi assumida caso a caso, envolvendo alguma subjectividade. Um problema que, em condições de trabalho mais favoráveis, nos teria levado a procedimentos intersubjectivos, que teriam trazido a esta tarefa específica maior assertividade.

4.3.5.2.5 Enfatização gráfica

Outra forma de enfatizar é a utilização de caixa alta (texto em maiúsculas) ou "bold" (negro carregado). Para avaliar essa importância, atentemos no seguinte trecho, que se reporta precisamente ao "exageramento", ou à enfatização, associando-o ao efeito de aumentar o tamanho e particularmente a altura:

"Exageramento, efeito de lupa. É, primeiro, oposição entre o alto e o baixo, o grande e o pequeno. É conhecido o velho tema simbólico analisado pelo filósofo Bachelard: toda a valorização é uma erecção, um sobredimensionamento, particularmente em altura."

BABIN, 1993:69

Além da caixa alta e do "bold", estas palavras ajustam-se a outros efeitos gráficos de enfatização, como a dimensão dos caracteres do título, medida em cm², ou mesmo a inclusão de fotografias a enquadrar a notícia, conferindo uma importante dimensão visual à comunicação do acontecimento - "Uma imagem vale mais que mil palavras"...

Para efeitos operacionais, optámos por não incluir neste indicador a caixa alta ou o bold *em palavras de ordem* ou em *títulos*.

As palavras de ordem constituem um indicador de enfatização independente, e por via da sua função enfática surgem muitas vezes em caixa alta. Assim, a inclusão da caixa alta das palavras de ordem no indicador "enfatização gráfica" provocaria uma repetição da medição desse efeito enfático, falseando-a.

Quanto à caixa alta nos títulos, é duvidoso que ela seja um indicador de enfatização, na medida em que a caixa alta faz parte da própria natureza dos títulos.

4.3.5.3 As palavras de ordem

As palavras de ordem são um dos traços fundamentais da propaganda leninista, constituindo um apelo à acção, à agitação, enfatizado a um nível emocional. Podemos considerá-las sem reserva como indicador de *apelo afectivo*.

Segundo Domenach, a palavra de ordem é a tradução verbal de uma fase do combate revolucionário. Exprime, numa fase de luta, um objectivo importante ou, numa fase de "edificação socialista", um objectivo de planificação (DOMENACH, 1962:24). O seu poder reside no efeito multiplicador da sua difusão, e no facto de esta difusão não exigir meios dispendiosos. Isso acontece porque a palavra de ordem "utiliza como meio difusor aqueles mesmos a quem é dirigida" (QUINTERO, 1993:238).

Trotsky, comentando o segredo do sucesso duma revolução bolchevique que não tinha praticamente meios de difusão, afirma que uma palavra de ordem que corresponde às necessidades de uma classe cria por si própria milhares de canais de comunicação:

"les mots d'ordre qui correspondent au besoin aigu d'une classe et d'une époque se créent des milliers de canaux. Le milieu révolutionnaire, porté à l'incandescence, se distingue par une haute conductibilité des idées."

Trotsky, citado por DOMENACH, 1962:25

Quer dizer, as palavras de ordem não actuam duma forma dramática somente através do apelo afectivo, mas também ao reproduzirem na situação de comunicação com o leitor - portanto *ao encenarem* - uma mensagem que se integra num discurso coerente e que foi prescrita em função de objectivos e *timings* precisos.

As leituras prévias revelam-nos que as notícias da "Voz do Povo" são concluídas frequentemente através duma sequência de palavras de ordem. Procuraremos na nossa análise precisar que tipo de apelo é que elas procuram no caso concreto deste jornal.

4.3.5.4 Vitimização

Um outro apelo aos sentimentos passível de análise pode fazer-se através da criação de situações discursivas em que determinadas entidades são apresentadas como vítimas de uma agressão, seja ela de carácter físico, simbólico, económico, político ou militar. Isto implica um apelo à compaixão do leitor para com a vítima e eventualmente ao seu ódio em relação ao agressor. Trata-se de uma situação *formal* que consideramos estruturante, quer das

posições recíprocas dos actores ou entidades, quer da relação do jornal com o público.

As situações de vitimização permitem-nos caracterizar o conflito social e político representado pelo jornal, e pôr questões que se poderão revelar importantes na fase da análise do material e ao nível das conclusões: *Que entidades são apresentadas como vítimas? Que tipo de agressões sofrem? Quem são os agressores?*

4.3.6 Personificação

A personificação é uma característica do discurso dramático. A presença das personagens é tão importante quanto o facto de serem precisos actores para levarem à cena qualquer peça de teatro. De facto, se o drama concentra a acção, esta concentra-se em pessoas, em actores, nomeadamente as personagens em confronto.

Será que podemos detectar no nosso objecto de estudo elementos que nos permitam inferir a prática da "personificação" na redacção das notícias? E o que entendemos por "personificação", no contexto das notícias?

Uma pista para responder a estas perguntas é-nos dada pela prática insistente de nomear (dizer o nome de) os agentes, as "personagens" que no desenrolar da notícia se situam ao lado da burguesia e contra o proletariado. De facto, podemos considerar a denúncia pessoal pela nomeação como uma forma de personificar a narração da notícia. Uma situação que corresponde à função de vigilância proletária preconizada por Lenine e pelo "Guia do Correspondente", a que nos referimos na alínea 2.3 do capítulo II.

A fim de nos dotarmos de instrumentos de caracterização da "personificação", procuraremos no corpus todas as identificações de sujeitos individuais, a que chamaremos *nomeações*. Também com o objectivo de detectar a prática de denúncias, na observação distinguiremos *nomeações conotadas positivamente*, *nomeações conotadas negativamente* e *nomeações de conotação de sinal indefinido*. Uma tal distinção parece-nos possível dada a prevalência do conflito e da oposição binária - a que já nos referimos -, quer no contexto ideológico quer no contexto social. No campo político, e concretamente no do jornalismo doutrinário, as pessoas referenciadas parecem ser na esmagadora maioria dos casos conotadas positiva ou negativamente, consoante estejam "ao lado" da causa defendida pelo jornal ou directa ou indirectamente "contra" ela. Em todos os casos de dúvida e nos casos em que claramente não haja uma "neutralidade", optaremos pela categoria *nomeação de conotação de sinal indefinido*.

Outra modalidade de personificação é a narração de uma notícia a partir de uma história pessoal ou de um caso pessoal. Será frequente o desenvolvimento de uma notícia a partir da história de um trabalhador ou de um morador? Numa primeira leitura verificámos que algumas notícias detêm-se muitas vezes em pormenores do quotidiano de uma determinada pessoa.

Podemos também detectar a personificação de entidades não-antropomórficas, tais como classes sociais, partidos políticos, grupos, ideologias ou sentimentos colectivos. Se todas estas entidades constituem *actores* (no sentido greimasiano) do espaço-tempo histórico envolvente, elas são em muitos casos sujeitas a uma personificação, isto é, são apresentadas ao narratário como pessoas.

Podemos observar a personificação dos actores não-antropomórficos na utilização da metáfora do corpo. A metáfora do corpo exprime as entidades como corpos humanos, associando-lhe uma forma, membros ou funções.

4.3.7 Desfecho

O desfecho é um elemento comum nas estruturas narrativas dramáticas.

O discurso dramático mantém um suspense, uma tensão, que no fim é bruscamente libertada através de um desfecho (BABIN, 1993:66). Ao falarmos de desfecho, falamos afinal do *fim da expectativa* que se sucede à expectativa que acompanha a quase totalidade da obra dramática (DAWSON, 1975:32). O desfecho constitui assim uma das características fundamentais do discurso dramático.

Pelas leituras preliminares, parece-nos que na narração das notícias da "Voz do Povo" o desfecho é um elemento fundamental e quase omnipresente. Com base nestas leituras, esboçámos uma estrutura da notícia onde se realça o papel importantíssimo que o elemento desfecho assume nas notícias da "Voz do Povo".

Desenvolvimento da notícia	Desfecho			
	Resultado	Lição a extrair	Acções a empreender	Palavras de ordem
Narração de situações de luta entre representantes do proletariado e da burguesia	Sucesso ou fracasso das acções de luta	O porquê do resultado	Formas de luta a seguir para repetir o sucesso ou prevenir o fracasso relatado	Palavras de ordem
Narração ou descrição de situações que não se enquadram na luta de classes, mas no quotidiano da sociedade capitalista	Manutenção da relação de forças dominantes / dominados	É preciso mudar situações como a relatada	Formas de luta a seguir para mudar a situação relatada	Palavras de ordem

Como se vê neste esboço de estrutura da notícia que elaborámos com base nas leituras preliminares, nas várias componentes do desfecho cumprem-se algumas das funções que referimos no início: a imposição de uma visão do mundo, quando se explica a notícia relatada nos termos da luta de classes; a intervenção directa na luta de classes (jornalista activo), ao indicar-se ao leitor as formas de luta a seguir e os erros a evitar; a agitação e a exaltação, ao concluir a notícia ou partes dela com palavras de ordem.

Ou seja: se por um lado o desfecho ajuda a formar o carácter dramático do discurso, por outro, ele assume funcionalidades importantes.

III

METODOLOGIAS DE ABORDAGEM DO OBJECTO

1. Delimitação do corpus

1.1 *Escolha do período de análise*

Ofereceram-se duas alternativas na escolha do período de análise. De facto, a "Voz do Povo", fundada em Julho de 1974, só termina a sua publicação vários anos depois, pelo que abrange o chamado PREC e o pós-25 de Novembro. Esta data marca o fim do chamado "período revolucionário" e o início da "normalização democrática", ao neutralizar definitivamente a capacidade de intervenção dos sectores esquerdistas do MFA e ao aceitar a "integração do adversário", atitude que ficou patente no discurso de Melo Antunes de 26 de Novembro (POUCHIN, 1994:182, entre outros autores).

As alternativas eram: um período de crise e conflito, anterior ao 25 de Novembro; ou um período de refluxo revolucionário, de acalmia e estabilização, posterior àquela data.

Na segunda alternativa, interessaria porventura verificar até que ponto a UDP seria tentada a continuar a alimentar a ilusão revolucionária através das notícias da "Voz do Povo".

Acabámos, por escolher a primeira alternativa por várias razões. Por um lado, o período de crise que escolhemos coincide com a fase em que os movimentos da chamada "extrema-esquerda", que vamos analisar, tiveram uma presença mais significativa na sociedade portuguesa. É neste período que a comunicação entre estes movimentos e as instituições sociais é mais intensa. Ele dá-nos a garantia de uma mais acentuada "dinâmica revolucionária".

Por outro lado, esta escolha permitir-nos-á confrontar a análise dos fenómenos de dramatização com as teorizações já feitas acerca dos períodos de crise.

Segundo vários autores, estes períodos proporcionam a emergência e criam novas condições de utilização do discurso dramático:

"Le pouvoir constituant du langage (réligieux ou politique) et des schèmes de perception et de pensée qu' il procure ne se voit jamais aussi bien que dans les situations de crise: ces situations paradoxales, extraordinaires, appellent un discours extraordinaire, capable (...) d'exprimer tout ce que peut avoir d'inoui, d'ineffable la situation créée par la crise".

BOURDIEU, 1982, 151

Lucien Sfez entende a crise como um período de proliferação de signos onde se trava uma luta entre imagens adversas (Sfez, 1988:46). A dramatização seria uma arma importante nesse combate simbólico.

Pela leitura histórica que levámos a cabo, há dois momentos que delimitam um período com estas características.

O primeiro é o 11 de Março, uma tentativa de golpe da direita que, derrotado, abrirá caminho à efectiva implantação da extrema-esquerda em múltiplas instituições da sociedade, a começar pela militar. Acresce que, por coincidência, o 11 de Março dá-se precisamente dois dias após o 1º congresso da UDP. É de supor que este 1º congresso tenha contribuído para uma definição das ideias e consequente estabilização do discurso da UDP, o que não terá deixado de se reflectir no discurso da "Voz do Povo". A ser assim, podemos encarar o discurso do jornal no pós-11 de Março como mais consistente do ponto de vista ideológico.

O segundo momento é o discurso de Mário Soares na Alameda Afonso Henriques, em Lisboa, que teve lugar em 19 de Julho de 1975.

Este discurso constitui-se como ponto de viragem na relação de forças entre esquerda e direita, ao alertar a sociedade para o carácter anti-democrático das políticas seguidas pelo PCP e a extrema-esquerda e ao dar o mote para um "Verão quente" marcado por uma forte e em muitos casos violenta reacção da direita ao curso dos acontecimentos. Esta reacção, que começa a desenvolver-se no Norte ainda antes de 19 de Julho, terá encontrado no discurso de Soares o seu suporte político e ideológico.

Se por um lado a crise se prolonga - e agrava - até ao 25 de Novembro, por outro lado o início do Verão Quente marca o princípio do declínio das forças políticas e ideológicas revolucionárias, um declínio que culmina no 25 de Novembro e se arrasta depois pelo tempo. Optamos assim por limitar o objecto de estudo até ao dia 19 de Julho.

O corpus será assim constituído a partir de todos os números do jornal entre 11 de Março (o jornal do dia 11 de Março não é ainda afectado pelo acontecimento político-militar do mesmo dia) e 19 de Julho de 1975, inclusivé.

1.2 Escolha do género jornalístico

O corpus só está definido depois de decidirmos quais os textos do jornal a analisar e quais os textos a rejeitar. Este capítulo dá conta da nossa opção de limitar o corpus apenas àquilo a que chamamos *notícias* e de rejeitar outros

tipos de texto jornalístico, como os artigos de opinião - comentários, análises políticas, editoriais -, as fotografias, os comunicados e os discursos políticos.

As notícias, de cuja definição demos conta no capítulo II, alínea 4.1, são um espaço de observação privilegiado de um fenómeno como a dramatização, na medida em que podemos encarar a notícia - que se constitui como uma reconstrução verbal dos factos - como um palco em que o jornalista vai encenar a realidade.

Recordamos que ao assumir o espaço noticioso como espaço de encenação não estamos a falsear os resultados do nosso trabalho, forçando a evidência de uma dramatização. Isto porque o nosso propósito não é provar que existe dramatização, sendo antes o de a caracterizar.

Perante a realidade a noticiar, o jornalista tem à partida uma grande liberdade. Não uma liberdade ideológica, já que estamos num contexto de jornalismo doutrinário. Aliás, não é nossa preocupação definir ideologicamente o jornal. É antes uma liberdade aos níveis narrativo, vocabular e semântico na construção da notícia. É esta grande margem de indefinição que faz da notícia um espaço de observação privilegiado, na medida em que o processo da sua construção pode assumir uma grande variedade de vias, de escolhas narrativas, vocabulares e semânticas, as quais acabarão por conter os vectores do discurso. Poderemos caracterizar a dramatização - ou outros aspectos - a partir da forma como o jornalista leva a cabo a construção da notícia.

1.2.1 Rejeições

A escolha das notícias significa a rejeição de todos os restantes elementos do jornal. Estas rejeições encontram-se a seguir justificadas.

a) Artigos de opinião, editoriais, análise e comentário político não incluídos em notícias

O potencial dramático que acabámos de apontar nas notícias estará à partida cerceado nos comentários e análises políticas, artigos de opinião e editoriais. Consistindo em exposições directas de uma visão do mundo, estes artigos encontram-se de certa forma limitados às categorias semânticas e verbais contidas nessa visão. É de supor que não precisem de recorrer à dramatização para desempenhar as funções que antes atribuímos ao discurso dramático - impor uma visão do mundo, conferir visibilidade, agitar politicamente -, porque os comentários e artigos de opinião destinam-se a desempenhar essas funções

directamente por via semântica, isto é, o sentido primordial dos artigos de opinião é ir de encontro a essas funções.

As notícias começam antes do mais por ser relatos de acontecimentos, narrativas, o que na nossa perspectiva torna a sua análise na perspectiva do tema em questão muito mais aliciante.

A distinção leninista entre o propagandista, que inculca muitas ideias numa ou em poucas pessoas e o agitador, que inculca uma só ou poucas ideias numa massa de pessoas⁵⁸, adequa-se à distinção entre artigos de opinião e notícias, aqueles mais elaborados, cumprindo uma função de propaganda dirigida às elites esclarecidas, e estas com uma mensagem mais simples, cumprindo uma função de agitação junto das massas. Também neste aspecto podemos pressupor uma maior propensão das notícias para a dramatização.

A rejeição dos artigos de opinião teve também em consideração o facto de eles serem frequentemente expressão individual e não expressão da linha editorial do jornal.

Não pretendemos com estas justificações insinuar que não é possível recorrer ao discurso dramático nos artigos de opinião. Simplesmente pareceu-nos que, do ponto de vista da economia do nosso trabalho, seria um erro lançarmo-nos na sua análise, dada a aparentemente fraca presença de elementos dramáticos nesses artigos em relação à sua extensão, o que se deve provavelmente às características que antes referimos.

b) Notícias de comícios, manifestações ou outros eventos onde o número de palavras dos discursos, em forma de citação, é maior do que o número de palavras redigidas pelo jornalista

Muitas notícias da "Voz do Povo" e principalmente do jornal a que recorreremos para efeitos de comparação, o "Portugal Socialista", são centradas nos discursos de dirigentes partidários proferidos em comícios e manifestações. Elas tornam-se então, na maior parte dos casos, meras transcrições das partes mais significativas desses discursos. Um *lead* de poucas linhas antecede por vezes várias páginas de discursos.

Na nossa perspectiva, considerar estes textos como "notícias" seria adular o conceito tal como o definimos, na medida em que a sua função primordial não é a de dar a conhecer o comício como facto, mas a de dar a conhecer o conteúdo dos discursos. Vemos estes textos mais como "altifalantes" que

⁵⁸ Conferir a nota de rodapé nº 42.

prolongam a audibilidade do discurso através do jornal do que propriamente como notícias.

Optámos assim por não incluir as notícias baseadas em discursos de comícios e estabelecemos um critério de selecção: rejeitamos o texto desde que o número de palavras dos discursos, em forma de citação, seja maior do que o número de palavras redigidas pelo jornalista. Um critério algo arbitrário mas dotado de sentido.

Finalmente, também nos afastou destes textos o facto de o sujeito dos discursos não ser o corpo redactorial do jornal, mas uma determinada personalidade política.

c) Comunicados que não assumam a forma de notícia

Uma das funções dos jornais ideológicos é a de difundir comunicados de células ou órgãos do partido. Tal como no caso dos discursos, estamos perante material integralmente redigido por entidades exteriores à redacção, que não podemos considerar do foro jornalístico. Noutra ocasião, noutro enquadramento, seria interessante estudar estes textos panfletários.

Mesmo assim, incluiremos no corpus aqueles comunicados que, por se basearem no relato ou narrativa dum acontecimento, têm características de notícia.

d) Títulos

Incluímos os títulos no corpus, mas não os particularizando enquanto títulos. Eles encontram-se assim em pé de igualdade com o restante texto. Temos consciência que isto significa uma perda de informação importante, já que os títulos desempenham funções específicas (como concluiu Mário Mesquita na sua obra relativa aos títulos), podendo ser um veículo de dramatização. Esperamos noutra ocasião poder enriquecer o nosso trabalho com a análise dos títulos da "Voz do Povo".

e) Fotografias

Embora a análise das fotografias da "Voz do Povo" nos parecesse interessante, optámos por não a incluir no trabalho na medida em que a fotografia não é um elemento quantitativamente significativo ao longo dos números do jornal. Um facto que pode ter várias causas, porventura

significativas e interessantes de apurar, mas que nos levou a abandonar o elemento fotografia.

2. Análise comparativa: uma exigência metodológica

O facto de os contextos político, social e simbólico serem de conflitualidade ou de crise, obriga-nos a redobrar a vigilância em relação àquilo que possamos concluir sobre a forma dramática do discurso da "Voz do Povo". Se quisermos identificar os traços que individualizam o discurso da "Voz do Povo" e não apenas aqueles que decorrem dos referidos contextos, precisamos de um termo de comparação: ele possibilitar-nos-á a neutralização de certos aspectos do discurso porventura comuns aos vários agentes do jornalismo político e acentuar aqueles em que este jornal mais se individualiza.

Em suma, a análise comparativa permite-nos dar o passo muito importante que é o de relativizar o conceito de dramatização e a sua utilização.

A escolha do segundo jornal levanta desde logo uma questão: comparar a "Voz do Povo" com um "jornal de referência", que em princípio pratica um tipo de jornalismo que obedece a normas, critérios e objectivos diferentes, ou compará-lo com outro jornal doutrinário, que pratica o mesmo tipo de jornalismo?

A primeira hipótese permitiria pôr em relação o discurso do jornalismo doutrinário e o discurso do jornalismo de referência. Um exercício interessante mas de complexa operacionalização devido à dificuldade de encontrar termos de comparação cientificamente aceitáveis perante diferenças aparentemente tão profundas na prática jornalística: os objectivos do jornal, a dimensão das edições, os temas contemplados e os correspondentes critérios de selecção de notícias, a dimensão e o género jornalístico dos artigos, etc. Diferenças, cabe dizê-lo, algo esbatidas pela acentuada ideologização do chamado jornalismo de referência de então (MESQUITA, 1994a:362).

A segunda hipótese - que escolhemos -, comparando dois jornais doutrinários, possibilita realçar a originalidade do discurso da "Voz do Povo" enquanto jornal doutrinário, pondo-o em relação com outro jornal do mesmo tipo mas dotado de objectivos políticos diferentes. Esta hipótese tem a grande vantagem metodológica de viabilizar a análise comparativa, na medida em que os dois jornais, ou os dois jornalismos, apesar das diferenças ideológicas, têm características fundamentais comuns, facilmente comparáveis.

2.1 Escolha do "Portugal Socialista" e reequacionamento da questão central

A escolha do "Portugal Socialista", jornal do Partido Socialista, obedeceu mais ao critério da disponibilidade de todas as edições no período considerado do que a outro. Mas, inicialmente, a escolha de um segundo partido para termo de comparação com a UDP não deixou de levantar questões. Comparar o discurso da "Voz do Povo" com o de um segundo "jornal revolucionário", ou da chamada extrema-esquerda, ou mesmo do PCP, ou compará-lo com um jornal de partido de uma linha política mais moderada, como o PS ou o PPD, ou também radical mas de direita? Um dilema análogo ao que se pôs com a possibilidade da escolha de um jornal de referência e que resolvemos de forma oposta.

A decisão pelo "Portugal Socialista" permite-nos o trabalho muito interessante de confrontar dois discursos que, sendo ambos ideológicos e partidários - o que nos viabiliza definitivamente a comparabilidade -, desempenham funções opostas no sistema político. O PS um partido que defende a "liberdade", o "convívio democrático" e o "pluralismo político", a UDP que defende abertamente o derrube violento do regime capitalista e a instauração da "ditadura do proletariado" e da "democracia para os trabalhadores". O PS um partido que defende as instituições sociais em crise, a UDP um partido que procura derrubá-las. Comparando o PS com a UDP somos tentados a evocar o binómio consenso/conflito, estudado por Lipset⁵⁹.

Podemos complementar a nossa questão de partida com a situação de comparação. Não perdendo de vista que o objecto central do nosso trabalho é o discurso da "Voz do Povo", podemos agora questionar: *Será que às clivagens ideológicas e funcionais que podemos identificar entre UDP e PS correspondem clivagens ao nível do discurso produzido pela respectiva imprensa, e nomeadamente clivagens ao nível do discurso dramático produzido?*

Trata-se de um reequacionamento da nossa questão de partida, adaptada a uma exigência metodológica, potencialmente enriquecedor da análise.

⁵⁹ LIPSET, 1992.

2.2 Uma nova dificuldade: a desigual "distância" dos dois discursos

Há uma frase contida no corpus do "Portugal Socialista" que nos deve alertar para uma tentação a evitar. A frase é "o predomínio de um ideologismo primário sobre a análise dos factos" (da notícia 46gs, do "Portugal Socialista").

Esta ideia seria provavelmente aplicável pelo senso comum para distinguir o discurso da "Voz do Povo", que aparenta relevar de um "ideologismo primário", do discurso do "Portugal Socialista", que pode parecer mais próximo de uma "análise dos factos", se não isenta, por estarmos no campo do jornalismo doutrinário, pelo menos mais objectiva.

Devemos recusar frontalmente esta forma de ver as coisas. Devemos nomeadamente ter consciência que o discurso do "Portugal Socialista" está mais "próximo" do discurso do senso comum nos dias de hoje, na medida em que saiu vitorioso do conflito simbólico que se viveu no pós-25 de Abril.⁶⁰ Como já foi referido, o conflito político de 1975 teve a sua correspondência no campo simbólico, na luta pela imposição das categorias de percepção da realidade. Em resultado do desfecho deste conflito, "nós" achamos hoje mais "normal" não só o discurso como o próprio léxico utilizado pelo "Portugal Socialista" em relação aos utilizados pela "Voz do Povo". Não devemos de modo nenhum confundir esta "normalidade" com isenção, profundidade de análise ou objectividade.

Ao longo da análise, precisamos afinal de produzir o nosso próprio discurso com base no objecto científico que construímos e evitar que ele assimile o discurso ou o léxico de qualquer um dos jornais. O que no caso do "Portugal Socialista" poderá não ser simples, pelas razões que acabamos de expor.

Aliás, consideramos esta uma questão incontornável e que se prende com o facto de todo o discurso científico e todo o trabalho científico teórico e mesmo experimental não serem inteiramente objectivos, sendo antes objecto de uma produção social, uma produção condicionada social e historicamente.

De qualquer forma, é importante deixar claro que com este trabalho não procuramos de modo nenhum alegar que as estratégias simbólicas levadas a cabo pela "Voz do Povo", que aqui procuramos analisar, não são hoje utilizadas pelos *mass-media* ao serviço de outras causas. Ao contrário, parece-nos forte a hipótese de que a luta pela imposição de uma visão do mundo ou a luta pela imposição das ideologias continua hoje, em 1998, com uma intensidade amplificada pelas novas tecnologias da informação e por dispositivos de

⁶⁰ MATOS, 1992.

comunicação cada vez mais sofisticados. E temos indícios de que as estratégias de dramatização se tornaram uma necessidade para muitos *mass-media*.

Eventualmente, todo o discurso conterá elementos dramáticos. Provavelmente dramatizarão de forma diferente, em graus diferentes, recorrendo a diferentes técnicas e adereços. É essa diferença que procuraremos na confrontação das notícias da "Voz do Povo" com as do "Portugal Socialista".

3. Abordagem do objecto na perspectiva da análise de conteúdo

3.1 A definição das unidades de registo

A recolha dos dados implica diversas etapas de codificação: o *recorte*, que permite escolher as unidades; a *enumeração*, ou o processamento numérico dos dados recolhidos; e a *classificação* e a *agregação*, que permite criar as modalidades ou valores das variáveis em estudo.⁶¹

Na primeira etapa, o recorte, importa definir as unidades de registo com que se fará a recolha dos dados.

E que dados procuramos nós recolher do corpus? Procuramos as situações discursivas e linguísticas que antes definimos como características da dramatização e que nos permitirão confirmar ou infirmar as funções teoricamente atribuídas ao discurso dramático. Situações como apelo afectivo, metáforas, metonímias ou oposições binárias.

Considerando os tipos de unidade de registo previstos pela análise de conteúdo, concluímos que a natureza do nosso objecto afasta desde logo alguns dos mais utilizados. São os casos da *palavra*, da *frase*, do *acontecimento* ou ainda do *documento*. Estas unidades, devido à sua necessária *exclusividade*, ou impossibilidade de recolher mais do que uma vez uma mesma unidade de registo, não são adaptáveis ao nosso objecto, e isto devido a uma característica fundamental do material com que nos confrontamos, a saber: *a polissemia do discurso dos jornais na perspectiva das categorias de análise que definimos*.

Com efeito, uma mesma frase pode ser simultaneamente uma metáfora, uma oposição binária e uma ênfase, para dar um entre centenas de exemplos em que as nossas categorias de análise se podem combinar.

Deste modo, as unidades de registo que utilizaremos serão *unidades de sentido*, situações discursivas que correspondam a uma das categorias de análise consideradas. Unidades de sentido (e de registo) são portanto as "metáforas", as "interjeições", as "ênfases", as "nomeações", as "oposições binárias", etc.

Há portanto dois tipos de situação que não nos devem preocupar:

- Uma unidade de sentido (uma metáfora, por exemplo) pode coincidir com uma frase, mas também com uma só palavra, ou um período inteiro;

⁶¹ BARDIN, 1979.

- Uma mesma frase, palavra ou notícia pode conter (ou estar contida em) várias unidades de sentido/registo.

Toda esta abordagem afasta-nos da lexicologia. As palavras e o léxico são importantes, mas a captação dos efeitos dramáticos do discurso envolve um tipo de categorização do material textual que não coincide, pelo menos necessariamente, com a palavra.

3.1.1 A noção de valor

Por outro lado, esta abordagem aproxima-nos da noção de valor.

"Ne cherchez pas le sens d'un mot, cherchez quel emploi on en fait."
Wittgenstein, cit. por MAINGUENEAU, 1976:47

Esta frase de Wittgenstein resume aquela que pensamos ser uma das escolhas metodológicas mais importantes no nosso trabalho. A análise da dramatização do discurso não nos conduz directamente ao significado que se possa extrair das notícias, o que aconteceria se procurássemos por exemplo as condições de utilização de um determinado *topos* no discurso.

A semântica refere-se aos significados ou aos *valores*⁶² que as unidades de análise assumem no sistema envolvente. E a dramatização é antes uma *forma* de pronunciar um discurso. Um efeito, se se quiser, que pode ser encetado por múltiplas vias. Pode-se transmitir um mesmo campo semântico, uma mesma ideia ou ideologia, recorrendo a formas ou géneros discursivos diferentes. Por outras palavras, a dramatização não fará parte da estrutura semântica do discurso, mas sim duma forma particular de transmitir essa estrutura aos leitores.

Para procurar a forma dramática, recorreremos a instrumentos de análise da lexicologia, da lexicometria, da semântica e da narratologia.

⁶² O conceito de valor, introduzido na linguística por Saussure, aprofunda a ideia tradicional de significado: "O conteúdo de uma palavra só é verdadeiramente determinado pelo concurso do que existe fora dela. Fazendo parte de um sistema, está revestida não só de uma significação, como também e sobretudo de um valor." Ferdinand de Saussure, *Curso de Linguística Geral*, São Paulo, Editora Cultrix, 1970, p. 134.

3.2 A insuficiência das contagens

Procuraremos evitar a identificação da frequência de utilização das unidades de registo com a importância que elas assumem no sentido de cada notícia ou no sentido geral do corpus. Greimas, no prefácio de uma obra de Dominique Memmi acerca de cartazes políticos, refere-se à identificação entre frequência e importância como "absurda" (MEMMI, 1986:9).

Este autor refere mais adiante, a propósito das palavras frequentes: "tels mots, omniprésents, occultent, au lieu de les révéler, les spécificités des partis politiques" (IDEM, ibidem). De facto, palavras medidas e categorizadas da mesma forma e no entanto assumindo significados diferentes em função dos seus contextos particulares podem esconder mais do que revelar e induzir em erro.

Consideraremos a frequência como um dado indispensável, como de resto as medidas estatísticas e as análises derivadas do processamento de dados quantitativos, mas que só adquire sentido se confrontado com a dimensão qualitativa desses dados, que ele não pode fornecer. E é na perspectiva da complementaridade entre o quantitativo e o qualitativo que procuraremos desenvolver o trabalho de análise, nunca negligenciando o papel de ambos.

Considerando a estrutura dos dados agregados em variáveis (ver o ponto 2. do capítulo IV), as técnicas de análise quantitativa permitir-nos-ão nomeadamente determinar as modalidades mais importantes de cada variável, a forma como estas variáveis e as suas modalidades se inter-relacionam, os factores determinantes das co-variações identificadas, etc.

A interpretação dos resultados das análises recorrerá então a uma abordagem qualitativa, com base em exemplos considerados significativos dos mesmos resultados e na perspectiva da confirmação/inconfirmação das hipóteses avançadas no capítulo II.

3.3 A análise do discurso enquanto relacionamento de dois universos: o linguístico e o social

A nossa abordagem dos dois corpus fez-se através da análise do discurso, disciplina situada na intercepção da linguística com as ciências sociais, como refere Maingueneau.⁶³

⁶³ "(...) l'analyse du discours possède le privilège de se situer au point de contact entre la réflexion linguistique et les autres sciences humaines" MAINGUENEAU, 1976:3

Cabe aqui uma referência à noção, sempre questionável, de discurso. A nossa perspectiva do discurso não é a dos linguistas, que o analisam segundo a lógica própria da língua em que ele é produzido. Dominique Memmi refere que, segundo esta abordagem,

"tout se passe comme si l'on pensait que le discours n'est pas déterminé, ni gouverné par autre chose que lui-même, et surtout qu'il est lui-même la clé de son intelligibilité."

MEMMI, 1986:14

Para definirmos discurso, baseámo-nos na abordagem de Maingueneau, que confronta várias definições (Guespin, Charaudeau, Ducrot). Na perspectiva sociológica que assumimos, discurso será um enunciado considerado, por um lado, do ponto de vista das suas *condições sociais de produção* e, por outro, integrado numa *situação de comunicação específica*. É inevitável a confrontação, aliás quase consensual entre as correntes teóricas, entre *enunciado e discurso*. Enunciado será uma determinada sequência de frases, susceptível de ser inscrita numa língua, a qual constitui um sistema de signos limitado (MAINGUENEAU, 1976:11-16).

Baseámos também a nossa metodologia no percurso seguido por Dominique Memmi no seu estudo acerca de cartazes políticos⁶⁴. Um percurso que, tal como o nosso, se propunha elaborar uma análise textual para dela extrair proposições do âmbito da comunicação política ou da sociologia política.

Com o nosso trabalho, tencionamos relacionar os universos linguístico e social, sem a preocupação de estabelecer relações de causalidade entre ambos. Tal como para Maingueneau, para Dominique Memmi é neste pôr-em-relação que está o cerne da disciplina a que podemos chamar "análise do discurso".

Devemos ainda referir o carácter "difícil" da articulação entre a linguística e as outras ciências sociais⁶⁵. Além do "fechamento" das abordagens linguísticas, não existem técnicas científicas do âmbito da linguística que satisfaçam *a priori* as exigências das outras ciências sociais.

"Beaucoup de non-linguistes souhaiteraient que l'analyse du discours leur fournisse une technique "scientifique" qui leur permette d'obtenir des résultats formalisés, directement utilisables pour leurs interprétations extra-linguistiques. A supposer même que la linguistique atteigne dans ce domaine un niveau de rigueur

⁶⁴ MEMMI, 1986.

⁶⁵ "Certes, la linguistique est fort loin de penser de manière satisfaisante son articulation sur les autres pratiques scientifiques, fort loin de présenter partout rigueur et unité, mais l'analyse du discours semble n'être qu'un double dégradé et en aggraver les carences." MAINGUENEAU, 1976:3

plus satisfaisant, elle exigera plus que jamais une réflexion critique de la part de l'utilisateur, si ce dernier ne veut pas être victime des plus grandes naïvetés épistémologiques."

MAINGUENEAU, 1976:4

Isto significa para já que da nossa análise do discurso não devemos extrair conclusões de ordem política ou sociológica que escapem ao âmbito das representações sociais e do espaço simbólico. E implica o acompanhamento do processo de interpretação dos dados de um esforço redobrado de vigilância epistemológica, de crítica constante.

3.4 Recusa da explicação a favor da descrição

O trabalho de processamento e análise dos dados que levámos a cabo traduziu-se na identificação de relações entre os universos social e político e o universo linguístico. Nesse trabalho, a nossa preocupação não foi a de encontrar *relações de causalidade* entre aqueles e este. Procurámos sim identificar co-variações ou correlações entre estes universos.

Mais concretamente, procurámos saber em que medida é que, não só a variável Jornal ("Voz do Povo" ou "Portugal Socialista") como também as entidades intervenientes no jogo político, segundo o discurso destes jornais, estão relacionadas quantitativa e qualitativamente com as categorias de análise que escolhemos, tais como os sentimentos, a vitimização, a enfatização, a metáfora, a metonímia, a oposição binária ou a associação binária.

É também esta a perspectiva de Dominique Memmi na sua análise do discurso político:

"Le souci de mettre en rapport deux univers, certes considérés comme étroitement enchevêtrés, s'accompagne d'un refus ou d'une impuissance à proposer une hiérarchie les ordonnant, voir un rapport de causalité: on nous parle simplement de leur mise en relation, de leur covariation (Sapir, Fischman, Pottier, Bright)."

MEMMI, 1986:15

Procederemos assim a uma análise mais descritiva do que explicativa, preocupada em *pôr em relação*, em achar correlações, pouco preocupada com a *explicação*.

4. Enquadramento teórico dos procedimentos de constituição da grelha de análise, codificação e análise dos dados

4.1 Constituição de categorias de análise

A observação baseou-se numa grelha de análise construída a partir dos conceitos definidos já em termos operatórios no ponto 4. do capítulo II.

O resultado é um conjunto de categorias de análise que serão as unidades de registo a utilizar na recolha dos dados. Depois de efectuada esta recolha, estaremos perante um objecto de análise coerentemente enquadrado com o tema do nosso trabalho.

Eis as categorias de análise que utilizámos:

Categoria de análise	Código da c. a.	Alínea do Capítulo II onde se procede à definição operacional do conceito
C. a. relativas ao <i>apelo afectivo</i>		
- Sentimentos	as	4.3.5.1
- Ênfatização	ae	4.3.5.2
- Palavras de ordem	ap	4.3.5.3
- Vitimização	av	4.3.5.4
C. a. relativas aos procedimentos de simplificação		
- Oposições binárias	ob	4.3.4.1
- Associações binárias	te	4.3.4.2
- Rótulos de codificação	cr	4.3.4.3
C. a. relativas à <i>personificação</i>		
- Nomeação de pessoas	pn	4.3.6
C. a. relativas a <i>metáforas</i>		
- Metáforas	mf	4.3.2
C. a. relativas a <i>metonímias</i>		
- Metonímia "1ª pessoa plural"	tp	4.3.3.3
- Metonímia "código linguístico"	tt	4.3.3.4
- Metonímia "explicação histórica"	th	4.3.3.5
- Metonímia "entidades colectivas"	ti	4.3.3.6

4.1.1 Categorias de análise rejeitadas

A análise exaustiva de todos os aspectos da dramatização identificados ter-nos-ia levado a um trabalho de maior monta, que por razões de tempo não tivemos oportunidade de efectuar. A rejeição desses aspectos, decidida principalmente pelo factor tempo, obedeceu também a critérios que nos levaram a optar por outras categorias de análise e dos quais damos conta de seguida.

Enfatização gráfica

Na alínea 4.3.5.2.5 do capítulo II, referimo-nos à ênfase gráfica em termos críticos e operacionais. Embora tenhamos recolhido exaustivamente o texto a "bold" e em caixa alta dos dois corpus, optámos por não o incluir entre as categorias de análise a aprofundar, a favor de outros tipos de ênfase.

Reafirmamos, no entanto, que nos parece do maior interesse o desenvolvimento de um estudo da dramatização na imprensa sob o ponto de vista gráfico. Além da "ênfase gráfica" referida, esse estudo passaria também pela análise dos títulos, das fotografias, da área de texto e da posição da notícia nas páginas do jornal.

Identificação de estruturas narrativas dramáticas

A identificação de estruturas narrativas dramáticas - ou de outro tipo - teria envolvido um outro tipo de conceptualização do objecto de estudo e uma outra selecção de técnicas de análise. Pensamos, nomeadamente, que a análise estrutural definida por Jean-Pierre Hièrnaux nos permitiria desenvolver este tipo de trabalho, recorrendo à notícia como unidade de análise.

O quadro conceptual definido por Greimas em relação à narrativa adapta-se na nossa perspectiva ao campo do jornalismo, e mormente ao das notícias que, segundo Nelson Traquina, se constituem como narrativas⁶⁶. A leitura do corpus passaria então por conceitos formais definidos por Greimas, como os de narratário, 1º actante, 2º actante ou actor.

Desfecho

O desfecho, tal como o definimos na alínea 4.3.7 do capítulo II, é mais um elemento característico do drama e da sua estrutura narrativa. Acabámos por não o incluir na análise por obedecer - tal como a identificação de estruturas narrativas dramáticas - a um tipo de operacionalização diferente do adoptado.

⁶⁶ TRAQUINA, 1988.

4.2 Decomposição das categorias de análise em variáveis

As categorias de análise escolhidas têm todas elas propriedades traduzíveis em variáveis. Procedemos à subdivisão das categorias em variáveis, uma vez que este procedimento valoriza a interpretação dos dados e as conclusões duma forma inestimável, nomeadamente ao viabilizar a aplicação de técnicas de análise quantitativa.

Assim, o sentido de cada ocorrência passa a ser dado pela relação entre as variáveis que constituem a respectiva categoria de análise.

Dois exemplos:

Na categoria de análise *Sentimentos* podíamos não nos limitar a considerar as variáveis *sentimento* e *jornal*, mas considerar também o *sujeito* do sentimento e o seu *objecto ou causa*. Assim fizemos, e captámos para cada sentimento, os respectivos sujeito e objecto/causa.

Na categoria *Metáfora* considerámos duas variáveis além da variável *jornal* que permitirá a comparação dos dois jornais: o *tipo de metáfora* e a *entidade metaforizada*. Nos casos em que mais do que uma entidade faz parte da metáfora teremos que recorrer à análise qualitativa dos dados primários.

Eis o conjunto de variáveis que definimos para as categorias de análise:

Categoria de análise	Variáveis
Enfatização (ae)	<i>Jornal</i> <i>Topos da ênfatização</i>
Vitimização (av)	<i>Jornal</i> <i>Vítima</i> <i>Tipo de agressão</i> <i>Agressor</i>
Sentimentos (as)	<i>Jornal</i> <i>Sujeito</i> <i>Sentimento</i> <i>Objecto/causa</i>
Palavras de ordem (ap)	<i>Jornal</i> <i>Tipo de frase</i> <i>Ação reivindicada</i> <i>Entidade visada</i>
Rótulos de codificação (cr)	<i>Jornal</i> <i>Entidade codificada</i>
Nomeação de pessoas (pn)	<i>Jornal</i> <i>Pessoa nomeada</i> <i>Valoração da nomeação</i>
Oposições binárias (ob)	<i>Jornal</i> <i>Entidade A</i> <i>Entidade B</i>
Associações binárias (te)	<i>Jornal</i> <i>Entidade A</i> <i>Entidade B</i>
Metáforas (mf)	<i>Jornal</i> <i>Tipo de metáfora</i>

	<i>Entidade metaforizada</i>
Metonímia entidades colectivas (ti)	<i>Jornal</i> <i>Entidade particular</i> <i>Entidade colectiva</i>
Metonímia explicação histórica (th)	<i>Jornal</i> <i>Facto noticiado</i> <i>Tipo de explicação</i>
Metonímia código linguístico (tt)	<i>Jornal</i> <i>Expressão usada</i>
Metonímia Nós (tp)	<i>Jornal</i> <i>Sujeito "nós"</i>

Desta decomposição resultou a constituição de tabelas, uma para cada categoria de análise, em que as colunas constituem as variáveis e as linhas as ocorrências. São estas tabelas (apresentadas no Anexo IV) e já não a totalidade do corpus, que constituem o principal objecto de análise.

4.3 *Agregação dos dados em modalidades*

Levámos a cabo um longo processo de categorização baseado nas cerca de 6500 ocorrências extraídas das várias situações correspondentes às categorias de análise. Foi um processo de normalização no qual procurámos reduzir a mole de intervenientes nas notícias a um número de modalidades que se pudessem constituir como entidades analisáveis em função das várias categorias de análise, porque comuns a todas elas.

4.3.1 **Perder informação para ganhar validade estatística e viabilizar a análise**

A agregação permitiu conferir a validade estatística também indispensável à análise, ao reunir as entidades em modalidades com um peso estatístico aceitável. Os procedimentos de análise quantitativa que levámos a cabo, como a análise factorial, obrigavam a esta reorganização dos dados sob pena de se tornarem estéreis, uma vez que a maior parte das entidades resultantes da recolha directa, pela sua especificidade, tinha inicialmente um peso ínfimo.

A própria comparabilidade dos dois jornais implicava a constituição de modalidades que assumissem um peso estatístico que validasse a comparação.

A fase final do processo de agregação foi a constituição de um conjunto de entidades comum a todas as categorias.

O reverso da medalha deste processo indispensável é, como é sabido, a perda de informação relativa à especificidade dos casos que foram agregados em modalidades mais genéricas.

Existe também um trabalho de análise qualitativa dos dados centrada no material em bruto, ou nos dados primários, que não se compadece apenas com a agregação das modalidades por o seu sentido ser indissociável da especificidade de cada ocorrência. Certas categorias de análise estão mais dependentes da análise qualitativa directa.

São os casos dos rótulos e das metáforas.

Os rótulos são nomes muito particulares que se ligam a entidades particulares e que perderiam por completo o seu sentido se fossem sujeitos a um processo de agregação. Se o fizéssemos não estaríamos perante uma mera perda de informação como um mal necessário: estaríamos a ferir de morte o instrumento central para a descodificação da visão do mundo do jornal, que é o rótulo, ao atribuir a entidades agregadas rótulos que o jornal de facto não lhes aplicou.

O sentido das metáforas também muito dificilmente é reduzível a variáveis como o "tipo de metáfora" ou a "entidade central" focada na metáfora. Há metáforas complexas e longas, que envolvem várias personagens. Uma análise das metáforas envolve necessariamente a leitura das ocorrências em profundidade, caso a caso, mais do que uma leitura de conjunto baseada em agregações.

Em casos como os rótulos e as metáforas, optámos por proceder à agregação, acrescentando a variável "entidade", tal como nas outras categorias de análise (o que permitirá alimentar a "lista de modalidades agregadas" e enriquecer a análise das entidades), mas centrando a atenção na ocorrência em bruto.

Aliás, sublinhe-se que os processos de decomposição das categorias de análise em variáveis e a agregação dos dados num número mais reduzido de modalidades não significou que tenhamos perdido de vista os dados primários. Embora as análises quantitativas deixem de se basear neles, manteremos essa forma primária disponível como base para as abordagens qualitativas, para as quais a especificidade dos casos concretos é importante. Ignorar os dados primários a partir daqui, seria de certo modo perder o contacto com a própria realidade.

4.3.2 A lista de modalidades agregadas

A "lista de modalidades agregadas" (ver Anexo III) permite reunir numa só listagem os intervenientes das notícias identificados em todas as ocorrências, para todas as categorias de análise. Por razões a que nos referiremos no ponto 4. - nomeadamente o imperativo de não influenciar a própria recolha de dados e a

subsequente leitura -, não foi pré-definida uma grelha na qual coubessem todos os intervenientes nas notícias. A compilação dos intervenientes das notícias foi sendo feita à medida da observação. Só no final se agregaram estes intervenientes em modalidades.

Em todas as ocorrências de todas as categorias de análise são identificados intervenientes.

A tabela a3-1 do Anexo III mostra quais são, do ponto de vista formal, esses intervenientes para cada categoria. Mostra também, na última coluna, elementos centrais da recolha efectuada que no entanto não são actores sociais, ou não são como tal considerados.

Algumas categorias de análise não foram incluídas na lista de modalidades agregadas, devido à natureza dos respectivos dados. É o caso da ênfase. De facto, os valores que assume a variável que procurámos analisar neste caso, o "topos da ênfase", são tão díspares daqueles que constituem a lista de modalidades agregadas, que optámos por não incluir esta categoria de análise na lista.

A exclusão da ênfase desta lista não impede, evidentemente, uma análise detalhada da categoria de análise. Pode sim provocar dificuldades na análise das entidades em função das várias categorias, na medida em que as modalidades da ênfase não coincidem com as modalidades que integram a lista comum.

4.4 Acerca da agregação das ocorrências em modalidades

Agregar ou tipificar as ocorrências das categorias de análise põe um problema imediato, que se prende com o carácter artificial do acto da tipificação em modalidades. Tipificar significa também delimitar fronteiras e escolher critérios de (di)visão. A pertinência que se possa evocar para a escolha dos critérios e dos limites que se impõem ao material não afasta completamente o carácter discricionário - ou *mágico* - do acto⁶⁷. Mas será possível "ser fiel" ao material de análise? Provavelmente não, ou não fosse o processo científico um processo de desconstrução e construção sempre fundado em objectos teóricos e metodológicos exteriores a esse material.

Em todo o caso, evitámos uma tipificação *a priori* das ocorrências. Quer dizer, construímos os tipos de ocorrências de uma determinada categoria à medida que as fomos observando, no que podemos chamar uma tipificação *a posteriori*. Se definíssemos os tipos *a priori*, estaríamos a provocar uma leitura

⁶⁷ BOURDIEU, 1984.

do material sem que o tivéssemos ainda observado. O exemplo da "luta de classes" é bom para ilustrar esta situação. Poderíamos ser tentados, face ao foco mais ou menos evidente da "Voz do Povo" sobre esse tema, a tipificar *a priori* as ocorrências de uma categoria de análise em modalidades que abrangessem um leque de situações típicas da luta de classes. A observação limitar-se-ia então a arrumar cada ocorrência na modalidade apropriada, ou mais apropriada. Só que com este procedimento estaríamos a provocar uma leitura particular - neste caso, a leitura do discurso da "Voz do Povo" como uma encenação da luta de classes. E então a única incerteza da observação seria quantitativa, isto é, quantas ocorrências teríamos para cada tipo.

Tipificando a posteriori, é a quantidade de ocorrências dum mesmo tipo a determinar a inclusão desse tipo (modalidade) no processo analítico. Em vez de uma grelha de modalidades sistemática e exaustiva, abrangendo todas as situações possíveis e em que cada tipo é exclusivo, obtivemos um conjunto de tipos heterogéneo, tanto em termos de forma como de conteúdo, caótico ou dotado de sentidos integradores. Parece-nos que este resultado é mais respeitador do material, permitindo-nos uma análise menos sujeita a enviesamentos.

4.5 A questão da dimensão dos dois corpus

4.5.1 O rácio de correcção das frequências absolutas

Se tencionamos fazer uma análise comparativa dos dois jornais e nos vamos basear em frequências absolutas de ocorrências de metáforas, metonímias, sentimentos, oposições, etc., precisamos de fazer equivaler a dimensão dos dois corpus, dado que o corpus da "Voz do Povo" tem 72.489 palavras e o do "Portugal Socialista" tem apenas 51.396 palavras.

O seguinte exemplo (fictício) mostra a necessidade de proceder à correcção: havendo na "Voz do Povo" 10 ocorrências de "ênfatisação da dimensão de uma manifestação" e no "Portugal Socialista" apenas 9, não devemos concluir que a "Voz do Povo" ênfatisa a dimensão de manifestações mais do que o "Portugal Socialista", uma vez que, sendo o corpus do "Portugal Socialista" mais pequeno, as 9 ocorrências do "Portugal Socialista" são mais importantes no respectivo corpus do que as 10 ocorrências na "Voz do Povo".

Optamos então por corrigir os valores absolutos do "Portugal Socialista" para efeitos de comparação, multiplicando-os pelo rácio entre o número de palavras da "Voz do Povo" e o N° de palavras do jornal do "Portugal

Socialista"; isto permite igualar os corpus dos dois jornais. O rácio que se obtém dividindo 72.489 por 51.396 é de **1,4104**.

A escolha do parâmetro *nº de palavras* para igualar a dimensão dos dois corpus envolveu a rejeição dos outros dois critérios ao nosso dispor: o *nº de caracteres* e o *nº de notícias*. Estes critérios afiguraram-se-nos equívocos.

No caso do *nº de caracteres* havia a hipótese, embora remota, de diferenças estilísticas ou lexicais próprias de cada jornal afectarem o parâmetro *nº de caracteres*.

A escolha do critério *nº de notícias* constituiria a nosso ver um erro técnico de análise de conteúdo, uma vez que, sendo as nossas unidades de registo - que permitem medir as categorias de análise que definimos - unidades de sentido e não notícias, estaríamos com ele a adulterar a verdadeira dimensão do corpus.

4.5.2 O recurso às frequências relativas

Para efeitos de comparação, podemos recorrer também às frequências relativas. Este procedimento torna os dois corpus automaticamente comparáveis, permitindo prescindir da multiplicação dos valores absolutos do "Portugal Socialista" por 1,4104.

Mas ele tem também um inconveniente importante, que consiste na perda do valor absoluto, do peso quantitativo absoluto - um dado a considerar impreterivelmente, até por estarmos a lidar com frequências por vezes baixas e de fraco valor estatístico.

4.6 Dois tipos de análise dos dados

A estrutura dos dados recolhidos (ver anexos II e III) viabiliza dois tipos de análise, que procurarão confirmar ou infirmar dois tipos de hipóteses diferentes previamente definidas.

Por um lado, uma análise baseada ou centrada nas entidades intervenientes nas notícias (que consideraremos como *personagens* ou *dramatis personae*) e não nas categorias de análise. Esta análise conduz-nos ao lugar, ao estatuto e às funções que essas personagens ocupam no espaço simbólico produzido e estruturado pelo discurso do jornal. Poderemos analisar entidades como o PCP, a UDP, a direita, o anterior regime, o povo, a burguesia, a luta laboral dos trabalhadores, etc., medindo e avaliando o seu comportamento em cada categoria. É o mesmo que dizer que este tipo de análise conduzir-nos-á à *visão do mundo* do jornal enquanto estrutura de representações e, dada a natureza das categorias de análise, enquanto *encenação da realidade*. Estamos então a ir ao

encontro de hipóteses como: qual é a visão do mundo por que luta o jornal no espaço simbólico?

Por outro lado, uma análise do comportamento das categorias que definimos como indicadores de dramatização, baseada essencialmente na comparação dos dois jornais, permitindo-nos responder a perguntas centrais como: quais são as características do discurso dramático da "Voz do Povo"? Que funções desempenha esse discurso?

4.7 *Análise factorial das correspondências*

A decomposição das categorias de análise em variáveis permitiu-nos levar a cabo a análise factorial das correspondências, que procura detectar os factores determinantes da variação das modalidades; factores que uma mera observação de tabelas cruzadas não permite descortinar.

A análise factorial permite também identificar, através do cruzamento dos vários eixos factoriais, grupos de modalidades que formem conjuntos de relações entre as variáveis coerentes com a problemática definida.

Procedemos à codificação dos dados e à elaboração dos eixos através de uma aplicação informática de análise factorial, das seguintes categorias de análise: sentimentos, vitimização, metáforas, nomeações, rótulos de codificação e metonímia entre entidades individuais e colectivas.

Infelizmente, constatámos que, para várias dessas categorias de análise, vários problemas dificultavam a eficácia da análise factorial.

Em certos casos, como os sentimentos e as metáforas, a análise factorial, como método quantitativo baseado exclusivamente nas variáveis definidas, não capta o contexto em que a ocorrência se produz, o que ao nível dos eixos provoca distorções consideráveis e situações virtualmente impossíveis de interpretar.

Também o facto de estarmos perante somente duas - nalguns casos três - variáveis, cada uma delas com um número muito elevado de modalidades (em certos casos superior à centena) retira eficácia à análise factorial, se comparada por exemplo com a elaboração de tabelas cruzadas, que acabam por captar a totalidade das ocorrências e dos sentidos. A eficácia da análise factorial das correspondências múltiplas reside em captar o sentido cruzado de muitas (não apenas duas ou três) variáveis, através de factores que expliquem a sua co-variação. Nestas condições, acabámos por nos decidir por tabelas cruzadas em casos como os sentimentos ou as metáforas.

Em dois casos, contudo, a análise factorial resultou de uma forma que nos pareceu bastante pertinente, o que se deveu sem dúvida ao tipo de dados das respectivas categorias de análise, claramente identificáveis com situações e grupos de entidades padronizados, pouco sujeitos a distorções resultantes do contexto. Foram os casos da vitimização e das nomeações.

Quanto à vitimização, indicador de apelo afectivo, baseámos a sua análise na análise factorial das correspondências múltiplas. Relativamente às nomeações, limitações de tempo acabaram por nos levar a rejeitar o desenvolvimento da análise dos planos factoriais, levando-nos a enveredar pela análise de tabelas cruzadas.

5. Recolha e processamento informático dos dados

1.1 *Digitalização das notícias*

Apesar de o estado de conservação dos jornais "Voz do Povo" e "Portugal Socialista" que obtivemos (no Centro de Documentação 25 de Abril da Universidade de Coimbra e na Hemeroteca de Lisboa) não ser o melhor, conseguimos digitalizar a totalidade dos dois corpus. A digitalização permitiu todo um tratamento informático das unidades de análise, que nos poupou certamente meses de trabalho de dactilografia.

1.2 *Programas informáticos criados para a recolha e processamento dos dados*

A recolha foi feita através da marcação de todos os trechos do corpus que se constituíssem como unidades de sentido correspondentes às categorias de análise. Esta marcação fez-se através da função "bookmarks" do processador de texto usado para digitalizar o corpus, o Microsoft Word 6.0. O texto de todas as ocorrências ficou assim guardado em "bookmarks".

Posteriormente, desenvolveram-se alguns programas, na linguagem Word Basic, que permitiram criar e numerar listas de ocorrências para as tabelas cruzadas, efectuar contagens, substituir frases pelos códigos necessários criando assim os ficheiros de dados necessários à análise factorial das correspondências.

Sem estes procedimentos estamos convencidos de que não teria sido possível processar um número tão elevado de unidades de análise (6221), todas elas sob diversas formas: na criação das primeiras tabelas, na agregação em modalidades e na preparação dos dados para diversos tipos de análise.

No Anexo II apresentamos alguns desses programas informáticos desenvolvidos.

IV

ANÁLISE DOS DADOS

1. Rótulos de codificação

1.1 *Uma dificuldade para a análise comparativa*

Mais do que outras categorias de análise, o rótulo de codificação coloca-nos a dificuldade no desenvolvimento de uma análise comparativa dos dois jornais, a que nos referimos anteriormente¹: a desigual distância das duas visões do mundo em relação àquela que prevaleceu até hoje, pesando mais nas próprias categorias com que a ciência se apropria do real.

A "Voz do Povo" apresenta um sistema semiológico cuja identificação é relativamente fácil, por duas razões.

Em primeiro lugar, porque esse sistema de signos se constitui como uma codificação do real profundamente diferente das codificações elaboradas pelo "senso comum", e pelo próprio discurso científico - O campo da investigação científica desenvolveu-se e consolidou-se a partir das categorias de apropriação do real que sobreviveram ao conflito simbólico do Portugal pós-revolucionário, que são em larga medida aquelas que o "Portugal Socialista" usou, e não certamente as utilizadas pela "Voz do Povo".

Em segundo lugar, porque a concretização no discurso deste sistema de signos faz uso de figuras de estilo que o tornam dramático, e logo, também pela via formal, diferente do comum.

A situação é provocada pela clivagem entre o radicalismo do discurso da "Voz do Povo" e a relativa moderação do discurso do "Portugal Socialista", que derivam da posição ideológica e da função política de UDP e PS. À nitidez com que se apresentam os rótulos de codificação da "Voz do Povo" contrapõe-se uma opacidade dos do jornal do "Portugal Socialista", quer no que se refere aos signos em si, quer no que se refere às formas paradigmáticas em que eles são inseridos. Ora nós assumimos desde já que esta "nitidez" e esta "opacidade" de que falamos não derivam de propriedades do objecto isoladamente, sendo antes expressão do ângulo de visão que nós próprios temos, do campo da investigação científica. De facto, as categorias com que nos apropriamos da realidade portuguesa da época são em muitos e importantes casos coincidentes com as categorias usadas pelo "Portugal Socialista".

Esta dificuldade, que assumimos, leva-nos a repor a questão da distância em relação ao objecto de estudo e a ter que lidar permanentemente com ela durante a análise.

¹ Ver a alínea 2.2 do capítulo III.

1.2 *Análise dos rótulos de codificação*

A especificidade do sentido de cada rótulo levou-nos a não agregar as modalidades da variável *rótulo aplicado* (ver tabelas cr-4 e cr-5 do Anexo IV), opção que, por um lado, nos coloca problemas em perspectivas analíticas de conjunto baseadas em contagens, mas que, por outro, nos assegura um acesso aos dados "intactos", possibilitando uma captação do seu sentido em profundidade.

A tabela cr-1 revela este problema na "média de ocorrências por forma de rótulo", que é relativamente baixa. A agregação dos rótulos aplicados teria tornado este valor substancialmente mais alto.

Tabela cr-1

Tabela comparativa dos totais de rótulos de codificação nos dois jornais

	VP	PS	PS corr. (x1,4104)
Nº ocorrências de rótulos	715	244	344
Nº entidades rotuladas	86	59	83
Média de ocorrências de rótulos por entidade	8,31	4,14	4,14
Nº de formas de rótulos*	363	184	260
Média de ocorrências por forma de rótulo	1,97	1,32	1,32

* Considera-se o rótulo na sua relação com a entidade; assim, por exemplo, o rótulo "lacaio da burguesia" aplicado a *Elementos do PCP* é uma forma diferente de "lacaio da burguesia" aplicado a *Sindicatos ou sindicalistas*.

1.3 *"Voz do Povo": importância decisiva dos rótulos*

A tabela cr-1 leva-nos, através de vários indícios, a pôr seriamente a hipótese de que os rótulos de codificação assumem uma grande importância na definição da visão do mundo da "Voz do Povo", por comparação com o "Portugal Socialista", mas também em termos absolutos: de facto, constatamos que certas entidades, como o *PCP* ou a *Intersindical*, são apresentadas no corpus da "Voz do Povo" exclusivamente através de rótulos.

O total de ocorrências de rótulos na "Voz do Povo", 715, é sensivelmente duas vezes (2,08 vezes) superior ao total do "Portugal Socialista", já considerando o valor deste jornal corrigido em função da dimensão do corpus: 344 ocorrências (244 ocorrências * 1,4104). É uma discrepância muito grande, que procuraremos interpretar.

Para começar, constatamos que a discrepância não se reflecte ao nível do número de entidades: corrigindo os valores à dimensão do corpus, o "Portugal Socialista" usa 83 entidades (para 86 da "Voz do Povo"). Reflecte-se sim em duas medidas mais interessantes:

a) O número médio de codificações por entidade rotulada

Este valor é também duas vezes maior na "Voz do Povo" do que no "Portugal Socialista". Cada uma das 86 entidades rotuladas pela "Voz do Povo" é rotulada em média 8 vezes. Esta média é de 4 para as 59 entidades rotuladas pelo "Portugal Socialista". Aqui sim, podemos falar de maior "importância" do rótulo na "Voz do Povo", uma vez que a construção simbólica das entidades recorre com o dobro da frequência ao rótulo.

b) Número médio de diferentes rótulos ("formas de rótulos") aplicados a cada entidade

Este valor também é mais alto no jornal afecto à UDP (1,97 contra 1,32), significando que, na "Voz do Povo", um determinado rótulo é aplicado a uma determinada entidade mais vezes do que no jornal do PS. Admitindo que a recorrência ou a regularidade de aplicação de um rótulo é importante na construção simbólica de um actor social, porque participam mais nela, este valor reforça a nossa ideia da maior importância da que a codificação tem para a construção da visão do mundo da "Voz do Povo".

Tabela cr-2

Entidades codificadas pela "Voz do Povo"

Entidade	Ocorr.	Percent.
PCP ou elem.	191	26,71%
sindicatos ou sindicalistas	51	7,13%
direita ou for. ou elem.	27	3,78%
extrema-esquerda ou for. ou elem.	24	3,36%
UDP ou elem.	24	3,36%
Intersindical ou elem.	22	3,08%
trabalhadores	22	3,08%
trabalhadores que não participam na luta	19	2,66%
patrões ou empresários	18	2,52%
povo	17	2,38%
conciliação entre as classes	15	2,10%
PCP ou elem., ac.	14	1,96%
chefes	12	1,68%
partidos da coligação governamental	12	1,68%
encarregados	11	1,54%

IV - ANÁLISE DOS DADOS

luta laboral de trabalhadores ou ac.	10	1,40%
MRPP ou elem.	10	1,40%
órgãos de comunicação social	10	1,40%
soldados	10	1,40%
trabalhadores que colaboram com patrões	10	1,40%
EUA ou norte-americanos ou ac.	9	1,26%
PIDE ou elem.	9	1,26%
PCP, ideo.	8	1,12%
sindicatos de uma só classe	8	1,12%
sindicatos ou sindicalistas, ac.	8	1,12%
CDS ou elem.	7	0,98%
PS ou elem.	6	0,84%
extrema-direita ou for. ou elem.	5	0,70%
lei ou tribunais	5	0,70%
MDP/CDE ou elem. ou ac.	5	0,70%
MES ou elem.	5	0,70%
técnicos, quadros ou liberais	5	0,70%
trabalhadores combativos	5	0,70%
eleições	4	0,56%
forças policiais ou elem.	4	0,56%
governo ou elem.	4	0,56%
Igreja ou elem. ou ac.	4	0,56%
regime político vigente	4	0,56%
sentimento de revolta dos trabalhadores	4	0,56%
corrupção	3	0,42%
intermediários	3	0,42%
JC ou elem.	3	0,42%
latifundiários, rendeiros, propr. de terras	3	0,42%
luta política revolucionária ou ac.	3	0,42%
luta, acções erradas	3	0,42%
órgãos de soberania	3	0,42%
UDP, ideo.	3	0,42%
UEC ou elem.	3	0,42%
URSS	3	0,42%
violência, ac.	3	0,42%
...	-	-
Total	715	100,00%

* excluídas desta tabela as entidades rotuladas apenas uma ou duas vezes; uma lista completa encontra-se na tabela cr-4 do Anexo IV.

1.3.1 PCP e aliados

1.3.1.1 A centralidade do PCP

Iniciamos a leitura da tabela cr-1 pela sua revelação mais gritante: a "Voz do Povo" codifica o **PCP** ou **elementos do PCP** muito mais do que qualquer outra entidade. Uma só entidade, entre 85, capta **191** (26,7%) das 715

ocorrências. Se ao **PCP ou elementos do PCP** juntarmos as entidades estreitamente ligadas ao partido - a **ideologia do PCP**, as **acções do PCP**, a **UEC ou elementos da UEC** e suas **acções**, os **sindicatos ou sindicalistas**, (dos quais a quase totalidade são apresentados como ligados à Intersindical e ao PCP), as **acções de sindicatos ou sindicalistas** e a **Intersindical** -, obtemos um total de 302 ocorrências. Ou seja, das 715 entidades codificadas, 42,2% referem-se ao PCP ou a entidades estreitamente ligadas ao partido.

Retenhamos então o primeiro contributo da análise dos rótulos: a centralidade do PCP, aspecto que complementaremos com a análise das restantes categorias.

Para interpretar estes dados, relembremos o conceito de codificação que formulámos: um rótulo destinado a fornecer ao leitor uma leitura sintética e clara dos actores do jogo político e social, num acto de simplificação necessário à obtenção do efeito dramático.

Neste contexto, podemos inferir que, em relação aos rótulos de codificação, o PCP está no centro do palco, é o actor principal, aquele que é mais vezes chamado à cena - sendo o seu papel no jogo político, a sua ideologia, os seus métodos, todos revestidos de um valor negativo.

1.3.1.2 Ideia de falsidade e dicotomia falsos comunistas / verdadeiros comunistas

O rótulo de codificação mais utilizado para designar o PCP é o de *revisionistas ou partido revisionista*, com 66 ocorrências (34,5%). É um nome que procura realçar o carácter falso do comunismo defendido pelo PCP, ao associá-lo à corrente revisionista do marxismo.

A falsidade do comunismo do PCP é decididamente o tema mais focado nos rótulos respectivos, se pensarmos que, além do nome referido, tem uma expressão mais explícita noutros nomes usados.

Primeiro que tudo, a designação de *P"C"P* (31 oc. - 16,3%), onde o C entre aspas transmite a ideia de falsidade dum modo irónico. Encontramos outros rótulos que dão explicitamente a ideia de falsidade: *falsos comunistas* (9 - 4,7%), *falsos amigos do povo* (5 - 2,6%), *falso Partido Comunista* (4 - 2%), *falsos antifascistas* (2 - 1%) e *falsos democratas* (1 - 0,5%).

Em conjunto, e incluindo nela o rótulo *revisionistas*, temos a ideia de falsidade ou "falsos comunistas" em 118 (61,8%) dos rótulos aplicados ao *PCP ou elementos*. Seguramente é a valoração mais importante na definição da entidade PCP por parte da "Voz do Povo". Com ela, está-se também, por via

implícita, a dar visibilidade à ideia de "verdadeiros comunistas", rótulo que é aplicado à UDP e à sua linha política.

1.3.1.3 Ideia de conspurcamento e dicotomia sujidade / limpeza ou pureza

Na prática de envolver em aspas o nome "comunista" no nome *P" C" P* (31 oc. - 16,3%) - prática aliás seguida pelo jornal relativamente a outros nomes como "socialista" - está subjacente a preocupação de "não conspurcar" o nome do comunismo, indício de uma dicotomia querida à "Voz do Povo" e ao próprio discurso marxista: a dicotomia limpeza ou pureza/sujidade. Trataremos de desenvolver a análise deste tema relativamente a outras categorias de análise.

1.3.1.4 Associação do PCP a Álvaro Cunhal

Depois da *falsidade*, a ideia mais associada ao PCP pelos rótulos é o nome do seu líder, Álvaro Cunhal, com 44 ocorrências (23,04%). A análise das nomeações mostra-nos que Cunhal é a pessoa mais nomeada do corpus da "Voz do Povo". Ao contrário do que acontece com a *falsidade*, o nome *Cunhal* encontra-se disperso por uma grande quantidade de formas. 17 formas, que a seguir apresentamos (os rótulos cuja frequência não surge entre parêntesis têm uma só ocorrência):

Adeptos de Cunhal, agentes do ministro Cunhal (2 - 1,1%), apaniguados de Cunhal, burguesia cunhalista, camarilha revisionista de Cunhal, contra-revolucionário cunhalista, corja revisionista comandada por Cunhal, Cunhal & Ca., cunhalistas (11 - 5,8%), partidários de Cunhal (4 - 2,1%), Partido Cunhalista Português, partido de Cunhal (13 - 6,8%), partido do Cunhal, partido do Dr. Cunhal (2 - 1,1%), partido do ministro Cunhal, partido traidor de Cunhal, renegados cunhalistas.

O objectivo central da designação do PCP através de Cunhal parece-nos ser a dissociação entre PCP e proletariado, a alegação implícita de que o PCP não é o partido do proletariado, mas o partido de Álvaro Cunhal. Álvaro Cunhal que não deixa de ser apresentado como um representante da burguesia nos rótulos *Cunhal e Ca., partido do Dr. Cunhal, burguesia cunhalista e partido do ministro Cunhal*.

Podemos completar a representação do PCP pela "Voz do Povo" com a ideia de *partido burguês*, que surge em 6 ocorrências (3,1%).

Relativamente à modalidade que agregámos como **ideologia do partido**, com 8 ocorrências (1,1%) é também a ideia de *revisionista* que prevalece ao

surgir em cinco das ocorrências como adjetivo de *estrada* (2 oc.), *linha sindical*, *argumentos* e *concepção*.

1.3.1.5 Social-fascismo dos métodos de actuação

O rótulo social-fascista é pouco aplicado ao partido em si (7 - 3,7%), o mesmo já não se podendo dizer em relação às acções do partido. A entidade **acções do PCP ou de elementos do PCP** revela-nos que 42,9% (6 oc.) dos 14 rótulos recorrem ao nome *social-fascista*. Uma associação claramente corroborada pelas definições avançadas ao longo do corpus para *social-fascismo*:

- "socialismo de fachada, métodos fascistas e terroristas na prática." (3307sf)
- "SOCIAL-FASCISMO (defesa dos trabalhadores nas palavras, mas fascistas nos actos.)" (4304lp)

A parcela *fascista* do termo *social-fascista* advém do carácter violento das acções do PCP. De facto, as acções ou métodos de acção do PCP incluídas nas notícias da "Voz do Povo" são acções violentas alegadamente protagonizadas por membros do PCP ou da UEC, apontada uma vez como a *tropa de choque* do PCP (notícia 3306af). Estas acções têm lugar geralmente em assembleias de trabalhadores. Os termos *métodos fascistas* e *métodos terroristas* surgem respectivamente uma (7,1%) e duas (14,2%) vezes.

A designação "métodos social-fascistas de brutalidade sobre as massas trabalhadoras" (3706ld_) exemplifica bem esta situação.

Também a política do PCP é referida, numa única ocorrência, como *política social-fascista*, uma modalidade que agregámos em *ideologia do PCP*.

1.3.1.6 MDP/CDE: extensão do PCP

O **MDP/CDE ou elementos** recebe 5 codificações, nas quais se representa este aliado do PCP como uma sua "extensão". Tal como no caso do PCP, é a falsidade que marca a codificação do MDP/CDE. Além de *agente do partido de Cunhal* (2 oc.), os rótulos '*democratas*' (com as aspas) (2 oc.) e *M'D'P* (1 oc.) acentuam o carácter falso do partido, ao denunciarem a falsidade da designação "democrático" integrante do seu nome.

1.3.1.7 PCP: resumo

Em resumo, o PCP, entidade mais codificada da "Voz do Povo" a uma grande distância de qualquer outro rótulo, quer deste jornal quer do "Portugal

Socialista", é representado como um partido *revisionista*, de um comunismo *falso*, o *partido de Cunhal* e não dos trabalhadores, portanto *burguês*, pautando-se por *métodos social-fascistas* de actuação, isto é, uma actuação brutal e violenta contra os trabalhadores.

1.3.2 O campo sindical

1.3.2.1 Importância da luta sindical na "Voz do Povo"

Se juntarmos as modalidades **sindicatos ou sindicalistas** (51 oc.) e **Intersindical** (22 oc.), **acções de sindicatos ou sindicalistas** (8 oc.), **conciliação entre as classes** (13 oc. referentes a sindicatos) e **sindicatos de uma só classe** (8 oc.), obtemos um total de 102 ocorrências, o que significa 14,3% de todos os rótulos aplicados pela "Voz do Povo". É um número de codificações muito significativo, se comparado com o número de codificações relativas a outros campos da luta política, como por exemplo a luta contra a *direita* ou contra o *governo*, ou se comparado com o peso da codificação dos sindicatos no "Portugal Socialista".

Podemos confirmar esta situação na tabela a1-3 do Anexo I, que se refere à distribuição temática das notícias. 20 notícias, das 162 da "Voz do Povo", (12,4%) baseiam-se na *vida sindical*, ao passo que apenas 3 notícias das 161 do "Portugal Socialista" (1,9%) se baseiam neste tema.

O campo sindical é uma das principais frentes de luta da UDP, por estar ligado a uma das categorias socio-profissionais mais propensas à penetração da extrema-esquerda: o proletariado industrial e os trabalhadores rurais. Por outro lado, é talvez um dos campos sociais em que a influência do PCP mais se faz sentir. Gera-se deste modo um intenso conflito sindical com o PCP, que poderá explicar, não só a incidência do discurso do jornal neste campo e o elevadíssimo número de rótulos, como o facto de 42 dos 51 rótulos sobre *sindicatos ou sindicalistas* se referirem a entidades ligadas ao PCP ou à Intersindical.

1.3.2.2 Várias faces da mesma moeda: *traição*

Um dos rótulos mais usados é mais uma vez o de *revisionistas* (7 oc. - 13,7%). No entanto, a ideia de falsidade está aqui mais ligada à de *traição*. No campo sindical joga-se a luta laboral, leia-se a luta de classes, pelo que os sindicatos ligados a uma central sindical e a um partido que faz parte do

Governo são considerados traidores, e associados ao "inimigo de classe", a burguesia.

Os rótulos aplicados aos *sindicatos ou sindicalistas* definem dois "níveis" de traição:

- A traição implícita no acto de não participar em acções de luta, em 10 (19,6%) codificações, nos rótulos *amarelos* (7 - 13,7%), *burocratas amarelos* (1 - 2,0%) e *fura-greves* (2 - 3,92%).

- A traição inerente à pertença desses sindicatos ou sindicalistas ao "inimigo de classe", em 13 (25,5%) codificações, através dos rótulos: *lacaio dos patrões ou empresários* (3 - 5,9%), *lacaio da burguesia* (2 - 3,9%), *traidores à classe* (2 - 3,9%), *apêndices do aparelho burguês* (1 - 2,0%), *direcção burguesa* (1 - 2,0%), *direcção rafeira* (1 - 2,0%), *direcção traidora de conciliação* (1 - 2,0%), *doutores bem falantes* (1 - 2,0%) e *doutores falsos amigos do povo* (1 - 2,0%).

De referir também o atributo *ilegal* sistematicamente aplicado à *comissão directiva* do Sindicato dos Metalúrgicos (9 oc.). A "Voz do Povo" considera *ilegal* a forma como esta comissão foi eleita e como actua nas assembleias sindicais.

1.3.2.3 Acções de sindicatos ou sindicalistas: *manobras de cúpula*

As **acções de sindicatos ou sindicalistas** focadas pela "Voz do Povo" (8 oc.) utilizam na sua maioria (6 - 75,0%) o substantivo *manobras* e o adjectivo *de cúpula*:

Manobras de cúpula (3 - 37,5%), *arsenal de manobras* (1 - 12,5%), *manobra suja* (1 - 12,5%), *decisões de cúpula* (1 - 12,5%).

O rótulo *manobras de cúpula* permite mais uma vez dissociar a representação dos sindicatos e sindicalistas afectos ao PCP dos trabalhadores. Estes sindicatos são assim identificados com as respectivas direcções e acusados de decidir e agir nas costas dos trabalhadores: é mais uma componente da *traição* que marca a representação dos sindicatos.

1.3.2.4 Intersindical: *amarela*

À **Intersindical ou elementos da Intersindical** (22 oc.) é atribuído o rótulo *amarela*. Este rótulo é usado em 86,4% (19 oc.) das codificações da Intersindical ou dos seus elementos. Pretende-se assim associar a Intersindical aos "fura-greves", àqueles que, ao não participarem nas acções de luta, colaboram com os patrões e com o governo em vez de os combaterem.

Note-se que o rótulo *amarela* aplicado à *Intersindical* é um dos mais regulares de todo o corpus e um dos mais importantes para a representação de uma entidade.

1.3.2.5 *Caldeirada de classes contra sindicalismo de classe*

Agregámos na modalidade **conciliação entre as classes** (15 oc.) os rótulos *caldeirada de classes* (9 oc. - 60,0%) e *conciliação de classes* (5 oc. - 33,3%). Incluímos esta modalidade na análise dos sindicatos porque, das suas 15 ocorrências, 13 são referidas em contexto sindical.

A *caldeirada de classes* é representada como a linha sindical do PCP e dos sindicalistas afectos a este partido. É mais um rótulo depreciativo que recorre à ironia de uma metáfora para afirmar a valoração negativa de uma concepção sindical, a qual consiste em designar a integração no mesmo sindicato de todos os trabalhadores, incluindo técnicos e quadros.

A "Voz do Povo" defende o *sindicalismo de classe*, um sindicato só de trabalhadores que partilhem dos mesmos interesses de classe (considerámos para este rótulo a modalidade **sindicatos de uma só classe**, que registou 8 ocorrências). O seguinte trecho de uma notícia da "Voz do Povo" acerca do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, intitulada precisamente "*Fora com a caldeirada de classes!*", explica este ponto de vista:

"Camaradas: que interesses de classe defendem esses senhores que podem agora entrar no sindicato? Os doutores veterinários e os regentes agrícolas são filhos dos capitalistas e os feitores são os fiéis servidores destes mesmos capitalistas. Que temos nós a ver com gente que ganha 15 contos por mês para estarmos juntos no mesmo sindicato? Haverá camaradas que pensem: os trabalhadores rurais são a maioria e, portanto, são eles que decidem. É mentira, camaradas! Esses senhores vão corromper, comprar e lançar a desorientação no seio da nossa classe ! Eles estão bem, não se vão mexer por nós. Eles sabem ler, têm boas falas, vão enganar muitos trabalhadores. Vão-se infiltrar nos lugares importantes, vão fingir que nos andam a servir para trair as nossas lutas logo a seguir. Eles têm carros e tempo para andarem em reuniões, vão ser os mais activos e sempre a manobrar contra nós!" (notícia 3306st_)

1.3.2.6 **Sindicatos: resumo**

Os sindicatos ou sindicalistas controlados pelo PCP são *revisionistas* ou *amarelos*. São *ilegalmente* dirigidos por dirigentes sindicais que são *doutores bem falantes*, *traidores à classe* e *lacaio da burguesia*. As decisões tomadas

no âmbito das assembleias destes sindicatos são *manobras de cúpula* dos dirigentes sindicais.

O muito significativo espaço que o campo sindical ocupa na visão do mundo da "Voz do Povo" é preenchido pela denúncia dos sindicatos afectos ao PCP e não tanto pela apresentação de uma linha sindical própria.

No entanto, em poucas ocorrências - não necessariamente menos significativas -, a "Voz do Povo" defende que o sindicato deve ser um *sindicato de classe* (8 oc.) dos operários para os operários, onde não prevaleça a *caldeirada de classes*, isto é, onde não caibam os interesses inconciliáveis dos encarregados, chefes, técnicos e quadros. Só assim se torna a *escola de socialismo* (1 oc.) ou o *órgão da democracia de massas* (1 oc.) que define "sindicato".

1.3.3 Campo laboral

Com base no tema principal de cada notícia (ver tabela a1-3 do Anexo I), podemos afirmar que no corpus da "Voz do Povo" o campo laboral assume uma enorme importância, a par do campo da luta política e partidária (53 ou 32,7% das notícias têm-no como tema principal).

Ao nível teórico, é um dos centros do palco da luta de classes. Ao nível factual, é seguramente um dos principais pólos de conflitualidade da sociedade portuguesa pós-revolucionária. As convulsões sociais em empresas multiplicam-se e estas tornam-se no lugar onde a ideologia da extrema-esquerda tem a possibilidade de se tornar visível, de se explicar através do desenrolar dos acontecimentos e da sua verbalização. O jornal assume então um papel de grande importância na instituição de categorias de visão da realidade laboral. A categoria *rótulos de codificação* é talvez aquela que mais contribui para a produção dessas categorias, pelo que nos merece uma atenção especial.

No campo laboral, podemos encontrar dois tipos claramente distintos de entidades ou personagens: de um lado os patrões e aqueles que a "Voz do Povo" considera que os apoiam e do outro os trabalhadores que empreendem as acções de luta laboral. Estes últimos são muito menos rotulados do que as que se lhe opõem. As entidades do campo laboral favoráveis à luta dos trabalhadores que considerámos registam 36 ocorrências, valoradas positivamente pelos rótulos, contra 93 ocorrências das entidades do lado do patrão, valoradas negativamente. É a primeira constatação. Analisemos então a codificação que se faz destas entidades, começando pelo grupo mais numeroso.

a) Entidades do campo laboral valoradas negativamente

1.3.3.1 Patrões: uma codificação dispersa

Os **patrões** (18 oc.) podem considerar-se o inimigo de classe *imediato* no corpus da "Voz do Povo". No contexto da fábrica que é palco da luta, emerge sem dúvida o patrão como o principal *inimigo táctico*.

No entanto, à centralidade desta entidade não corresponde um rótulo regular. Muito pelo contrário. Para as 18 ocorrências de rótulos de patrões, há 15 diferentes formas de rótulos, o que significa uma grande variedade, uma grande dispersão de designações. A saber (todos os rótulos só com uma ocorrência, excepto quando indicado):

Bando de parasitas, cão de fila do fascismo, fascista da Vida Larga, inimigo de classe, laçao do imperialismo americano, manobras divisionistas, manobras reaccionárias do patronato, manobras sujas, parasitas, burlão (2 oc.), *patrão capitalista, cunhalistas, patronato reaccionário, Vida Larga* (3 oc.), *vulgar explorador, bandos social-fascistas*.

Podemos deduzir desta variedade que a codificação dos *patrões*, em vez de procurar simplificar a entidade (o que é função do rótulo) procura uma sua *complexificação*. Procura dotar a entidade de uma multiplicidade de atributos hostis aos trabalhadores, sem no entanto insistir neles, sem os repetir.

Dir-se-ia que não é necessário convencer os leitores da "Voz do Povo" da hostilidade dos patrões (os leitores da "Voz do Povo" conhecem-na bem), tornando-se mais importante a codificação do PCP ou da Intersindical, que como vimos é intensa e coerente.

1.3.3.2 Os *laçaios do patrão*: trabalhadores não combativos, chefes, encarregados, técnicos e quadros

Bem mais interessante, porque mais consistente, parece-nos ser a codificação das entidades da empresa que dependem do patrão e que de uma forma ou de outra colaboram com ele. Todos eles merecem um conjunto de rótulos, entre os quais encontramos um que de certa forma os unifica num só sentido: o de *laçaios do patrão*. Dividimo-los em dois grupos: *trabalhadores que colaboram com os patrões, trabalhadores que não participam na luta*, por um lado, e *encarregados, chefes e técnicos e quadros*, por outro.

1.3.3.3 Trabalhadores não combativos: carácter desprezível, pouco valor, cobardia, fraca consciência de classe

Os **trabalhadores não combativos** são uma entidade importante, com 29 ocorrências (4,1% de todos os rótulos da "Voz do Povo"). Juntámos nesta entidade as duas entidades consideradas no tratamento dos dados que não alinham nas posições de extrema-esquerda, ou nas acções de luta laboral que elas apoiam: *trabalhadores que colaboram com os patrões* (10 oc.) e os *trabalhadores que não participam na luta* (19 oc.). Esta agregação justifica-se também porque a fronteira entre os dois é por vezes difícil de definir.

O rótulo mais usado para definir os trabalhadores não combativos é *lacaio do patrão* (11 oc. - 37,9%), a que podemos juntar *lacaio da burguesia* (3 oc. - 10,34%) e *lacaio* (1 oc. - 3,45%).

Em suma, mais de metade dos rótulos (15 oc. - 51,7%) incluem o nome *lacaio*, que acentua o carácter desprezível dos trabalhadores não combativos e a que nos referimos mais detalhadamente na alínea 1.3.3.15.

O rótulo *bufos* (5 - 17,2%) é mais uma designação de desprezo, que denuncia o lado cobarde dos trabalhadores não combativos. A ele podemos juntar o de *lambe-botas* (1 oc. - 3,5%).

Podemos ler neste jogo de codificações um recurso à gíria juvenil. Um *bufo* é um "queixinhas", um fraco portanto. Um *lambe-botas* é um miúdo que não alinha com os colegas preferindo cortejar o professor para obter vantagens pessoais.

Uma última ideia, muito importante e dispersa por 4 rótulos (13,8% do total) é a de que estes trabalhadores têm uma *fraca consciência de classe*. Podemos lê-la nas quatro seguintes formas, todas com uma só ocorrência: *camaradas menos atentos*, *operários menos conscientes*, *operários mal esclarecidos* e *trabalhadores iludidos*. Esta é uma ideia representada numa forma menos depreciativa, porventura dirigida àqueles que poderão ainda vir a juntar-se à causa.

Uma ideia que estabelece a associação, notada na codificação de outras entidades, como os *trabalhadores combativos*, entre a **combatividade na luta laboral** e a **consciência de classe**. Esta associação, de resto, faz parte da própria teoria (e visão do mundo) marxista.

1.3.3.4 Encarregados e chefes: funções desprezíveis

Podemos definir **encarregados** (11 oc.) e **chefes** (12 oc.) como cargos intermédios entre o patrão e os trabalhadores que têm por função uma relação

de comando mais próxima dos trabalhadores. Para efeitos de análise, vamos agregá-los na modalidade **chefias**, que obtém (23 oc. - 3,3%).

O rótulo *lacaio* é de longe o mais aplicado às chefias, o que é compreensível dada a sua função de “fazer cumprir as ordens” do patrão. O nome *lacaio* surge em 16 das 23 ocorrências (69,7%). A acusação neste caso não é no mesmo sentido daquela que sob o mesmo rótulo se lançava sobre os trabalhadores não combativos: se nestes se denunciava a fraqueza e a cobardia do *carácter*, nas chefias denuncia-se a própria *função*: o atributo *lacaio* é inerente à função de chefe. Na alínea 1.3.3.15 referimos outros aspectos do rótulo *lacaio*.

As variantes do rótulo *lacaio* são: *lacaio do patrão* (8 oc. - 34,8%; também relativamente às chefias é *lacaio do patrão* o rótulo mais aplicado), *lacaio do capital* (4 - 17,4%), *lacaio* (2 - 8,7%), *lacaio da burguesia* (1 - 4,4%), *lacaio menor* (1 - 4,4%; este, evidentemente, um encarregado).

Os restantes rótulos aplicados às chefias confirmam o carácter desprezível com que são representados na visão do mundo da “Voz do Povo” (todos com uma só ocorrência): *bufos*, *cães de guarda do capital*, *cães de fila do patronato*, *carrascos do povo*, *gorilas do capital*, *lambe-botas dos administradores*, *vendidos aos imperialistas*.

1.3.3.5 Técnicos ou quadros: *lacaio*s

As 3 codificações dos **técnicos ou quadros**, trabalhadores com estatuto e função privilegiados, chamam mais uma vez o termo *lacaio* em duas das ocorrências, uma delas com uma variante própria desta entidade, a de *lacaio maior*.

1.3.3.6 Profissionais liberais: *parasitas*?

É muito discutível que, a partir de apenas 2 ocorrências de rótulos de **profissionais liberais**, possamos falar da existência dum rótulo, ainda por cima sendo ambas referidas a médicos. No entanto, não deixa de ser interessante notar que ambas referem a mesma ideia, a de *parasitas*, sob duas formas: *parasitas* e *sanguessugas*. Por outras palavras, pessoas que vivem confortavelmente à custa de “sugar” o dinheiro ao povo. É de resto uma ideia que, aplicada à generalidade dos profissionais liberais (médicos, engenheiros, arquitectos, advogados, etc.), não deixa de ser coerente com a visão do mundo da “Voz do Povo”. Mas o fraquíssimo peso estatístico desta entidade levou-nos a rematar o título desta alínea com um ponto de interrogação.

Se o pouco peso estatístico das duas entidades *técnicos e quadros e profissionais liberais* (5 oc., apenas 0,7%) impede uma análise credível, tem por outro lado um significado importante, que é o facto de se dicotomizarem as funções laborais: trabalhadores ou operários de um lado, chefias e patrões do outro. As escassas menções a técnicos e quadros ajudam-nos a confirmar o carácter *binário* da visão do mundo da "Voz do Povo".

1.3.3.7 Intermediários: *parasitas*

Os **intermediários** (3 oc. - 0,42%) são rotulados de *parasitas* em todas as três ocorrências, um rótulo aplicado também aos profissionais liberais. O sentido que pretende dar parece-nos ser o de pessoas que na verdade não trabalham, ganhando dinheiro à custa do trabalho dos camponeses

Cabe aqui dar conta do único rótulo relativo aos **comerciantes**: o de *reaccionários*.

b) Entidades do campo laboral positivamente valoradas pelos rótulos

1.3.3.8 Trabalhadores: *massas trabalhadoras*?

A palavra trabalhadores surge profusamente no corpus da "Voz do Povo" sem estar associada a qualquer rótulo. O único rótulo aplicado para representar a entidade **trabalhadores** (22 oc. - 3,1%) é *massas trabalhadoras*. Mais precisamente, em 16 das 22 ocorrências o rótulo é *massas trabalhadoras*, sendo em 4 apenas *massas* e em 2 *amplas massas trabalhadoras*.

Ora os trabalhadores constituem, segundo a visão do mundo marxista, a classe social que tomará o poder à burguesia. São a razão de ser da revolução, ou seja, são uma entidade verdadeiramente central na visão do mundo marxista. No entanto, constatamos que os trabalhadores são representados na esmagadora maioria das vezes pelo nome de *trabalhadores*, ou seja, sem o recurso a um rótulo, a uma codificação valorativa. Isto significa que o rótulo *massas trabalhadoras*, embora consistente por ser o único rótulo aplicado, tem uma utilização escassa, considerando a importância da entidade.

Podemos concluir que esta situação fortalece a hipótese de ser o "rótulo" um instrumento de representação/denúncia dos adversários políticos mais do que de representação dos agentes da revolução proletária.

1.3.3.9 Povo: *massas populares*?

Passa-se algo de semelhante com a entidade **povo** (17 oc. - 2,4%), uma entidade que se distingue da anterior pela sua acepção mais vasta: o "povo" é uma entidade social, mas também por definição um elemento central do sistema político. Podemos encontrar 13 referências (do total de 17) ao povo sob o rótulo *massas populares* e 3 sob o rótulo de *massas*. Mas isso não nos dá o direito de dizer que "povo" é uma entidade regularmente codificada, uma vez que a palavra povo surge em centenas de ocasiões de forma não codificada.

A função metonímica da categoria "povo"

A entidade *povo* apresenta uma característica importante, detectável a partir de uma categoria de análise que não tivemos oportunidade de aprofundar como desejaríamos ao longo deste trabalho: a metonímia de tomar intervenientes específicos numa notícia por uma entidade colectiva. Como explicamos no subcapítulo 4.3.3.6, ao tomar uma entidade particular por uma entidade colectiva, esta metoníma tem a função de elevar um facto particular ao nível da visão histórica, procedimento preconizado por Lenine como técnica de propaganda.

Ora o *povo* é a entidade que mais cumpre esta função. 58 das 119 ocorrências da metonímia referida (48,7%) identificam como "povo" entidades particulares envolvidas na notícia. Um grupo de agitadores políticos é muitas vezes "o povo", os participantes em reuniões de comissões de moradores são "o povo", os elementos que ocuparam uma casa são ainda "o povo".

A entidade *povo* é o recurso mais usado pela "Voz do Povo" na materialização da visão do mundo da "Voz do Povo" através da notícia; neste caso através de intervenientes de notícias.

1.3.3.10 Classe operária: entidade não rotulada

Uma única ocorrência para a codificação da entidade **classe operária**, como *classe de vanguarda*, tal como sugeria Greimas noutro contexto, *esconde em vez de revelar*. De facto, se considerássemos por conta desta ocorrência isolada a codificação de classe operária como classe de vanguarda estaríamos a cometer um erro, uma vez que são os elementos "revolucionários" mais activos, muitas vezes os elementos da UDP, que merecem esse rótulo, como veremos adiante.

Também a análise factorial das correspondências nos revela, através do factor combatividade, que a classe operária - como de resto os trabalhadores e o povo - ocupa uma posição pouco combativa.

1.3.3.11 Luta laboral dos trabalhadores: *justa*

A situação da entidade **luta laboral dos trabalhadores** (10 - 1.4%) relativamente aos rótulos tem uma semelhança com a da entidade *trabalhadores*: só uma pequena parte das centenas de ocorrências do termo é rotulada. Mas, tal como os *trabalhadores*, também a *luta laboral dos trabalhadores*, quando codificada, só o é mediante um só rótulo: o de *justa*. Com uma diferença importante: é que o rótulo *justa* é mais valorativo em relação à luta do que o rótulo *massas* em relação aos trabalhadores.

Inequivocamente, a visão do mundo da "Voz do Povo" representa a luta como *justa*.

O sentido de justiça pode funcionar como uma compensação para o radicalismo que a "Voz do Povo" exige para as acções de luta (como constatamos na análise da ênfase, a dureza da luta e a necessidade da luta são enfatizadas regularmente). Lembrar ao leitor que a luta é *justa* pode ser uma forma de o levar a aceitar o seu radicalismo.

1.3.3.12 Sentimento de revolta dos trabalhadores: *justo*

O sentimento de **revolta dos trabalhadores** (4 oc.) confirma a hipótese avançada no último parágrafo. A ira (como a "Voz do Povo" se refere ao sentimento) é um dos sinais representados na "Voz do Povo" do radicalismo que é defendido. Classificá-la de *justa*, através das expressões *justa ira dos trabalhadores* (2 oc.) e *justa ira popular* (2 oc.), é também desculpabilizá-la, legitimá-la e levar os leitores a aceitá-la.

1.3.3.13 Trabalhadores combativos: *conscientes*

Quanto aos trabalhadores combativos (5 - 0,7%), eles são considerados *conscientes* (4 oc.) e também *avançados*. Como no caso da codificação dos *trabalhadores que não participam na luta*, estamos perante a aplicação da teoria marxista da consciência de classe.

Veremos, quando nos debruçarmos sobre a codificação da UDP, como o rótulo *trabalhadores ou operários conscientes* também se aplica aos elementos

daquele partido, facto que confere um cunho fortemente político a esta designação.

1.3.3.14 Campo laboral: conclusões adicionais

Primeiro, a "Voz do Povo" dicotomiza o campo laboral no campo dos patrões a seus *lacaio*s, e no campo da luta dos trabalhadores. Segundo, a representação do campo laboral que constrói centra-se claramente no campo dos patrões, ou seja, a sua codificação surge como uma denúncia, relegando para segundo plano a representação do campo dos trabalhadores em luta laboral.

O termo *lacaio*, que constitui um paradoxo simbólico por fazer uso da visão do mundo da "classe dominante",

1.3.3.15 Um paradoxo simbólico

O termo *lacaio* constitui uma metáfora fortemente depreciativa, que muito curiosamente recorre a um "clássico" sentimento de desprezo social, originário dos meios aristocráticos, dirigido uma categoria socio-profissional inferior, a dos criados ou *lacaio*s, para realçar o carácter desprezível dos trabalhadores não combativos.

Podemos classificar este rótulo de paradoxo simbólico, uma vez que se está a deitar mão da visão do mundo da "classe dominante", mediante o sentimento de desprezo dirigido aos *lacaio*s, para sustentar e alimentar uma visão do mundo que é oposta à da "classe dominante".

Uma consulta ao "Dicionário da Língua Portuguesa" de João Pedro Machado confirma o paradoxo que apontamos e também a violência da acusação contida no nome:

Lacaio = criado, com ou sem libré, que acompanha o senhor em passeio ou jornada. (*Fig.*) homem sem dignidade, sabujo, desprezível, servil, que se rebaixa e humilha por especulação.

1.3.3.16 A visão binária ofendida?

Os dados levam-nos a colocar mais uma hipótese. O rótulo *lacaio* unifica num mesmo sentido diversas entidades: as entidades são *encarregados, chefes, trabalhadores não combativos, técnicos e quadros*, isto é, todas as classes profissionais situadas entre patrões e trabalhadores. O tom fortemente depreciativo, de profundo desprezo, patente na designação *lacaio*, por ser

aplicado às categorias profissionais *intermédias*, poderá significar uma *reação da visão do mundo da "Voz do Povo"* à "contradição da visão binária" que essas categorias implicam. Tanto mais que o Portugal de 1975 é uma economia em vias de terciarização e onde porventura as categorias intermédias detêm um peso cada vez maior, onde a concretização do conceito de *proletariado* é cada vez mais problemática.

1.3.4 Campo político

O campo político, naturalmente um dos temas centrais num jornal ideológico como é a "Voz do Povo", é representado por mais de 20 entidades, que podemos agrupar em função do espaço político construído pela visão do jornal. Os grandes grupos que identificámos são o *PCP e aliados*, a *direita*, os *órgãos e forças do regime*, a *UDP*, a *luta política revolucionária*, o *povo* e *outras forças de esquerda*.

O **PCP ou elementos** é de longe a entidade mais rotulada do corpus (191 oc. - 26,7%), de tal maneira que lhe demos um destaque especial na análise. O PCP não "pertence" exclusivamente ao campo político; inclusivamente, é nos campos laboral e sindical que os elementos do PCP e o próprio partido mais são evocados. À análise da entidade PCP associámos a análise de outras entidades que considerámos estreitamente ligadas ao partido: UEC, sindicatos, Intersindical, MDP/CDE.

1.3.4.1 Forças de direita: *fascistas*

É importante, ao falar da direita, ressaltar o carácter relativo desta designação. O facto de o partido com expressão eleitoral mais à direita do espectro político, o CDS, se reclamar do "centro" é sintomático da situação de "revolução simbólica" que se vive na sequência do 25 de Abril e de que a palavra *direita* e a representação da respectiva ideologia são vítimas privilegiadas.

A codificação da direita pela "Voz do Povo" confirma esta situação simbólica. As entidades **direita ou forças de direita ou elementos de direita** (27 oc. - 3,8%), **CDS** (7 oc. - 1,0%), **extrema-direita, forças ou elementos de extrema-direita** (5 oc. - 0,7%) e **Juventude Centrista** (3 oc. - 0,4%), obtêm 42 rótulos (5,9% do total).

A *direita ou forças ou elementos de direita* é a entidade deste grupo mais representada por rótulos.

Num conjunto de rótulos extremamente duros, sobressai quantitativamente a designação *fascista*. Dos 27 rótulos, 13 (48,2%) incluem esta designação, que surge expressa em formas diferentes: *partidos fascistas* (9 oc. - 33,3%), *fera fascista* (2 oc. - 7,4%), *canalha fascista* (1 oc.), *fascistas* (1 oc.).

Outros rótulos aplicados à direita são também muito duros: *bando* (1 oc.), *canalha* (2 oc.), *corja* (1 oc.), *inimigos declarados do povo* (2 oc.).

Relativamente ao CDS, o rótulo *fascista* é mais regular: 5 das 7 ocorrências referem-se ao rótulo *partido fascista*. A *Juventude Centrista*, pela sua actuação específica, merece uma codificação ainda mais radical: *juventude nazi* (1 oc.), *bando terrorista* (1 oc.) e *organização terrorista* (1 oc.).

Mais radicais também, naturalmente, os rótulos aplicados à extrema-direita (uma só ocorrência cada um): *bando de assassinos*, *bando de fascistas*, *facínoras*, *canalha fascista*.

O recurso ao rótulo *fascista* e a um conjunto de outros rótulos extremamente ofensivos, mostra como a "Voz do Povo" estabelece uma associação entre as forças de direita portuguesas e o anterior regime.

1.3.4.2 Órgãos e forças do regime: *burgueses*

O agrupamento *órgãos e forças do regime* permitir-nos-á caracterizar a codificação que a "Voz do Povo" faz das instituições de poder vigentes. É composto pelas seguintes entidades: **partidos da coligação governamental** (12 - 1,7%), **lei ou tribunais** (5 - 0,7%), **governo ou membros do governo** (4 - 0,56%), **regime político vigente** (4 - 0,56%), **eleições** (4 - 0,56%) e **órgãos de soberania** (3 - 0,42%). Ao todo, o agrupamento *órgãos e forças do regime* representa 32 rótulos ou 4,5% do total.

Na entidade *partidos da coligação governamental* estão incluídos os partidos que faziam parte do IV Governo Provisório que resultou das eleições de 25 de Abril de 1975: o PS, o PPD e o PCP. Criámos esta entidade para contemplar aquelas situações em que os jornais aplicam um rótulo a mais do que um partido de entre estes três, ou se referem apenas a "partidos do governo" sem especificar quais.

Em 66,7% dos casos (8 oc. em 12), estes partidos são rotulados de *partidos burgueses*. Nas restantes 4 ocorrências é aplicada, também aqui, a designação *lacaaios*, embora referida a 4 diferentes "senhores": *capitalistas*, *capitalismo*, *burguesia* e *patronato*. É mais uma expressão da "indistinção funcional" entre estas entidades, detectada principalmente nas associações e oposições binárias por elas estabelecidas.

Verificamos que o rótulo *burguês*, como adjectivo, é aplicado à generalidade das instituições de poder vigentes.

A *lei* (2 oc.) é sempre apelidada de *burguesa* e os *tribunais* (3 oc.) são em 2 dos 3 casos de rotulação codificados da mesma forma. Na única excepção, o tribunal que ia julgar o assalariado rural José Diogo, que havia morto um latifundiário, é rotulado de *fascista*.

O *regime político vigente* (4 oc.) é codificado como *democracia burguesa* (2 oc.). E em dois casos o termo democracia surge entre aspas ("*democracia*"). É portanto um regime político "ao serviço da burguesia".

Segundo esta perspectiva, compreende-se que as eleições sejam sempre (nas 4 oc.) rotuladas de *eleições burguesas*.

A categoria analítica *órgãos de soberania* é representado em todos os casos (3 oc.) pela Assembleia Constituinte. E em todos os três casos o rótulo *burguês* é aplicado: *assembleia burguesa*, *órgão da burguesia*, *parlamento burguês*.

Em relação ao *governo ou membros do governo* realça-se a falsidade do seu socialismo, através dos rótulos "*socialista*" (2 oc.) e *de fachada socialista* (1 oc.). Vamos ter à mesma ideia, visto que, segundo a visão marxista, "ser falso socialista" redundava em "estar ao serviço da burguesia".

Não há portanto lugar a dúvidas: as instituições de poder político e judicial, o próprio regime político são *burgueses*, são órgãos ao serviço da "classe burguesa", tendo por função mantê-la como classe dominante. Podemos dizer, perante estes dados, que a "Voz do Povo" representa de uma forma literal a visão marxista destas instituições políticas.

1.3.4.3 UDP e forças revolucionárias: *operários ou elementos conscientes*

São relativamente poucas as entidades do campo político positivamente valoradas, o que corresponde ao *vazio* que podemos observar e interpretar mais aprofundadamente na análise das associações/oposições entre entidades. Nessa categoria de análise podemos verificar como o campo político conotado positivamente é ocupado pelas forças sociais, que substituem as entidades políticas e ideológicas, nomeadamente a UDP, outros partidos ou organizações de extrema-esquerda, o marxismo-leninismo ou o maoísmo.

Em todo o caso, a UDP possui rótulos de codificação próprios na visão do mundo marxista. As entidades **UDP ou elementos da UDP** (24 ocorrências, 3,4% do total de codificações), **acções de elementos da UDP** (2 ocorrências - 0,3% do total) e **ideologia da UDP** (3 ocorrências - 0,4% do total) somam 29 ocorrências (4,1% do total).

O adjectivo *consciente*, (13 oc. - 54,2% das codificações da *UDP ou elementos*) e nomeadamente a designação de *operários conscientes* (6 oc.) são

os mais usados. O rótulo *operários mais conscientes* (5 oc.) parece-nos ser o mais interessante do grupo, na medida em que nos remete para a ideia central da codificação da UDP: a de vanguarda.

A categoria de "vanguarda consciente" está presente na generalidade dos doutrinários do marxismo e do leninismo: uma classe intelectual, identificada com o partido comunista, que tem por principal objectivo levar os operários a adquirir a consciência de classe, objectivo a que eles, por se verem desprovidos do necessário capital cultural, não conseguirão chegar sozinhos. A UDP, através do rótulo *operários mais conscientes* e da designação *de vanguarda* (3 oc.), assume este papel.

Refira-se ainda as designações *elementos revolucionários* (5 oc.) e *elementos progressistas* (3 oc.).

A codificação mais esclarecedora da nossa leitura será talvez a referência a elementos da UDP como "elementos conscientes do objectivo histórico do proletariado" (cr12).

Concluimos que, também nas codificações, a "Voz do Povo" estabelece uma simbiose entre campo político/ideológico e campo social/laboral: a UDP, partido político, é codificado como uma parte da classe operária, a sua vanguarda consciente.

1.3.4.4 Pequenos partidos de esquerda

MES: partido hesitante

Além do caso excepcional do PCP, alguns importantes partidos de esquerda merecem da "Voz do Povo" rótulos próprios. Assim, o MRPP é rotulado 10 vezes e o MES 9 vezes.

As acusações formuladas a estes dois importantes partidos da esquerda são diversificadas, irónicas e metafóricas.

O MES é um *movimento espontaneísta* (2 oc.), de *filhotes reformistas* (1 oc.), e apresenta uma *linha política sinuosa* (1 oc.) e uma *concepção anti-partido* (1 oc.). Apresenta também características com que é identificado ao PCP (além da designação em que essa ligação é explicitada "filhotes reformistas"): um partido de *falsos amigos do povo*, com uma *fachada anti-burocrática* (1 oc.).

Podemos concluir que não há um rótulo que se aplique ao MES. Há sim um conjunto de ideias irónicas e metafóricas que tendem a enfatizar a sua alegada indefinição ideológica, a sua hesitação em relação à visão do mundo marxista, e tendem a associá-lo ao PCP.

MRPP: bando de aventureiros

"Bando de aventureiros" não é um rótulo mas uma ideia-síntese dos dois rótulos mais frequentes relativos ao MRPP: *bando* (3 oc.) e *aventureiros* (2 oc.). A codificação do MRPP obedece, tal como a do MES, a um critério de ironia. Além de *tipicamente anarquizante*, o MRPP é acusado de ser um *grupo burguês*, constituído por isso por *páraquedistas*.

Constatamos que os pequenos partidos de esquerda e concorrentes políticos da UDP são objecto de ironia da parte da "Voz do Povo", no sentido de procurar ridicularizá-los, de os apontar como meros equívocos ou divertimentos levados a cabo por elementos da burguesia.

Do ponto de vista estratégico, a preocupação com estes partidos é natural na medida em que eles disputam o espaço político e eleitoral da UDP.

1.4 Os rótulos no "Portugal Socialista"

A partir da análise dos rótulos de codificação do "Portugal Socialista", procuraremos elaborar uma análise comparativa dos dois jornais, que será também, em parte, uma comparação das duas visões do mundo.

Tabela cr-3
Entidades codificadas pelo "Portugal Socialista"

Entidade	Ocorr.	Percent.
PS, ideo.	59	24,2%
PS ou elem.	16	6,6%
PS, linha sindical	12	4,9%
PCP, ideo.	10	4,1%
trabalhadores	10	4,1%
órgãos de comunicação social	9	3,7%
direita ou for. ou elem.	8	3,3%
situação política presente	8	3,3%
25 de Abril	5	2,0%
anterior regime ou elem. ou ac.	5	2,0%
extrema-esquerda ou for. ou elem.	5	2,0%
PCP ou elem.	5	2,0%
povo	5	2,0%
retornados	5	2,0%
11 de Março	4	1,6%
partidos socialistas estrangeiros ou elem.	4	1,6%
PCP e aliados	4	1,6%
PCP ou elem., ac.	4	1,6%
PCP, linha sindical	4	1,6%
direita ou for. ou elem., ac.	3	1,2%
partidos não totalitários	3	1,2%
PCP, ações dirigistas nos media	3	1,2%
totalitarismo de esquerda	3	1,2%
...
Total	244	100,0%

* excluidas desta tabela as entidades rotuladas apenas uma ou duas vezes; uma lista completa encontra-se na tabela cr-5 do Anexo IV.

Constatamos a partir da tabela precedente que, em coerência com a visão do mundo do "Portugal Socialista", há um centramento dos rótulos no campo político e nomeadamente, por esta ordem de importância, no PS, PCP, direita e anterior regime. A nossa análise incidirá principalmente sobre estas entidades.

1.4.1 PS

1.4.1.1 Centralidade do PS e da sua ideologia

Desde logo, pela tabela cr-3, podemos verificar que o jornal do PS codifica o partido e a sua ideologia mais do que qualquer outra entidade. As três primeiras entidades são a **ideologia do PS** (59 oc. - 24,2% do total), o **PS** ou **elementos do PS** (16 oc.- 6,6%) e a **linha sindical do PS** (12 oc. - 4,9%). Se acrescentarmos a estes os rótulos relativos a **confraternização entre elementos do PS** (2 oc.), **acções de elementos do PS** (1 oc.) e **força do PS** (1 oc.), verificamos que os rótulos relativos ao PS constituem o grupo de entidades rotuladas mais importante (91 oc. - 37,3%).

Os rótulos são formados a partir do conceito-chave *socialismo*. Assumem então uma grande variedade de formas:

Os objectivos políticos do PS em que surge esse conceito-chave são a *construção de uma sociedade socialista ou do socialismo* (9 oc.), a *revolução socialista* (2 oc.), a instauração de uma *democracia socialista* (3 oc.), de uma *economia de transição para o Socialismo* (1 oc.) e a *marcha para o socialismo* (1 oc.).

A linha ideológica do PS, em que o mesmo conceito surge, é transmitida pelos rótulos *verdadeiro socialismo* (4 oc.), *socialismo autêntico* (2 oc.), *socialismo autogestionário* (2 oc.), *socialismo democrático* (2 oc.), *socialismo pluralista* (2 oc.), *socialismo em liberdade* (10 oc.), *socialismo livre e justo* (1 oc.), *socialismo português* (1 oc.), a *via original para o socialismo* (2 oc.).

Além do socialismo, diversos outros rótulos contribuem para a identidade ideológica do "Portugal Socialista": *democracia pluralista* (1 oc.), *nacionalismo democrático* (1 oc.), *amplo combate ao obscurantismo* (1 oc.) e *política de verdade* (2 oc.).

Há uma combinação em múltiplas formas de um conjunto restrito de conceitos - socialismo, democracia, liberdade, nacionalismo -, que acaba por formar um perfil ideológico algo confuso.

Relativamente à identificação não da linha ideológica, mas do partido propriamente dito (na modalidade PS ou elementos do PS), encontramos uma ideia central: a de que o PS é o maior, mais representativo partido português, ou o maior partido "de trabalhadores". Uma grande variedade de rótulos (todos, excepto um, com uma só ocorrência) dá conta desta ideia:

A maior organização política das massas trabalhadoras, grande partido da classe operária, o maior partido de trabalhadores (2 oc.), *está no primeiro*

lugar da luta, grande partido de massas ao serviço dos trabalhadores, o porta-voz da vontade popular e o motor da revolução portuguesa.

1.4.1.2 Recurso aos símbolos revolucionários

Outra conclusão que podemos tirar da análise dos rótulos é a preocupação do "Portugal Socialista" de utilizar, pontualmente, rótulos e outras expressões que conferem ao PS, à sua ideologia ou aos seus objectivos políticos um carácter revolucionário. É uma situação interessante, por contradizer a visão do mundo consensual e a ideologia do "socialismo em liberdade" professada pelo partido e pelo seu jornal. Vejamos alguns exemplos, na forma de rótulos:

Grande partido de massas ao serviço dos trabalhadores, massas (em referência a manifestantes do PS), *o grande partido da classe operária, o motor da revolução portuguesa, revolução socialista* (como objectivo político) e *governo revolucionário* (como objectivo político).

Estas designações dir-se-ia serem mais características do vocabulário do marxismo-leninismo do que propriamente do de um partido moderado, que defende o socialismo em liberdade. Podemos interpretar esta situação - observada noutros rótulos como o de *massas populares* e *massas trabalhadoras*, e não só nos rótulos - como uma táctica simbólica de sedução dos leitores que, simpatizando com o PS, defendem uma linha política mais esquerdista e esperam-na do PS.

1.4.2 PCP

O PCP é o segundo grupo de entidades mais codificado. São de facto várias as entidades que permitem rotular o PCP, directamente ou através das suas acções ou posições: **ideologia do PCP** (10 oc. 4,1%), **PCP ou elementos do PCP** (5 oc. - 2,0%), **PCP e aliados** (4 oc. - 1,6%), **acções de elementos do PCP** (4 oc. - 1,6%), **linha sindical do PCP** (4 oc. - 1,6%), **acções dirigistas do PCP nos media** (3 oc. - 1,2%). No conjunto, são 30 ocorrências (12,3% dos rótulos do "Portugal Socialista").

1.4.2.1 Partido e ideologia totalitários

A principal denúncia que o "Portugal Socialista" faz do PCP através dos rótulos é a de se tratar de um partido ditatorial. Diversos rótulos explicitam esta denúncia:

Forças anti-democráticas, partidos políticos de índole totalitária (estes rótulos referidos ao PCP e também aos seus aliados); *aqueles que se dizem do povo mas pretendem substituir uma ditadura por outra, déspota* (a propósito de Álvaro Cunhal).

Esta denúncia é também formulada através da representação simbólica da ideologia do PCP: *ditadura "de esquerda", ditadura de fachada socialista, fanatismo ou pretensão da "verdade absoluta"*.

Podemos ainda identificá-la a propósito do dirigismo do PCP sobre os **órgãos de comunicação social**, onde este partido pratica *atropelos de toda a ordem* (1 oc.) e professa um *ideologismo primário* (1 oc.). Os jornais afectos ao PCP são classificados de *jornais totalitários* (1 oc.), de *imprensa anti-marxista* (1 oc.), e acusados de utilizar uma *linguagem policial* (1 oc.).

Naturalmente que a denúncia de totalitarismo não é partilhada pela "Voz do Povo", jornal que defende abertamente uma "ditadura do proletariado". Mas outras acusações há que são comuns aos dois jornais...

1.4.2.2 Capitalismo de Estado, modos burocráticos

O *capitalismo de Estado* (4 oc.) é a denúncia mais frequente dirigida ao PCP através dos rótulos, depois da de "partido ditatorial"; é uma denúncia partilhada pela "Voz do Povo", embora tenha muito maior importância para o "Portugal Socialista", uma vez que a "Voz do Povo" centrava as suas denúncias noutras acusações: "partido revisionista", "falso comunista", "burguês", "métodos social-fascistas de actuação".

A acusação de que o PCP é um partido de *modos burocráticos e estatizantes* (1 oc.) e de que pretende *criar uma classe governante burocrática* (1 oc.). é outra das acusações formuladas pelo "Portugal Socialista". Uma acusação que permite associar o PCP à imagem do regime soviético da época.

A visão do "Portugal Socialista" dada pelos rótulos em relação ao PCP é, assim, substancialmente diferente da visão definida pela "Voz do Povo".

1.4.3 Outras entidades do campo político

1.4.3.1 Direita: reacção, partidos autorizados

Ao contrário do que vimos com o PS e o PCP, o "Portugal Socialista" atribui à **direita** (8 oc.) e **acções da direita** (3 oc.; no conjunto, estas duas

entidades perfazem 11 ocorrências - 4.5% do total) um rótulo regular: o de *reação* (6 oc. - 75% das codificações de *direita*). As *ações da direita* são representadas pelos rótulos *jogo da reação* e *manobras da reação*. Recordemos que as forças da direita eram representadas pela "Voz do Povo" como *fascistas*, também de uma forma regular. Uma comparação que de certa forma confirma a disparidade da linha ideológica dos dois partidos.

Além disso, apesar desta conotação negativa, o "Portugal Socialista" não deixa de sublinhar a legitimidade dos partidos da direita, através do rótulo *partidos verdadeiramente autorizados*, evocado a propósito de uma situação de violência perpetrada por elementos da extrema-esquerda sobre elementos da direita.

1.4.3.2 Anterior regime: *fascismo*

As 6 codificações do **anterior regime** são quase unânimes na designação *fascismo*, a qual no entanto apresenta várias formas, todas com uma só ocorrência: *fascismo*, *anos negros do fascismo*, *regime corporativista fascista*, *serventuários do fascismo* (em referência a governantes do anterior regime).

Este regime merece ainda os rótulos de *tiranía* e *totalitários da direita*.

Será talvez o caso mais importante de coincidência entre as perspectivas dos dois jornais: a condenação radical do anterior regime é o elemento simbólico unificador das forças políticas portuguesas e pode ler-se no rótulo *fascismo*. Não havia lugar então para as actuais discussões acerca da identidade ideológica dos regimes salazarista e marcelista, pelo menos ao nível da visão do mundo representada no campo político pelos próprios partidos.

1.4.3.3 25 de Abril: dia que libertou Portugal

Os 5 rótulos que o 25 de Abril recebe são diferentes, não havendo um que se destaque para identificar aquele dia.

E, no entanto, o 25 de Abril assume uma grande importância na perspectiva ideológica do PS. Nomeadamente porque a identificação do 25 de Abril com a liberdade assegura ao PS um trunfo simbólico importante na sua disputa ideológica com a extrema-esquerda, defensora da ditadura do proletariado. Talvez seja esta a razão para o facto de a "Voz do Povo" não fazer a apologia do 25 de Abril, nem rotular uma única vez esta entidade. E talvez seja essa a razão para uma codificação profundamente positiva do 25 de Abril por parte do "Portugal Socialista":

O rótulo mais frequente (2 oc.) é o de dia que *libertou Portugal*. Seguem-se, com uma ocorrência, *dia ansiosamente esperado*, *dia de festa* e *o maior acontecimento do século em Portugal*. É uma utilização enfática que justifica o nosso ponto de vista.

1.4.3.4 A dicotomia escuridão/luz e a sua inscrição no tempo

Através de expressões como "anos negros do fascismo", por referência ao anterior regime, ou "amplo combate ao obscurantismo", por referência a acções de luta do PS, podemos detectar no "Portugal Socialista" o recurso à forma dramática da oposição binária, concretizada pela oposição escuridão/luz.

À escuridão, o "Portugal Socialista" associa o tempo passado do anterior regime e "obscurantismo" é identificado com totalitarismo, de esquerda ou de direita (este já não exclusivamente pertença do passado).

No extremo oposto - o lugar da luz - encontramos a festa do convívio político que tem lugar no tempo presente e futuro: um lugar de alegria, amizade e solidariedade, proporcionado por um regime de "socialismo em liberdade" (vejam-se a propósito as conclusões que retirámos da análise dos sentimentos no "Portugal Socialista").

Segundo esta lógica, há um momento que marca a passagem da escuridão para a luz ou da noite para o dia: o 25 de Abril.

A identificação da luz com o 25 de Abril, ou mais exactamente com a liberdade (confirmada pela associação entre obscurantismo e totalitarismo), pode ser observada ainda no seguinte trecho:

"Esse dia, tão ansiosamente esperado chegou; o 25 de Abril. O sol desse dia, quando despontou, já nos trazia uma mensagem de paz e liberdade." (notícia 37cp)

O segundo exemplo, retirado da mesma notícia, refere-se à intolerância política de elementos do PCP para com militantes do PS numa aldeia, e mais uma vez identifica o 25 de Abril com luz (neste caso, luz do fogo):

"Mas como o tempo passa e tudo vai mudando, as chamas desse dia foram-se apagando e eu fiquei bastante triste." (notícia 37cp)

O valor moral, acusatório, que o sentimento de tristeza assume nesta frase confirma a importância ideológica dos sentimentos no "Portugal Socialista".

1.4.4 Campo laboral

1.4.4.1 Trabalhadores e povo: *massas*

Trabalhadores (10 oc.) e **povo** (5 oc.) são designados quase exclusivamente por um rótulo: o de *massas*. *Massas trabalhadoras* (9 oc.) no primeiro caso e *massas populares* (4 oc.) no segundo.

Estamos novamente perante o recurso aos símbolos revolucionários como forma de seduzir politicamente um tipo de público mais à esquerda.

1.5 Rótulos de codificação: conclusões adicionais

1.5.1 Uma visão do mundo simplificada, valorada e caricaturada

Podemos extrair dos rótulos uma visão do mundo *particular*, no sentido em que se baseia num tipo particular de representação a que chamámos *rótulo*. À luz da nossa definição de rótulo de codificação e da própria análise, podemos dizer que é uma visão do mundo *simplificada, valorada e caricaturada* através de metáforas e/ou de ironia.

Efectivamente, os rótulos ancorados a entidades negativamente valorizadas possuem também, quase todos eles, um sentido irónico e/ou metafórico (neste caso a ironia surge por inerência) que facilita a sua assimilação por parte do leitor. Podemos então falar de *caricaturas*, consideradas por Babin como “deformações honestas” (BABIN, 1993:72).

1.5.2 Concentração de temas, dispersão de rótulos

Constatamos que há uma concentração temática dos rótulos em ambos os jornais. A “Voz do Povo” concentra os rótulos no PCP e aliados, valorando estas entidades de forma negativa. Assumindo o rótulo um valor de denúncia, é a própria estrutura de representações que a “Voz do Povo” propõe que ganha esse sentido.

O “Portugal Socialista” concentra os rótulos no PS, permitindo uma apresentação simbólica do partido. Para este jornal, os rótulos assumem também um importante valor de denúncia, ao serem aplicados ao PCP.

Podemos no entanto apontar uma diferença importante, que é a grande variedade ou indefinição dos rótulos no "Portugal Socialista", neste caso relativos ao PS. A "Voz do Povo" tendia a fixar-se em rótulos determinados, por exemplo, ao referir-se à UDP como partido de *operários conscientes*. A grande variedade de rotulações para uma mesma entidade, com que deparamos no "Portugal Socialista", pode relacionar-se com uma menor disciplina ideológica dos seus jornalistas ou também com um menor investimento do próprio jornal na representação simbólica da realidade através de categorias determinadas.

1.5.3 "Voz do Povo": "revolução simbólica"

A "imposição da ideologia ao nível da superestrutura" é, segundo Hamiche, uma condição para a vitória da revolução (HAMICHE, 1973:12).

Perante os rótulos de codificação usados pela "Voz do Povo", perante a sua valoração enfática e simplificadora do real, dir-se-ia encontrarmos um "estado de revolução simbólica": denúncia sistemática e corte radical com os signos do passado, destituição e instituição de entidades², apresentação de uma visão coerente (coerente também com a visão marxista binária) dos vários campos sociais onde se desenrola a luta política: político, laboral, sindical.

Neste sentido, os rótulos assumem uma enorme importância na produção da visão do mundo do jornal.

1.5.4 "Portugal Socialista": apresentação do PS como força ideológica

Podemos concluir que os rótulos têm o objectivo central de apresentar o PS aos leitores como força ideológica. Esta postura ideológica pode resumir-se da seguinte forma:

O PS defende o *socialismo em liberdade, democrático ou pluralista*. Esta é uma *via original, portuguesa para o socialismo*, e constitui o *verdadeiro socialismo* ou o *socialismo autêntico*.

² Podemos afirmar que os rótulos da "Voz do Povo" se constituem com o que Bourdieu designa por "actos de instituição e destituição (...) através dos quais um indivíduo, agindo em nome próprio ou em nome dum grupo mais ou menos importante, transmite a alguém que possui uma ou outra propriedade, transmitindo-lhe simultaneamente que se tem de comportar em conformidade com a essência social que assim lhe é conferida." BOURDIEU, 1998:90

2. Oposição ou associação entre duas entidades

Procurando no discurso as relações de oposição e associação binárias, estamos a explorar alguns atributos importantes da dramatização - simplificação da realidade, tensão entre os actores - e também a estrutura funcional de uma visão do mundo.

Em relação às associações, procuramos mais do que uma co-ocorrência de duas entidades num mesmo contexto. Procuramos situações em que duas entidades surgem de alguma forma relacionadas, com uma excepção: a de essa relação ser apresentada como de oposição. Nesse caso consideraremos a presença de uma *oposição binária*.

Trata-se de um vasto leque de situações, como veremos através da recolha: reuniões, cooperação, co-participação em acções políticas, concordância, solidariedade.

Quanto às entidades consideradas, elas são de tipos diversos: países, instituições, partidos, individualidades ou ideologias.

2.1 Lugar de identidade e de funções

A função de uma entidade no sistema é dada pelo sentido das relações que ela estabelece com as outras entidades. As associações e oposições definidas pelo discurso dos jornais permitem-nos um apuramento destas funções, que procuraremos complementar com a análise dos rótulos de codificação. Contribuem também para a descodificação da estrutura do espaço simbólico definido pelos jornais.

É nesta perspectiva que procederemos à análise exploratória dos dados.

2.2 Modelo de leitura das figuras oa-1 e oa-3

Começámos por reunir todas as relações entre entidades em dois gráficos, um para cada jornal (oa-1 e oa-3).

Os eixos

Estes gráficos distribuem as entidades num plano, a partir de dois eixos: o **eixo vertical** define o sinal da valoração que o respectivo jornal faz da entidade. Na parte superior estão as entidades conotadas positivamente, na parte inferior as conotadas negativamente.

O **eixo horizontal** permite situar a entidade em campos sociais: do lado esquerdo o campo social e laboral, ao centro o campo político e ideológico, do lado direito o campo militar e policial.

Pretendemos com este procedimento estudar as relações que se estabelecem entre os próprios campos e apurar as funções das suas entidades.

Largura dos campos

A largura de cada campo nos dois gráficos é proporcional ao número total de relações estabelecidas pelas entidades desse campo.

O tipo de relações

As linhas que unem as entidades têm vários formatos, todos eles com um determinado sentido:

- As linhas rectas definem relações de oposição;
- As linhas curvas definem relações de associação;
- As linhas a tracejado definem relações entre entidades do mesmo campo;
- As linhas a cheio definem relações entre entidades de diferentes campos;
- Por uma questão de clarificação do gráfico, fizemos passar todas as linhas de associação entre entidades do mesmo campo "por trás" dessas entidades.

Tamanho dos círculos e espessura das linhas

Contemplámos seis tamanhos diferentes para os círculos das entidades, para dar uma ideia visual do número de relações estabelecidas pela entidade. Os intervalos que definem o tamanho são: 5-9; 10-14; 15-24; 25-34; 35-44; 45+.

As linhas têm também espessuras diferentes em função do número de ocorrências incluídas na respectiva relação.

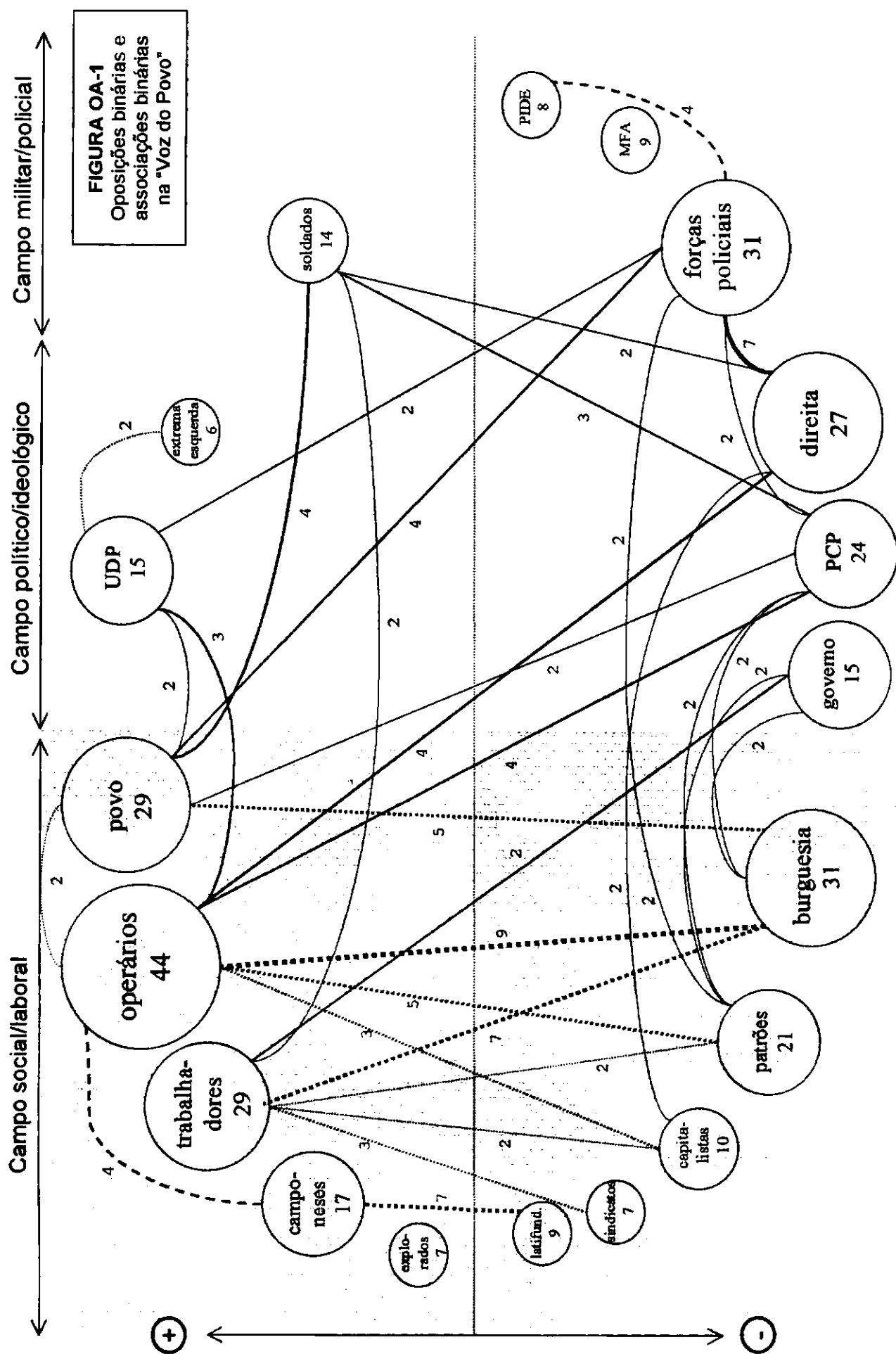
Rótulos dos círculos e das linhas

Cada círculo corresponde a uma entidade e inclui o seu nome e número de ocorrências.

Filtragem dos dados

O número de relações indicado no círculo de cada entidade é o número total de relações. Este número é diferente do das relações visíveis no gráfico. De facto, optámos por *não incluir no gráfico as relações com uma só ocorrência*. Embora numerosas, consideramos que estas relações, por se basearem numa só ocorrência, são insuficientes para deduzir a existência desse tipo específico de relação.

Por outro lado, optámos por *não incluir no gráfico entidades que ao todo estabelecessem menos do que cinco relações*. Se o fizéssemos, o gráfico ficaria ilegível, com um grande número de entidades com pouca expressão (relativamente a esta categoria de análise, bem entendido) e praticamente sem relações visíveis.



2.3 A estrutura de relações definida pela "Voz do Povo"

2.3.1 Centralidade do campo social/laboral e das relações de oposição entre entidades deste campo: *centramento na luta de classes*

O primeiro dado importante a reter é a centralidade do campo social/laboral. O total de relações estabelecidas por entidades deste campo são mais do dobro das estabelecidas por entidades dos restantes campos. É de facto a partir deste campo que se estrutura a rede de associações e oposições. Se na figura oa-1 o campo surge representado do lado esquerdo, por imposição do modelo de leitura definido, isso em nada altera a sua centralidade.

Por outro lado, os valores das tabelas ob-1 e te-1 (Anexo V) e o gráfico mostram-nos que predominam largamente as relações de oposição binária (71 oc.) sobre as relações de associação (38 oc.).

A oposição mais intensa é estabelecida, nomeadamente, entre as entidades do campo social/laboral, como a cadeia de linhas rectas a tracejado, que aí podemos ver, sugere. A entidade *trabalhadores* tem relações de oposição com todas as três entidades negativamente valoradas mais importantes do campo social/laboral: *burguesia*, *patrões* e *capitalistas*. E a entidade *operários ou classe operária* opõe-se do mesmo modo a estas três entidades.

A entidade *povo* está por definição menos ligada às lutas laborais. Residirá aí a explicação para o facto de não apresentar qualquer oposição com *patrões* ou *capitalistas*. De resto, a sua pertença ao campo social não é indiscutível, sendo possível associá-la também ao campo político. Compreensivelmente, é a entidade do campo social com um relacionamento mais intenso com outros campos. O *povo* define-se essencialmente por oposição à *burguesia* (5 ocor.) e por oposição às *forças policiais* (4 ocor.).

O centramento em oposições dentro do campo social/laboral, baseado na oposição dos dois núcleos *operários-trabalhadores* e *burguesia-patrões-capitalistas*, reflecte afinal a **centralidade do tema da luta de classes** no discurso da "Voz do Povo". O tema da luta de classes, que perante estes dados podemos ler como a clivagem do campo social/laboral, encontra-se ainda fortalecido pela forte oposição camponeses/latifundiários (7 ocor.).

2.3.2 Os campos político/ideológico e militar/policial: *entidades de suporte*

A ausência de relações de oposição (com mais de uma ocorrência, recordemos) no interior dos campos político/ideológico e militar/policial é um sinal que consideramos definitivo do centramento do discurso na função da luta de classes. Essa ausência significa que para a "Voz do Povo" não há luta política que não esteja ligada à luta de classes. Um facto estreitamente ligado a outro dado importante, que mais à frente analisaremos: a quase ausência de entidades políticas e militares positivamente valorizadas.

Assim, o *PCP*, a *direita* e o *governo* (entidades do campo político/ideológico) não se opõem à *UDP*. Os dados mostram-nos que eles se definem por associação com o núcleo *burguesia-patrões-capitalistas* (10 ocor.) e por oposição ao núcleo *operários-trabalhadores* (10 ocor.). Podemos então dizer que as entidades do campo político/ideológico são representadas como **entidades de suporte** das entidades do campo social/laboral, essas sim, as protagonistas da "luta frontal classe contra classe", para usar uma expressão recorrente no corpus da "Voz do Povo".

A *UDP*, como única entidade do campo político significativa - embora com uma escassa representação em termos de relações com outras entidades -, confirma esta leitura. O partido define-se essencialmente por associação a duas entidades do campo social/laboral: *povo* e *operários e classe operária*, não assumindo qualquer relação de oposição ou de combate directo, a não ser duas escassas ocorrências com as forças policiais. Podemos assim entender a *UDP* também como **entidade de suporte**.

Esta representação das forças políticas como entidades de suporte dos protagonistas da luta de classes está de acordo com a visão histórica marxista, para a qual o governo, ao concentrar os poderes, é fundamentalmente o garante da dominação da burguesia sobre o proletariado, estando ao serviço daquela; e para a qual os partidos revolucionários constituem a vanguarda da classe operária, estando também ao seu serviço.

Podemos considerar o caso da *direita* como uma excepção, dada a forte associação que mantém com as forças policiais (7 ocor.) e a fraca associação que mantém com o campo social/laboral (2 ocor. com *capitalistas*). Estamos convencidos que este facto se deve à representação que se faz da ligação entre *direita* e o anterior regime, nomeadamente através do rótulo *fascista*, que predomina na codificação desta entidade. Uma excepção porque há uma identificação da entidade, não por associação ao campo social/laboral, como é normal na presente estrutura de relações, mas por associação a um elemento

cujas conotações no corpus da "Voz do Povo" é fortemente política: as forças policiais.

Relativamente ao campo militar/policial, a figura oa-1 revela-nos que a entidade *soldados* tem um papel de **intermediário** na oposição entre *PCP* e *direita* e o núcleo *operários-trabalhadores*. O *PCP* e a *direita* opõem-se a este núcleo directamente e também por intermédio da oposição com a entidade *soldados* que está associada a ele.

As *forças policiais* são o segundo caso significativo (estabelecem 31 relações) verdadeiramente original na presente estrutura de relações (o primeiro é a *direita*), nomeadamente ao serem definidas principalmente através de relações com forças políticas/ideológicas. Para começar, uma associação muito forte com a *direita* (7 oc.), apoiada numa também forte associação com a *PIDE* (4 oc.). É a visão das forças policiais como agentes do anterior regime que sobreviveram à revolução.

Depois, uma associação com o *PCP* (2 ocor.) e uma oposição com a *UDP* (2 ocor.). Os dados dizem-nos então que as forças policiais são **forças de suporte das forças políticas que estão ao serviço da luta de classes**, do lado das classes dominantes.

Os únicos dados que não cabem nesta afirmação, embora a não contradigam, são a oposição directa com o *povo* (4 ocor.) e a associação directa com os *patrões* (4 ocor.): as *forças policiais*, além de jogarem um papel indirecto, envolvem-se também directamente com os protagonistas da luta de classes.

2.3.3 Ausência de entidades positivamente valoradas nos campos político e militar: *politização da luta de classes*

A parte superior direita da figura oa-1 apresenta um "vazio". As entidades políticas e militares positivamente valoradas são escassas e com uma fraca expressão. No campo político/ideológico, a *UDP* é a única força digna de menção. Tem uma função de suporte do núcleo *operários-trabalhadores-povo*, com 5 associações, e não se opõe (com mais de uma ocorrência) a uma só entidade "de sinal contrário" dos campos social/laboral ou político/ideológico. Com apenas duas oposições binárias, e em relação às forças policiais, com apenas 15 relações, podemos afirmar que a *UDP* assume um **lugar passivo, não combativo**, em relação à luta de classes que ocupa o centro lógico desta visão.

Podemos encontrar a razão desta ausência de entidades positivamente valoradas do campo político/ideológico politicamente activas no próprio campo

social/laboral. De facto, a função política e ideológica é assumida pelas entidades do campo social/laboral. Vejamos. A *direita* não é oposta à *UDP* nem à *extrema-esquerda*, mas sim aos *operários e classe operária* (4 ocor.). Exactamente o mesmo podemos dizer do PCP, que se opõe aos *operários e classe operária* (também 4 ocor.). Algo de semelhante se passa ainda com a entidade do campo político/ideológico que resta observar, o *governo*. Ou seja, são as entidades do núcleo *operários-trabalhadores-povo* que assumem a função de luta política e ideológica.

Portanto, se há um campo político e ideológico positivamente valorado, e parece-nos evidente que há em virtude do próprio contexto temático, ele é ocupado pelas entidades que à partido nós integrámos no campo social/laboral.

Trata-se de uma situação de politização do campo social e da luta de classes, de resto perfeitamente coerente com a teoria marxista.

2.3.4 Ausência de relações de associação entre entidades igualmente valoradas: indistinção; identidade?

Interessante é o facto de o discurso da "Voz do Povo" praticamente não associar entidades do mesmo campo de igual valoração. Observando as entidades negativamente valoradas dos campos social/laboral e político/ideológico da figura oa-1, verificamos que nem uma só relação de associação se estabelece entre elas. O panorama não é muito diferente no hemisfério das entidades valoradas, embora a tendência seja mais pronunciada no primeiro caso.

Ocorre-nos uma interpretação deste facto. As relações estabelecidas por burguesia, patrões e capitalistas, tanto as de oposição como as de associação, são, como já verificámos, muito semelhantes. Configura-se uma situação de indistinção funcional. Do ponto de vista das associações torna-se muito difícil detectar, na identidade destas três entidades, traços que as distingam entre si. Aliás, os rótulos de codificação confirmam esta **indistinção**, na medida em que *burguesia* e *capitalistas* praticamente não são codificados e quando o são, são-no com recurso a rótulos também aplicados aos *patrões*.

Por outro lado, se juntarmos indistinção à total ausência de relações entre elas, obtemos uma situação, mais do que de indistinção, de provável **identidade** entre elas. Se estas entidades são representadas pela "Voz do Povo" como uma só, compreende-se a ausência de relações entre elas pelo facto de no espaço político uma entidade não se relacionar consigo própria.

2.3.5 Conclusões

As entidades definem-se de facto mais por oposição do que por associação. Esta situação vai ao encontro da percepção do mundo marxista, dicotomizada em torno do antagonismo burguesia/proletariado (CHARLOT, 1974:180). De resto, Charlot afirma que

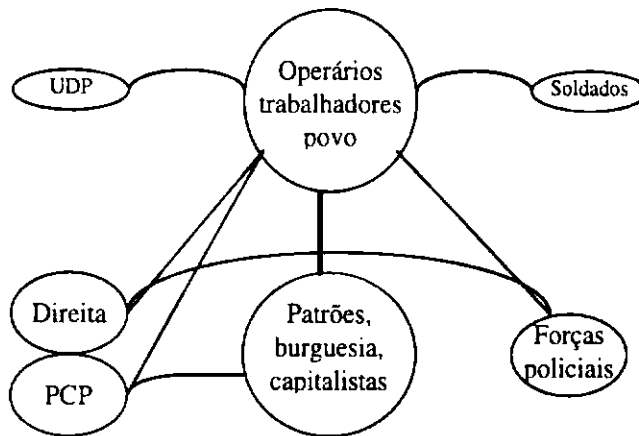
“(...) os militantes comunistas têm tido uma certa dificuldade em sair da tática de classe contra classe e de uma perspectiva em preto no branco do universo político”

CHARLOT, 1974:180

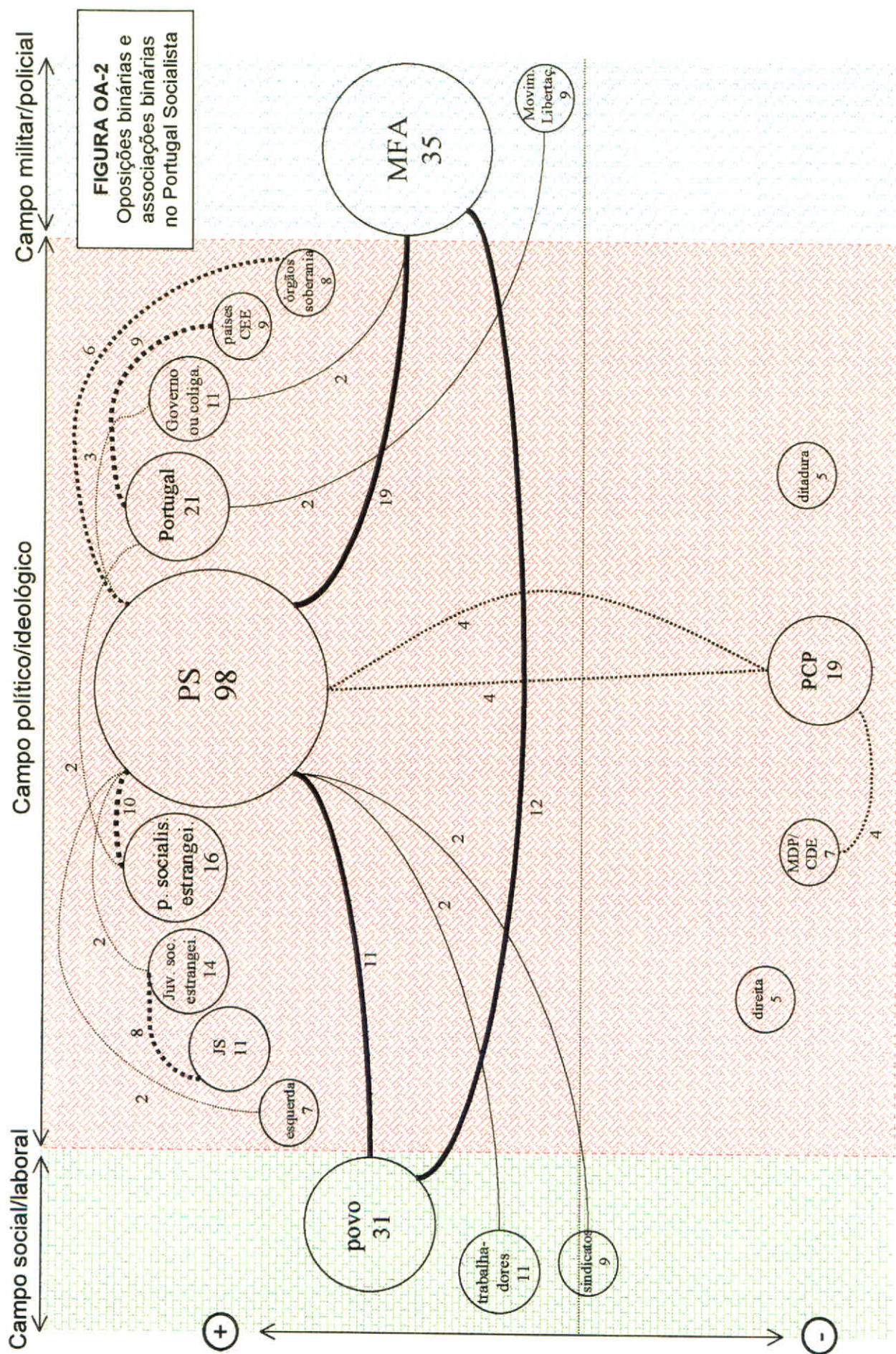
Podemos entender o discurso da "Voz do Povo" como um longo relato de oposições entre entidades "extraídas" dos dois núcleos opostos do campo social/laboral (a luta de classes), núcleos esses que se associam a entidades do campo político/ideológico e militar/policial que assumem uma função de suporte. Podemos ainda interpretar a ausência não do campo político conotado positivamente (que existe) mas de partidos políticos conotados positivamente, recorrendo a um dado que obtivemos na interpretação do comportamento de outras categorias de análise: a importância que a **função de denúncia** assume em detrimento de funções como o elogio ou a apresentação pública de entidades, funções mais presentes no corpus do "Portugal Socialista".

Elaborámos uma representação gráfica resumida da teia da relações estabelecidas pelo discurso da "Voz do Povo" (figura oa-2). Nesta representação, reconfigurámos a posição dos campos e das entidades em função dos critérios da centralidade e das funcionalidades. O campo social/laboral surge agora ao centro.

Figura oa-2



Os dois núcleos do campo social e a oposição entre eles (luta de classes) surgem como entidade central da visão da "Voz do Povo". A UDP surge como força passiva de suporte, tal como os *soldados*. A direita, o PCP e as forças policiais são também entidades de suporte, mas desempenhando um papel activo na luta de classes. O vazio das entidades do campo político/ideológico positivamente valoradas é preenchido pelo núcleo de entidades do campo social/laboral.



2.4 A estrutura de relações definida pelo "Portugal Socialista"

2.4.1 Centralidade do campo político/ideológico e das relações de associação estabelecidas pelo PS com entidades deste e doutros campos

A figura oa-3 apresenta uma estrutura de relações *radicalmente* diferente da da figura oa-1, relativa à "Voz do Povo". O campo político/ideológico aqui predomina de uma forma esmagadora, o que se reflecte graficamente na largura deste campo. Uma **entidade central**, o *PS*, monopoliza quase todas as relações estabelecidas pelo jornal (recordemos o papel secundário e passivo que a *UDP* assumia na "Voz do Povo"). A simetria da figura é sintomática, bem como a sua configuração, em "polvo". Podemos sem receio considerar o PS como **entidade monopolizadora das relações**.

2.4.2 Legitimidade dos partidos e das instituições políticas

Se compararmos as figuras oa-1 e oa-3, verificamos como para o "Portugal Socialista" é ponto assente a legitimidade das entidades do campo político/ideológico, contrariamente ao que sucede na "Voz do Povo". Quer dizer, para o "Portugal Socialista" e para a própria ideologia do PS, o campo social/laboral poderá ser uma das razões de ser da luta política, mas não é o seu centro. Os dados dizem-nos claramente que o "Portugal Socialista" é um jornal de partido, cuja temática é a **vida política** (mais do que a luta política, uma vez que a luta, detectável nas oposições binárias, não é praticamente visível).

2.4.3 Predominância de uma estrutura triangular de relações entre PS, MFA e povo: um triângulo de poder

Sintomaticamente, as três maiores (com mais relações) entidades do discurso da "Voz do Povo", apresentam também, entre si, as três maiores relações do corpus, todas elas de associação binária.

Devemos notar que, através da estrutura triangular de associações PS/MFA, povo/MFA, PS/povo, está-se a representar de certo modo "a totalidade do social", ou pelo menos os três campos considerados nas figuras, que pensamos serem os mais importantes no contexto histórico, e está-se a

representar o PS como centro político dessa totalidade, ou seja da sociedade portuguesa.

A associação PS/MFA (19 ocor.) é a mais numerosa do corpus e provavelmente a mais importante. É na aliança com o MFA que o PS encontra a base militar da sua estratégia de poder. Uma aliança vital numa época politicamente e militarmente instável.

A associação PS/povo (11 ocor.) constitui a base eleitoral da mesma estratégia, num período que é atravessado pelas eleições para a Assembleia Constituinte (25 de Abril de 1975), as quais confirmaram o PS como o partido português com maior apoio popular. É por isso uma ligação com significado prático e importante.

Note-se que o *povo* não surge nesta estrutura como protagonista, muito menos os trabalhadores. O PS é sempre o centro e todas as entidades do campo social/laboral (*povo, trabalhadores, sindicatos*) se relacionam exclusivamente com o PS (recordemos mais uma vez que não são consideradas no gráfico relações de apenas uma ocorrência).

A associação entre o povo e o MFA (12 ocor.) surge destacada por influência da designação "aliança povo/MFA", a que vários grandes partidos recorrem e que o "Portugal Socialista" também assume. É o "fechar do triângulo".

2.4.4 Ausência quase total de oposições binárias: a *visão do consenso*

O "Portugal Socialista" não representa oposições binárias significativas. O desequilíbrio entre oposições e associações é total, ao contrário do que podemos observar na visão da "Voz do Povo". Este facto é indissociável de outro, também evidente: não há quase relações estabelecidas com ou entre entidades negativamente valoradas, as quais são poucas e pouco significativas, com a "tímida" excepção do PCP.

Isto significa que o "Portugal Socialista" representa só marginalmente o conflito político e nem sequer considera o conflito social. A análise de outras categorias de análise e a leitura de algumas notícias do corpus pode sugerir-nos algumas situações de conflitualidade política e social, em que o jornal toma partido. Mas a verdade é que essas situações não se reflectem ao nível das instâncias discursivas que definimos como oposições e associações binárias.

Resulta então uma visão consensual ou aglutinadora do espaço social, em que um vasto leque de entidades se harmoniza com o PS.

A única entidade que podemos considerar activa das negativamente valoradas é o PCP, que se define através de 4 oposições ao PS, 4 associações também ao PS e 4 associações ao MDP/CDE. O PCP é assim um dos

protagonistas da única oposição da figura oa-3. Sendo este partido indiscutivelmente o principal adversário político do PS no período considerado, torna-se muito significativa a quase inexistência da oposição PS/PCP. Há inclusivamente 4 relações de associação entre PS e PCP. A busca do consenso leva o discurso do "Portugal Socialista" a denunciar repetidas vezes as "inimizades devido à política" e a elogiar o "convívio democrático". Uma das formas de concretizar esta tendência é precisamente associando o partido ao seu principal adversário: o PCP (4 ocor.). Desta forma está-se também a reforçar o **poder aglutinador** do PS em relação aos actores sociais.

2.4.5 Entidades do campo político/ideológico associadas ao PS: partidos socialistas estrangeiros, instituições políticas portuguesas, ideologias

A maior parte das entidades que se associam ao PS pertencem ao próprio campo político/ideológico. Ao contrário do que acontece na "Voz do Povo", encontramos, no interior do campo político/ideológico, uma densa teia de relações (8 relações) entre entidades com uma configuração particular: 5 dessas 8 relações envolvem o PS.

No que respeita às *instituições políticas nacionais*, os *órgãos de soberania* e o *governo*, elas definem-se por associação ao PS (com 6 e 3 ocorrências respectivamente). No caso do governo, há ainda uma associação ao MFA com duas ocorrências.

Quanto a *entidades partidárias e ideológicas*, elas definem-se também por associação ao PS. *Partidos socialistas estrangeiros* (10 ocor.), *juventudes socialistas estrangeiras* (10 ocorrências, se considerarmos a JS como parte do PS que é) e *esquerda* (3 ocor.).

É de destacar a grande importância que o "Portugal Socialista" atribui à associação entre forças políticas estrangeiras e o PS (20 ocor.). Está-se deste modo a representar a mais-valia para o partido que é o apoio de forças da poderosa Europa, a aproximação do PS à esquerda europeia e a correspondente recusa das vias radicais.

A nossa leitura aponta uma função aglutinadora do PS também em relação às entidades do campo político/ideológico: a *esquerda*, o *apoio no estrangeiro*, o *governo* e outros *órgãos de soberania*., que, à semelhança do que fizemos no caso da "Voz do Povo" e a par das entidades já consideradas dos outros campos, podemos considerar como **entidades de suporte**.

Como hipótese, podemos considerar que o PS procura **legitimar o seu estatuto de poder**, representando as boas relações que mantém com as mais importantes entidades dos vários campos sociais.

2.4.6 O caso da entidade *Portugal*

A excepção a esta "subsidiaridade em relação ao PS" é *Portugal*. Esta entidade não se define em relação ao PS, mas acima de tudo através de associações com os *países da CEE* (9 ocor.), com *partidos socialistas estrangeiros* e com os *movimentos de libertação* (2 ocor.). Bem, a esta situação não é estranho o plano temático em que se pode situar discursivamente um país. Afinal não seria normal vermos o PS associado a Portugal: para estabelecer essa relação verificamos que o jornal opta por associar o PS a *povo português* - o que é muito mais lógico - e isso reflecte-se na figura oa-3 na associação PS/povo.

Mas podemos também fazer outra leitura. Podemos que sustentar que, à semelhança com o que passava entre diversas entidades pertencentes ao mesmo campo na visão da "Voz do Povo", há um fenómeno de identificação entre o PS e Portugal, que torna redundante qualquer associação entre as duas entidades. Podemos ler esta identificação no rótulo *socialismo português* ou *socialismo original* com que o PS define a sua ideologia.

A perspectiva da identificação PS/Portugal permite-nos considerar que o PS é indirectamente associado quer aos *países da CEE*, quer aos *movimentos de libertação* por intermédio da entidade *Portugal*. Portugal surge assim como um elemento intermediário.

2.4.7 As relações não envolvendo o PS

Das 18 relações incluídas na figura, só três não envolvem directamente o PS. Destacamo-las, ressaltando o seu carácter periférico no conjunto da visão.

Portugal / CEE

A forte associação entre *Portugal* e a *CEE* ou *países da CEE* (9 ocor.) prenuncia a prossecução de uma linha política de integração europeia e reflecte uma renúncia às vias radicais e totalitárias, sugeridas por várias forças de esquerda portuguesas. Esta associação está ligada ao apoio que o PS procura junto desses países, nomeadamente junto dos partidos socialistas, sociais-democratas e até comunistas (o caso do PCI).

PCP / MDP/CDE

A associação entre o PCP e o seu principal aliado surge destacada (4 ocor.), e é a única associação, visível no gráfico, entre entidades negativamente

valoradas. É uma presença natural na visão do "Portugal Socialista", uma vez que o discurso do jornal nos mostra o lugar importante que o MDP/CDE desempenha como opositor do PS. Trata-se de um partido influente já como opositor ao anterior regime e que hipoteticamente disputa o espaço político do PS.

JS / Juventudes socialistas estrangeiras

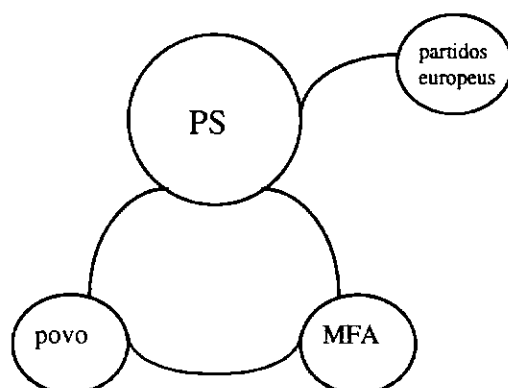
Esta relação de associação (8 ocor.) constitui-se como uma variante da relação entre *partidos socialistas estrangeiros* e o *PS*. Podíamos ter reunido estas duas relações numa só, integrando a *JS* no *PS* e as *juventudes socialistas estrangeiras* nos *partidos socialistas estrangeiros*. Se o tivéssemos feito, teríamos obtido a relação mais forte de toda a estrutura: a associação entre partidos socialistas estrangeiros e o PS, com 20 ocorrências.

2.4.8 Conclusões

Na figura oa-4 representámos aquele que nos parece ser o corpo central da estrutura de relações definida no "Portugal Socialista": o triângulo baseado no PS, e em duas entidades que, atravessando os campos sociais mais importantes da conjuntura política, completam uma trilogia de poder: o povo e o MFA.

Os partidos socialistas europeus (mas também os países da CEE e as juventudes socialistas europeias) merecem um lugar neste esquema central: eles constituem para o PS e para a trilogia de poder apresentada uma referência de apoio, uma âncora política e também ideológica que protege o partido contra as ameaçadoras convulsões internas.

Figura oa-4



3. Sentimentos

3.1 Agregação dos sentimentos em campos semânticos

A variedade de sentimentos nomeados nos dois corpus - patente na tabela as-1 - levou-nos a agregá-los em unidades mais vastas, que podemos classificar como campos semânticos de sentimentos.

As vantagens deste procedimento são várias:

- Constituir um primeiro passo na caracterização do tipo de sentimentos usado no discurso dos dois jornais.

- Do ponto de vista estatístico, obter-se valores mais significativos, que seriam muito escassos e estatisticamente insignificantes se não se procedesse a uma agregação.

- Devido a este último ponto, a constituição de campos semânticos valoriza significativamente a comparação entre a utilização dos sentimentos nos dois corpus.

Há também uma desvantagem: a agregação em campos semânticos implica a perda do valor semântico específico dos sentimentos agregados. Note-se, porém, que a consideração em separado de cada sentimento teria conduzido a uma grande complexificação das análises subsequentes, devido, por um lado, ao número de sentimentos que se obteria e, por outro, à indefinição semântica de cada nomeação. Essa indefinição, acrescida da insignificância estatística resultante da consideração dos sentimentos em separado, produziriam o pior efeito: a anulação pura e simples da validade da análise.

Em todo o caso, não nos inibiremos de considerar sentimentos em separado, sempre que entendermos que eles assumem um valor semântico significativamente diferente do respectivo campo.

Com base na totalidade dos sentimentos (rejeitámos apenas aqueles campos semânticos que em nenhum dos jornais reúnem mais do que duas ocorrências), procedemos a uma agregação que, reconhecêmo-lo, podia em certos casos ter obedecido a critérios semânticos diferentes dos assumidos. Ei-la:

Campo semântico		Sentimentos incluídos no campo semântico
ansiedade	=	ânsia / ansiedade / impaciência / n/paciência / nervosismo / tensão
alegria	=	agrado / alegria / ânimo / congratulação / contentamento / euforia / regozijo
amizade	=	amizade / apreço / estima
amor	=	amor / meiguice / paixão
angústia	=	aflição / angústia / desamparo / tormento
calma	=	descontracção / calma / n/preocupação / paz / serenidade / sossego / tranquilidade

ciúme	=	ciúme / inveja
confiança	=	confiança
coragem	=	coragem / n/atemorização / n/intimidação / n/medo / n/receio
comoção	=	comoção / emoção /
compreensão	=	compreensão / tolerância
crença	=	certeza / convicção / crença
desagrado	=	desagrado / descontentamento / desencanto / incomodidade / insatisfação / mal-estar
desânimo	=	desalento / desânimo / desilusão / desespero / desmoralização / frustração / infelicidade / pena / tristeza
desconfiança	=	cepticismo / desconfiança / n/confiança
desinteresse	=	desinteresse / indiferença / n/interesse
desprezo	=	desdém / desprezo / desrespeito / menosprezo
determinação	=	determinação / firmeza
dignidade	=	dignidade / honra
dor	=	agonia / amargura / dor / lamento / mágoa / pesar
entusiasmo	=	entusiasmo / excitação / fervor
espanto	=	admiração / espanto / pasmo / surpresa
esperança	=	esperança / expectativa
fraternidade	=	camaradagem / fraternidade
humilhação	=	humilhação / vexame
indignação	=	indignação
interesse	=	curiosidade / interesse
medo	=	alarme / horror / intimidação / medo / pânico / receio / terror
ódio	=	inimizade / n/ adoração / n/ amor / ódio / rancor / repúdio / repulsa / sede de vingança
orgulho	=	orgulho
preocupação	=	apreensão / preocupação
reconhecimento	=	agradecimento / reconhecimento
respeito	=	consideração / respeito / simpatia
revolta	=	cólera / fúria / ira / raiva / revolta
satisfação	=	divertimento / gozo / prazer
solidariedade	=	solidariedade
vergonha	=	vergonha
vontade	=	ambição / anseio / aspiração / desejo / vontade

Sempre que ao longo da análise subsequente nos referirmos a "sentimentos", estaremos a falar mais exactamente de *campos semânticos de sentimentos*, aqueles que acabámos de definir.

3.2 *Análise comparativa da utilização dos sentimentos*

3.2.1 *Uma disparidade motivadora*

Começamos por constatar que o discurso do "Portugal Socialista" recorre com muito mais frequência aos sentimentos do que o discurso da "Voz do Povo".

Vejamos. Num corpus de 72.489 palavras, a "Voz do Povo" nomeia sentimentos 220 vezes. Num corpus de 51.396 palavras, o "Portugal Socialista" nomeia sentimentos 419 vezes. Relativizando este último valor em função do corpus da "Voz do Povo", obtemos o valor de 591 nomeações de sentimentos no "Portugal Socialista".

O rácio "Voz do Povo"/"Portugal Socialista" que se obtém é de 2,68, ou seja, o "Portugal Socialista" nomeia quase três vezes mais sentimentos do que a "Voz do Povo" - uma diferença estatisticamente muito substancial em face das dimensões do corpus.

Esta disparidade, que contradiz a ideia de senso comum de ser o discurso da "Voz do Povo" "mais dramatizado" do que o discurso do "Portugal Socialista", poderá relacionar-se com um processo de "mobilização afectiva" que, segundo Madalena Matos, teria sido levado a cabo pelo PS no pós-11 de Março (MATOS, 1992:367).

Procuremos, através da análise da utilização particular que se faz dos sentimentos nos dois corpus, as razões duma disparidade que consideramos motivadora, por contradizer - no que respeita a este aspecto do apelo afectivo - uma hipótese de senso comum que recusámos desde o início: a de que a "Voz do Povo" "dramatiza mais" do que o "Portugal Socialista".

O número de formas de sentimentos nomeadas pelos dois jornais, patente na tabela as-1, não nos permite extrair ideias importantes em termos comparativos.

Tabela as-1
Número de formas de sentimentos

Número de sentimentos nomeados		
"VP"	"PS"	"PS" corrigido
72	127	179

Comparando o número de formas dos dois jornais (valor do "Portugal Socialista" corrigido) obtemos um rácio de 2,48, valor muito semelhante ao do rácio relativo ao número de ocorrências (2,68). Podemos alegar que a grande disparidade no número de formas de sentimentos usadas deriva, não de uma maior concentração temática na utilização dos sentimentos, mas da própria disparidade que existe em número de ocorrências. É natural que em 591 ocorrências haja mais formas de sentimentos do que em 220 ocorrências.

3.2.2 Alguns dados fundamentais

As tabelas as-19 e as-20 (Anexo V) contêm as frequências de todos os sentimentos, ordenados por frequência. A tabela as-2 constitui uma espécie de resumo daquelas, ao reunir, a partir dos dados ordenados por frequência, os sentimentos mais utilizados pela "Voz do Povo" e pelo "Portugal Socialista", assim como as respectivas frequências relativas (o critério de selecção foi os 75% de sentimentos com mais ocorrências em cada jornal).

Tabela as-2

Os sentimentos com mais ocorrências nos dois jornais, em frequências absolutas e relativas (primeiros 75% de ocorrências)

"Voz do Povo"			"Portugal Socialista"			
Sentimento	Ocorr.	%	Sentimento	Ocorr.	Oc. corr.	%
medo	30	13,64%	vontade	52	73	12,41%
solidariedade	23	10,45%	solidariedade	46	65	10,98%
vontade	22	10,00%	respeito	33	47	7,88%
confiança	19	8,64%	alegria	25	35	5,97%
desprezo	18	8,18%	calma	19	27	4,53%
revolta	18	8,18%	desprezo	19	27	4,53%
ódio	14	6,36%	amizade	17	24	4,06%
coragem	12	5,45%	ódio	16	23	3,82%
desânimo	8	3,64%	desânimo	15	21	3,58%
desconfiança	7	3,18%	dor	15	21	3,58%
			entusiasmo	14	20	3,34%
			preocupação	14	20	3,34%
			espanto	11	16	2,63%
			fraternidade	10	14	2,39%
			medo	10	14	2,39%

Esta tabela permite-nos uma primeira aproximação aos tipos de sentimentos predominantes em cada um dos corpus, sugerindo-nos desde logo algumas clivagens que consideramos importantes.

3.2.3 Positivo/negativo

Uma primeira observação destes dados leva-nos a testar a clássica oposição positivo/negativo. Entre os 75% de sentimentos da "Voz do Povo" com mais ocorrências, podemos atribuir um carácter negativo a seis deles (medo, ira, desprezo, ódio, desânimo, desconfiança) e positivo aos restantes quatro (vontade, solidariedade, confiança, coragem). A situação do "Portugal Socialista" é inversa: 8 dos primeiros 15 sentimentos que constituem os primeiros 75% têm um carácter positivo (vontade, solidariedade, respeito,

alegria, calma, amizade, entusiasmo, fraternidade) e 6 têm um valor negativo.

Figura as-1

Voz do Povo: ocorrências de sentimentos positiva e negativamente conotados

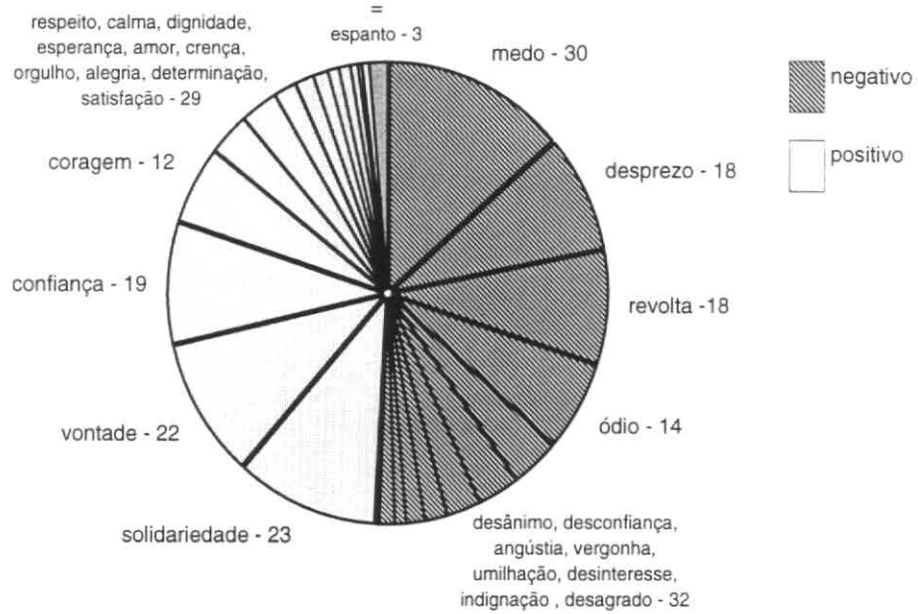
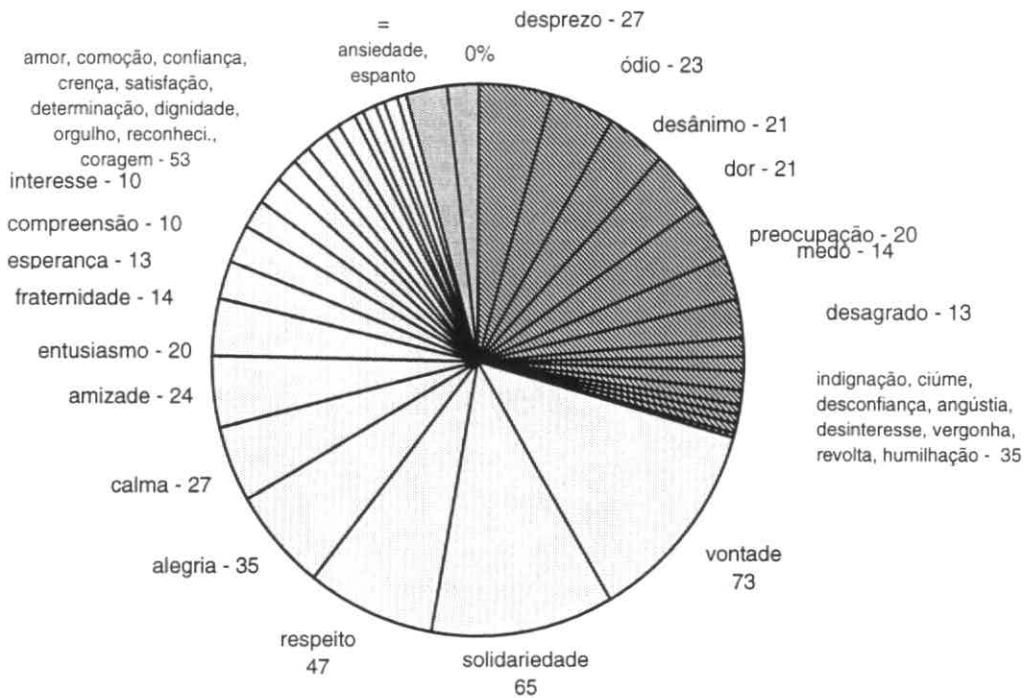


Figura as-2

Portugal Socialista: ocorrências de sentimentos negativa e positivamente



As figuras as-1 e as-2, contendo gráficos com a distribuição quantitativa dos sentimentos positivos e negativos dos dois jornais, permite-nos aprofundar e reforçar este ponto de vista. Os gráficos captam 100% das ocorrências e através deles a clivagem positivo/negativo torna-se mais evidente. Efectivamente, eles mostram como no "Portugal Socialista" há uma larga predominância dos sentimentos de carácter positivo (exactamente 66,1%, contra 29,4% de sentimentos de carácter negativo), enquanto na "Voz do Povo" há um equilíbrio quase perfeito entre os dois pólos positivo e negativo: 49,1% de sentimentos positivos e 50,9% de sentimentos negativos.

É um dado que deriva - como veremos através da análise da utilização dos sentimentos, ou seja, dos respectivos sujeitos e objectos -, por um lado, da postura ideológica dos dois jornais e, por outro, da sua postura política.

3.2.4 Os sentimentos como "cimento" das visões do mundo

A partir apenas destes dados, podemos adiantar que os sentimentos utilizados pela "Voz do Povo" enformam ou enquadram afectivamente a visão do mundo centrada na luta de classes. Todos os sentimentos quantitativamente mais importantes - medo, solidariedade, vontade, confiança, desprezo, revolta, ódio, coragem, desânimo, desconfiança - podem contribuir para caracterizar a luta de classes em termos afectivos. Se o medo, o desprezo, a revolta, o ódio e a desconfiança são sentimentos que definem a relação entre os oponentes de um conflito, também a solidariedade, vontade, confiança e coragem são sentimentos que uma das partes deve assumir se quer levar de vencida essa luta.

Os sentimentos usados pelo "Portugal Socialista" constituem também o necessário suporte afectivo da visão do mundo que descodificámos através da análise das relações de oposição/associação entre as entidades: uma visão em que o PS se assume como o centro político, apoiado socialmente pelo povo e militarmente pelo MFA, de uma sociedade cujas instituições são legítimas. Os sentimentos de solidariedade, respeito, calma, alegria e amizade (33,4% do total de ocorrências) dão o mote para esta visão a que chamaríamos de consenso.

Ou seja, num e noutro caso os sentimentos são utilizados como meio de definir as relações entre as entidades, constituindo-se como um "cimento" que as fixa a determinadas posições no espaço simbólico.

3.2.5 Rácios "VP"/"PS" e "PS"/"VP" na utilização dos sentimentos

Podemos analisar as principais disparidades entre os dois jornais na utilização dos sentimentos observando os rácios mais elevados relativos ao número de ocorrências de sentimentos nos dois jornais.

A tabela as-3 ordena esses rácios do maior para o mais pequeno, nos casos dos sentimentos mais usados pela "Voz do Povo". A tabela as-4 faz o mesmo para os sentimentos mais usados pelo "Portugal Socialista".

Assim, os sentimentos que se encontram no topo de cada tabela são aqueles que têm uma utilização mais díspar nos dois jornais.

Refira-se que os valores usados nestes rácios são corrigidos para o "Portugal Socialista", de modo a igualar a dimensão dos corpus. Optámos também por adaptar os casos de 0 ocorrências a 1; embora seja um procedimento matematicamente incorrecto, é o único que possibilita a construção do rácio nesses casos, que são porventura os mais importantes.

Tabela as-3

Rácio VP/PS para os sentimentos com mais ocorrências na "Voz do Povo"

Rácio VP/PS para os sentimentos com mais ocorrências na VP				
Sentimento	VP	PS	PSc	Rácio
coragem	14	2	3	4.7
ira	18	3	4	4.5
humilhação	3	1	1	3.0
confiança	17	5	7	2.4
medo	29	11	16	1.8
desconfiança	7	4	6	1.8
angústia	5	2	3	1.7

Tabela as-4

Rácio PS/VP para os sentimentos com mais ocorrências no "Portugal Socialista"

Sentimento	VP	PS	PSc	Rácio	Sentimento	VP	PS	PSc	Rácio
amizade	0	17	24	24.0	esperança	3	9	13	4.3
dor	0	16	23	23.0	amor	2	6	8	4.0
entusiasmo	0	15	21	21.0	desinteresse	1	3	4	4.0
alegria	2	28	39	19.0	determinação	1	3	4	4.0
fraternidade	0	10	14	14.0	reconhecimento	0	3	4	4.0
preocupação	0	10	14	14.0	desânimo	9	23	32	3.6
ansiedade	0	9	13	13.0	gozo	2	5	7	3.5
compreensão	0	7	10	10.0	indignação	2	5	7	3.5
desagrado	1	7	10	10.0	solidariedade	22	46	65	3.0
interesse	0	7	10	10.0	vontade	26	49	69	2.7
comoção	0	5	7	7.0	crença	2	3	4	2.0
respeito	7	33	47	6.7	orgulho	2	3	4	2.0
ciúme	0	4	6	6.0	dignidade	4	5	7	1.8
calma	6	21	30	5.0	desprezo	16	18	25	1.6
espanto	3	10	14	4.7	ódio	14	15	21	1.5

Analisando a tabela as-3, relativa aos sentimentos de utilização mais díspar a favor da "Voz do Povo", decidimo-nos por destacar a **intensidade afectiva da luta** como o elemento em que este jornal mais claramente se distingue do "Portugal Socialista". É essa a expressão que nos ocorre para resumir os sentimentos de *coragem, ira, humilhação, confiança e medo*. Note-se, para o caso da confiança, que a "Voz do Povo" o utiliza principalmente para se referir à confiança na luta.

No caso inverso (tabela as-4), de utilização díspar a favor do "Portugal Socialista", notamos em primeiro lugar a grande quantidade de sentimentos mais usados por este jornal, expressão da maior importância por ele atribuída aos sentimentos - só há seis sentimentos mais usados pela "Voz do Povo". Seguidamente, verificamos que os sentimentos mais díspares são **sentimentos de consenso**. *Amizade, dor, entusiasmo, alegria, fraternidade, preocupação, ansiedade, compreensão*. Todos eles sentimentos simplesmente ausentes do corpus da "Voz do Povo" e que, como veremos mais detalhadamente, assumem um papel decisivo na visão do "Portugal Socialista". Note-se que os próprios sentimentos de *dor e preocupação*, tendo um carácter negativo, têm também um cunho passivo, de não confrontação, estando semanticamente "distantes" dos sentimentos conflituais com que a "Voz do Povo" representa as situações de sofrimento: *humilhação, ódio, revolta*.

Depois da dicotomia positivo/negativo, esta análise leva-nos a eleger a dicotomia **consenso/conflito** como uma das clivagens que opõe os dois jornais, o "Portugal Socialista" situando os sentimentos como reflexos ou agentes do consenso, a "Voz do Povo" situando-os como reflexos ou agentes do conflito.

3.3 Análise dos sentimentos em função do respectivo sujeito e destinatário

Como foi anteriormente referido, decompusemos as ocorrências de sentimentos em três variáveis que nos permitem agora uma análise mais aprofundada deste tema. As variáveis são o *sujeito* do sentimento, o *sentimento* em si e o *destinatário, objecto ou causa* do sentimento. Nas tabelas as-17 e as-18 (Anexo IV) podemos ver o resultado deste procedimento.

Apresentamos seguidamente algumas tabelas que, para os sentimentos quantitativamente mais importantes dos dois corpus, cruzam os respectivos sujeito e objecto. Isto permitirá uma análise em profundidade desses sentimentos. Analisar a relação sujeito/objecto para todos os sentimentos implicaria a construção de centenas de tabelas cruzadas, o que se tornaria

impraticável. Procedemos então a uma selecção, usando para tal um critério quantitativo. Seleccionámos nomeadamente aqueles cuja frequência relativa fosse pelo menos 5% do total de ocorrências de sentimentos do respectivo corpus. Assim, para a "Voz do Povo", obtivemos o medo (13,64%), a solidariedade (10,45%), a vontade (10,00%), a confiança (8,64%), o desprezo (8,18%), a revolta (8,18%), o ódio (6,36%) e a coragem (5,45%). Para o "Portugal Socialista", a vontade (12,41%), a solidariedade (10,98%), o respeito (7,88%) e a alegria (5,97%).

O critério de selecção do limiar de 5% "favorece" a "Voz do Povo", na medida em que, tendo este jornal muito menos formas de sentimentos que o "Portugal Socialista", as suas formas têm uma frequência relativa mais elevada, havendo por isso mais formas acima dos 5%. No entanto, a escolha do critério foi intencional, justificando-se pelo facto de o nosso centro de interesse ser a "Voz do Povo" e não tanto o "Portugal Socialista", e de estarmos mais interessados em aprofundar a análise daquele jornal.

IV - ANÁLISE DOS DADOS

Tabela as-5
Sujeitos e causas de MEDO na "Voz do Povo"

Count of Destinatário	Destinatário															
Sujeito	direita, for., elem.	UDP ou elem.	luta política revoluc.	governo ou elem.	operários, cl. operária	patrões	PCP ou elem.	povo	sindicatos, sindicais.	chefes	comunismo	latifundiários	luta pela habitação	trabalhadores	Grand Total	
PCP ou elem.	0	4	2	0	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	8	
operários ou classe operária	1	0	0	0	0	1	0	0	2	1	0	0	0	0	5	
trabalhadores	0	0	0	2	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	4	
povo	3	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	3	
burguesia ou burgueses	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	2	
camponeses	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	2	
indefinido	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2	
Intersindical ou elem.	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1	
mulheres	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1	
patrões ou empresários	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	
UDP ou elem.	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1	
Grand Total	5	5	3	2	2	2	2	2	2	1	1	1	1	1	30	

Tabela as-6
Sujeitos e destinatários de SOLIDARIEDADE na "Voz do Povo"

Count of Destinatário		Destinatário						
Sujeito		total tabular	trabalhad. operários, cl. operária	trabalhadores sindicais,	povo	forças militares	UDP ou elem.	Grand Total
povo		6	0	0	0	1	0	7
operários ou classe operária		1	3	1	1	0	0	6
indefinido		0	0	2	0	1	0	4
sindicatos ou sindicalistas		0	0	0	2	0	0	2
explorados		0	1	0	0	0	0	1
forças militares ou elem.		0	0	0	0	0	1	1
leitores		1	0	0	0	0	0	1
trabalhadores		0	0	1	0	0	0	1
Grand Total		8	4	4	3	2	1	23

Tabela as-7
Sujeitos e objectos de VONTADE na "Voz do Povo"

Count of Destinatário	Destinatário									
Sujeito	indefinido	luta laboral trabalhada.	cativar os trabalhadores	luta pela habitação	exploração de trabalhada.	anterior regime	corrupção	PCP ou elem., ac.	reivindicações	Grand Total
povo	3	1	0	3	0	0	0	0	0	7
operários ou classe operária	1	3	0	0	0	0	0	0	0	4
PCP ou elem.	0	0	2	0	0	0	0	1	0	3
direita ou for. ou elem.	0	0	1	0	0	1	0	0	0	2
trabalhadores	1	1	0	0	0	0	0	0	0	2
intermediários	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1
latifundiários	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1
patrões ou empresários	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1
sindicatos ou sindicalistas	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1
Grand Total	5	5	3	3	2	1	1	1	1	22

Tabela as-8
Sujeitos e objectos de CONFIANÇA na "Voz do Povo"

Count of Destinatário	Destinatário													
Sujeito	governo ou elem.	operários, cl. operária	sindicatos, sindicais.	algumas pessoas	classe operária, força	comissão de trabalhad.	luta pela habitação	PCP ou elem.	povo	técnicos, quadros, liber.	UEC ou elem.	verdade	violência, ac.	Grand Total
operários ou classe operária	0	2	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	4
trabalhadores	1	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	3
capitalistas ou capitalismo	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	2
extrema-esquerda, for., elem.	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	0	2
povo	0	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	2
sindicatos ou sindicalistas	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	0	0	2
chefes	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
direita ou for. ou elem.	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
indefinido	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
UDP ou elem.	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
Grand Total	3	3	3	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	19

Tabela as-9
Sujeitos e objectos de DESPREZO na "Voz do Povo"

Count of Destinatário	Destinatário														
Sujeito	povo	trabalhadores	burguesia, burgueses	colónias(ex-)	debates	forças policiais	luta laboral trabalhada.	marxismo	operários, cl. operária	PCP ou elem.	reivindicações	sindicatos, sindicais.	trabalhadores, força	UDP ou elem.	Grand Total
trabalhadores	0	0	1	0	0	1	0	0	0	0	0	1	1	0	4
governo ou elem.	0	1	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	3
MES ou elem.	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1	2
patrões ou empresários	1	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	2
autoridades municipais	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
capitalistas ou capitalismo	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
chefes	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
encarregados	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
operários ou classe operária	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1
PCP ou elem.	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
sindicatos ou sindicalistas	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1
Grand Total	3	3	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	18

Tabela as-10
Sujeitos e objectos de REVOLTA na "Voz do Povo"

Count of Destinatário	Destinatário											
Sujeito	direita, for., elem.	injustiças sociais	latifundiários	responsáveis prisao	PIDES	encarregados	governo ou elem.	povo	trabalhadores	UDP ou elem.	Grand Total	
povo	4	0	1	2	0	0	0	0	0	0	7	
trabalhadores	1	2	1	0	0	1	0	0	0	0	5	
indefinido	0	1	0	0	1	0	0	0	0	0	2	
burguesia ou burgueses	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	
direita ou for. ou elem.	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	
MFA ou elem. ou ac.	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	
operários ou classe operária	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	
Grand Total	5	4	2	2	1	1	1	1	1	1	18	

Tabela as-11

Sujeitos e objectos de ÓDIO na "Voz do Povo"

Count of Destinatário	Destinatário						
Sujeito	direita, for., elem.	burguesia, burgueses	forças policiais	governo ou elem.	patrões	sindicatos, sindicais.	Grand Total
povo	4	0	1	0	0	0	5
operários ou classe operária	0	1	0	0	1	1	3
trabalhadores	1	2	0	0	0	0	3
UDP ou elem.	0	0	2	0	0	0	2
sindicatos ou sindicalistas	0	0	0	1	0	0	1
Grand Total	5	3	3	1	1	1	14

Tabela as-12

Sujeitos e objectos de CORAGEM na "Voz do Povo"

Count of Destinatário	Destinatário									
Sujeito	burguesia, burgueses	patrões	PCP ou elem.	direita, for., elem.	forças policiais	luta laboral trabalh.	luta, acções erradas	MFA ou elem. ou ac.	sindicatos, sindicais.	Grand Total
operários ou classe operária	0	1	0	0	1	1	1	0	0	4
UDP ou elem.	2	0	2	0	0	0	0	0	0	4
camponeses	0	1	0	0	0	0	0	1	0	2
comissão de trabalhadores	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1
povo	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1
Grand Total	2	2	2	1	1	1	1	1	1	12

IV - ANÁLISE DOS DADOS

Tabela as-13
 Sujeitos e objectos de VONTADE no "Portugal Socialista"

Count of Destinatário	Destinatário															
Sujeito	indefinido	socialismo	democracia	firm inimizadas políticas	unidade	vias de diálogo	ataques ao PS	autogestão	colónia(ex-), independ.	confraternização	governo ou elem., ac.	lei ou tribunais	liberdade	luta laboral trabalhad.	partidos da coligação	PS, linha sindical
povo	11	3	2	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1	0	0	0
PS ou elem.	0	3	1	3	1	2	0	0	0	1	0	1	0	0	1	1
trabalhadores	3	0	1	0	0	0	0	1	0	0	1	0	0	1	0	0
estudantes	3	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
PCP ou elem.	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
algumas pessoas	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
esquerda ou for. ou elem.	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
indefinido	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
órgãos de comunicação soc	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
sindicatos ou sindicalistas	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Grand Total	19	7	5	3	2	2	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1

Tabela as-14
 Sujeitos e objectos de SOLIDARIEDADE no "Portugal Socialista"

Count of Destinatário	Destinatário															
Sujeito	PS ou elem.	redacção do "República"	jovens	trabalhadores	MFA ou elem. ou ac.	partidos socialistas estrang.	adversários políticos	ataques ao PS	colónia(ex-), povo	empresas	governo ou elem.	liberdade	manifestação do PS	movimentos de libertação	povo	retornados
partidos socialistas estrang.	10	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
povo	1	5	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	0
PS ou elem.	0	0	0	3	3	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
JS ou elem.	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	0	0
trabalhadores	3	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
jovens	0	0	3	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
democracia	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
indefinido	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0
operários ou classe operária	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
partidos comunistas estrang	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
partidos da coligação	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0
partidos não totalitários	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
sindicatos ou sindicalistas	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0
Grand Total	15	7	4	4	3	3	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1

Tabela as-15
Sujeitos e destinatários de RESPEITO no "Portugal Socialista"

Count of Destinatário	Destinatário													
Sujeito	democracia	vontade do povo	liberdade	pluralismo ou diversidade	adversários políticos	PS ou elem.	MFA ou elem. ou ac.	povo	colónia(ex-), independ.	esquerda ou for. ou elem.	partidos socialistas estrang.	PCP ou elem.	trabalhadores	Grand Total
indefinido	1	4	1	1	1	1	0	1	0	0	0	0	0	10
PS ou elem.	2	0	2	0	0	0	1	0	0	0	0	1	1	7
partidos socialistas estrang.	0	1	0	1	0	1	0	0	0	0	1	0	0	4
povo	1	0	0	0	0	1	0	1	0	0	0	0	0	3
socialismo	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2
democracia	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1
esquerda ou for. ou elem.	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1
governo ou elem.	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1
intelectuais, professores	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
MFA ou elem. ou ac.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1
órgãos de comunicação social	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
partidos políticos	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1
Grand Total	5	5	4	4	3	3	2	2	1	1	1	1	1	33

Tabela as-16
Sujeitos e causas de ALEGRIA no "Portugal Socialista"

Count of Destinatário	Destinatário														
Sujeito	confraternização	25 de Abril	artistas ou actuação de	manifestação do PS	colónia(ex-), independ.	vitória eleitoral	apoio do povo ao PS	bandeiras do PS	debates	governo ou elem.	indefinido	luta política revoluc.	mulheres	PS ou elem.	Grand Total
PS ou elem.	0	0	2	3	1	0	1	1	0	0	0	1	0	1	10
adversários políticos	2	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	3
povo	0	3	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	3
PCP ou elem.	0	0	0	0	0	2	0	0	0	0	0	0	0	0	2
algumas pessoas	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
artistas ou actuação de	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1
colónia(ex-), povo	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
jovens	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1
JS ou elem.	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1
partidos socialistas estrang.	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
técnicos, quadros ou liberais	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1
Grand Total	4	3	3	3	2	2	1	1	1	1	1	1	1	1	25

3.3.1 Sentimentos mais frequentes na "Voz do Povo"

3.3.1.1 Medo: *visão extremadamente conflitual; denúncia; força dos operários e cobardia de inimigos políticos*

É sintomático que o sentimento quantitativamente mais importante na "Voz do Povo" seja o medo (30 ocor.). Para começar, é um sentimento que envolve uma grande ameaça, ou não existiria. Chamemos-lhe um sentimento "radical". Indicia-nos desde logo uma visão da realidade ameaçadora, cujos actores temem uma agressão. A tabela as-5 permite-nos verificar como esta situação se representa num contexto de luta de classes, em que os actores de um e de outro lado temem a agressão de outros actores, os seus oponentes.

É o PCP o sujeito mais frequente (8 ocor.) e a causa do seu medo é quase sempre (7 ocor.) uma entidade combativa, do campo "revolucionário". Como sujeitos, segue-se o trio operários, trabalhadores e povo, respectivamente com 5, 4 e 3 ocorrências. Os objectos dos seus medos são diferentes. Os operários temem sindicatos, chefes e patrões. Os trabalhadores temem governo, PCP e patrões. O povo teme exclusivamente a direita.

Embora com base em poucas ocorrências, esta distribuição ajuda-nos a situar as entidades *operários*, *trabalhadores* e *povo* nas respectivas posições simbólicas. Assim, temos os *operários* claramente associados ao campo laboral, os *trabalhadores* como entidades do mundo laboral que desempenham uma função política e o *povo* ligado ao campo político. Uma confirmação da visão do mundo descodificada a partir da análise das relações entre as entidades.

Como sujeitos de medo, há ainda a *burguesia* (2 ocor.) e os *camponeses* (2 ocor.), seguidos de outras entidades com uma só ocorrência.

Relativamente aos objectos de medo, encontramos uma concentração das ocorrências em duas modalidades, *direita* e *UDP*, com 5 ocorrências cada uma. São duas entidades que se situam nos extremos do espectro representado no corpus, confirmando o carácter "radical" do próprio sentimento e o carácter extremadamente conflitual da visão do mundo da "Voz do Povo".

Além de podermos concluir que a predominância deste sentimento confirma que a "Voz do Povo" assume essa visão extremadamente conflitual, podemos ainda identificar duas funções simbólicas desempenhadas pelo medo:

Quando o sujeito são trabalhadores, operários ou povo, a evocação do medo é simultaneamente a *denúncia* de uma relação de dominação, opressão ou repressão, que assume foros de violência. Quando o sujeito é o PCP ou a

burguesia, a evocação do medo faz-se para representar, de um lado, a força ou poder dos operários revolucionários ou da UDP e, de outro, a cobardia da burguesia e do PCP.

3.3.1.2 Solidariedade: "*alimento afectivo*" da luta de classes

Em relação a este sentimento (tabela as-6), o aspecto que nos parece mais importante realçar é o facto de o principal objecto de solidariedade ser a própria luta de classes, em detrimento, por exemplo, das entidades mais indefesas e passivas, como o *povo* ou os *camponeses*. Não se representa *solidariedade* para com categorias como os *explorados* ou as situações de *pobreza* ou *miséria*.

É a *luta laboral dos trabalhadores* que com 8 ocorrências predomina como objecto de solidariedade. Seguem-se os *operários* e os *trabalhadores*, com 4 ocorrências cada um. São actores da luta de classes, embora nem sempre considerados de forma activa.

Já os sujeitos de solidariedade, aqueles que são solidários, são na maior parte dos casos entidades "de rectaguarda", que exprimem o sentimento em relação aos protagonistas da luta. Os principais sujeitos são o *povo* (7 ocor.), os *operários* (6 ocor.) e a entidade *indefinido* (6 ocor.) (a indefinição resulta na maior parte dos casos da utilização do sujeito indefinido "nós" ou da forma "é preciso que se seja solidário com...").

Podemos concluir assim que o sentimento de solidariedade é usado como um "alimento de cariz afectivo" para as forças que combatem a luta de classes na "linha da frente". A solidariedade é representada como *mantimento*³ para essas forças e não como uma forma de *compaixão* para com as entidades representadas como as vítimas passivas do regime capitalista.

3.3.1.3 Vontade: *motivo para a luta de classes; condição afectiva para o sucesso da luta de classes*

Pelos sujeitos da vontade patentes na tabela as-7, verificamos que este sentimento assume dois sentidos distintos.

Por um lado, é representado como um *motivo para a luta de classes*. É o caso das 7 ocorrências referentes à "vontade do povo". Como constatamos pela análise de outras categorias, o *povo* não é uma entidade especialmente activa na

³ Não nos choca a interpretação metafórica da visão do mundo da "Voz do Povo". É uma visão que obedece a uma lógica também ela profundamente metafórica. Embora devamos fazer um esforço para decompor as sucessivas metáforas em categorias analíticas exactas, pensamos que em certos casos, como este, a metáfora pode desempenhar uma função heurística.

luta de classes. Daí que a *vontade do povo* tenha o valor, na nossa perspectiva, não de uma expressão directa dessa luta, mas de um motivo para a desenvolver. A vontade do povo surge como o motivo ou a razão da luta de classes.

No caso da *vontade dos operários* (4 ocor.), entidade que se define por uma posição mais combativa, podemos falar talvez da vontade como alimento ou tónico da luta de classes. Ao contrário da solidariedade, que constituía um apoio afectivo vindo do exterior, de outras entidades, a vontade é um sentimento que confere força à acção e que parte do próprio protagonista da luta. Podemos então falar de uma condição afectiva que os operários devem assumir.

3.3.1.4 **Confiança: fortalecimento das relações de associação positivas**

A distribuição das 19 ocorrências de confiança (tabela as-8) é acentuadamente dispersa, não havendo modalidades que as concentrem, nem como sujeitos, nem como objectos de confiança.

A relação de confiança mais frequente regista três ocorrências: a confiança de *operários* em *operários* ou na *força da classe operária*. Todas as outras relações de confiança apresentam uma só ocorrência. Não só os operários ou os trabalhadores são sujeitos de confiança, mas também entidades negativamente valoradas, como patrões, direita ou sindicatos.

As relações de confiança coincidem com relações de associação já identificadas ou coerentes com a visão que descodificámos: capitalismo-governo, capitalismo-acções violentas, povo-comissões de trabalhadores, povo-luta pela habitação, etc.

Um único caso particular a destacar é a modalidade *trabalhadores* como sujeito (3 ocor.), que surge numa perspectiva negativa ao ter confiança apenas em entidades negativamente valoradas (*governo, sindicatos e técnicos ou quadros*). Neste caso, o sentimento de confiança surge como uma forma de **erro**, uma forma de os trabalhadores contrariarem o sentido da luta. Tentaremos ver se este exemplo do sentimento enquanto erro não terá uma expressão mais abrangente, o que seria muito interessante.

3.3.1.5 **Desprezo: agente de revolta; meio de enfatização da oposição burguesia/proletariado**

É mais um sentimento "radical", que exprime relações de forte antagonismo. O recurso importante ao *desprezo* (18 ocor. - 8,18% de todas as

ocorrências de sentimentos) ajuda a construir a visão extremadamente conflitual de que já falámos.

Como sujeitos de desprezo, embora a modalidade mais frequente seja trabalhadores (4 ocor.), é seguro afirmar que as principais modalidades são as negativamente valoradas. Das 18 ocorrências, 13 têm como sujeitos entidades negativamente valoradas.

Tal como no caso do medo e da vontade, podemos apontar duas funções distintas para a utilização do sentimento de desprezo.

A evocação do desprezo do *governo* pelos *trabalhadores* e as *reivindicações* ou dos *patrões* pelo *povo* e a *luta*, procura suscitar revolta no leitor (a mesma leitura foi feita a propósito do *medo*).

A evocação do desprezo no sentido contrário, dos trabalhadores para com as forças policiais, os sindicatos ou a burguesia, constitui uma forma de afirmar o carácter radical ou extremo da oposição entre os dois "campos", justificando esse sentimento. Por outras palavras, trata-se de (mais) uma forma de enfatizar a relação de oposição.

3.3.1.6 Revolta: *resposta afectiva às ameaças da direita e às injustiças*

O sentimento de revolta (tabela as-10), nas suas 18 ocorrências, apresenta uma concentração em determinados sujeitos e objectos que reforça as conclusões. Ao contrário da maior parte dos anteriores, a revolta tem um sentido claramente definido e não vários.

Trata-se de um sentimento que prenuncia a luta, sustentando assim fortemente a visão do mundo centrada na luta.

Os sujeitos da revolta são o *povo* (7 ocor.) e os *trabalhadores* (5 ocor.). Considerando os objectos de revolta, constata-se que este sentimento é utilizado no campo político e não no laboral. A *direita* é o principal objecto (5 ocor.). Seguem-se as *injustiças sociais* (4 ocor.), os *latifundiários* (2 ocor.) e os *responsáveis pela prisão dos elementos da PIDE* (2 ocor.). Patrões, capitalistas, burguesia não suscitam revolta, aliás como o PCP.

Se pensarmos ainda que as entidades ideologicamente mais combativas - UDP, extrema-esquerda, classe operária - não são sujeitos de revolta, concluímos que este sentimento está ligado a uma relação particular: a do povo ou dos trabalhadores com a direita. A revolta surge como uma expressão afectiva das ameaças políticas de que são vítimas o povo e os trabalhadores, principalmente da parte da direita.

Podemos falar da revolta - aliás como também nos casos da solidariedade e do ódio - como a **materialização afectiva do conceito de consciência de classe**. Ou seja, uma das formas que a "Voz do Povo" encontra para representar

a consciência de classe no palco da realidade social, é o noticiar destes sentimentos.

3.3.1.7 Ódio: *sentimento identificador da relação do "campo revolucionário" com a direita*

O sentimento de ódio (tabela as-11) tem um sentido próximo da revolta e é representado de forma não muito diferente. Há também uma razoável concentração, tanto dos sujeitos como dos objectos, num pequeno núcleo de modalidades. Os sujeitos são o *povo* (5 ocor.), os *operários* (3 ocor.), os *trabalhadores* (3 ocor.) e a *UDP* (2 ocor.).

Podemos considerar que o *ódio* é um sentimento próprio do "campo revolucionário", talvez mais do que qualquer outro. A sustentar esta afirmação está o facto de nem uma só vez uma entidade do "campo da burguesia" ser sujeito de ódio. Os objectos de ódio distribuem-se por vários campos: as entidades mais odiadas são a direita (5 ocor.), as forças policiais (3 ocor.) e a burguesia (3 ocor.). O governo, os patrões e os sindicalistas registam uma ocorrência cada.

Há em todo o caso uma clara predominância do campo político, como havia no caso da *revolta*, o que confirma a direita como **o inimigo mais odioso**. Chegámos a esta ideia também na análise da ênfase, ao constatar que a *intensidade* atribuída à luta contra a direita é muito maior do que a intensidade da luta contra outros inimigos da extrema-esquerda, como os patrões ou o PCP.

Por outro lado, a evocação do ódio permite conferir aos seus sujeitos o atributo da *combatividade*.

3.3.1.8 Coragem: *"combustível" para os protagonistas da luta de classes; sentimento legitimador da liderança da "vanguarda revolucionária"*

A *coragem*, tal como a vontade ou a solidariedade, surge como um mantimento, um "combustível" necessário ao desenrolar da luta. Não espanta que os sujeitos de coragem sejam somente entidades do "campo revolucionário" (tabela as-12).

Compreende-se também que a UDP e a classe operária, duas entidades consideradas "de vanguarda", sejam os principais sujeitos de coragem (4 ocorrências cada). Isto confirma a UDP não como um dos principais protagonistas (como constatámos através da análise das relações de associação/oposição), mas antes como "centelha" ou "alavanca" da luta de classes, a par da classe operária.

A *coragem* surge assim como forma de legitimar a liderança da UDP e dos operários de extrema-esquerda na orientação das lutas. A coragem é um sentimento, um atributo dos "operários conscientes", da "vanguarda revolucionária", rótulos aplicados à UDP e aos seus elementos.

Quanto aos objectos de coragem - as ameaças que proporcionam o sentimento -, eles distribuem-se de forma dispersa por todas as entidades do campo inimigo, não havendo uma só entidade com mais de duas ocorrências.

3.3.2 Sentimentos mais frequentes no "Portugal Socialista"

3.3.2.1 *Vontade: razão da luta do PS; expressão de apoio à democracia; expressão afectiva da ideologia do convívio democrático/reconciliação socio-política*

Com 51 ocorrências, a *vontade* é o sentimento mais citado do corpus do "Portugal Socialista", reunindo 12,4% das suas ocorrências de sentimentos (contra 10% na "Voz do Povo"). Captar o seu significado implica observar a relação entre os seus sujeitos e objectos (tabela as-13).

As entidades apresentadas como sujeito de vontade são o povo (18 ocor.) e o PS (15 ocor.), seguidos dos trabalhadores (8 ocor.).

A expressão "vontade do povo", relacionando o sujeito *povo* e o objecto *indefinido* (uma vez que nesta expressão se não especifica o objecto da vontade), é responsável por 11 ocorrências, constituindo a relação mais frequente de qualquer um dos corpus. Tal como no caso da "Voz do Povo", a "vontade do povo" ou "vontade popular" é representada como um motivo ou uma razão para a luta, constituindo simultaneamente uma *expressão de apoio à democracia*.

Mas há uma diferença simultaneamente quantitativa e qualitativa para o valor deste sentimento nos dois jornais. Quantitativamente, notamos que no "Portugal Socialista" o sentimento tem muito mais importância (15 ocorrências - valor corrigido) do que na "Voz do Povo" (apenas 3 ocor.). Qualitativamente, existe um facto social que valoriza extraordinariamente o uso da expressão pelo "Portugal Socialista", justificando o desnível quantitativo: a clara vitória do PS nas eleições de 25 de Abril de 1975.

Com efeito, a importância para o "Portugal Socialista" da ideia "É preciso respeitar a vontade popular" eleva-a ao estatuto de palavra de ordem, diversas vezes referida no corpus, e de título de uma das notícias (42pr). Estamos

perante uma feliz capitalização simbólica de um motivo de luta e, simultaneamente, expressão de apoio à democracia.

Além do *indefinido*, o *povo* apresenta como objectos de vontade o *socialismo* (3 ocor.) e a *democracia* (2 ocor.), ou seja, os objectivos políticos do PS - passava-se algo de semelhante com a "Voz do Povo".

O PS, segundo sujeito de vontade, tem como objectos, para além dos seus objectivos políticos - *socialismo* (3 ocor.) e *democracia* (1 ocor.) -, um grupo de 4 entidades que nos remetem para a ideia de consenso ou "convívio democrático": *fim das inimizades políticas* (3 ocor.), *unidade* (1 ocor.), *vias de diálogo* (2 ocor.) e *confraternização* (1 ocor.). Curiosamente, este grupo de objectos de vontade relativo ao consenso tem como único sujeito o PS. Podemos afirmar que nenhum outro actor social surge como sujeito do consenso.

Em suma, a vontade assume dois sentidos principais: razão da luta do PS e expressão de apoio à democracia capitalizada simbolicamente, quando se fala de "vontade popular" e também "vontade dos trabalhadores" (3 ocor.); e expressão afectiva da função social e politicamente reconciliatória do PS, num contexto em que a conflitualidade envolve todos os outros actores sociais (tivemos oportunidade de infirmar esta visão de consenso também através da análise das relações de associação/oposição no "Portugal Socialista").

3.3.2.2 Solidariedade: *solidificar a posição central do PS e a sua relação com as entidades a que está associado*

Com 46 ocorrências, o sentimento de solidariedade é outro elemento central na descodificação do discurso dramatizado do "Portugal Socialista" (ver tabela as-14).

Os sujeitos de *solidariedade* mais frequentes são os *partidos socialistas estrangeiros* (11 ocor.), o *povo* (9 ocor.), o *PS* (8 ocor.), a *JS* (4 ocor.), os *trabalhadores* (4 ocor.) e os *jovens* (3 ocor.). Estas entidades coincidem com os principais elementos da estrutura simbólica que constitui a visão do mundo do jornal, o que indicia que a solidariedade tem uma função de solidificar essa estrutura e as posições relativas dos seus elementos.

O papel de "cimento simbólico" é confirmada ao considerarmos os objectos de solidariedade. Constatamos nomeadamente que o principal objecto de solidariedade, tanto na "Voz do Povo" como no "Portugal Socialista", coincide com o tema central da respectiva visão do mundo: para aquele jornal é, como vimos, a luta de classes. Para este é o PS (15 ocor.). Podemos acrescentar a estas ocorrências as 7 da redacção do "República", que como é sabido era afecta ao PS, e 1 ocorrência de solidariedade para com uma manifestação do

PS, para concluir que 50.0% das ocorrências (23 ocor.) de solidariedade se destinam ao PS ou a entidades afectas ao partido.

O sentido primordial deste sentimento no "Portugal Socialista" é, portanto, a solidificação da posição central do PS como instância de poder. E o principal responsável por este apoio afectivo são os partidos socialistas estrangeiros, o que mais uma vez confirma as conclusões a que chegámos pela análise da estrutura de relações (ver as figuras oa-3 e oa-4).

Uma outra série de dados revela-nos uma segunda leitura deste sentimento: a solidariedade do PS, a que podemos juntar a JS, para com outras forças sociais. 7 entidades são objecto da solidariedade do PS ou JS, das quais se destacam os trabalhadores e o MFA. É também uma forma de solidificar a relação de associação entre o PS e os seus parceiros privilegiados na visão do mundo do "Portugal Socialista".

3.3.2.3 Respeito: *suporte da ideologia do convívio democrático / reconciliação socio-política*

O sentimento de respeito, na sua larga utilização (33 ocor.), é utilizado como suporte da ideologia do convívio democrático ou do consenso, defendida pelo PS. As 5 entidades mais utilizadas como destinatários de respeito não são partidos nem outras instituições e organizações sociais; são entidades que podemos incluir num âmbito ideológico, o que confere à utilização do sentimento um cunho marcadamente ideológico: *democracia* (5 ocor.), *vontade do povo* (5 ocor.), *liberdade* (4 ocor.), *pluralismo ou diversidade* (4 ocor.), *adversários políticos* (3 ocor.). Não é coincidência o facto de os partidos e instituições sociais, incluindo o PS, serem menos representadas como objectos de respeito. É antes sintomático da principal função do sentimento de respeito: um suporte da ideologia do convívio democrático.

Refira-se também que os principais sujeitos de respeito além do sujeito *indefinido* (10 ocor., dado por formas como "é preciso respeitar...") são o *PS* (7 ocor.) e os *partidos socialistas estrangeiros* (4 ocor.), o que só confirma o PS como protagonista da referida ideologia.

3.3.2.4 Alegria: *a vida política como festa*

Como já vimos, a alegria é um dos sentimentos que apresentam um rácio "Portugal Socialista"/"Voz do Povo" mais elevado (19,0), ou seja, que têm uma utilização mais díspar nos dois jornais, a favor do jornal do PS. Por outro lado, é o 4º sentimento mais utilizado por este jornal, com 25 ocorrências.

Estes factos, por um lado, confirmam as visões do mundo dos dois jornais, e por outro, revelam-nos um outro aspecto da visão do mundo do "Portugal Socialista" que podemos designar como o carácter festivo da vida política. Através deste sentimento, a visão positiva da realidade social e política, de que temos dado conta ao longo da análise, assume um sentido de festa, com expressão em factos concretos, frequentemente evocados pelo jornal: o convívio democrático, a confraternização entre adversários políticos, a vivência do 25 de Abril, a vivência das manifestações nos tempos agitados do pós-11 de Março, a actuação dos artistas durante os comícios. O sentimento de alegria contribui decisivamente para esta perspectiva.

São os elementos do PS os principais protagonistas da alegria (10 ocor.), seguidos dos adversários políticos (3 ocor.) e do povo (3 ocor.). Ou seja, numa sociedade conflitual, procura-se uma identificação dos elementos do PS com uma atitude alegre. Aparentemente, procura-se situar o Partido Socialista e a sua vida partidária num lugar de descompressão, de fuga aos lugares de tensão que povoam o quotidiano social e político. Neste sentido, é um apelo oposto ao da "Voz do Povo". A quase totalidade das causas da alegria sentida pelos elementos do PS confirmam o centramento na vida interna do PS: *actuação de artistas, manifestação do PS, apoio do povo ao PS, bandeiras do PS* e o próprio PS.

Mais duas "relações de alegria" merecem referência: a do *povo*, alegre pelo 25 de Abril (3 ocor.). E a de *adversários políticos*, alegres na *confraternização* entre si (2 ocor.).

3.4 Conclusões adicionais: o lugar dos sentimentos

Na sequência das análises precedentes, resta-nos fornecer uma visão de conjunto do lugar dos sentimentos para cada um dos jornais. Esta visão inclui uma interpretação para o facto com que nos deparámos no primeiro momento da análise: a enorme disparidade entre os dois jornais na utilização de sentimentos, a favor do "Portugal Socialista".

3.4.1 "Portugal Socialista": o investimento simbólico no sentimento ou o sentimento elevado à categoria de ideologia

A nosso ver, a visão do mundo do "Portugal Socialista" recorre ao sentimento como forma de justificar ou explicar o consenso. A crítica da conflitualidade política faz-se através da crítica severa às "inimizades devido à

política" (metáfora da sociedade portuguesa, registre-se) e do sentimento de tristeza que essa situação provoca; a justificação do convívio democrático faz-se através da ênfase no respeito pelos adversários políticos; a justificação da força política do PS faz-se através da ênfase na alegria dos populares com as manifestações do PS; a aprovação da independência das ex-colónias centra-se sobretudo na profunda emoção que um nativo duma ex-colónia, do PS, sente enquanto assiste ao acontecimento. Enfim, todos estes casos são formas de, mais do que enquadrar, explicar através dos sentimentos a própria ordem política e institucional, representada como legítima.

A importância desta "função de explicação" pode residir de novo no paradoxo de ordem ideológica a que já nos referimos: o PS, como todos os outros actores sociais, movimenta-se numa sociedade conflitual (marcada pelo "Processo Revolucionário Em Curso"), uma conflitualidade que tem a justificação racional da teoria marxista. Como pode o PS, partido de esquerda e favorável às teses marxistas, sustentar a sua posição de consenso neste contexto socio-político?

A nosso ver, é através do recurso aos sentimentos. Alegria, respeito, solidariedade, amizade têm a função de colmatar a falta de uma explicação, historicamente aceitável para os leitores de esquerda, para o consenso social e político que se propõe. É afinal a elevação do sentimento à categoria de ideologia.

Uma expressão do corpus sintetiza bem a carga afectiva de que são investidos os elementos e os eleitores do PS: a expressão "grande família socialista", que na notícia 33ne3pg designa a população simpatizante do PS.

3.4.2 "Voz do Povo": mobilização do espaço afectivo para a luta de classes

A "Voz do Povo" pôde prescindir do recurso ao sentimento como forma de explicação do real. Toda a realidade social noticiada, na sua profunda conflitualidade, é racionalmente descodificável à luz da visão do mundo marxista centrada na luta de classes. A explanação duma visão do mundo própria na linguagem e no discurso noticioso faz-se através da encenação, na realidade noticiada, de argumentos racionais, de uma estrutura de apropriação cognitiva do real que molda esse real de uma forma simplificada.

Neste contexto, os sentimentos perdem - ao contrário do que sucede no "Portugal Socialista" - a sua função de mediação cognitiva.

Mas os sentimentos, como vimos, não deixam de estar presentes na "Voz do Povo". Dir-se-ia que o espaço afectivo é "impregnado", no corpus deste jornal, pela luta de classes, é massivamente mobilizado para esta causa. Os

sentimentos servem-na obedientemente e consolidam as posições dos agentes, de oposição e associação, na estrutura de relações identificada. Esta utilização vai de encontro a uma conclusão a que chegáramos anteriormente neste capítulo: os sentimentos são como o "cimento" das visões do mundo que se representam.

4. Enfatização

Quando um acontecimento, que interessa noticiar em virtude das funções do jornal, não cumpre nenhum dos requisitos de *notabilidade* que justificariam a notícia - *excepção, falha, inversão* (RODRIGUES, 1988:10) -, a "Voz do Povo" justifica implicitamente a sua escolha através da sua enfatização. Resulta aparentemente desta situação, mas não só dela, que muitas das notícias deste jornal têm um cariz enfático no seu todo. O trabalho de recolha da categoria de análise "ênfase" torna-se difícil nestes casos, na medida em que, num contexto estruturalmente enfático, as frases enfáticas perdem visibilidade.

Para agregar as ocorrências enfáticas recolhidas em modalidades analisáveis quantitativamente, colocámos a cada ocorrência a questão "Qual é o topos da ênfase?" O nosso objectivo com este procedimento foi obter todos os objectos de ênfase dos dois corpus, a fim de interpretá-los comparativamente.

4.1 A ênfase na "Voz do Povo"

Refira-se para começar que a ênfase tem um peso muito superior no corpus da "Voz do Povo" (570 ocor.) do que no corpus do "Portugal Socialista" (295 ocor. corr., 209 ocor. abso.). Mesmo para as ocorrências do "Portugal Socialista" corrigidas à dimensão do corpus, temos um " rácio VP/PS" de 1,94, o que é muito significativo. Seguindo o conselho de Greimas, não vamos precipitar-nos tomando quantidade por importância. Esperamos pela análise dos tipos de ênfase e respectivas funções para tirar essa e/ou outras conclusões.

Já tomar ênfase ou ênfase por importância nos parece lógico e aceitável. As entidades recorrentemente enfatizadas no discurso podem ser definidas como componentes importantes da acção que se encena.

A tabela ae-11 (Anexo V) apresenta todas as situações de ênfase agregadas em modalidades e ordenadas pelo número de ocorrências. Dela pudemos recolher alguns grupos temáticos de modalidades, que constituem os principais objectos de ênfase do jornal. Os grupos são: *denúncias; luta; situação do povo; hostilidade*.

Estes grupos configuram uma estrutura de ênfase que trataremos de comparar com a definida no corpus do "Portugal Socialista". Propomo-nos analisá-la, avaliando o peso quantitativo destes grupos e observando a sua composição. Procuraremos então interpretar os resultados, com vista à

confirmação ou infirmação das funcionalidades que atribuímos à ênfase como hipótese.

Para cada grupo temático apresentamos uma tabela com a respectiva composição de modalidades.

4.1.1 Ênfase das denúncias

Tabela ae-1

As denúncias como objecto de ênfase, por agrupamentos de modalidades*

Denúncias	Ocor.	%
Órgãos de poder e do regime	34	13,77
governo ou membros	17	
autoridades municipais	3	
militares	5	
forças policiais	9	
Partidos e forças políticas	106	42,91
PCP ou elementos	48	
pequenos partidos de esquerda	11	
direita ou forças ou elementos	47	
Classes dominantes	43	17,42
capitalistas	5	
latifundiários	5	
patrões, chefes, encarregados	33	
Sindicalistas	46	18,62
Outras entidades objecto de denúncia	18	7,29
operários que atraíram a luta	9	
intelectuais	1	
anterior regime	4	
órgãos de comunicação social	1	
religiosos	3	
Total de denúncias	247	100,00

* Só se apresentam os valores percentuais do sub-total de cada agrupamento em relação ao total

As *denúncias* constituem a maior parte das situações enfáticas que detectámos no corpus da "Voz do Povo". É de ressaltar que a nossa definição de denúncia incluiu também as frases enfáticas com o sentido de *acusação*. Para ilustrar esta situação, eis exemplos de frases enfáticas que classificámos como *denúncias*:

1. "a imprensa inunda páginas e páginas à volta do MRPP" (ocor. ae288, notícia 4403uf)

Esta frase acusa ou denuncia órgãos de comunicação social de forma enfática; neste caso recorrendo a três figuras distintas: a repetição, a metáfora e a generalização de certa imprensa para "a imprensa".

2. "há os que nada fazem e que são doutores" (ocor. ae22, notícia 3306st_)

Esta frase denuncia os quadros técnicos, acusando-os de "nada fazer", o que constitui uma forma enfática, exagerada, de os opor aos outros trabalhadores.

Assim, num total de 570 situações de enfatização, pouco menos de metade (247 ocor. - 43,0%) constituem denúncias.

De todos os dados considerados ao longo do nosso trabalho, este é talvez o mais significativo do *pendor acusatório do discurso da "Voz do Povo"*, um dado de grande importância na perspectiva da nossa problemática. Mas note-se: o que este dado nos diz mais particularmente é que a *denúncia* não apenas tem uma presença assídua no discurso como é *enfatizada* por ele.

O principal visado é o *PCP ou elementos do PCP* (48 ocor.), isto se considerarmos que os *sindicalistas* (46 ocor.) acusados estão por norma ligados a este partido. Seguem-se a *direita ou elementos da direita* (47 ocor.), os *patrões* (33 ocor.) e o *governo ou membros do governo* (17 ocor.).

Basicamente, as entidades negativamente valoradas, quer através dos rótulos de codificação, quer através da rede de oposições/associações que estabelecem, são também objecto de denúncia enfatizada. Ou seja, esta categoria de análise corrobora a visão do mundo que descodificámos.

Mas é de referir que, no caso da enfatização, ao contrário do que se passa no caso das *relações de oposição e associação binárias*, a denúncia incide mais sobre o campo político do que sobre o campo social/laboral. *Governo ou membros do governo, PCP ou elementos do PCP, direita ou elementos da direita, pequenos partidos de esquerda* perfazem 123 ocorrências de enfatização, ao passo que as mesmas ocorrências relativas a forças do campo laboral são 98. Uma diferença que se torna mais importante se considerarmos que nas oposições/associações binárias havia um enorme desnível a favor do campo laboral⁴.

Consideremos a enfatização como forma de conferir intensidade (vide capítulo 4.2). Uma hipótese interpretativa da diferença apontada, será o facto de o papel das personagens do campo político estar dotado de uma *maior intensidade*.

4.1.2 Enfatização da luta: apelo espiritual e apelo pragmático

Tabela ae-2

As situações de luta como objecto de enfatização, por agrupamentos de modalidades*

Luta	Ocor.	%
Luta política revolucionária	86	36,91
luta contra a direita, dureza ou necessidade	42	
luta contra o PCP, dureza ou necessidade	6	

⁴ Refira-se também que em ambos os casos as principais entidades negativamente valoradas são o PCP e a direita.

luta política revolucionária, dureza ou necessidade	28	
apoio do povo ou trabalhadores à revolução	1	
acções de elementos da UDP	9	
Luta laboral	67	24,46
luta laboral dos trabalh. ou dureza ou necessidade	51	
luta pela habitação, dureza ou necessidade	9	
reivindicações	7	
Confiança na luta, visão positiva da luta	47	20,17
força do povo ou dos trabalhadores	22	
força dos camponeses	1	
força dos operários ou da classe operária	8	
dimensão de manifestação ou comício	2	
elogio ao povo ou trabalhadores	6	
vitória de acção de luta de trabalhadores	4	
confiança na vitória do povo	1	
medo que os patrões têm da luta dos trabalhadores	3	
Orientação e correcção da luta	43	18,46
necessidade de estar alerta	18	
acções erradas de luta	12	
necessidade de ter coragem ou ser firme	4	
gravidade de haver hostilidade entre trabalhadores	3	
importância de mensagem à classe	3	
clareza das posições do jornal	2	
disciplina revolucionária	1	
Total de ênfases relativas a luta	243	100,00

* Só se apresentam os valores percentuais do sub-total de cada agrupamento em relação ao total

A concentração do discurso no tema da luta é confirmada também no âmbito desta categoria de análise. A tabela ae-2 mostra-nos como as situações relativas à luta abrangem 243 das 570 ocorrências de ênfase (42,6%). E mostra como, no caso da ênfase, a concentração neste tema nos dá uma boa oportunidade de o aprofundar.

Começamos por referir que, nas situações de luta (*laboral, contra a direita, contra o PCP, revolucionária, pela habitação*), o que se enfatiza não é apenas "a luta". Mais precisamente, o topo da ênfase é normalmente um de dois:

- A necessidade da luta
- A dureza da luta

Optámos por agregar os dois casos numa mesma modalidade a bem de uma análise da "ênfase da luta". Se não o fizéssemos, obteríamos um número muito maior de modalidades e de mais difícil processamento.

Apresentamos exemplos destas duas formas:

Necessidade da luta: "É urgente realizarem-se Assembleias de Fábrica." (ae36)

Neste caso, típico do material encontrado, realça-se não exactamente a luta ou uma acção de luta, mas a necessidade a empreender.

Dureza da luta: "(o sindicato é para) nos prepararmos para arrancar o poder aos capitalistas." (ae8)

Consideramos que, perante a expressão enfática "arrancar o poder aos capitalistas", não faz sentido dizer que se enfatiza "a luta". Não é a luta que se enfatiza: é a dureza da luta que se amplia.

Em suma, são as entidades *necessidade da luta* e *dureza da luta* que conferem à luta um papel de intensidade dramática.

Distribuámos as ocorrências de enfatização da luta por quatro grandes grupos, cada um deles dotado de um sentido próprio: a *luta no campo político*, a *luta laboral*, a *visão positiva da luta* e a *orientação e correcção das acções de luta*.

4.1.2.1 A intensidade da luta no campo político

O campo que classificamos como político/ideológico é aquele que regista maior número de ocorrências, embora este dado não nos mereça especial atenção, uma vez que, nos dois últimos grupos da tabela ae-1, não é claro o campo da luta a que se referem as modalidades.

Os dados dizem-nos que há uma grande disparidade entre o número de ocorrências de enfatização da *luta contra a direita* (42) e da *luta contra o PCP* (6). Isto significa que a luta contra a direita é para a "Voz do Povo" uma tarefa mais dura ou *violenta* e mais *urgente* do que a luta contra o PCP. Se relativamente aos rótulos de codificação, por exemplo, podemos falar inequivocamente de "centralidade do PCP", neste caso não o podemos fazer. No campo político, a intensidade da luta está centrada na direita, o que poderá reflectir o carácter emocional da luta contra a direita, ou seja, a luta contra a direita faz-se por via do *ódio* à direita, do seu carácter "odioso".

Aparentemente, a luta contra o PCP é-nos apresentada como uma necessidade estratégica, da qual os leitores precisam de ter consciência através de um grande trabalho de consciencialização acerca do seu carácter "falso", o que é feito pela forte codificação do partido.

Somos assim levados a situar o PCP como um inimigo que se encara por via racional e a direita como um inimigo "visceral", contra quem se luta por via da emoção.

Os dados relativos aos sentimentos confirmam esta perspectiva: nem uma só vez o PCP é objecto de ódio, enquanto a direita é mesmo a entidade "mais odiada".

4.1.2.2 A intensidade da luta no campo laboral

Os dados confirmam a intensidade que assume a luta neste campo no discurso da "Voz do Povo", através do elevado número de ocorrências (67 - 24,5% das ênfases da luta). É uma mensagem de fácil assimilação, uma vez que é de presumir o envolvimento do leitor da "Voz do Povo", se não físico pelo menos emocional, nas questões de luta laboral.

Recordemos que a primavera de 1975 é um período que constitui o - ou pelo menos faz parte do - apogeu das lutas laborais dos anos 70. A representação da intensidade das lutas laborais joga provavelmente, tal como no caso das lutas contra a direita, neste encontro emocional com o leitor.

4.1.2.3 A ênfase da visão confiante ou positiva da luta: uma entrega espiritual

Também abundantemente enfatizado é aquilo a que chamamos a *visão confiante ou positiva da luta* ou dos seus agentes do lado do proletariado: a *força dos operários*, dos *trabalhadores* e do *povo*, o relato de *vitórias dos trabalhadores*, a *confiança na sua vitória*, o *elogio aos trabalhadores*, entre outras entidades, num total de 47 ocorrências. Recorremos de seguida a alguns exemplos considerados significativos da generalidade das ocorrências para ilustrar os aspectos mais importantes relativos a este aspecto.

União

a) "Mas finalmente os operários conseguiram unir-se e organizar-se e quando isso acontece não há capataz por mais fascista que seja que consiga vencer." (ae123)

b) "Entretanto mais pessoas iam chegando e, todos unidos, exigiram que o patrão assinasse uma declaração." (ae260)

Os dois primeiros exemplos constituem uma fórmula recorrente: a união faz a força; estabelece-se uma causalidade entre a união dos operários (em torno dos "elementos de vanguarda", adiante-se) e as suas vitórias as "classes dominantes". A *união* constitui por isso um conceito-chave da representação que o jornal faz da luta, uma etapa no rumo à vitória.

Fé

c) "o princípio que vai incutir no espírito dos operários mais tímidos e duvidosos a certeza inabalável da força da CLASSE OPERÁRIA." (ae119)

Este exemplo revela-nos um aspecto, complementar da união, que podemos sem receio extrapolar para o grupo *visão confiante ou positiva da luta*: a fé. O conceito de fé está de facto muito próximo de algo que o corpus da "Voz do Povo" nos revela, nomeadamente nesta categoria de análise: **a confiança ou a crença enfatizada a um nível emocional**.

Ao enfatizar a confiança na força da classe operária ao nível de "certeza inabalável", ao elevar à caixa alta a própria categoria *classe operária*, podemos questionar-nos se não se estará a sacralizar a categoria classe operária e a pedir aos trabalhadores uma relação espiritual de fé para com ela.

d) "Tocaram-se os sinos, vieram os que estavam no campo - e os guardas foram obrigados a ir-se embora, sem terem cumprido as ordens dos fascistas, porque o povo se lhes opôs, com determinação." (ae294)

No exemplo d), referente a uma acção de despejo de populares que ocupavam uma casa rural, está também presente uma *força espiritual*. O toque dos sinos é um sinal que reúne os aldeãos em torno da igreja, em situações de crise ou simplesmente para convocar os fiéis para a missa. Parece-nos que a polissemia do toque do sino é aproveitada pelo discurso da "Voz do Povo" para sugerir mais uma vez uma **entrega espiritual à luta**. A sequência paradigmática deste trecho sugere mesmo, ao não incluir os pormenores que levaram ao afastamento dos guardas, que eles são afastados pelo simples efeito mágico da reunião do povo, despoletada pelo toque do sino.

4.1.2.4 Orientação e correcção das acções de luta

Muitas das ênfases são também linhas de orientação para a luta. Ao contrário do grupo de ocorrências anterior, onde havia um apelo emocional ao leitor, neste agrupamento há um **apelo pragmático**. A concepção de luta de classes por que luta a "Voz do Povo" prevê uma luta disciplinada, enquadrada numa linha teórica precisa, obedecendo às regras definidas pelos "elementos de vanguarda". Temos assim, neste agrupamento, apelos enfatizados à vigilância revolucionária, ou à *necessidade de estar alerta* (18 ocor.), à *necessidade de evitar formas erradas de luta* (12 ocor.), à *necessidade de ter coragem ou ser firme* (4 ocor.), à *gravidade de haver hostilidade entre os trabalhadores* (3 ocor.) ou à *necessidade de haver disciplina revolucionária* (1 ocor.).

Ao todo, 43 ênfases (18,5% do total das ênfases relativas à luta) referem-se à orientação ou correcção da luta ou acções de luta. Eis um caso concreto em que se repreendem os trabalhadores que sigam uma determinada conduta:

"Aqueles trabalhadores que neste momento se deixam convencer do descrédito que os burgueses pretendem lançar contra as organizações de trabalhadores, nomeadamente os sindicatos e as comissões de trabalhadores e que aderem a essas manobras sujas, saibam que estão a cometer um grave crime contra si próprios e contra toda a classe operária e trabalhadora." (ae152)

Concluimos assim que a ênfase da luta não procura apelar apenas a motivações emocionais e espirituais, mas também a um conjunto de regras pragmáticas que devem ser respeitadas pelos trabalhadores. Em termos genéricos, podemos associar o elevadíssimo número de ênfases de situações de luta a um forte esforço de intensificação da conflitualidade social e política que se vive no pós-11 de Março.

4.1.3 Ênfase da hostilidade do povo ou dos trabalhadores

Com uma expressão numérica muito inferior ao da ênfase da luta encontra-se a ênfase de situações de hostilidade. Refira-se também que a hostilidade é um sentimento intimamente ligado à luta; poderá ser mesmo considerado uma etapa do processo de luta. Eis como agrupámos as ocorrências:

Tabela ae-3

A hostilidade como objecto de ênfase, por agrupamentos de modalidades*

Hostilidade do povo ou trabalhadores	Nº	%
No campo político	9	37,5
hostilidade do povo contra a direita	4	
hostilidade do povo contra forças policiais	4	
hostilidade do povo ou trabalhadores contra o governo	1	
No campo social/laboral	15	62,5
hostilidade dos trabalhadores contra patrões ou burguesia	2	
oposição proletariado / burguesia	12	
hostilidade dos trabalhadores contra a "caldeirada de classes"	1	
Total de ênfases de hostilidade	24	100,0

* Só se apresentam os valores percentuais do sub-total de cada agrupamento em relação ao total

Dois exemplos representativos das restantes situam-nos mais facilmente no tema "ênfase da hostilidade":

a) "A GNR de Albufeira era, sem dúvida, uma das autoridades mais odiadas em todo o Algarve." (ae246)

b) "quando se levanta a ira popular contra o CDS por todo o país, são presos camaradas antifascistas." (ae174)

A ênfase da hostilidade do povo ou dos trabalhadores contra a direita, as forças policiais, a burguesia, constitui-se como um apelo ao ódio através da representação de um clima de ódio. A hostilidade que se representa é colectiva, ou seja, é normalmente protagonizada por entidades colectivas como o povo, os trabalhadores ou a classe operária.

4.1.4 Ênfase da situação económica e social do povo ou dos trabalhadores

Este grupo de situações de ênfase tem um papel importante, quer quantitativamente (39 ocorrências, 6,8% das ênfases), quer em termos de significado.

Tabela ae-4

A situação do povo como objecto de ênfase, por modalidades

Situação do povo	Nº	%
dificuldades económicas ou miséria do povo	11	28,2
miséria cultural do povo	1	2,6
injustiças sociais	13	33,3
exploração de trabalhadores	13	33,3
perigo de camponeses perderem as terras	1	2,6
Total	39	100

Ao descrever enfaticamente as *injustiças sociais* (13 oc.), as *situações de miséria do povo* (11 oc.) e de *exploração dos trabalhadores* (13 oc.), está a denunciar-se o próprio regime capitalista. Isto permite-nos inserir este grupo - a situação social e económica dos trabalhadores - na categoria das denúncias.

É no entanto uma denúncia que, diferentemente do que acontecia nas denúncias anteriormente analisadas, se faz por via indirecta, nomeadamente através da ideia de *culpa*. Descreve-se enfaticamente uma situação de miséria, procurando num primeiro momento a compaixão do leitor; o sentimento subsequente - o segundo momento - é o ódio aos que são apontados implícita ou explicitamente como responsáveis pela situação de miséria descrita.

Tomemos um exemplo:

"Somos nós que vestimos os nus" (ae125).

Esta frase, atribuída a operárias da indústria têxtil não está centrada numa acusação. Diríamos que a ideia aparentemente mais importante da frase é "a bondade das operárias têxteis". Podemos também claramente deduzir a miséria do povo, ou de algum povo, que "anda nu". No entanto, está implícita uma acusação ao sistema responsável por essa situação: o sistema de relações de produção capitalista.

4.1.5 Enfatização na "Voz do Povo": conclusões adicionais

4.1.5.1 A trilogia conflitual

A ênfase no corpus da "Voz do Povo" é praticamente monopolizada (85,7% das ocorrências) por uma trilogia, que classificáramos de "trilogia conflitual": a denúncia, a hostilidade e a luta.

Como vimos na análise precedente, as diversas situações particulares de ênfase desempenham funções também diversas no processo de comunicação com o leitor. Mas há um sentido global que nos parece importante reter: é que esta trilogia (denúncia, hostilidade, luta) pode ser entendida como uma sequência "táctica" de desencadeamento do processo de luta revolucionária, ou mesmo como um desenvolvimento do processo de assimilação da consciência de classe.

Nesta sequência, o primeiro momento é a denúncia. A **denúncia** permite revelar a "verdade" (situada ao nível da visão marxista) e apontar os inimigos, suscitando em relação a eles **hostilidade**, que constitui assim o segundo momento. O terceiro momento, a **luta**, é motivado pela hostilidade, constituindo o desfecho lógico dos dois momentos anteriores.

4.1.5.2 O pendor acusatório do discurso da "Voz do Povo"

De todos os dados considerados ao longo do nosso trabalho, este é talvez o mais significativo do *pendor acusatório do discurso da "Voz do Povo"*. As denúncias são uma forma de agitação política, uma forma de levar os leitores a um envolvimento na realidade através do ódio contra as entidades visadas e de acções concretas contras elas.

Para confirmar a hipótese da agitação política como função do discurso dramático, recordamos que a "denúncia" ou a "revelação política" é a tarefa prescrita por Lenine ao *agitador político*, e que ela é cumprida pela "Voz do Povo" por via da ênfase. Por outras palavras, a agitação política através das denúncias é de facto levada a cabo mediante formas discursivas próprias do drama.

4.2 A ênfatização no "Portugal Socialista"

A ênfatização no "Portugal Socialista" apresenta profundas diferenças em relação à ênfatização na "Voz do Povo", embora apresente também semelhanças consideráveis. Procederemos à análise comparativa após uma análise mais detalhada dos dados relativos ao jornal afecto ao PS.

Distinguímos, à semelhança do que fizemos para a "Voz do Povo", diversos grupos temáticos de modalidades, que constituem os principais objectos de ênfatização do jornal. Nomeadamente: *referências ao PS, denúncias; luta; situação do povo; elogios; entusiasmo ou esperança.*

4.2.1 Ênfatização de referências ao PS

As *referências ao PS* (65 ocor. - 31,1%) são o tema mais enfatizado do corpus do "Portugal Socialista". O tema com mais ocorrências depois deste são as *denúncias* (40 - 19,1%). Este facto fornece-nos desde logo uma perspectiva sobre a ênfatização no "Portugal Socialista": recorrendo ao PS, ela confere intensidade ao papel do partido como actor social.

Tabela ae-5

Ênfatização de referências ao PS no "Portugal Socialista", por agrupamentos de modalidades*

Referências ao PS enfatizadas	Ocor.	%
Força do PS	42	64,6
dimensão de manifestação ou comício	14	
apoio do povo ao PS	10	
PS, força do	9	
importância da posição de elementos do PS	3	
dimensão de encontro ou reunião sectorial	2	
solidariedade internacional com o PS	2	
fraternidade entre elementos do PS	1	
JS, força da	1	
Entusiasmo de elementos do PS	12	18,5
entusiasmo ou alegria de manifestantes do PS	12	
Acções ou posições do PS	11	16,9
solidariedade do PS com o povo ou os trabalhadores	4	
PS ou elem., ac.	3	
apoio do PS ao MFA	1	
apoio da JS à direcção do "República"	1	
hostilidade do PS contra as forças anti-democráticas	1	
hostilidade do PS contra extrema-esquerda	1	
Total	65	

* Só se apresentam os valores percentuais do sub-total de cada agrupamento em relação ao total

A tabela ae-5 permite-nos interpretar o tipo de referências ao PS que são objecto de ênfase.

A mais significativa, em ocorrências (42 - 64,6%) e em variedade de formas, é a **força do PS**. A ênfase da força do PS é feita por intermédio de várias figuras: a dimensão de manifestações ou comícios do partido (16 ocor.), a força do PS propriamente dita (10 ocor.) e o apoio de outras entidades, como o povo (10 ocor.) ou partidos estrangeiros (2 ocor.).

Ênfase-se também o *entusiasmo de elementos do PS* (12 ocor.). Este facto vai de encontro ao carácter positivo, em certa medida festivo da visão do mundo do "Portugal Socialista", observado noutras categorias de análise, como os sentimentos ou as relações entre as entidades.

Finalmente, a ênfase de *acções ou posições do PS* (11 ocor.) vem conferir intensidade às posições ideológicas e à acção prática do PS como partido. Como ilustra este exemplo:

"O PS tem, neste aspecto, uma posição bem clara, tão clara que a linguagem sinuosa de Cunhal não a pode abertamente desmentir." (ae78)

Neste caso, intensifica-se a clareza da posição do PS, num acto de reacção às acusações de outras forças de esquerda.

Enfim, a ênfase deste tipo de situações, além de conferir intensidade ao papel do PS, permite suscitar no leitor uma adesão emocional à visão do mundo centrada no Partido Socialista como instituição de poder que descortinámos através da análise das relações de associação e oposição. Sentimentos como admiração, simpatia, solidariedade ou orgulho são procurados com este tipo de ênfase.

Há como que uma auto-exaltação, tipicamente política mas, ao contrário do que acontece nos discursos políticos, não totalmente assumida e explícita. É uma auto-exaltação teatralizada através do espaço noticioso ou da realidade social e política noticiável.

4.2.2 Ênfase de denúncias

41 das situações de ênfase referem-se a denúncias. Tal como na "Voz do Povo" e, mais importante do que isso, contrariando a visão do mundo de consenso que pudemos identificar no "Portugal Socialista" através da análise de outros aspectos, as denúncias assumem um papel muito importante no conjunto das situações enfatizadas (19,1%).

Tabela ae-6

Ênfase de denúncias no "Portugal Socialista", por modalidades

Objectos de denúncias enfatizadas	Ocor.	%
denúncia de pequenos partidos de esquerda	11	26,83
denúncia do PCP ou elem.	10	24,39
denúncia de sindicatos ou sindicalistas	8	19,51
denúncia de órgãos de comunicação social	4	9,76
denúncia da direita ou elem.	3	7,32
denúncia da UEC ou elem.	3	7,32
denúncia de autarcas ou autarquias	1	2,44
denúncia do anterior regime	1	2,44
Total	41	100,00

Destas 41 ocorrências, a quase totalidade refere-se a denúncias ao *PCP ou elementos do PCP* ou a entidades próximas do PCP (UEC, partidos aliados, sindicatos). Refira-se que o "Portugal Socialista" denuncia com particular ênfase o MDP/CDE, partido que acusa de atacar o PS, especialmente através de calúnias.

"Fundamentalmente o M.D.P./C.D.E. e a F.S.P., renovaram os seus soezes ataques contra militantes do P.S. com o intuito bem claro de, diminuindo o prestígio destes, minimizarem a implantação do partido a que pertencem e que é hoje, como sempre foi, o defensor mais estrénuo dos princípios ou normas democráticas, atributos inseparáveis do socialismo que maior audição colhem nos meios populares." (ae11)

Este exemplo representa uma situação diversas vezes repetida: denúncia em tom de forte indignação a ataques do MDP/CDE a militantes do PS ou às posições do PS.

De facto, como vemos neste exemplo e veríamos em muitos outros, a centralidade do PS como personagem enfatizada revela-se também nas denúncias, na medida em que a maior parte das denúncias enfatizadas são reacções ou contra-ataques a ataques ao PS.

4.2.3 Enfatização de situações de luta

Tabela ae-7

Enfatização de situações de luta no "Portugal Socialista", por modalidades

Situações de luta enfatizadas	Ocor.	%
povo ou trabalhadores, força do	6	22,22
necessidade de respeitar a liberdade	4	14,81
defesa da democracia	3	11,11
necessidade de ter coragem ou ser firme	3	11,11
luta laboral de trabalhadores, dureza ou necessidade	3	11,11
necessidade de pôr fim ao caciquismo	2	7,41
necessidade de reparar injustiças sociais	2	7,41
necessidade de ser solidário com ex-colónias	2	7,41

luta pelo socialismo, dureza ou necessidade	1	3,70
reivindicações	1	3,70
Total	27	100,00

As situações de luta constituem 12,9% das ênfases no "Portugal Socialista". Nas 27 situações correspondentes, podemos observar uma grande dispersão dos objectos de luta. Liberdade, democracia, socialismo, luta laboral, luta contra o caciquismo, revelam um leque variado de objectos de luta, em forte contraste com a concentração temática que a "Voz do Povo" fazia na luta laboral e luta política revolucionária.

O tema da luta, pela sua dispersão temática e pelo número de ocorrências baixo considerando o contexto de luta política em que se vive, tem uma importância secundária no conjunto das ênfases do "Portugal Socialista". A comparação com a "Voz do Povo" torna-se imperativa: como constatámos, na "Voz do Povo" a luta é o tema central e há uma fortíssima intensificação da conflitualidade social através da ênfase da luta (243 ocorrências e mais 24 ocorrências relativas a hostilidade).

4.2.4 Ênfase de elogios e de situações de entusiasmo ou esperança

A perspectiva positiva e optimista em relação à sociedade é significativamente realçada pelo "Portugal Socialista".

Como podemos constatar pela análise da tabela ae-12 (Anexo V), 20 ocorrências (9,6%) de ênfase referem-se a **elogios** a entidades que não o PS - tratámos o caso do PS à parte. Desempenho de militares (4 ocor.), povo ou trabalhadores (5 ocor.), 25 de Abril (4 ocor.) ou governo (3 ocor.), escritores (2 ocor.) conselho de gestão duma faculdade (1 ocor.) e justiça (1 ocor.) são as entidades que merecem elogios ênfaticos. Trata-se de um conjunto de entidades abrangendo diversas instituições sociais e políticas, confirmando mais uma vez a visão positiva que o "Portugal Socialista" traça das instituições da sociedade portuguesa. No caso com que nos confrontamos, os elogios enfáticos, há um apelo ao leitor para que apoie as instituições vigentes, que contrasta com a atitude simbólica da "Voz do Povo", que as rotula de burguesas.

Para completar o quadro positivo em relação à sociedade, encontramos na tabela ae-12 (Anexo V) diversas situações de ênfase de confiança no futuro, esperança ou entusiasmo (ao todo 12 ocorrências - 5,7%).

4.2.5 Enfatização da situação económica e social do povo ou dos trabalhadores

Um número também relativamente importante de situações de enfatização referem-se à situação económica do povo (14 ocor. - 6,7%). Os temas enfatizados não têm, no entanto, o mesmo sentido que os da "Voz do Povo". No jornal afecto à UDP enfatizava-se a miséria do povo, as situações de exploração e as injustiças sociais. No "Portugal Socialista" enfatiza-se acima de tudo os problemas económicos de Portugal (8 ocor.). O jornal coloca os problemas do povo em termos macroeconómicos, referindo-se com preocupação ao défice da balança comercial ou a problemas em sectores específicos da economia, como neste exemplo:

"(...) a construção civil em plena derrocada de crise e pânico." (ae92)

É um tipo de abordagem completamente arredada da "Voz do Povo", interessada antes na destruição das estruturas económicas capitalistas. A abordagem macroeconómica, hoje vulgar, subentende não necessariamente uma aprovação, mas pelo menos um compromisso com as estruturas económicas vigentes, associando o seu bom desempenho à situação económica das famílias portuguesas. É afinal mais uma procura de adesão afectiva às estruturas instituídas, neste caso as económicas.

4.2.6 Enfatização no "Portugal Socialista": conclusões adicionais

O comportamento da enfatização do "Portugal Socialista" confirma a prossecução de uma estratégia de poder do PS baseada na adesão afectiva do leitor às instituições sociais e políticas vigentes e, principalmente, ao próprio PS como partido central no sistema político. Um partido que, desmultiplicando-se em apoios e relações de solidariedade com essas instituições, surge aos olhos do leitor como um reduto de reconciliação do povo para com elas, numa época em que podemos falar de profundo reequacionamento da sua legitimidade. O jornal apela ainda à recuperação dos sentimentos positivos que caracterizaram o 25 de Abril e ameaçam agora sucumbir ao contexto simbólico de "ruptura das gramáticas" que, segundo Madalena Matos, se seguiu ao 11 de Março: a esperança, a confiança no futuro, o fim das inimizades políticas.

4.3 Comparação da ênfase nos dois jornais

A comparação dos dois jornais na tabela ae-8 torna-se muito curiosa, se observarmos que a relação entre eles não se caracteriza apenas por diferenças profundas, mas também por semelhanças assinaláveis.

A diferença mais notória é a quantidade de situações de ênfase. Como vemos, a "Voz do Povo" apresenta sensivelmente o dobro das ênfases do "Portugal Socialista" (um rácio de 1,94). Desta diferença podemos concluir que o discurso da "Voz do Povo" utiliza com muito maior frequência este recurso que permite conferir aos actores intensidade, apelando à adesão afectiva dos leitores a esses actores. É uma situação que se compreende à luz do próprio radicalismo que caracteriza a postura ideológica e pragmática assumida pela "Voz do Povo". As denúncias e a luta de classes, nomeadamente, são as entidades através das quais este jornal leva a cabo uma verdadeira mobilização afectiva.

Outra diferença central é a **estrutura temática da ênfase**. Pela tabela ae-8 podemos ver como a importância das situações de ênfase relativas ao PS no "Portugal Socialista" não tem paralelo na "Voz do Povo".

Tabela ae-8

Temas de ênfase nos dois jornais por grupos temáticos

"VP"			"PS"			
Grupo temático	Ocor.	%	Grupo temático	Ocor.	O. corr.	%
Denúncias	247	44,7	Referências ao PS	65	92	31,1
Luta	243	44,0	Denúncias	41	58	19,6
Situação do povo	39	7,0	Luta	27	38	12,9
Hostilidade	24	4,3	Elogios	20	28	9,6
Outros	17	3,0	Situação do povo	14	20	6,7
			Entusiasmo ou esperança	12	17	5,7
			Outros	30	42	14,4
Total	570	100	Total	209	295	100

Mesmo sem considerar o sentido das ênfases das referências ao PS, constatamos que não há no corpus da "Voz do Povo" algo como "referências à UDP"; e que as referências ao PS são o tema mais enfatizado (31,1%, contra 19,1% de ênfases de denúncias) do "Portugal Socialista".

Como já referimos, a vastíssima utilização das situações de ênfase pela "Voz do Povo" reparte-se pelas denúncias e pela luta de classes (cada uma captando 44% das ocorrências). Isto significa uma **concentração muito acentuada nestas duas modalidades**, sem qualquer paralelo no "Portugal Socialista". As referências ao PS, modalidade mais enfatizada deste jornal, têm um valor - tanto absoluto como relativo - muito inferior a qualquer uma delas.

Chegamos a outra diferença global: entre uma **visão profundamente negativa em relação às instituições sociais e políticas**, baseada na trilogia denúncia-hostilidade-luta, apelando a sentimentos de hostilidade e conduzindo a uma atitude de conflito ("Voz do Povo"); a única ênfase positiva que presenciamos no corpus da "Voz do Povo", ironicamente, refere-se a uma "pedagogia da luta", isto é, da agressão; e uma visão essencialmente positiva de uma realidade social e política cujas instituições são legitimadas pelo elogio enfatizado, uma legitimação que tem a função de legitimar por sua vez o PS como o pilar de poder político que sustenta essa sociedade; é uma visão de consenso ("Portugal Socialista"), apelando a sentimentos fraternos, o que é confirmado na abordagem das restantes categorias de análise.

As diferenças entre a ênfase nos dois jornais multiplicam-se e aprofundam-se se compararmos, além da estrutura temática da ênfase, o comportamento dos agrupamentos temáticos comuns aos dois jornais e das suas modalidades: como tivemos oportunidade de observar, eles e elas desempenham funções profundamente diferentes.

Como semelhanças, registre-se o facto de serem comuns aos dois jornais algumas das entidades mais enfatizadas: denúncias, luta e situação do povo. Entidades que são afinal emanações do jornalismo político.

5. Vitimização

Decompusemos a situação de vitimização em três variáveis, de modo a tornar possível a resposta às questões formuladas no âmbito desta categoria de análise. Recordamo-las: Quem é apresentado como vítima? Que tipo de agressões são noticiadas? Quem são os agressores? Nas tabelas av-2 e av-3 do Anexo IV encontra-se a relação destas três variáveis para todas as ocorrências dos dois corpus.

Depois de efectuada esta análise, pensamos estar em condições de concluir quais são as funções que este recurso dramático de apelo afectivo desempenha no quadro simbólico definido pelos jornais.

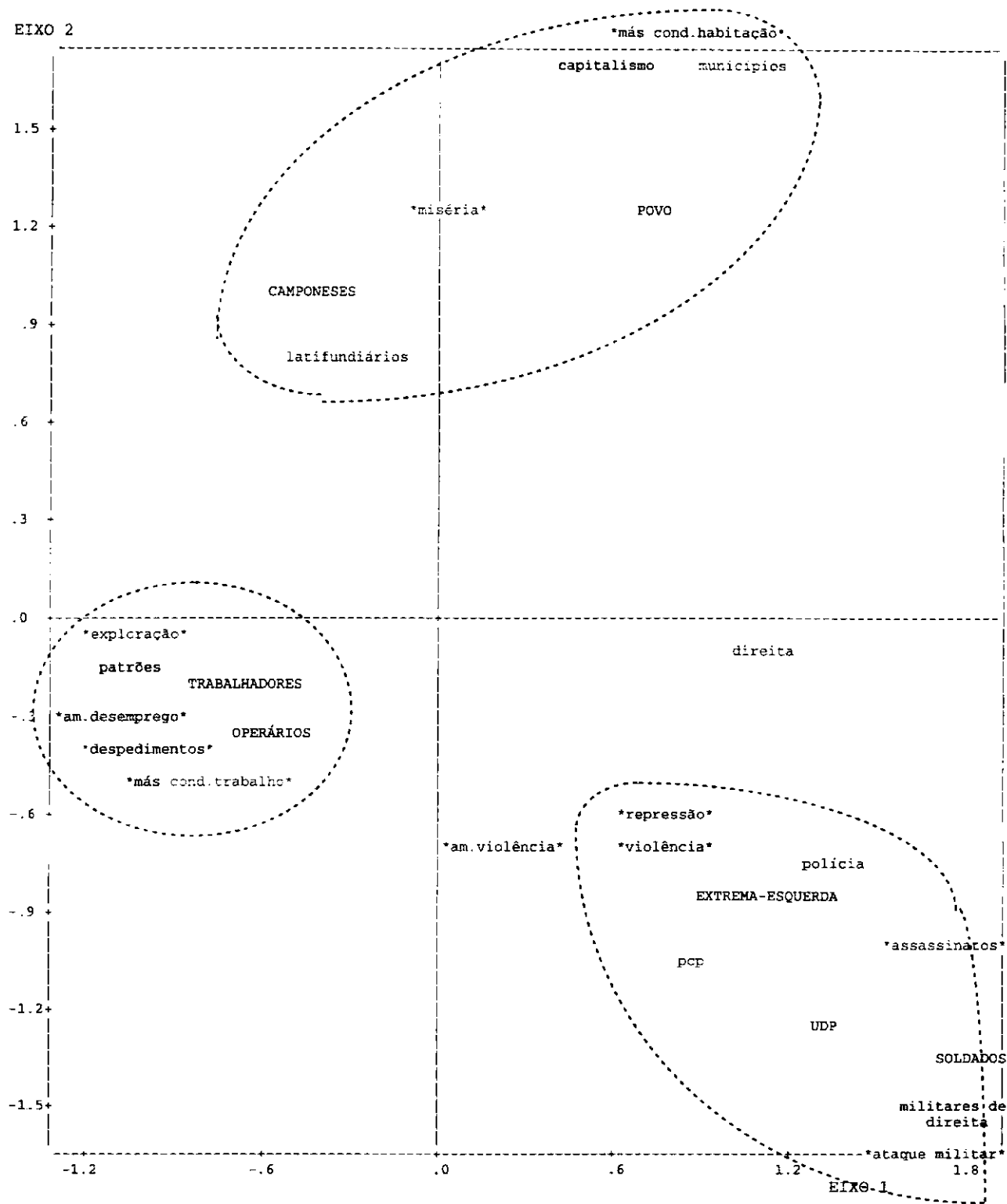
Por os dados se prestarem a tal, procurámos de forma sistemática os factores que determinam a variação das três variáveis definidas, por meio da análise factorial das correspondências múltiplas. Como já dissémos na alínea 4.7 do capítulo III, os dados desta categoria de análise resultantes da decomposição em variáveis não apresentam um leque de sentidos cruzados tão diversificado que leve a distorções significativas das suas posições em relação aos factores. Podemos assim identificar, através do cruzamento dos vários eixos factoriais, grupos de modalidades formando determinados tipos de agressão/vitimização⁵ perfeitamente coerentes.

5.1 Vitimização na "Voz do Povo"

Os três primeiros factores permitem-nos uma interpretação muito interessante da vitimização na "Voz do Povo". Basearemos por isso a análise nos dois primeiros planos factoriais (o que cruza os factores 1 e 2 e o que cruza os factores 1 e 3).

⁵ Referimo-nos à vitimização como "agressão/vitimização", na medida em que são dois conceitos interdependentes, cada um deles definindo entidades próprias.

Figura av-1
Situações de vitimização na "Voz do Povo": plano constituído pelos factores 1 e 2*



* Foram excluídas do gráfico as modalidades com valor-teste ou contribuição para os factores excessivamente baixo(s).
IDENTIFICAÇÃO DAS VARIÁVEIS: modalidades em MAIÚSCULAS: vítimas; em *minúsculas entre asteriscos*: tipos de agressão; em minúsculas sem asteriscos: entidades agressoras.

5.1.1 Factor 1: oposição entre situações de agressão/vitimização no campo laboral e no campo político

As contribuições das 3 variáveis para o factor 1 são semelhantes (jornal - 32,8%, tipo de agressão - 30,2%, entidade agressora - 37%).

Aparentemente, o factor 1 opõe a agressão/vitimização no campo laboral (valores negativos) à agressão/vitimização no campo político. Vejamos se os dados o confirmam.

Relativamente à variável sujeito/vítima, existem apenas sete modalidades: camponeses, extrema-esquerda, operários, povo, soldados, trabalhadores e UDP. Definimos a vitimização como uma forma de apelo afectivo, com o objectivo de suscitar compaixão no leitor e revolta relativamente aos agressores. Em virtude desta definição e da recolha de dados subsequente no corpus, parece-nos normal que não haja uma só situação em que entidades negativamente valoradas pelo jornal sejam apresentadas como vítimas. Destas sete modalidades, as que podemos incluir no campo laboral (camponeses, operários, trabalhadores) assumem valores negativos e as que podemos incluir no campo político assumem valores fortemente positivos (extrema esquerda, povo, soldados, UDP). Relativamente à modalidade povo, note-se que ela é expressa discursivamente como uma entidade desprovida da sua função laboral. O povo é uma categoria social susceptível de ser incluída no campo político, na medida em que é uma das componentes mais importantes do sistema político. Esta definição da entidade explica a sua posição em relação ao eixo 1. As categorias que definem o campo laboral ou da conflitualidade laboral são categorias como trabalhadores, proletariado, camponeses e operários.

Quanto ao tipo de agressão, a exploração é a modalidade com uma maior contribuição (8,8%) para o factor 1, seguida de muito próximo, no extremo oposto, pelos assassinatos (8,1%). Pelos seus valores extremos, pensamos que são estas as modalidades que, nesta variável, melhor definem o sentido do factor. As restantes modalidades desta variável confirmam a nossa perspectiva: as entidades do campo laboral são vítimas, além de exploração, de ameaça de desemprego, despedimentos e más condições de trabalho; as entidades do campo político são vítimas, além de assassinatos, de violência física e de más condições de habitação.

Relativamente à variável entidade agressora, no campo laboral (valores negativos) encontramos uma só entidade, que no entanto é aquela, de todas as variáveis, com uma maior contribuição para o factor (15,7%) e, no caso desta variável, com um valor negativo mais acentuado: os patrões ou empresários. No

campo político já encontramos um grupo de três entidades: militares de direita (a mais acentuadamente positiva), forças policiais, direita e também PCP.

O comportamento das três variáveis confirma o sentido do primeiro factor: a oposição da agressão/vitimização no campo político à agressão/vitimização no campo laboral. Como vimos, esta oposição é comum às três variáveis, opondo dois tipos bem definidos de situação de agressão.

5.1.2 Factor 2: oposição entre situações de agressão/vitimização conjunturais, relativas à luta política e situações de agressão/vitimização estruturais, relativas às estruturas socio-económicas

As contribuições para o eixo 2 também envolvem as três variáveis em partes sensivelmente iguais.

Na variável sujeito/vítima, temos com valores negativos e maiores contribuições exactamente as mesmas modalidades que assumiram os valores positivos no eixo 1: extrema-esquerda, soldados e UDP. Relativamente aos valores positivos, o caso é outro: ao contrário do que acontecia no eixo 1, em que o povo tinha uma contribuição moderada e uma coordenada pouco acentuada (0,73), no eixo 2 o povo tem uma contribuição de 17,9% (a maior contribuição) e uma coordenada fortemente positiva, sendo praticamente o único sujeito/vítima a contribuir com valores fortemente positivos para o eixo, apenas acompanhado dos camponeses. De referir que a categoria camponeses é pouco importante no eixo 1.

Na variável agressão, passa-se o mesmo: os tipos de agressão com valores negativos coincidem com os que definiam positivamente o eixo 1 (assassinatos, violência física, repressão) e os tipos de agressão com valores positivos são diferentes daqueles que definiam negativamente o eixo 1 (miséria ou pobreza, opressão, más condições de habitação - esta última modalidade contribuindo também para o factor 1). Refira-se também que as duas maiores contribuições desta variável têm ambas valores positivos: más condições de habitação (10,8%) e miséria ou pobreza (10,1%).

A variável entidade agressora confirma a leitura anterior: coincidência entre os valores negativos do eixo 2 e os positivos do eixo 1 (militares de direita, PCP e forças policiais) e disparidade, neste caso total, entre valores positivos do eixo 2 (capitalismo ou capitalistas, autoridades municipais, latifundiários) e valores negativos do eixo 1.

Este comportamento das variáveis no eixo 2 é claro em relação ao sentido do factor: ele opõe, no campo político, as situações de agressão/vitimização de forças politicamente activas (valores negativos) às situações de agressão/vitimização de forças politicamente passivas. Com valores negativos, temos a UDP, a extrema-esquerda e os soldados como vítimas de assassinatos, violência física e repressão, perpetrados pelos militares de direita, forças policiais e PCP. Com valores negativos, temos o povo e os camponeses como vítimas de miséria, opressão e más condições de habitação.

Há no factor 2 uma oposição entre agressão num contexto de luta política, de irreverência da parte da UDP e soldados, e agressão num contexto de passividade, de impotência da parte do povo e camponeses.

Diríamos que se opõe formas de agressão física e imediata a formas de agressão por via económica e social, com efeitos de longo prazo.

5.1.3 Relacionamento dos factores 1 e 2

Relacionando os dois factores, podemos identificar três grupos de situações de agressão/vitimização, formados por modalidades das três variáveis.

Grupo 1: extrema-esquerda vítima de repressão das forças policiais, militares e PCP

Este grupo contribui decisivamente para a definição de ambos os factores. É constituído por UDP, extrema-esquerda e soldados (vítimas), assassinatos, violência física e repressão (formas de agressão) e militares de direita, PCP e forças policiais (entidades agressoras).

Este grupo identifica no corpus da "Voz do Povo" um contexto de luta política, imediata, conjuntural, na qual é a linguagem da violência física que define a vitimização como forma de apelo afectivo. Podemos identificar duas entidades políticas distintas como entidades agressoras: os militares de direita e o PCP, a primeira agindo por conta própria, a segunda apoiando-se nas forças policiais para exercer as agressões.

Com base neste grupo, podemos concluir que se procede a uma encenação, através da notícia, de uma característica atribuída ao PCP através dos rótulos: a de que ele utiliza *métodos social-fascistas de actuação*. Constatamos, nomeadamente, que o PCP surge incluído, no que respeita ao *tipo de agressão*, no mesmo grupo que as forças de direita identificadas pelo jornal com o *fascismo*.

Grupo 2: vitimização no campo laboral

Este grupo define o factor 1 com valores negativos e tem uma posição só ligeiramente negativa em relação ao factor 2. É constituído por trabalhadores e operários (vítimas), exploração, ameaça de despedimentos, despedimentos e más condições de trabalho (formas de agressão) e patrões (entidades agressoras).

O grupo define as situações de vitimização no campo laboral. Relativamente ao factor 2, podemos interpretar a posição neutra como um sinal de ambiguidade dos trabalhadores e operários relativamente à oposição actividade/passividade ou em relação à oposição formas de agressão física e imediata / formas de agressão económicas e sociais de longo prazo. Em todo o caso essa posição não é exactamente neutral: é ligeiramente negativa, o que coloca o grupo, apesar de tudo, mais próximo da luta activa.

Grupo 3: Vitimização relativa a agressões de longo termo, relacionadas com as estruturas do regime capitalista

O terceiro grupo define o factor 2 com valores positivos e tem uma posição só ligeiramente positiva em relação ao factor 1. É constituído pelo povo e, com um peso muito mais fraco, pelos camponeses (vítimas), miséria, opressão e más condições de habitação (formas de agressão) e capitalismo ou capitalistas, autoridades municipais e latifundiários (entidades agressoras).

Este grupo constitui as situações de agressão/vitimização de longo termo ou relativa às estruturas socio-económicas. As entidades vitimizadas (povo e camponeses) são vistas como entidades passivas, sofrendo de miséria e opressão, perpetrada pelo capitalismo ou capitalistas. O tipo de agressão/vitimização definida por este grupo diz respeito ao regime, às relações entre o regime capitalista e o povo, podendo classificar-se como "estrutural".

Em relação ao eixo 1, a sua posição é ambígua. Podemos encontrar aqui três pares de relações de agressão/vitimização: o binómio latifundiários/camponeses pertence ao campo laboral e a agressão assume a forma de opressão e miséria dos camponeses; o binómio povo/capitalismo ou capitalistas está situado ligeiramente dentro do campo político e a agressão assume a forma também de miséria e de opressão, neste caso do povo; o binómio povo/autoridades municipais pertence também ao campo político e a agressão assume a forma de más condições de habitação.

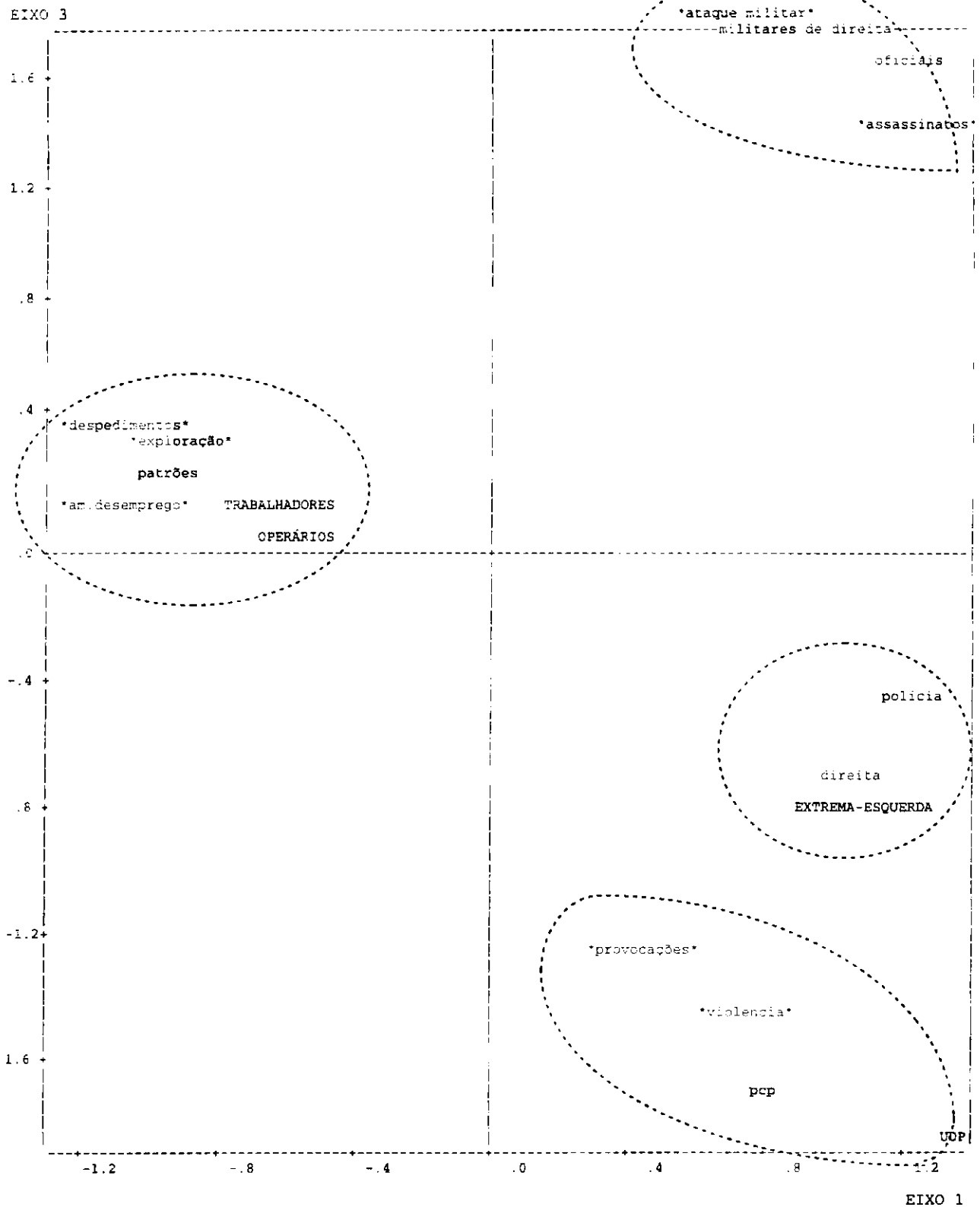
O vazio nas áreas superior esquerda e inferior esquerda do gráfico diz-nos que no campo laboral (valores negativos do factor 1) só há um tipo de vítimas,

de agressões e de agressores. A única excepção é a relação de vitimização latifundiários/camponeses, com valores fortemente positivos no factor 2, significando que os camponeses assumem uma posição de vítimas passivas, não tanto de despedimentos, ameaças de despedimento ou más condições de trabalho, mas de miséria e opressão.

Vejamos agora o sentido do factor 3. A figura av-2 define um plano com base nos factores 1 e 3.

Figura av-2

Situações de vitimização na "Voz do Povo": plano constituído pelos factores 1-e-3*



* Foram excluídas do gráfico as modalidades com valor-teste ou contribuição para os factores excessivamente baixo(s).
 IDENTIFICAÇÃO DAS VARIÁVEIS: modalidades em MAIÚSCULAS: vítimas; em *minúsculas entre asteriscos*: tipos de agressão; em minúsculas sem asteriscos: entidades agressoras.

5.1.4 Factor 3: oposição entre situações de agressão/vitimização no campo militar e no campo partidário ou ideológico

Como podemos concluir pela análise da figura av-2, relativa ao cruzamento do eixo 1 com o eixo 3, este último opera uma divisão no seio do campo político (parte direita do gráfico). No caso das vítimas, opõe os soldados (contribuição de 20,7%) à UDP (contribuição de 11,4%) e extrema-esquerda (contribuição de 1,5%). Para as formas de agressão, opõe os assassinatos (contribuição de 11,6%) e os ataques militares aos insultos ou provocações (contribuição de 3,1%) e à violência física (contribuição de 9,2%). Para as entidades agressoras, opõe militares de direita (contribuição de 23,2%) e oficiais a PCP (contribuição de 10,6%) e a direita (contribuição de 1,1%).

Pelas características dos intervenientes na formação do factor, incluindo o tipo de agressão, podemos identificá-lo como uma oposição, no seio do campo político, entre o campo partidário e ideológico, de um lado, e o campo militar, do outro.

Este factor opera assim uma subdivisão do grupo da luta política que identificámos a partir do relacionamento dos dois primeiros factores, fornecendo-nos três subgrupos:

- Um *grupo de carácter militar*, onde temos os soldados a sofrerem ataques militares e assassinatos da parte de militares de direita e oficiais.

- Um *grupo de carácter partidário*, em que a UDP é representada como vítima de violência física e insultos ou provocações, ambas perpetradas pelo PCP.

- Junto a este grupo, podemos ainda identificar um outro, *de cariz ideológico*, em que a extrema-esquerda é vítima das forças policiais (polícia) e da direita. Embora o plano representado tecnicamente não nos aconselhe a projectar a modalidade *repressão*, podemos constatar, consultando a tabela av-2 do Anexo IV, que ela constitui o tipo de vitimização que liga a extrema-esquerda às forças policiais.

5.2 Vitimização no "Portugal Socialista"

5.2.1 Factor 1: oposição entre situações de agressão/vitimização no seio da luta política imediata e situações de agressão/vitimização de âmbito estrutural

No eixo 1 da figura av-3 podemos detectar as seguintes oposições (retemos apenas as modalidades com um valor-teste não inferior a 2 e uma contribuição para o factor não inferior a 1%):

Como sujeitos de vitimização, o *PS*, os *estudantes* e os *órgãos de uma faculdade*, com valores negativos; e os *trabalhadores* e o *povo*, com valores positivos.

Como tipos de agressão, a *ameaça de violência*, as *calúnias*, as *acções de destruição*, os *insultos ou provocações*, a *violência física* e a *hostilidade* com valores negativos; e a *miséria ou pobreza*, *opressão*, *repressão* e *más condições de trabalho*, com valores positivos.

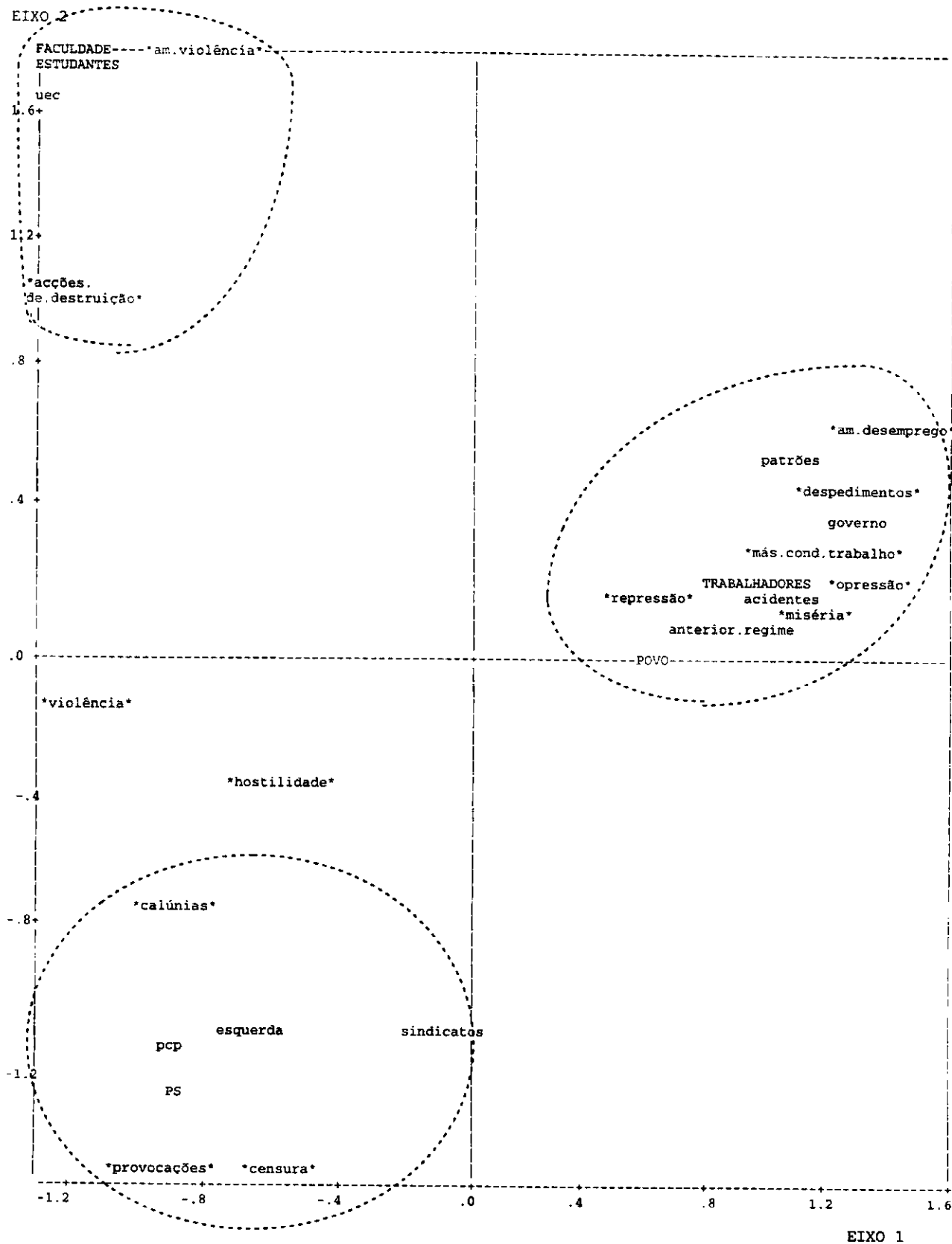
Finalmente, como agentes agressores, a *esquerda*, o *PCP* e a *UEC*, com valores negativos; e o *anterior regime*, o *governo*, os *patrões* e os *acidentes*, com valores positivos.

O factor 1 opõe dois tipos de vitimização bem definidos:

- Uma vitimização relativa à luta política imediata (valores negativos). Aqui podemos encontrar, compreensivelmente, o *PS* como vítima de *insultos e provocações* e *calúnias* da parte do *PCP* e de *pequenos partidos de esquerda* (MDP/CDE e FSP). Podemos encontrar também os *estudantes* e *órgãos de uma faculdade* como vítimas de *ameaças de violência* e de *acções de destruição* desencadeadas por *elementos da UEC*.

- E uma vitimização a que chamaríamos "de regime" por derivar das estruturas económicas e políticas do regime: o *povo* é vítima de *opressão*, *repressão* e *pobreza ou miséria*, exercidas pelo *anterior regime* antes do 25 de Abril; os *trabalhadores* são vítimas de *más condições de trabalho* e *miséria* proporcionadas pelo *governo* e pelos *patrões* e são ainda vítimas de *despedimentos* e *ameaças de desemprego*, da parte também dos *patrões*.

Figura av-3
Situações de vitimização no "Portugal Socialista": plano constituído pelos factores 1 e 2*



* Foram excluídas do gráfico as modalidades com valor-teste ou contribuição para os factores excessivamente baixo(s).
IDENTIFICAÇÃO DAS VARIÁVEIS: modalidades em MAIÚSCULAS: vítimas; em *minúsculas entre asteriscos*: tipos de agressão; em minúsculas sem asteriscos: entidades agressoras.

5.2.2 Factor 2: oposição entre situações de agressão/vitimização no campo partidário e no meio universitário

As modalidades que definem o sentido do eixo 2 da figura av-3 são as seguintes (mais uma vez, retemos apenas as modalidades com um valor-teste não inferior a 2 e uma contribuição para o factor não inferior a 1%):

Sujeitos de vitimização: somente o *PS*, com valores negativos; os *estudantes* e *órgãos de faculdade*, com valores positivos.

Tipos de agressão: as *calúnias*, os *insultos* ou *provocações* e a *censura*, com valores negativos; e a *ameaça de violência* e as *acções de destruição*, com valores positivos.

Agentes agressores: a *partidos de esquerda*, o *PCP* e os *sindicatos* com valores negativos; e a *UEC*, com valores positivos.

O factor 2 opera uma clivagem no campo da luta política imediata definido pelo factor 1. Assim se explicam os valores neutros em relação ao factor 2 que as entidades situadas do lado direito do plano apresentam e o vazio dos seus cantos superior direito e inferior direito.

Constatamos nomeadamente que o factor 2 opõe a vitimização ocorrida no meio universitário da vitimização ocorrida no campo partidário. O meio universitário possui assim as suas vítimas e agressores, "unidos" por tipos de agressão próprios: ameaças de violência e acções de destruição, perpetradas pela UEC contra órgãos da Faculdade de Direito de Lisboa e os seus estudantes.

5.2.3 Factor 3: agressão/vitimização por via militar e policial versus agressão/vitimização no campo laboral

Embora não apresentemos nenhum gráfico incluindo o factor 3, vamos considerá-lo por ele nos trazer um contributo analítico importante. Em alternativa ao gráfico, apresentamos as entidades situadas nos dois extremos do eixo 3 e os respectivos peso e coordenada, na tabela av-1.

Tabela av-1

O factor 3 no "Portugal Socialista"

Variável	Modalidade	Peso	Coord.
agressão	assassinatos	5	-2,05
agressor	militares de direita	5	-1,64
vítima	soldados	5	-1,64
agressão	repressão	8	-1,45
vítima	povo	31	-1,38
vítima	esquerda	3	-1,32
agressão	ataque militar	3	-1,29
agressor	anterior regime	36	-1,25
agressão	ditadura	4	-1,23
ZONA CENTRAL			
vítima	trabalhadores	49	0,99
agressor	governo	14	1,22
agressão	desemprego	2	1,29
agressor	acidentes	15	1,33
agressão	más cond. trabalho	6	1,69
agressão	ameça desemprego	4	2,00

Definindo a oposição entre o tipo de agressão/vitimização de tipo militar e policial da do campo laboral, este factor permite-nos a caracterização de mais um grupo, o que se refere aos valores negativos do factor (campo militar e policial), que os dois primeiros factores não haviam conseguido captar. Vamos defini-lo mais detalhadamente já de seguida, quando identificarmos os grupos.

5.2.4 Cruzamento dos factores e identificação de grupos

Através do cruzamento dos vários factores, podemos identificar vários grupos de situações de vitimização importantes no corpus do "Portugal Socialista" (na figura av-3, estes grupos estão delimitados através de um tracejado e identificados pela respectiva letra), excepto o grupo das agressões de tipo militar e policial, que não se encontram representadas graficamente:

Grupo 1: PS, vítima da luta política no presente

Este grupo, relativo ao campo partidário, pode considerar-se como o mais importante, na medida em que se baseia na principal entidade do corpus do "Portugal Socialista": o PS. Compreende-se, por isso, que contribua decisivamente para a formação dos dois primeiros eixos, com os valores negativos de ambos.

Nele encontramos o PS como única vítima (com o número apreciável de 47 situações de vitimização). É vítima de vários tipos de agressão: *calúnia, insultos e provocações* e *censura*. Os agressores são os pequenos *partidos de esquerda* (principalmente o MDP/CDE), o *PCP* e os *sindicatos*.

Grupo 2: agressão/vitimização "de regime"

Este grupo, definido pelo factor 1, constitui-se como uma denúncia da vitimização a que o povo e os trabalhadores são sujeitos. O povo, entidade política, é vítima da opressão, repressão e pobreza ou miséria, impostas pelo regime político anterior ao 25 de Abril. Os trabalhadores são vítimas também de pobreza ou miséria, de más condições de trabalho, de despedimentos e de ameaças de desemprego, por culpa do governo (as duas primeiras situações) e dos patrões.

Grupo 3: agressão/vitimização de tipo violento (militar ou policial)

O "Portugal Socialista" define um tipo militar ou policial de vitimização, da responsabilidade de forças militarizadas conotadas com o anterior regime. A principal vítima que constitui este grupo é o povo, seguido da esquerda. O anterior regime é o agressor que assume um maior peso, embora secundado por uma entidade que obtêm uma coordenada mais elevada: os militares de direita. Quanto aos tipos de agressão que definem este grupo, eles são quatro: assassinatos, repressão, ataque militar e ditadura.

O grupo conota deste modo o anterior regime e as forças que ainda o representam (militares de direita) com uma actuação violenta e repressiva contra o povo.

Este tipo de vitimização é muito importante na visão do mundo do "Portugal Socialista": ele permite centrar o "mal" no anterior regime e, fazendo-o, reforçar a visão de consenso sobre a vida política presente, que já o ultrapassou.

6. Nomeação de pessoas

6.1 O sinal de valoração

Na alínea 4.3.6 do capítulo II justificamos a pertinência da nossa opção de atribuir um sinal a cada nomeação. Será sempre explícita essa valoração? Não será abusivo extremá-la impondo-lhe a lógica binária? Este tipo de classificação é possível porque estamos perante jornais ideológicos, debruçados sobre uma matéria noticiável caracterizada por uma intensa conflitualidade social e política. Verificamos na prática que a esmagadora maioria das nomeações de pessoas estão de facto investidas de um *valor negativo* ou *positivo* (ver figura pn-1).

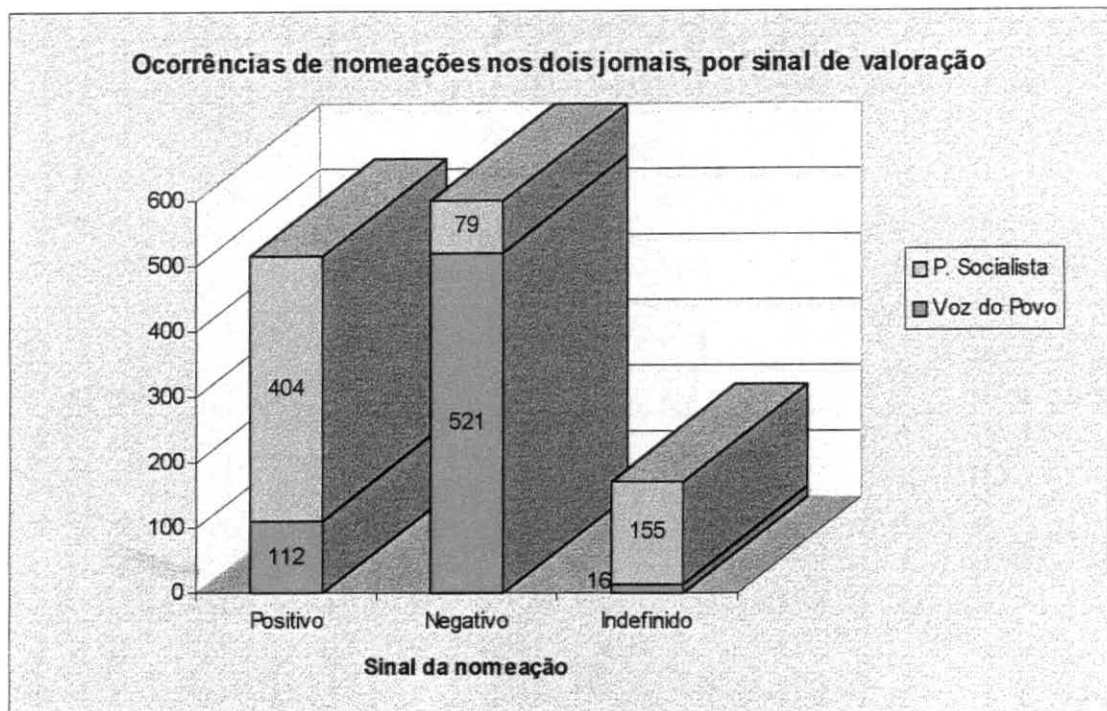
Mesmo assim, surgem muitos casos de valoração neutra, por um lado, e de valoração cujo sinal não conseguimos definir em termos binários. Optamos então por considerar a nomeação de *valoração indefinida*.

6.2 Análise comparativa das nomeações nos dois jornais

Globalmente, a "Voz do Povo" apresenta 521 nomeações negativas contra apenas 112 nomeações positivas. Um rácio Positivo/Negativo de 4,65. O "Portugal Socialista", com 404 nomeações positivas e 79 nomeações negativas apresenta um rácio de valor quase rigorosamente inverso: 0,20. Ou seja, em ambos os jornais há uma disparidade de 5 para 1 entre as duas valorações da nomeação, mas em sentido inverso.

Como interpretar estes valores? A figura pn-1 dá-nos a estrutura das nomeações num e noutro caso.

Figura pn-1



A interpretação destes valores passa pela observação das nomeações particulares e das respectivas entidades de pertença.

As tabelas pn-1 e pn-3 mostram, respectivamente para a "Voz do Povo" e para o "Portugal Socialista", as entidades cujos elementos são mais vezes nomeados, fazendo uma ordenação por ordem decrescente das entidades (captando os primeiros 90% de ocorrências). A lista completa, não só de entidades como de pessoas e respectivo sinal de valoração, encontram-se nas tabelas pn-7 e pn-8 (Anexo V).

6.3 Nomeações na "Voz do Povo": uma extensa lista de denúncias

Se notarmos que ao longo do corpus há a preocupação da parte do jornal de revelar o nome dos indivíduos negativamente implicados nas notícias - o que se traduz na enorme disparidade entre nomeações positivas e negativas - não nos restam dúvidas quanto à função de denúncia desempenhada pelas nomeações da "Voz do Povo".

Tabela pn-1

Ocorrências de nomeações de pessoas na "Voz do Povo", por entidade e sinal de valoração; ordenação por entidade, excluindo os 10% de entidades com menos ocorrências.

Entidade de pertença da pessoa	Ocor.	%	Nº valora. +	Nº valora. -	Nº valora. ?
PCP ou elem.	99	15,41	-	99	-
patrões ou empresários	94	14,48	-	94	-
anterior regime ou elem. ou ac.	48	7,40	-	48	-
latifundiários, rendeiros, prop. terras	37	5,70	-	37	-
UDP ou elem.	37	5,70	37	-	-
capitalistas ou capitalismo	31	4,78	-	31	-
camponeses	27	4,16	27	-	-
militares de direita	26	4,01	-	26	-
operários ou classe operária	25	3,85	24	1	-
anterior regime, gov.	20	3,09	-	20	-
encarregados	20	3,08	-	19	1
governo ou elem.	19	2,93	-	19	-
chefes	18	2,77	-	18	-
sindicatos ou sindicalistas	18	2,77	6	11	1
responsáveis de prisão de PIDES	17	2,62	-	17	-
PIDE ou elem.	14	2,16	-	14	-
direita ou for. ou elem.	12	1,85	-	12	-
técnicos, quadros ou liberais	10	1,54	-	10	-
esquerda ou for. ou elem.	9	1,39	-	-	9
funcionários da administração	9	1,39	2	4	3
...
Total	649	100,00	112	521	16

Os nomes mais citados pela "Voz do Povo" pertencem fundamentalmente ao campo social e laboral. Incluindo nele camponeses, capitalistas, comerciantes, intelectuais, latifundiários, operários, patrões, trabalhadores, administradores, chefes, encarregados, funcionários, técnicos ou quadros e sindicalistas, obtemos 306 ocorrências (47,2% das nomeações) relativas a este campo. Como vimos a propósito das oposições/associações e dos rótulos, este é o centro da visão do mundo da "Voz do Povo" e o centro da luta política.

A fatia mais importante dentro deste campo (226 ocorrências) pertence às "classes dominantes" (capitalistas, patrões, latifundiários) e entidades "intermédias", cujos representantes são normalmente designados como "lacaio", (administradores, chefes, encarregados, técnicos ou quadros e funcionários administrativos). Como mostra a tabela pn-1, os patrões são a entidade mais nomeada (denunciada) do campo laboral, com 94 nomeações (14,5% do total).

A denúncia pela nomeação estende-se ao campo político através da denúncia de *elementos do PCP* (os indivíduos mais denunciados, com 99 ocorrências - 15,3%) e de indivíduos ligados ao anterior regime (ao todo, 68 ocorrências - 10,5%).

No caso do PCP, há uma concentração das denúncias na figura de Álvaro Cunhal - ocorrem 61 nomeações deste dirigente. Trata-se de mais uma forma de chamar ao PCP o "partido de Cunhal" (ver a análise dos rótulos) e simultaneamente de consagrar Cunhal como um actor principal, personagem que passa a concentrar a hostilidade dos trabalhadores.

No caso do anterior regime, a "Voz do Povo" procura exhibir as ligações que com ele mantiveram empresários e políticos, através da nomeação e do relato de episódios passados.

Tabela pn-2

Pessoas mais nomeadas pela "Voz do Povo", ordenadas por nº de nomeações

Nome evocado	Entidade de pertença	Nom. +	Nom. -	Nom. ?	Total nom.
Álvaro Cunhal	PCP ou elem.	0	61	0	61
José Diogo	camponeses	19	0	0	19
Severino Falcão	PCP ou elem.	0	16	0	16
Galvão de Melo	militares de direita	0	13	0	13
Manuel Vinhas	capitalistas	0	12	0	12
Pedro Espírito Santo Casaco	patrões	0	10	0	10
Otelo Saraiva de Carvalho	esquerda ou elem.	0	0	9	9
Spínola	militares de direita	0	9	0	9
Valter Ventura	anterior regime ou elem.	0	9	0	9
Alves Conde	governo ou elem.	0	8	0	8
Horácio dos Santos	operários ou classe op.	8	0	0	8
Manuel Deodato	latifundiários	0	8	0	8
Ângelo Santana Barreto	UDP ou elem.	7	0	0	7
Xavier	respons. prisão PIDES	0	7	0	7

Através da tabela pn-2 podemos ver que os *militares de direita* ocupam um lugar de destaque como objecto de denúncia. Os *militares de direita* personificam a ameaça de contra-revolução que, segundo o jornal - uma ameaça apresentada de forma enfática, parecendo não conhecer limites.

"(...) não são os saneamentos nem as passagens à reserva que detêm os oficiais fascistas e reaccionários a soldo dos capitalistas e imperialistas, de prepararem a contra-revolução, para esmagarem em sangue o movimento popular revolucionário." (3301ds)

Este exemplo, relativo ao ataque de 11 de Março, revela uma "diabolização" da figura do militar de direita, personificada ao longo do corpus em Galvão de Melo e em Spínola.

6.3.1 O significado da denúncia pela nomeação

A denúncia ou revelação política - prática prescrita por Lenine aos propagandistas, voltemos a frisar -, tal como é praticada pela "Voz do Povo"

permite, num contexto de "luta de classes", identificar os inimigos, "apontá-los a dedo", para que os trabalhadores saibam, através do jornal, quem são, onde estão, o que fizeram.

Por outro lado, na perspectiva da encenação dramática de uma visão do mundo, constitui-se como uma espécie de "personificação do mal" que procura levar a uma *concentração* nessas pessoas do ódio dos leitores.

Eis alguns exemplos desta prática:

"Na actualidade os gerentes Barros e Fernando Pereira estão 'pastando' na Alemanha a convite da Bosch deixando o controle da empresa aos seus fiéis colaboradores Nogueira e Paiva, sendo este último proprietário de uma empresa de assistência na Covilhã, subsidiária da própria Carlar." (4004ct)

Neste caso, a preocupação de denúncia revela-se nas nomeações, não só das pessoas mas também das firmas.

"Entretanto o conhecido laçao dum patrão CDS, o Antero, indica como sendo autores do curto circuito 3 anti-fascistas a quem faz prender." (4103up)

A prática de nomear através do nome pelo qual o indivíduo é conhecido localmente é corrente. Ela permite aos leitores do local uma fácil identificação.

6.3.2 Eleição de heróis

A nomeação positiva da "Voz do Povo" incide exclusivamente sobre trabalhadores, operários, camponeses e soldados e ao todo capta apenas 17,3% das nomeações. Os nomeados são normalmente apresentados como indivíduos corajosos que foram vítimas de agressões e personificam heróis da luta de classes, que se procura constituir como referências ou modelos para os trabalhadores.

Três dos exemplos mais significativos deste fenómeno de personificação são José Diogo, um camponês que assassinou um latifundiário e aguardava julgamento, com 19 nomeações; Horácio dos Santos, um operário metalúrgico vítima de exploração que congregou um movimento de solidariedade, com 8 nomeações; e Joaquim Luís, o soldado do Ral-1 morto durante o 11 de Março, com 3 nomeações. São três "heróis" que se constituem como referência para os respectivos grupos sociais: os camponeses (José Diogo), a classe operária (Horácio dos Santos) e os soldados (Joaquim Luís).

6.3.3 Fraca expressão das figuras da UDP

A comparação com o "Portugal Socialista" revela mais do que nunca a profundidade da diferença funcional entre os dois jornais. Igualando a

dimensão dos dois corpus, obtemos 446 nomeações de elementos do PS no "Portugal Socialista" contra apenas 37 nomeações de elementos da UDP na "Voz do Povo" (uma relação de 12 para 1). Além disso, o que não é menos importante, nas 37 nomeações de elementos da UDP na "Voz do Povo", apenas 5 figuras da UDP são nomeadas (o "Portugal Socialista" nomeia 105 figuras do PS - relação de 21 para 1).

Finalmente, um outro dado importante nesta comparação é a percentagem de figuras do partido que intervêm nas notícias e cujo nome não é citado: na "Voz do Povo", este valor ascende a 43.2% (16 ocor.); no "Portugal Socialista", ele fica-se pelos 0,95% (3 ocor.).

Resulta destes dados a conclusão de que, por comparação ao "Portugal Socialista", a "Voz do Povo" atribui uma importância mínima à nomeação das figuras do partido que defende, a UDP.

Esta situação pode explicar-se pelo facto de a linha ideológica da "Voz do Povo" se basear em entidades e referências *colectivas*: massas trabalhadoras, classe operária, soldados, camponeses.

6.3.4 Total disciplina ideológica

Registamos a existência de correlações perfeitas, no corpus da "Voz do Povo", entre a pertença do indivíduo às classes "dominantes" ou "intermédias" e o sinal negativo da valoração e entre a pertença às classes "dominadas" e o seu sinal positivo. As tabelas pn-1 e pn-2 permitem-nos identificar este fenómeno. A quase totalidade das entidades (tabela pn-1), e todos os indivíduos nomeados (tabela pn-2) recebem um só sinal de nomeação. Se observarmos a tabela pn-3, relativa ao "Portugal Socialista", reparamos como este fenómeno já não se verifica.

Esta situação põe a descoberto uma linha ideológica radical, por um lado, e radicalmente disciplinada, por outro. Confirma também a total devoção do discurso individualizado (centrado em pessoas) da "Voz do Povo" a uma visão centrada na luta de classes como oposição binária entre campos de luta, um deles conotado positivamente, o outro negativamente.

A tabela pn-2, relativa às pessoas mais nomeadas pela "Voz do Povo", mostra esta realidade e revela também a grande concentração deste recurso dramático na figura de Álvaro Cunhal.

6.4 Nomeações no "Portugal Socialista": uma extensa apresentação do partido

Enquanto a "Voz do Povo" se centrava no campo laboral, o "Portugal Socialista" centra as nomeações, num grau ainda mais elevado, no campo político. 521 ocorrências de nomeações (82,7%) referem-se a entidades do campo político.

Tabela pn-3

Ocorrências de nomeações de pessoas no "Portugal Socialista", por entidade e sinal de valoração; ordenação por entidade, excluindo os 10% de entidades com menos ocorrências.

Entidade de pertença da pessoa	Ocor.	%	Nº valora. +	Nº valora. -	Nº valora. ?
"Portugal Socialista" ou elem.	316	49,53	305	-	11
governo ou elem.	49	7,68	10	4	35
PCP ou elem.	28	4,65	-	23	5
trabalhadores	27	4,23	18	-	9
órgãos de soberania	24	3,76	8	-	16
funcionários da administração	17	2,66	4	2	11
Conselho da Revolução ou elem.	16	2,51	-	-	16
forças militares ou elem.	16	2,51	-	2	14
governante estrangeiro	16	2,51	5	-	11
sindicatos ou sindicalistas	16	2,51	2	13	1
partidos socialistas estrangeiros	12	1,88	12	-	-
órgãos de comunicação social	10	1,57	6	-	4
anterior regime, gov.	9	1,41	-	9	-
militares de direita	9	1,41	-	9	-
intelectuais, professores	7	1,10	2	5	-
MFA ou elem. ou ac.	7	1,10	6	-	1
PPD ou elem.	7	1,10	-	-	-
...
Total	638	100,00	404	79	155

Por outro lado, o jornal não aborda o campo social e laboral numa perspectiva conflitual. Está longe de haver uma correlação perfeita (como há na "Voz do Povo") entre as "classes dominadas" e a valoração positiva e entre as classes dominantes e a valoração negativa.

A nomeação de elementos do PS, nomeadamente, constitui em si um fenómeno. Há 316 nomeações de elementos do PS (49,5% das nomeações). Estas nomeações apresentam 105 diferentes figuras do partido ou afectas a ele, o que resulta numa média de 3,0 nomeações por figura.

Na alínea em que explicamos o fraco destaque dado aos elementos da UDP pela "Voz do Povo", fazemos uma análise comparativa da qual podemos também concluir que o destaque dado pelo "Portugal Socialista" aos elementos do PS é enorme. Particularmente interessante é o facto de, das 316 ocorrências (0,95%) de nomeações de elementos do PS, em apenas 3 se referir um elemento

do PS sem dizer o seu nome. Ele diz bem da quase obsessão de nomeação das figuras do partido pelo jornal.

O próprio jornal encontra-se tematicamente estruturado de molde a proporcionar a nomeação. As notícias baseiam-se muitas delas em comícios, manifestações, encontros sectoriais, confraternizações, encontros inter-partidários, viagens de delegações ao estrangeiro, todas estas acções envolvendo figuras do PS, que em muitos casos são simplesmente "listadas", como no seguinte exemplo:

"(...) o plenário acordou que as teses finais fossem elaboradas pela mesa que dirigiu os trabalhos e que era constituída por Marcelo Curto, Silvino Rego, Agostinho Vale, Fernando Pinhão, Manuel Pires, Alberto Antunes e Joaquim Bastos." (33em)

Tabela pn-2

Pessoas mais nomeadas pela "Voz do Povo", ordenadas por nº de nomeações

Nome evocado	Entidade de pertença	Nom. +	Nom. -	Nom. ?	Total nom.
Mário Soares	PS ou elementos	59	0	3	62
Costa Gomes	órgãos de soberania	8	0	15	23
Salgado Zenha	PS ou elementos	20	0	2	22
Álvaro Cunhal	PCP ou elementos	0	16	2	18
Manuel Alegre	PS ou elementos	16	0	2	18
Marcelo Curto	PS ou elementos	13	0	2	15
Vasco Gonçalves	membros do governo	4	0	11	15
Manuel da Silva Almeida	PS ou elementos	13	0	0	13
Lopes Cardoso	PS ou elementos	9	0	2	11
António Serafim	trabalhadores	10	0	0	10
José Magalhães Godinho	PS ou elementos	9	0	0	9
Melo Antunes	membros do governo	0	0	9	9
Vasco da Gama Fernandes	PS ou elementos	8	0	0	8

Note-se que a concentração das nomeações da "Voz do Povo" na figura de Álvaro Cunhal é quantitativamente muito semelhante à das nomeações do "Portugal Socialista" sobre Mário Soares. Ambos se destacam como a figura mais nomeada de cada um dos corpus e confirmam a o valor que a personificação assume num e noutro jornal.

6.4.1 Importância dos titulares do poder

Ambas as tabelas, pn-3 e pn-4, mostram também o elevado número de nomeações dos principais titulares do poder (o Presidente da República Costa Gomes é a segunda pessoa mais nomeada, com 23 ocorrências, e o Primeiro-Ministro, Vasco Gonçalves, regista 15 nomeações).

Não sendo o Primeiro-Ministro nem o Presidente da República homens ligados ao PS, como interpretar o destaque concedido aos principais titulares do poder?

Na nossa perspectiva, o respeito pelas instituições de poder vigentes faz parte da estratégia de poder do PS. Através da análise das relações de associação/oposição estabelecidas pelas entidades, podemos observar como o "Portugal Socialista" legitima e valida essas instituições, ao mesmo tempo que se representa a si próprio como centro virtual desse poder. Querendo ser poder, o PS precisa da legitimidade das instituições de poder vigentes. Conferindo-lhes visibilidade, respeitando-as, o "Portugal Socialista" contribui para consolidá-las, contra aqueles que questionam essa legitimidade.

6.4.2 Uma representação moderada

As tabelas pn-3 e pn-4 mostram-nos também como a valoração é muitíssimo menos rígida no "Portugal Socialista" do que no jornal afecto à UDP. Das 34 entidades cujos indivíduos são nomeados, 20 (58,8%) recebem mais do que uma valoração; isto é, nessas 20 entidades há indivíduos valorados de pelo menos duas formas diferentes. Das 40 entidades cujos elementos são nomeados pela "Voz do Povo", apenas 5 (12,5%) recebem mais do que uma valoração.

Esta é apenas uma de muitas medidas estatísticas que nos revelam a disparidade entre os dois jornais relativamente ao radicalismo do discurso.

Por outro lado, mesmo neutralizando o "efeito PS", a valoração das nomeações de pessoas equilibra-se, mantendo uma grande distância em relação ao desequilíbrio extremo que detectamos na "Voz do Povo" a favor da valoração negativa (ver figura pn-1).

Pondo de parte as nomeações de figuras do PS (316 ocorrências), obtemos 99 nomeações positivas, 79 nomeações negativas e 144 nomeações indefinidas: um equilíbrio entre a valoração negativa e positiva e uma predominância das nomeações de sinal indefinido ou neutro. Ou seja, estamos perante uma avaliação que consideramos moderada dos indivíduos e por seu intermédio das entidades que eles representam, ou seja, da sociedade que constitui objecto de notícia. Uma situação coerente com a visão do mundo do "Portugal Socialista".

6.5 Conclusões adicionais: identificação dos narratários e das funções da nomeação

Analisada a estrutura das duas situações e contextualizando-a em relação às funções dos dois jornais no sistema político às exigências da sua praxis política, podemos adiantar que a nomeação de pessoas apresenta funções diametralmente opostas na "Voz do Povo" e no "Portugal Socialista".

Enquanto a nomeação na "Voz do Povo" tem na maior parte dos casos (521 ocor. - 80,3%) o carácter de denúncia, no "Portugal Socialista" ela assume o valor de apresentação das individualidades do partido ou afectas ao partido (nada menos do que 49,5% das nomeações - 316 ocor. - são de elementos do PS). Em ambos os casos há uma preocupação de tornar visíveis pessoas, mas por razões opostas.

Na perspectiva narratológica, que podemos sem receio associar ao processo de produção/consumo de notícias, encontramos a figura do leitor como "narratário", ou a pessoa a quem se dirige a narrativa. A clara oposição entre as funções das nomeações nos dois jornais ajuda-nos também a clarificar a caracterização que se faz dos dois narratários - o das notícias da "Voz do Povo" e o das do "Portugal Socialista".

6.5.1 "Voz do Povo": função de "denúncia" ou revelação política"

Encontramos assim, no narratário da "Voz do Povo", o leitor como parte integrante de um colectivo - as massas populares - que precisa de conhecer não tanto as individualidades do partido que poderão assumir o poder, mas os inimigos, os prevaricadores, para poder agir colectivamente, juntamente com os outros leitores, contra ele. O narratário da "Voz do Povo" é um agente revolucionário em estado ainda potencial, que precisa de ser exaltado nos seus sentimentos de ódio de classe para adquirir a consciência de classe para si e agir. Essa é a razão da insistência nas denúncias.

Também a nomeação no caso da "Voz do Povo" se constitui como uma informação veiculada essencialmente por via do sentimento, neste caso o ódio, e não só por via do conhecimento.

Ao contrário do jornal do PS, a "Voz do Povo" não centra o seu discurso na vida interna da UDP, tema aliás praticamente arredado do seu corpus. Daí que as nomeações positivamente valoradas se refiram essencialmente a camponeses, operários e também elementos da UDP (ver tabela pn-1) em acções de luta laboral ou política. São indivíduos que surgem como vítimas e alguns deles são representados como heróis, referências para as massas, a classe operária, os

camponeses, entidades colectivas que são as verdadeiras personagens principais da encenação da realidade levada a cabo pela "Voz do Povo".

6.5.2 "Portugal Socialista": função instituinte

O PS é um partido com vocação de poder. Nessa condição, precisa de conferir visibilidade aos elementos que vão constituir o aparelho político e administrativo que governará o país.

O narratário do "Portugal Socialista" é uma parte do sistema de poder apresentado pelo jornal na sua visão do mundo. Nomeadamente, ele pertence ao grupo dos *governados e eleitores*. E é nessa condição que é informado pelo "Portugal Socialista" acerca das pessoas que se propõem governá-lo. Esta situação explica o investimento maciço na apresentação de figuras do partido por parte do "Portugal Socialista".

A nomeação tem no "Portugal Socialista", predominantemente, uma função instituinte. Através da nomeação das figuras do partido, o jornal contribui para legitimá-las como futuros agentes de poder. Desta forma, as notícias assumem um estatuto de ritual instituinte dessa legitimidade.

6.5.3 Participação do "Portugal Socialista" nos rituais políticos

Refira-se que a importância concedida aos titulares do poder e a visão moderada do "Portugal Socialista" são proporcionadas também pela estrutura temática das notícias, pelo trabalho de "gate-keeping", pelos critérios de noticiabilidade adoptados e enfim pela "news net" ou rede de captação de notícias lançada pelo jornal.⁶

De facto, as notícias, estando centradas na vida interna do PS, dão também atenção aos acontecimentos oficiais: reuniões entre órgãos de poder, deslocações ministeriais ao estrangeiro, intervenções dos titulares do poder. A partir de , o jornal cria uma secção ("A semana dia a dia") que preenche com este tipo de notícias: neutras, curtas, efectivamente objectivas. Podemos concluir que, ao contrário da "Voz do Povo", o "Portugal Socialista" cumpre a sua parte, como órgão de comunicação social, no processo de encenação dos rituais políticos, os quais permitem a continuidade dos órgãos de poder como instituições legítimas.⁷

⁶ Ver o capítulo "Space and the News Net", TUCHMAN, 1978:15-37.

⁷ ABÉLÈS, 1986; BOURDIEU, 1989.

7. Metáforas

A grande disparidade no uso das metáforas pelos dois jornais (326 ocorrências contra 95 ocorrências - já corrigidas - registadas no "Portugal Socialista") mostra claramente que existe na "Voz do Povo" uma muito maior tendência para o discurso metafórico e simbólico (o rácio do recurso às metáforas pelos dois jornais é de 3,43).

Esta tendência da "Voz do Povo" para o discurso metafórico pode entender-se como um esforço suplementar para fazer chegar ao leitor uma visão do mundo que afinal é diferente, estranha ao senso comum. É precisamente essa a essência da metáfora (em grego "transporte"): através da união de duas imagens unem-se dois universos de sentido distintos.⁸

A análise que segue baseou-se em diversas tabelas, correspondentes a diversas fases de categorização dos dados. Exceptuando as tabelas mf-1 e mf-2, referentes à metaforização por entidade e que encontramos neste mesmo capítulo, as restantes, muito mais extensas, encontram-se em anexo: as tabelas mf-3 e mf-4, com a lista de todas as ocorrências decompostas em variáveis (Anexo IV), a tabela mf-5, com uma categorização posterior a que nos referiremos já de seguida, as tabelas mf-6 e mf-7, com as frequências dos tipos de metáfora em cada entidade metaforizada e as tabelas mf-8 e mf-9, com as frequências dos tipos de metáfora (tabelas 5 a 9 no Anexo V).

7.1 Metáforas na "Voz do Povo"

7.1.2 Os tipos de metáfora

Os tipos de metáforas utilizados na "Voz do Povo" são muito variados, aparecendo-nos distribuídos por diversos campos semânticos. Detectámos fundamentalmente três desses campos: o campo dos *elementos naturais*, o

⁸ Nesta ocasião em que, ao abordar as metáforas, precisamos, nós próprios, de as dizer de outra maneira, voltamos a questionar-nos acerca da utilização da metáfora no discurso científico. Como interpretar "cientificamente" as metáforas? Será possível traduzir uma metáfora? Será possível, ao exprimir algo, ter a certeza de que não estamos a recorrer também a uma metáfora? São questões complexas. Se considerarmos que metáfora é "exprimir uma coisa em termos de outra", então verificamos que o mero acto de verbalizar dificilmente evita a metáfora. Procuraremos evitar um discurso metafórico, embora não tenhamos muitas ilusões de que a influência da metáfora sobre a forma como utilizamos a linguagem acabará por "afectar" também o nosso discurso.

campo *orgânico* e o campo *social*. A tabela mf-5 (Anexo V) inclui a categorização que a seguir expomos.

No *campo dos elementos naturais* (Sol, mar, chuva, fogo, etc.) encontramos apenas 7 ocorrências, correspondendo a 2,14% do total. Uma representação insignificante que nos permite concluir o fraco peso do mundo cósmico no universo simbólico da "Voz do Povo".

O campo *orgânico* com 97 ocorrências (29,75%) é dominado pela metáfora do corpo (72 ocorrências - 22,08%), sendo ainda expressivo o lugar conferido aos animais (14 ocorrências - 4,29%), além de alguns registos referentes a vírus, contaminação e alimentos.

O campo *social* absorve assim claramente a maior parte do universo metafórico - 222 ocorrências, ou seja, 68,09% - encontrando-se dentro dele uma grande variedade de metáforas. Podemos categorizá-las do seguinte modo:

- as metáforas relativas à *luta*, em número de 143, o que perfaz 43,88% do total. São evocadas várias formas de luta, com uma relevância dominante para a guerra, que só por si recolhe 91 ocorrências, o que perfaz 27,92% do total;

- as metáforas referentes às *actividades económicas e técnicas* (26 - 7,97%), distribuídas fundamentalmente pelos tópicos vida rural, navegação, construção, condução automóvel;

- as metáforas inspiradas nas *actividades lúdicas, artísticas e intelectuais* (26 - 7,97%), tais como o jogo, a caça, a festa, a música);

- as metáforas relacionadas com *atitudes e sentimentos*, abarcando 15 ocorrências (4,61%): disfarce, limpeza/pureza, amor;

- um pequeno conjunto, muito disperso, de metáforas relativas a *instituições e vida quotidiana* (desde a casa, o mobiliário, o cemitério, à bandeira, à prisão, ao serviço militar) - 12 ocorrências - 3,68%.

Se este universo metafórico não traduz, como já dissemos, uma visão cósmica do mundo, ele é em contrapartida dominado pela obcessão do social. E aqui há que sublinhar, desde já, que as próprias metáforas referentes ao mundo biológico, são expressão do social.

7.1.3 Metáfora do corpo: instrumento de acção e coesão; forma de personificação

O corpo - a metáfora dominante nessa categoria - é entendido como um instrumento de acção ou de coesão social. Sendo por vezes associado à ideia de

combate, de luta - "pôr-se à cabeça das lutas", "caminham de braço dado com milhões de explorados", "corpo sólido que não embarque em manobras" - a metáfora do corpo é usada fundamentalmente para designar entidades. As principais entidades que integram a visão do mundo da "Voz do Povo" são frequentemente representadas como corpos, o que podemos comprovar observando a tabela mf-2.

Eis dois exemplos:

- "a reacção não é uma invenção mas uma coisa muito real, de carne e osso, que no Alentejo se chama 'latifundiário'" (ocor. pm8)

- "Os revisionistas levantam uma pedra que acabará por lhes cair em cima" (ocor. pm21)

Perante este tipo de metáfora, pensamos poder falar de uma forma dramática de personificação. *Trabalhadores, operários e povo* são três entidades a que se aplicam quase exclusivamente metáforas do corpo (tabela mf-1), através das quais são apresentadas como pessoas ou *dramatis personae*. Referir-nos-emos a elas com mais detalhe quando analisarmos as entidades metaforizadas mais importantes.

7.1.4 Metáforas relativas ao cérebro, mãos e olhos: representação dos poderes

A metáfora do corpo inclui uma série de variantes que se referem a partes do corpo. Aplicadas às entidades, estas variantes conferem-lhes um carácter orgânico e funções correspondentes à parte do corpo que constitui a metáfora.

Destacamos os três membros ou órgãos do corpo que dão origem a um maior número de metáforas: cabeça/cérebro, mãos e olhos/visão. Estas partes do corpo estão ligadas a tipos de poder específicos. Elas representam respectivamente o poder de **pensar, chefiar e decidir** ("o cérebro que o comandou... esse cérebro chama-se burguesia"; "a classe operária decidiu sem perder a cabeça"), de **controlar efectivamente a acção** ("o dedo que apertou o gatilho"; "tomar a luta em mãos"), e de **estar atento, vigiar** ("tapam os olhos à classe operária").

7.1.5 Metáforas de animais: visão caricatural das relações entre indivíduos de diferentes classes

Por sua vez, os animais são também expressão simbólica de atitudes e sentimentos humanos, ou mais precisamente de *comportamentos sociais*. Isso corresponde aliás ao significado habitual que esta entidade assume nas mitologias.

"Les animaux qui interviennent si souvent dans les rêves et les arts, forment des identifications partielles à l'homme; des aspects, des images de sa nature complexe; des miroirs de ses pulsions profondes, de ses instincts domestiqués ou sauvages."

CHEVALIER, GHEERBRANT, 1969:48

Com a particularidade de que, na "Voz do Povo", das 14 metáforas centradas em animais só duas (referentes à *formiga* e à *águia*) se identificam com entidades positivamente valoradas. Todas as restantes "retratam" os adversários a combater, na sua ferocidade (*feras*, *gorila*), servilismo (*cão*) ou conformismo (*rebanho*), ou numa hostilidade tão grande que roça o sobrenatural (*monstro*).

Podemos então dizer que as metáforas de animais introduzem uma visão caricatural das relações entre indivíduos das diferentes classes sociais no regime capitalista e num contexto de luta de classes.

7.1.6 Metáfora da luta: transportar o leitor para a verdade; a *alegoria da guerra*

No campo social e no geral, predomina a metáfora da *luta*, com quase metade do total de ocorrências. A visão do mundo marxista-leninista centrada na luta de classes tem nesta metáfora um meio de promoção. Tal como nessa cosmovisão, as metáforas da luta associam, de forma dramática, a realidade à luta de classes. Ou, dito de um modo que já nos não é estranho, permitem situar a verdade ao nível da luta de classes.

A metáfora da luta assume diversas modalidades - luta verbal, luta física, repressão policial, armas, massacre, guerra - mas com uma incidência muito particular nesta última.

Há uma grande diversidade de concretizações da metáfora da guerra, além de uma riqueza e coerência descritivas que nos levam a defini-la mais como uma *alegoria da guerra*: manobras, avanços, batalhas, frentes de combate, trincheiras, sabotagens; todo um repositório de táticas militares que se desdobra em 91 ocorrências. A análise aprofundada desta alegoria poder-se-ia inscrever numa análise aprofundada no tema da luta, que a economia do nosso trabalho desaconselha.

A encenação da luta de classes enquanto guerra, a visão militar dessa luta, constitui a nosso ver uma estratégia simbólica informada, uma vez que encontra eco na teoria leninista:

"A luta de classes, na concepção leninista, tem de ser conduzida como uma guerra. A propaganda é, pois, uma necessidade de tipo militar (...)"

QUINTERO, 1993:236

Este recurso procura sobretudo criar uma dinâmica do combate que conduza à vitória. Ocorre aqui citar mais uma vez o *Dictionnaire des Symboles* quando afirma:

"Les luttes mimées ou réelles (...) quand elles se concluaient par un succès, transféraient sur le vainqueur une sorte de pouvoir magique, gage de futures victoires."

CHEVALIER, GHEERBRANT, 1969:596

Aqui, no jornal, representa-se também, encena-se, em palavras, um "drama", uma acção, como que confiando no seu poder mágico de desencadear a vitória e conduzir à harmonia da sociedade sem classes.⁹

7.1.7 Outras metáforas na "Voz do Povo"

No campo social, além das metáforas referentes à luta, todas as outras respeitam a objectos ou actividades correntes, abarcando um leque muito diversificado. Dentro das categorias que atrás distinguimos, cada um dos vários tipos de metáforas recolhe um fraco número de ocorrências. Somente no grupo das actividades lúdicas e artísticas encontramos metaforizações dignas de registo. São os casos da metáfora do jogo (8 ocor.), e da metáfora da caça (4 ocor.). Tanto uma como outra, curiosamente, reforçam a simbologia da luta, do confronto do adversário, ou da perseguição da presa; em ambas se procura a vitória.

No seu todo, as metáforas projectam, de algum modo, a percepção que a "Voz do Povo" tem da realidade social. E nesta perspectiva é curioso verificar como são numericamente pouco expressivas as metáforas respeitantes a actividades industriais: apenas se detectam 12 (3 relativas à construção, 6 à condução automóvel). Estaremos perante mais um desfasamento verbal entre a linguagem dos jornalistas da "Voz do Povo" e a linguagem da classe operária que o jornal diz representar? A confirmar-se, este desfasamento justificaria a necessidade de dramatizar mais a comunicação, de modo a fazê-la ganhar credibilidade.

Seja como for, as metáforas da "Voz do Povo" permitem, ao longo do relato dum acontecimento, a ligação entre o universo da suposta percepção do

⁹ "D'une manière idéale, la guerre a pour fin la destruction du mal, le rétablissement de la paix, de la justice, de l'harmonie, tant sur les plans cosmique et social (...) que spirituel; c'est la manifestation défensive de la vie." CHEVALIER, GHEERBRANT, 1969:490

senso comum, e o universo da cosmovisão leninista que se pretende inculcar no leitor. Podemos assim considerar que a metáfora opera uma *correção* da percepção do senso comum, dotando-a de novas formas de interpretar a realidade.

7.2 Metáforas no "Portugal Socialista"

A análise do Portugal Socialista conduz-nos a conclusões significativamente diferentes. Mesmo assim, recorremos à categorização dos tipos de metáfora que levámos a cabo para a "Voz do Povo". Na tabela mf-5 (Anexo V) temos a distribuição das frequências pelos tipos e categorias definidos.

Em primeiro lugar, fazendo-se um uso muito mais limitado da linguagem metafórica, produz-se um discurso menos enfático, menos apelativo - o que é corroborado pelo comportamento da enfatização, também muitíssimo mais usada pela "Voz do Povo".

Em segundo lugar, considerando o próprio conteúdo das metáforas, não há nenhuma que se destaque como claramente dominante, o que prova que as ideias fundamentais que se pretendem transmitir não passam - como é o caso da *luta* na "Voz do Povo", que constituía 42,9% de todas as metáforas - por esse empolamento verbal, por esse transporte emotivo. Efectivamente há uma distribuição homogénea das frequências por um largo leque de modalidades, sendo raros os tipos de metáforas que se destacam no conjunto.

No entanto, os tipos de metáforas utilizados no "Portugal Socialista" não se afastam significativamente dos da "Voz do Povo". O facto de ambos noticiarem uma realidade socio-política em grande medida comum, o facto de serem ambos jornais ideológicos, o facto de os corpus serem contemporâneos, podem explicar esta semelhança.

Aplicando às metáforas do "Portugal Socialista" a mesma categorização que adoptámos para a "Voz do Povo", obtemos a seguinte distribuição:

- no campo dos *elementos naturais* 15 ocorrências (16,17%) corrigidas à dimensão do corpus da "Voz do Povo", sendo mais diversificado o número de elementos evocados (sol, chuva, mar, rio, fonte, fogo, oásis, etc.);
- relativamente ao *meio orgânico/vital*, 27 ocor. corr. (27,94%), todas respeitantes ao corpo, salvo uma (que se refere à aranha);
- no campo *social*, 50 ocorrências corr. (52,92%), cabendo à metáfora da *luta* 23,52%, às metáforas sobre *actividades económicas e técnicas* 17,64%, às *actividades lúdicas, artísticas e intelectuais* apenas 4,41%.

7.2.1 Importância da metáfora do corpo

As metáforas mais importantes são, como na "Voz do Povo", a da luta e a do corpo, embora esta última tenha no "Portugal Socialista" um maior peso relativo (26,6% contra 21,8% na "Voz do Povo").

De realçar a maior importância relativa conferida a metáforas relacionadas com o corpo e, em especial, com o corpo associado à ideia de caminho, marcha, avanço. A metáfora corpo/caminho apresenta no "Portugal Socialista" exactamente o mesmo número de ocorrências (9 ocor. corr.) do que a metáfora da luta/guerra (note-se que a metáfora do caminho surgia na "Voz do Povo" uma só vez).

Também as actividades técnicas têm aqui uma expressão relativa um pouco mais acentuada: metáforas da construção - *parede mestra*, *lançar um arco de ponte* - e da máquina - *correia de transmissão*, *motor*.

Esta análise parece confirmar que o "Portugal Socialista" assume uma perspectiva mais harmoniosa e integradora do mundo e da sociedade. Por um lado, o facto de haver, em termos relativos, uma maior diversidade de tipos de metáfora; por outro, pelo maior peso simbólico que concede às entidades naturais. Podemos ainda referir, a este propósito, que a metáfora do caminho, da marcha - muito importante no "Portugal Socialista" (13,2% de todas as metáforas) - reflecte uma forma de evolução da sociedade alternativa à luta, que não é sequer considerada pela "Voz do Povo", que admite a luta como a única via.

O facto de a metáfora da luta no "Portugal Socialista" ter sensivelmente metade do peso que tem na "Voz do Povo" (22,1% contra 42,9%) reflecte a diferença que há entre a tensão conflitual estabelecida pelos dois discursos.

7.3 Análise das principais entidades objectos de metáfora

Um outro vector de análise se pode ainda acrescentar neste domínio. É verificar quais as entidades que recolhem maior número e que tipos de metáforas. Para esta análise, elaborámos as tabelas mf-1 e mf-2, que cruzam as entidades mais metaforizadas em cada um dos corpus com o tipo de metáfora.

7.3.1 Entidades metaforizadas na "Voz do Povo"

A "Voz do Povo", como é de esperar, privilegia as situações de luta laboral, política e revolucionária como objectos de metáfora, com um total de 101 ocorrências (30,98%), o que podemos observar na tabela mf-1. O tipo de metáforas aplicado às situações de luta concretas são, naturalmente, metáforas da luta, nos três casos. Elas permitem transportar as situações de conflitualidade social e política para universos porventura mais apelativos, reforçando simbolicamente a intensidade do conflito. É o caso da alegoria da guerra, a que já nos referimos (a guerra envolve 45 metáforas). É também interessante o relacionamento que se faz da luta com a festa e a bandeira, o jogo e a caça, o mar, a navegação, a construção.

Tabela mf-1
Entidades mais metaforizadas na **"Voz do Povo"**, por tipo de metáfora

Entidade	Tipo de metáfora																
	Alimentos	Animais	Automóvel/Condução	Bandeira	Caça	Construção	Corpo	Distarce/Esconderijo	Festa/Espectáculo	Fogo/Fumo	Limpeza	Jogo/Desporto	Luta	Mar/Praia	Música	Navegação	Prisão
luta política rev. ou ac.	1	1			2	1	2				4	1	35			2	
luta laboral trabalhadores			1	1			1		2	1	1		26	1			
PCP, elem. ou acções		1	1				7	2				1	8	1	1	1	
direita ou acções		1					3	1				1	10				
sindicatos, elem. ou ac.		1	1				4		1			1	6		2		1
UDP ou acções		1					5						9				
trabalhadores			3				8										
operários ou cl. operária		1					8						1				
anterior regime ou ac.		1					1	2	1				2			1	
luta laboral patrões ou ac.							1						7				
povo							7										

Tabela mf-2
Entidades mais metaforizadas no **"Portugal Socialista"**, por tipo de metáfora

Entidade	Tipo de metáfora										
	Animais	Automóvel/Condução	Corpo	Culinária	Deserto	Fonte	Luta	Máquinas	Mar	Música	Navegação
PS ou acções		1	4				1	1	2		
povo			5			1					
Portugal ou região do país			3		1						2
luta pelo socialismo			1				3				
ataques ao PS				2			1			1	
PCP ou acções	1		1				1				1
trabalhadores			1				1				1

Sobre o *PCP* (23 metáforas), é maior a dispersão: 8 referências à luta, 7 ao corpo (que como atrás dissemos, permite personificar a entidade, identificando-a como um dos contendores, como um sujeito de conflito) e ainda outras imagens referentes ao disfarce, ao jogo, à navegação.

Vejamos exemplos dos dois tipos de metáfora mais significativos aplicados ao *PCP*. O primeiro, retirado do que chamamos a *alegoria da guerra*, onde o *PCP* assume um papel activo no "campo de batalha":

"o partido de Cunhal soube actuar como guarda-avançada do Governo de Spínola no ataque à luta dos trabalhadores dos CTT." (ml97)

O segundo, projecta elementos do *PCP* como corpos:

"para no momento decisivo, virarem as costas à luta." (pm25)

Relativamente à *direita* são também em maior número as metáforas da luta (11 ocorrências) e em particular da luta associada às feras (6 ocor.). Este tipo de metaforização confirma o carácter de extrema hostilidade que a "Voz do Povo" atribui à direita, detectado também a partir da análise dos sentimentos. Mas é ainda interessante as duas referências à doença, à contaminação, bem como ao jogo e ao disfarce.

"O fascismo é como um tumor, se não o atacamos, se não o isolamos alastra e pode mesmo tomar-nos todo o corpo." (pm43)

Este exemplo é elucidativo da diabolização do "fascismo". A identificação com o tumor é uma opção simbólica extrema, a que o jornal não hesita em recorrer. Nele notamos também a força que a metáfora do corpo assume no discurso da "Voz do Povo". O corpo é neste caso associado à mente de uma pessoa, tomada pela ideologia fascista.

O povo e as classes trabalhadoras são quase exclusivamente metaforizados através da ideia de corpo. Eles são para a "Voz do Povo" entendidos numa perspectiva orgânica, e é através dos membros e órgãos do corpo que são referenciadas as suas funções: os ombros, as mãos, os olhos e o sangue.

Se este facto faz deles entidades personificadas, actores centrais na encenação do jornal, já não os figura necessariamente como entidades particularmente activas. Vimos através da análise dos rótulos, dos sentimentos e da ênfase como são a UDP e a extrema-esquerda (os "operários conscientes") que dirigem e orientam a luta. As metáforas relativas aos trabalhadores, ao povo e à classe operária representam-nos em muitos casos como entidades passivas, vítimas de abusos, de exploração ou de más influências. Alguns exemplos:

"Fazem adormecer a vigilância dos trabalhadores", "roubar o suor aos trabalhadores", "amarram-nos à tutela da Intersindical amarela", "carregando-lhes nas costas com os erros da

gestão", "Não pode ser uma força cega", "tapam os olhos à classe operária", "Deitar poeira para os olhos do povo", "manter o povo acorrentado à sua miséria".

Com estes exemplos não pretendemos insinuar que, com as metáforas, não se atribui a estas entidades um papel activo ou reactivo. Em muitos exemplos elas reagem às agressões como um corpo unido ou atento.

Mas a comparação com a UDP não deixa dúvidas de como as metáforas a elegem como a força verdadeiramente combativa, sobressaindo claramente das entidades do campo social/laboral. Vemos isso, desde logo, pelo tipo de metáforas usado. Ao contrário dessas entidades, representadas exclusivamente pela metáfora do corpo, a UDP é representada principalmente pela da luta (9 ocor., contra apenas 5 ocor. de metáforas do corpo).

Observando o conteúdo das metáforas aplicadas, deixamos de ter dúvidas quanto a esta distinção: "posições de ataque frontal ao capitalismo", "estamos a atingir certeira e o alvo e estamos a utilizar a arma eficaz", "a UDP está na primeira linha das barricadas", "não conseguem calar a voz dos revolucionários", a classe operária e a UDP não são cegas".

7.3.2 Entidades metaforizadas no "Portugal Socialista"

Não se destacam fortemente nenhuma entidade. Aquelas a que se refere maior número de metáforas são o PS, com 14 ocorrências (corr. 20), correspondendo a 20,58% do total; o conjunto povo/trabalhadores (não são referidos camponeses nem operários) com 9 ocorrências (corr. 13) - 13,23%; o socialismo com 6 ocorrências (corr. 8 - 8,82%); e o PCP com 5 (corr. 7) - 7,35%.

As metáforas relativas ao PS recaem sobretudo sobre o corpo (mãos, voz, caminho) (4 ocorrências - corr. 6). Falaríamos de uma personificação do partido (compreensível por estarmos perante a entidade central da visão do "Portugal Socialista") se não estivéssemos somente perante quatro metáforas.

É também associado à luta (1 ocor.), ao mar (2 ocor. - corr. 3), à máquina (1 ocor.) e à condução (1 ocor.).

Interessante é notar que Portugal é apontado como um objecto de metáfora relativamente importante. Este facto confirma Portugal como um dos destinatários das acções políticas do PS. O "Portugal Socialista" justifica as acções do PS através da defesa do interesse nacional: é o caso do relevo dado à macroeconomia, totalmente ausente da "Voz do Povo". Diríamos que as "pátrias" na "Voz do Povo" são antes "sociais".

Das 9 ocorrências referentes ao povo/trabalhadores, 6 dizem respeito ao corpo (marcha/caminho, mãos, voz), verificando-se portanto uma ordem de significados semelhante à da "Voz do Povo".

As metáforas do "Portugal Socialista" focam também, naturalmente, o tema da luta. É o caso das metaforizações da *luta pelo socialismo* e dos *ataques ao PS*. Relativamente ao socialismo, as principais metáforas referidas dizem respeito à luta/guerra (3 ocor. - corr. 4) e à construção (2 ocor. - corr. 3). Os ataques ao PS são metaforizados de forma irónica, através dos temas da culinária e da orquestra, que figuram um conluio entre diversos partidos.

A entidade luta não recolhe um número de metáforas que nos permita considerar este tópico como central, o que acontece na "Voz do Povo".

8. Metonímia entre factos noticiados e a sua explicação histórica

Este efeito metonímico refere-se fundamentalmente a um processo de associação entre o particular e o geral, entre o concreto e o abstracto, entre o efeito e a causa. Identifica-se, e de certo modo confunde-se, o caso singular, relatado na notícia, com o princípio geral que alegadamente o explica. O recurso a este tipo de metonímia permite tornar inteligível a realidade política, associar a teoria a acções práticas e, em última análise, doutrinar.

Não é conveniente, neste caso, proceder a uma agregação num número reduzido de modalidades - como fizemos nas outras categorias de análise - de todas as ocorrências da metonímia. Em primeiro lugar, porque dentro das próprias metonímias a que chamamos de explicação histórica se integram outras formas metonímicas mais simples, tais como a identificação da parte pelo todo. Em segundo lugar, porque a complexidade dos enunciados seria desaproveitada: o interesse principal desta abordagem reside mais no significado qualitativo desses enunciados do que na sua maior ou menor frequência. Efectivamente, como podemos concluir pela leitura da tabela th-1 (Anexo IV), cada metonímia constitui um caso particular, sendo formada em muitos casos por um texto longo. A captação de uma visão de conjunto envolve uma atenção especial ao particular.

O recurso à metonímia facto/explicação histórica tem muito mais peso na "Voz do Povo" (124 ocorrências) do que no "Portugal Socialista" (51 ocor. - valor corrigido). Mas, além desta diferença quantitativa, outras mais importantes distinguem os dois jornais.

8.1 "Voz do Povo": exposição de um programa político

A "Voz do Povo" recorre a duas formas desta metonímia, as quais, na prática, acabam por transformar o espaço noticioso num lugar de exposição de todo um programa político. Os dois processos através dos quais o facto particular é colocado ao nível do jogo das personagens históricas da cosmovisão marxista são:

a) Explicação/Identificação

É o processo preconizado por Lenine: a verdade situa-se sempre ao nível da explicação histórica; o facto é apenas um pretexto para chegar a ela; assim, nestes casos, a "Voz do Povo" apresenta ou explica o facto através das entidades históricas a que alegadamente pertencem os seus intervenientes e ao fazê-lo torna a explicação histórica o próprio objecto da notícia, o próprio facto noticiado. Desta forma o facto concreto torna-se qualquer coisa como a face visível, quase aparente, da verdade.

b) Lição

Outra modalidade de relacionamento de um facto particular com o jogo das entidades históricas é apresentar este jogo como uma "lição que se extrai" do facto noticiado. A explicação histórica não perde neste caso o seu lugar de destaque na notícia, podendo até reforçá-lo. Mas o objecto da notícia não sofre a *deslocação* que se verifica no processo de identificação. O processo de *identificação* anteriormente referido é tão extenso que o recurso à lição é minoritário.

As metonímias deste tipo contidas no corpus da "Voz do Povo" referem-se, na sua totalidade, a situações de *luta laboral* (72 ocor. - 58,06%), de *luta sindical* (16 ocor. - 12,90%) e de *luta política* no sentido mais estrito (36 ocorrências - 29,03%). Sobressaem de forma muito nítida os factos do campo laboral. Considerando as entidades intervenientes nas ocorrências, a luta, mais precisamente a "luta de classes" é, mais uma vez, o tema dominante, monopolizando o recurso a este tipo de metonímia.

Para isso concorre, em primeiro lugar, o facto de muito frequentemente se identificarem os actores (indivíduos ou grupos) com a classe a que se entende que eles pertencem. Assim, um grupo de operários ou de trabalhadores em luta é a *classe operária*; patrões, empresários, governo, uma direcção sindical são a *burguesia*; um grupo de camponeses ou de manifestantes são *o povo, as massas populares*.

Em segundo lugar, em 124 ocorrências, 75 referem-se expressamente à luta de classes. No que respeita à luta laboral, 70,83% das ocorrências incluem essa referência, sendo a percentagem de 43,75% para a luta sindical e de 47,22%, o que é ainda mais digno de nota, para as lutas relativas àquele a que chamamos o campo político.

Esta é a primeira forma de se conseguir situar toda a acção que é noticiada no plano teórico. Mas, o conceito de luta de classes aparece ainda, em grande

parte das ocorrências, desenvolvido a um nível mais complexo de interpretação histórica, conferindo ao espaço noticioso a função de explanação dos princípios do marxismo-leninismo.

Por um lado, para identificar situações ou relacioná-las com princípios subjacentes, recorre-se a grandes conceitos abstractos, como se verifica no exemplo em que a actuação persecutória do chefe de uma cooperativa é "capitalismo puro e simples". No conjunto das 124 ocorrências, destacam-se como conceitos mais frequentemente utilizados a propósito de situações concretas de luta laboral, sindical ou política, os seguintes: *capitalismo/Capital* (23 ocor.); *fascismo* (16 ocor.); *imperialismo* (8 ocor.); *ditadura do proletariado* (5 ocor.); *Democracia Popular* (4 ocor.); *revisionismo* (4 ocor.); *comunismo* (2 ocor.); *socialismo* (2 ocor.); *social-fascismo* (2 ocor.); *marxismo* (1 ocor.) - um total de 63 ocorrências de conceitos.

Por outro lado, na maior parte dos enunciados verifica-se a referência a princípios ideológicos básicos como projecção dos casos concretos. Tais princípios aparecem a maior parte das vezes como explanações e outras sob a forma de lição a tirar dos factos noticiados.

Desses princípios destacamos: *a importância da consciência de classe* (6 ocorrências); *a importância da unidade e/ou organização* (este último com forte incidência) *das classes trabalhadoras como condição indispensável das suas vitórias* (28 ocor.); *o papel do partido ou das vanguardas revolucionárias na condução das lutas* (6 ocor.); *a importância da "aliança operária-camponesa" ou da aliança do operariado com as forças anti-fascistas e as massas populares* (4 ocor.).

8.1.1 A ideia de "avanço da luta"

Um princípio surge destacado: o de que as lutas laborais ou sindicais devem realizar avanços progressivos, ultrapassando o nível económico para se situarem no nível político, de acordo com a insistente recomendação de Lenine¹⁰, processo que visa a destruição do sistema capitalista. Citamos alguns exemplos de ocorrências desta metonímia, nos quais se evoca o referido princípio.

- A oposição dos operários de uma fábrica ao patrão que recusa satisfazer determinadas reivindicações laborais é descrita como "avanço das LUTAS OPERÁRIAS tendo em vista o derrube violento do Sistema Capitalista." (ocorrência th33);

- A ocupação de uma fábrica pelos operários é "UMA FASE SUPERIOR DE LUTA" (ocorrências th11 e th12) OU "um avanço político" (ocorrência th17);

¹⁰ LENINE, 1966.

- Os trabalhadores vão adoptando "formas de luta cada vez mais avançadas até à vitória final" (th76);

- Os sindicatos devem sair da "luta económica estreita" para se ligarem "à luta política, à luta de classes da vanguarda do proletariado (...) pela Democracia Popular e o Socialismo." (th25)

Ao todo, detectámos 30 enunciados em que se estabelece a ligação entre um acontecimento laboral ou sindical e o processo histórico global.

8.1.2 Materialização da ideologia pela encenação da *praxis* marxista

Resumindo, estamos perante uma ligação entre a teoria e a prática - a teoria informando a prática, a prática suportando a teoria - no sentido da *praxis* marxista.

Todo este trabalho de formação teórica baseada na prática vem afinal confirmar que o jornal assume a função de educar politicamente as massas, criando organizações políticas locais que, através das notícias do jornal e do recurso a esta metonímia, se projectam para o plano da luta política global.

Podemos também encarar a metonímia como uma encenação, uma dramatização, através da *praxis*, dos grandes princípios teóricos. Os incidentes, as acções vividas desenrolam-se num palco, perante o leitor, fazendo-o sentir emocionalmente, dramaticamente, no próprio terreno onde ele se move, os princípios doutrinários que o jornal pretende inculcar.

8.2 "Portugal Socialista": transporte dos factos para uma escala nacional

Muito diferente é a utilização deste tipo de metonímias no "Portugal Socialista". Para lá do seu uso limitado, incidem predominantemente sobre factos políticos (69,44% das ocorrências) e mais raramente sobre questões laborais (26,11%), verificando-se uma só ocorrência relativa a situações sindicais.

Por outro lado, se bem que estas metonímias se situem no campo da interpretação histórica, associando os factos a princípios gerais que os explicam, não produzem o mesmo efeito que encontrámos na "Voz do Povo".

Primeiro, porque a maior parte dos factos, sendo de carácter político, dizem respeito a tomadas de posição colectivas: comícios, manifestações, encontros, assembleias, decisões de órgãos do poder - recordemos que na "Voz do Povo" estas metonímias referiam-se a pessoas, lugares e acções individuais.

Em segundo lugar, porque, se há igualmente conflitualidade nos factos metonimizadas no "Portugal Socialista", ela não tem o mesmo carácter bipolarizador que na "Voz do Povo" confere a esta metonímia uma forte tensão dramática.

O conceito de classe está praticamente ausente destas metonímias, o mesmo se podendo afirmar em relação a operários, camponeses ou outros grupos sociais específicos. É na entidade trabalhadores que se concentra a acção.

As metonímias no "Portugal Socialista" põem em evidência um conjunto de conceitos abstractos, que contribuem para definir a ideologia do PS: *democracia*, *socialismo*, *liberdade* (5 ocorrências cada); *processo revolucionário* e *reação/reaccionário* (4 ocorrências cada); *revolução portuguesa* e *progressista* (2 ocorrências cada); *fascismo*, *demagogia* e *auto-gestão* (1 ocorrências cada).

Quanto aos princípios, eles centram-se, em primeiro lugar, à volta das ideias anteriormente citadas, ou seja, do enaltecimento e defesa daqueles valores. Podemos ainda acrescentar: *a importância da unidade, consciência e vontade dos trabalhadores* (3 ocor.), *a defesa dos interesses dos trabalhadores* (1 ocor.), *o respeito pela vontade e a soberania popular* (2 ocor.), *o estreitamento da aliança Povo-MFA* (1 ocor.), *a defesa da liberdade de informação* (2 ocor.) e mais significativamente *a defesa da economia nacional* (4 ocor.).

No seu conjunto é possível reter que esta ideologia política, centrada na democracia, liberdade e socialismo, está voltada para uma dimensão nacional.

Enquanto a "Voz do Povo" "transporta" os factos para o nível da luta de classes, o "Portugal Socialista" coloca-os ao nível das questões que se colocam ao país. A entidade sobre a qual se centra a explicação histórica é muitas vezes o povo português. As acções de luta pontuais identificam-se com o processo revolucionário em curso - de luta pelo "socialismo em liberdade" -, que é aquilo a que chamam a revolução portuguesa; e a própria luta dos trabalhadores, como vimos também a partir da análise das metáforas, é associada à defesa da economia nacional.

Concluimos finalmente que, através da metonímia entre factos e a sua interpretação histórica, todo o trabalho jornalístico de indagação dos factos que dá lugar ao desenvolvimento da notícia em termos mais ou menos objectivos é substituído pela aplicação de uma grelha de leitura do real pré-definida. Existe um facto ou um pequeno núcleo de factos, de um lado, e existe uma

cosmovisão, do outro, que "cai" sistematicamente sobre eles, sejam eles quais forem.

De qualquer modo, este recurso é utilizado na "Voz do Povo" de uma forma muito mais insistente, correspondendo a todo um programa de acção política.

V

CONCLUSÕES

O discurso das notícias é construído com recurso a diversos elementos tipicamente dramáticos que, interligados, desempenham de facto as funções simbólicas definidas (II.3.3 a II.3.8): são eles acção, tensão, concentração, simplificação, intensidade, apelo afectivo, personificação.

Nestas conclusões, encetaremos um esboço de reconstituição da encenação que o jornal faz da sua visão do mundo, com base nas conclusões que retirámos do estudo dos recursos dramáticos da linguagem e do discurso definidos como categorias de análise. A partir das relações de oposição e associação, dos rótulos, da enfatização, da vitimização, dos sentimentos, das nomeações, das metáforas e das metonímias, identificaremos os enredos, as principais personagens em cena, os papéis que lhes foram atribuídos, enfim, a forma como esta visão desempenha as referidas funções.

Identificaremos de seguida a visão do mundo do "Portugal Socialista", embora de forma mais resumida. O discurso do jornal do PS foi usado neste trabalho como termo de comparação com o da "Voz do Povo".

Finalmente, referiremos contribuições que este trabalho poderá trazer ao estudo do jornalismo político ou ideológico.

1. A luta de classes como enredo central

No seu espaço noticioso, a "Voz do Povo" elabora uma encenação completa, coerente, disciplinada do enredo da luta de classes. De muitas formas, e informada por uma série de técnicas, de que daremos conta nestas conclusões, o discurso do jornal desempenha intensamente, num contexto que podemos qualificar de simbolicamente adverso, a função de *luta pela imposição de uma visão do mundo* (II.3.5). Esta luta envolve uma outra função que definimos também: a de *conferir visibilidade* (II.3.4), nomeadamente ao procurar a visibilidade das categorias de apropriação do real que constituem a referida visão.¹¹

A encenação de uma tal situação de confrontação - a luta de classes - é favorecida por condições práticas e teóricas excepcionais. Na prática, no pós-11 de Março existe de facto uma situação de crise, uma conflitualidade social de

¹¹ É importante referir que o jornal opera uma simbiose entre luta laboral e luta estritamente política - dois conceitos e situações que analiticamente mantivemos separados. Ao laboral podemos juntar o municipal, em que se luta pelas condições de habitação, e ao político-partidário podemos juntar o ideológico.

raiz popular, um conflito laboral generalizado e convulsões políticas graves. A nível teórico, há uma visão histórica global coerente - o marxismo - com adeptos influentes ao nível da opinião pública, que encontra uma sociedade pós-revolucionária aberta ao reequacionamento dos seus símbolos e valores e consequentemente dos seus discursos. Neste contexto histórico e ideológico, a retórica da luta de classes no espaço noticioso torna-se plausível.

O estudo de todas as categorias de análise e, através delas, do discurso do jornal, aponta a centralidade deste tema como um dado inequívoco. Desde logo, as relações de associação e oposição estabelecidas entre as entidades evocadas no corpus da "Voz do Povo" configuram o espaço simbólico com base em *oposições binárias* que representam esta situação (IV.2.3.1; IV.2.3.3).

É nomeadamente nas entidades do campo social/laboral que se centra esta estrutura de oposições binárias, que se estende a entidades negativamente conotadas do campo político/ideológico e militar/policial. As entidades do campo estritamente político ou ideológico positivamente conotadas são praticamente inexpressivas, o que nos revela que é a luta de classes que se apropria do espaço político e não a luta levada a cabo pelas instituições estritamente políticas (IV.2.3.2, IV.2.3.3, IV.2.3.5). Uma visão perfeitamente coerente com a visão marxista da dialéctica histórica.

1.1 Os rótulos de codificação como reacção às categorias que ofendem a visão binária

Os rótulos de codificação têm uma importância decisiva no corpus da "Voz do Povo", pela extensão da sua utilização e pelo seu significado. Nele detectámos 747 rótulos. Um rótulo é uma designação sintética, mais ou menos recorrente, que codifica uma entidade interveniente nas notícias de forma valorativa e simplificadora, em certos casos caricatural.

Com surpresa, constatámos que, num "mar de rótulos", não eram codificados os principais actores da luta de classes - pelo menos os seus protagonistas clássicos: povo, trabalhadores, classe operária, patrões, burguesia (IV.1.3).

No lugar das entidades centrais da visão binária da luta de classes, os códigos referiam-se com maior recorrência e regularidade a outras entidades, também importantes, é certo: o PCP (a entidade mais rotulada); os sindicatos; as camadas intermédias (chefes, encarregados, técnicos e quadros, profissionais liberais); a direita; as instituições políticas vigentes (governo, eleições, parlamento).

Refira-se que, em relação à luta de classes, os rótulos desempenham uma função de legitimação moral ao designá-la como *justa* (IV.1.3.3.11). O mesmo podemos dizer em relação ao sentimento que a "Voz do Povo" procura suscitar com o fim de desencadear a luta: o sentimento de revolta dos trabalhadores, normalmente designado por ira, é também codificado através da designação *justa* (IV.1.3.3.12). Procura-se desta forma legitimar, desculpabilizar os sentimentos de revolta e de ódio, fazendo o leitor aceitar a luta como um imperativo moral.

Em suma, a codificação através dos rótulos é a resposta que a "Voz do Povo" encontra como reacção às categorias de apropriação da realidade social e política que ameaçam impor-se como representações sociais, contrariando a sua visão binária. Os rótulos procuram corrigir a visão que se tem dessas categorias, ou integrando-as na visão binária, no campo oposto àquele em que elas são socialmente representadas, ou tentando votá-las ao ridículo, ao absurdo, ao desprezo.¹²

A análise dos rótulos permite-nos confirmar uma das hipóteses que formulámos na problematização: a forma dramática, porque simplificadora, dos rótulos constitui um meio de lutar pela imposição da visão do mundo do jornal.

1.2 O apelo afectivo como forma de conferir intensidade à luta de classes

Detectamos na "Voz do Povo" a preocupação de conferir um envolvimento afectivo à sua explicação histórica da realidade que à partida não é mais do que uma construção racional coerente. Ao contrário dessa visão histórica, que como vimos se procura representar através das notícias, a realidade noticiável, que serve de palco à referida encenação, não é puramente lógica nem totalmente racionalizável. A realidade, como o drama, estão envoltos num complexo jogo de emoções através das quais acabam também por contagiar os seus agentes, actores e/ou espectadores.

É com esse fito que a "Voz do Povo" mobiliza o espaço afectivo para a luta de classes, concentrando nela a evocação de sentimentos, as situações de enfatização e as de vitimização.

O apelo afectivo permite conferir intensidade às personagens, aos seus papéis e ao seu desempenho. No drama, as personagens mais importantes são aquelas cuja caracterização é mais densa, cujo desempenho ou papel é mais intenso. Pelo facto de os indicadores de apelo afectivo que identificámos serem

¹² Encontram-se neste último caso a codificação do MRPP - *bando, aventureiros* - e a do MES - *movimento espontaneísta, filhotes revisionistas*...

"mobilizados" para caracterizar situações e protagonistas da luta de classes, podemos confirmar este enredo como o mais importante da narrativa.

1.2.1 Enfatização

O discurso da "Voz do Povo" recorre profusamente à ênfase e fá-lo através de múltiplas formas: a ênfase que chamámos semântica, os pontos de exclamação, alguns advérbios enfáticos e as próprias metáforas, que conferem um valor de certo modo enfático ao seu objecto.

Podemos identificar como objecto de ênfase, envolvendo a quase totalidade das ocorrências, um enredo, uma "trilogia conflitual" que constitui a luta de classes na sua dimensão política. Enfatizam-se nomeadamente três momentos, conceptualmente encadeáveis numa sequência lógica: a denúncia, a hostilidade e a luta. Eles interligam-se da seguinte forma: a denúncia produz a hostilidade; a hostilidade produz a luta (IV.4.4.1.5).

O PCP e a *direita* são as entidades cujas denúncias são mais enfatizadas, o que nos leva a considerar o campo político como um lugar de conflitualidade mais intensa (IV.4.1.1). Veremos, no entanto, que os objectos de denúncia enfatizada são diferentes dos objectos de denúncia pela mera nomeação.

Quanto à luta propriamente dita, a sua ênfase faz-se fundamentalmente por via da evocação de dois aspectos já de si de certo modo enfáticos: a *dureza* ou violência da luta e a *necessidade* imperiosa de empreender a luta.

É fundamentalmente a luta contra a *direita* que se enfatiza. A *direita* é uma entidade cuja hostilidade contra os revolucionários não conhece limites, como demonstra por exemplo, a metaforização que se produz acerca desta entidade (IV.7.3.1). Como mostra ainda o recurso aos sentimentos, a *direita* é apontada como um inimigo *odioso*, o que não é o caso do PCP (IV.3.3.1.7). PCP (e aliados) e *direita* (e entidades que lhe estão ligadas) constituem assim duas ordens de inimigos políticos.

Entrega espiritual à luta de classes

É importante também registar que o jornal procura enfatizar aspectos positivos da luta, como a força dos trabalhadores ou do povo, o elogio aos trabalhadores ou a confiança na sua vitória. Ao fazê-lo, diversas ocorrências dão conta da importância de um sentimento de fé - confiança enfatizada a um nível emocional - na luta de classes (IV.1.2.3). Algumas associam-na mesmo ao sucesso de acções de luta localizadas. Seria interessante relacionar este facto

com a forma como a ideologia marxista encara e utiliza o sentimento religioso e o apelo do sagrado.

1.2.2 Vitimização

A análise das situações em que os actores são apresentados como vítimas levou-nos a concluir que este é um recurso extremamente importante na "Voz do Povo", por contraposição ao corpus do "Portugal Socialista", onde ele tem uma expressão significativamente mais reduzida. A vitimização permite suscitar a revolta e o ódio nos leitores, contribuindo assim para a agitação política.

Refira-se para já que as entidades classe operária, trabalhadores e povo são representadas como vítimas de múltiplas agressões, mais do que como agentes de luta consequente.

O discurso do jornal estabelece diversas situações de agressão/vitimização particulares.

Uma *vitimização de carácter estrutural ou de longo termo*, na qual povo e camponeses, representados como entidades passivas, sofrem de miséria e opressão, desencadeadas respectivamente pelo capitalismo ou capitalistas e pelos latifundiários.

Uma vitimização típica do campo laboral, em que trabalhadores e operários são vitimizados pela exploração, ameaça de despedimentos, despedimentos e más condições de trabalho, da responsabilidade dos patrões.

E uma vitimização táctica, relativa à luta política e militar, em que a UDP e a extrema-esquerda são reprimidas pelas forças policiais e pelo PCP e em que os soldados são vítimas de repressão por parte de quadros militares (IV.5.1.1, IV.5.1.2, IV.5.1.3).

1.2.3 Sentimentos

Apesar de os sentimentos não terem, nem de perto, uma importância no discurso da "Voz do Povo" comparável à que têm no do "Portugal Socialista", podemos dizer que a evocação de sentimentos no corpus da "Voz do Povo" cumpre uma *mobilização afectiva* para a luta de classes. De facto, os sentimentos mais evocados no corpus deste jornal são: medo, solidariedade, vontade, coragem, desprezo, revolta, confiança e ódio (IV.3.2, IV.3.3); ou seja, no contexto em que são aplicados, sentimentos típicos de situações de tensão e conflito.

Se, como verificámos através da confrontação deste tema com a estrutura de relações de associação e oposição, os sentimentos têm a função de *cimentar as posições definidas no espaço simbólico*, situando as personagens entre si de uma forma afectiva (IV.3.2.4), então concluímos que as posições dos agentes da luta de classes no espaço simbólico são reforçadas pela utilização dos sentimentos.

O medo e o desprezo são apresentados como instrumentos de denúncia e ênfase da opressão a que o povo, como protagonista do sentimento, se encontra sujeito. O medo serve também, no sentido inverso, para ilustrar a cobardia dos adversários políticos e a força dos elementos revolucionários (IV.3.3.1.1 e IV.3.3.1.5).

A solidariedade, a vontade, a coragem e a confiança constituem *mantimentos afectivos para a luta de classes*, isto para recorrer à alegoria da guerra, querida aos redactores do jornal. Se a solidariedade parte de outros, já a vontade é uma força interior que urge despertar ou uma condição afectiva para o sucesso. A "vontade do povo" é também utilizada como razão ou motivo que justifica o desencadear da luta. Quanto à coragem, sendo protagonizada quase só por elementos da extrema-esquerda, ela permite de certo modo legitimar a sua liderança do processo de luta, consolidar a posição da UDP como partido de vanguarda, orientador das acções de luta (IV.3.3.1.2, IV.3.3.1.3, IV.3.3.1.4 e IV.3.3.1.8).

A revolta e o ódio são apresentados como *reação afectiva* às situações de opressão e exploração e às terríveis ameaças da direita. O ódio é um sentimento centrado numa relação particular, a dos elementos de extrema-esquerda com a direita, pelo que ajuda a identificá-la (IV.3.3.1.6 e IV.3.3.1.7).

Do ponto de vista das funções do discurso dramático, podemos considerar que este apelo afectivo, intenso e multifacetado, constitui uma forma simbólica de *agitação política* (função definida no capítulo II.3.7), reunindo condições teóricas e práticas para obter algum sucesso e procurando pela via simbólica alterar o curso da realidade.

1.2.4 A união leitor/actor

A união espectador/actor é uma das funções que atribuímos teoricamente ao discurso dramático (II.3.8). No caso do jornalismo político, esta função, assumida por certo teatro, significa o envolvimento do leitor - ou narratário - com a causa que o jornal defende e as acções políticas que promove. Incluímos-la no capítulo do apelo afectivo, porque no caso da "Voz do Povo" essa união concretiza-se por via afectiva.

Verificámos que ela se cumpre de diversas formas no corpus do jornal. Através das palavras de ordem, que infelizmente não tivemos oportunidade de analisar em profundidade. As palavras de ordem chamam o leitor, envolvendo-o na luta. Através também da identificação implícita entre o leitor e as personagens do "campo revolucionário" envolvidas na encenação.

1.3 Metáforas: a luta de classes através da alegoria da guerra

A intensa metaforização no discurso da "Voz do Povo", quantitativamente muito mais importante do que a do discurso do "Portugal Socialista", desempenha uma mediação cognitiva fulcral, ao *transportar* para universos diferentes e facilmente descodificáveis uma visão do mundo que a nosso ver regista já fortes sinais de desadequação ao Portugal de 1975, podendo por isso encontrar, no seu estado ideológico puro, dificuldade de se fazer aceitar. A metáfora permite ao discurso da "Voz do Povo" fazer-se entender no meio popular a que se destina. Através dela, claramente, cumpre-se a função de lutar pela imposição de visão do mundo.

Predomina um sistema metafórico a que chamamos a *alegoria da guerra*. Efectivamente, as metáforas da guerra aplicadas à luta de classes são tantas e a imagem da guerra é tão detalhadamente explorada, que pensamos estar perante uma alegoria. Além dela, outras formas de metáfora da luta contribuem para a mesma representação: luta física, luta verbal, luta de feras ou repressão policial (IV.7.1.6).

Outras metáforas se destacam. A *metáfora do corpo* permite personificar múltiplas entidades e alguns casos particulares de metáfora do corpo descodificam diversos tipos de poder. As *mãos* são usadas para designar o controlo sobre as acções de luta; o *cérebro* significa o poder de conceber essas acções; os *olhos* designam a capacidade de visão e vigilância (IV.7.1.3 e IV.7.1.4). Os principais objectos desta metáfora são o povo, a classe operária e os trabalhadores.

De resto, esta metaforização do povo como um corpo vem ao encontro e confirma a "metonímia original", respeitante ao nome do jornal, que consiste em identificar o povo como um corpo, cuja voz é o jornal (daí o nome) e cujos olhos e ouvidos são os correspondentes (II.1.1).

As *metáforas de animais* permitem caricaturar as relações entre entidades consideradas como "inimigos políticos" (IV.7.1.5).

1.4 Metonímia entre os factos noticiados e a sua interpretação histórica: a encenação da teoria e da praxis marxista

A metonímia que explica os factos noticiados pela sua interpretação histórica, intensamente utilizada na "Voz do Povo" e negligenciada pelo "Portugal Socialista", permite ao jornal a exposição de todo um programa político a partir de pequenos factos. É o pôr em prática da ideia leninista de elevar a verdade ao nível da luta de classes, uma ideia defendida também por Piscator para o teatro político.

O discurso enceta esta metonímia com base em duas formas: a dos princípios ideológicos como lição a extrair do facto particular e a dos mesmos princípios e conceitos como causa directa desse facto (IV.8.1).

Colocados em cena, no meio da realidade, em cenários que os leitores da "Voz do Povo" conhecem bem, os princípios e conceitos da teoria e da *praxis* marxista tornam-se inteligíveis e plausíveis, o que faz desta metonímia mais uma forma de lutar pela imposição de uma cosmovisão e pela visibilidade social das suas categorias (IV.8.1.2).

1.5 A nomeação, forma privilegiada de denúncia

Elemento central na propaganda leninista, a denúncia é também um elemento central na encenação levada a cabo pela "Voz do Povo". Há uma obsessão de nomear, de expor pela revelação do nome, os inimigos políticos.

Mais uma vez há uma relação inversa com o "Portugal Socialista". Enquanto no jornal do PS a grande maioria das nomeações são positivamente valoradas, aqui elas são por regra negativamente valoradas. É uma visão profundamente negativa da realidade, e também extremada (IV.6.3). A atribuição de uma valoração positiva ou negativa revela uma total disciplina ideológica da parte dos jornalistas da "Voz do Povo". De facto, cada entidade é valorada somente com base num dos sinais, + ou - (IV.6.3.4).

Os principais visados da nomeação são do campo laboral: capitalistas, patrões, latifundiários e entidades "intermédias" (técnicos e quadros, chefes, encarregados). No campo político, destacam-se os elementos do PCP, com uma grande incidência na figura de Álvaro Cunhal (61 nomeações), que surge como uma espécie de personificação da traição à causa comunista e da falsidade (IV.6.3).

Ao contrário do que acontece no "Portugal Socialista", só em último recurso a "Voz do Povo" nomeia as figuras do partido a que é afectada. Os elementos da UDP só em caso de necessidade são nomeados, o que confirma as classes sociais como principais protagonistas da luta política (IV.6.3.3).

Uma referência ainda à *eleição de heróis*. A "Voz do Povo" nomeia recorrentemente algumas vítimas da luta de classes, procurando constituí-los como heróis, referências para a respectiva classe (IV.6.3.2).

Enfim, concluímos que há na "Voz do Povo" uma multiplicação dos efeitos dramáticos que, para usar a terminologia da teoria do drama, se traduz numa inequívoca *concentração* do discurso no tema da luta de classes ou da conflitualidade social, a qual configura uma narrativa em que a *tensão* marca uma presença constante.

2. Identificação das personagens principais

Destacamos as personagens que, pela intensidade dos seus papéis e pela assiduidade com que frequentam o palco, merecem ser consideradas como as mais importantes. Ressalve-se que a luta de classes, cuja dramatização vimos caracterizando desde o início das conclusões, consitui o enredo central com que estas personagens estão comprometidas.

2.1 Classe operária, trabalhadores

A classe operária e os trabalhadores, apesar de ocuparem um lugar central como causa ou razão de ser da luta, acabam por desempenhar um papel em grande medida passivo. Estas entidades são representadas principalmente como *vítimas*. As metáforas, à sua maneira enfática e/ou irónica, retratam estas duas personagens como corpos e apenas corpos, vítimas das várias agressões, embora também capazes de reagir através das funções vitais que lhes conferem poder (mãos, cérebro, vista). Vítimas, finalmente, através da denúncia enfatizada de situações de exploração, de repressão e de hostilidade da parte dos principais "inimigos" do proletariado: os patrões, a burguesia, a direita, o PCP, os sindicatos.

Por outro lado, por fazerem parte da visão binária da "Voz do Povo", por a sua representação social não a contrariar, antes corroborando-a, estas entidades não são praticamente rotuladas: o único rótulo a registar é a designação *massas trabalhadoras* aplicado aos trabalhadores, que no entanto tem uma utilização ínfima a comparar com a designação *trabalhadores*.

2.2 Função metonímica da categoria povo

O povo, um dos principais agentes do campo político, desempenha a função metonímica de situar a verdade dos factos ao nível da luta de classes, ao servir para identificar, em largas dezenas de ocorrências, grupos de pessoas intervenientes nas notícias, normalmente envolvidas em acções de luta. Ao designar essas pessoas por "o povo", a "Voz do Povo" encontra uma forma de teatralizar a sua visão do mundo.

Refira-se ainda que a *vontade do povo* é um dos sentimentos mais evocados, não no sentido de conferir a esta entidade um desempenho particularmente activo, mas como pretexto ou razão para desencadear a luta de classes.

2.3 UDP

A UDP e a extrema-esquerda são consideradas como a *vanguarda revolucionária*. Eles são os *operários conscientes* ou, não sendo operários, os *elementos conscientes*, que os operários devem seguir. São, como concluímos pela análise dos sentimentos, as entidades mais combativas e corajosas; são também as entidades que mais suscitam nos adversários o sentimento que surge com maior frequência no corpus: o medo.

Sublinhe-se que não estamos perante personagens principais do enredo da luta de classes. UDP e extrema-esquerda são antes, como vimos pela análise das relações de associação e oposição no espaço simbólico, entidades de suporte da luta, cujos principais protagonistas são a classe operária e os trabalhadores, de um lado, e a burguesia, os patrões e a direita, do outro. A UDP tem uma presença fugaz na realidade noticiada. Define poucas relações, os seus elementos poucas vezes são nomeados. A comparação da UDP na "Voz do Povo" com o PS no "Portugal Socialista" torna este facto gritante.

No entanto, a identificação do papel desta entidade é fundamental para as conclusões.

2.4 Patrões

No palco da luta laboral amplamente noticiada, os patrões constituem o inimigo de classe imediato ou tático. É uma figura verdadeiramente central, frequentemente denunciada pela nomeação, mas que no entanto não é regularmente rotulada.

No entanto, à centralidade desta entidade não corresponde um rótulo regular. A rotulação dispersa sugere, à semelhança do que acontece com operários e trabalhadores, que o facto de a representação social dos patrões não contariar a visão binária, faz a "Voz do Povo" prescindir dessa codificação regular e coerente.

2.5 Burguesia

Sendo uma das entidades centrais da visão histórica baseada na luta de classes, a burguesia não é, contudo, representada pela "Voz do Povo" como agente material dessa luta, sendo antes uma espécie de atributo de diversas entidades que participam nela em concreto. São os casos do PCP, dos pequenos partidos de esquerda, do PS, dos patrões e empresários, dos partidos da direita e dos órgãos de poder político instituídos.

O atributo de burguês como que iguala todas as entidades que não se identificam com a extrema-esquerda. As instituições políticas vigentes - Governo, eleições, Assembleia da República - são as entidades cuja codificação é feita exclusivamente pelo atributo de burguês. Procura-se desta forma minar a sua legitimidade, com vista à sua futura destituição.

2.6 Direita

A direita e as suas forças - PPD, CDS, extrema-direita, elementos ligados ao anterior regime - são representadas como a expressão ideológica do mal. As metáforas, as nomeações de elementos de direita e ligados ao anterior regime, os rótulos e as várias formas de apelo afectivo, apontam a direita como uma entidade verdadeiramente terrível, um *virus*, um *tumor*, um *monstro*. Rótulos para a direita, um: o de *fascistas*.

Compreende-se por isso que seja através do apelo afectivo que ela é abordada: sentimentos de ódio e revolta, ênfase da luta contra a direita ou da hostilidade da direita contra os trabalhadores.

Pela teoria marxista, a direita é o "braço político" da burguesia e a análise das relações de associação e oposição, assim como dos rótulos, confirma em pleno esta ideia, que situa a direita como um dos agentes da luta de classes.

2.7 PCP

O PCP é o inimigo táctico imediato da UDP, o partido que mais disputa o seu espaço ideológico, político e eleitoral: as cinturas industriais urbanas e os trabalhadores rurais do Alentejo. É a força política que, no dia a dia das empresas, dos sindicatos e das manifestações populares, mais e mais directamente se confronta com a UDP.

Se, na visão binária do jornal, a UDP é o *verdadeiro partido comunista*, a vanguarda consciente do proletariado, então a preocupação mais premente é destituir o PCP do estatuto de comunista que se vai impondo como representação social. Usa-se para isso a ideia de falsidade, de várias formas: as aspas em torno do "C", a personificação do partido em Álvaro Cunhal, por contraposição ao partido dos trabalhadores, o uso da designação *falso partido comunista ou falsos comunistas*, a identificação do PCP com a corrente *revisionista*, a evocação da dicotomia limpeza ou pureza/sujidade para lembrar quem são os *verdadeiros* e os *falsos comunistas*. Como forma de afastar o PCP do campo do proletariado, os rótulos associam-no também à burguesia e ao anterior regime por via dos *métodos social-fascistas de actuação*.

Mas há um facto importantíssimo, que os dados não desmentem, e que situa este actor num lugar simbólico muito particular: é que o PCP não é uma das entidades históricas que participam directamente na luta de classes. É antes uma entidade que se reclama do campo do proletariado, ideia não corroborada pela "Voz do Povo".

É à luz desse facto que podemos compreender o lugar dramático reservado pela "Voz do Povo" ao PCP, na sua encenação: como acabámos de concluir, uma personagem falsa na sua grande importância social, que importa antes de mais codificar para denunciar, para "desmascarar".

Ao contrário do que acontece com a luta laboral contra os patrões ou com a luta política contra a direita, a luta contra o PCP não se faz por via afectiva, mas por via verbal e racional. Os sentimentos são antes, como já referimos, mobilizados para a luta de classes. Não sendo um dos seus protagonistas principais, compreende-se que o PCP não seja um objecto de ódio, um motivo de humilhação ou uma causa de medo. Em contrapartida, o PCP é, de muito longe, a entidade cujos elementos são mais nomeados e a entidade que recebe mais rótulos de codificação.

Isso acontece, em suma, porque o PCP precisa de ser transportado para fora da visão binária da luta de classes, ou integrado, mas no campo oposto.

2.8 Outras personagens

Além do PCP, outros actores sociais e políticos importantes continuam de fora da visão binária. Os rótulos tratam de os integrar nela ou de tentar hostilizá-los, por meio de caricaturas ridículas e desprezíveis.

Os sindicatos ligados ao PCP por via da Intersindical são rotulados de *traidores*. Os órgãos de poder político são todos eles, *burgueses*. Os chefes, encarregados, técnicos e quadros, profissionais liberais, constituindo camadas intermédias, contrariam, por inerência de funções, a visão binária. São então, todos eles, rotulados de *lacaio*s (dos patrões ou da burguesia).¹³

3. "Portugal Socialista": breve apresentação de uma visão de consenso

A escolha do "Portugal Socialista" como termo de comparação acabou por se revelar muito feliz, na medida em que, adoptando o jornal do PS uma visão positiva da sociedade, de convívio institucional, de consenso, a visão da "Voz do Povo" centrada no conflito ganhou clarividência e pôde ser analisada em toda a sua pujança.

Registe-se, em primeiro lugar, que a nossa análise não nos leva a concluir que a dramatização é uma característica do discurso da "Voz do Povo" por oposição a uma suposta maior objectividade do discurso do "Portugal Socialista". Ambos os jornais dramatizam a realidade, embora recorrendo a cenários e enredos e formas de dramatizar profundamente diferentes, em certos casos opostos.

A visão do mundo do "Portugal Socialista" é uma visão reconciliadora, remitificadora, acrescentaríamos. A partir de uma sociedade em crise, o jornal estrutura o espaço simbólico através de ligações positivas entre os seus actores, ignorando quase completamente as oposições binárias. Essa estrutura tem como centro absoluto o PS e as relações de associação que o partido estabelece com uma série de entidades.

Pudemos identificar também um *sistema de relações de associação dominante*, um *triângulo de poder* formado pelo PS no campo político, o povo no campo social e o MFA no campo militar. Estas três entidades apresentam

¹³ O termo *lacaio* constitui um paradoxo simbólico já que se recorre a uma visão do mundo profundamente baseada nas hierarquias sociais, mediante o sentimento de desprezo dirigido aos *lacaio*s nos meios aristocráticos, para sustentar e alimentar uma visão do mundo que é a da "sociedade de classes".

uma forte associação entre si, representando uma espécie de harmonia social e política, em que o PS é aceite socialmente como o centro do poder político.

Por outro lado, o destaque concedido ao campo estritamente político (partidos nacionais e estrangeiros, ideologias), o facto de, ao contrário do que acontece na "Voz do Povo", as forças que constituem o "movimento social" não serem representadas como agentes políticos, leva-nos a concluir que esta visão é legitimadora das instituições políticas vigentes. A nomeação dos titulares do poder político (Presidente da República, Governo) em termos fortemente positivos confirma-o. E o noticiar de factos da vida política nacional a um nível institucional, não envolvendo directamente o PS (mormente na secção "A semana dia a dia"), revela uma *participação activa do "Portugal Socialista" nos rituais políticos*, e com eles na legitimação das instituições políticas vigentes. Esta função constitui uma necessidade simbólica do PS, visto tratar-se de um partido que aspira ao controlo dessas instituições. Recordemos que a "Voz do Povo" procura, ao contrário, a destituição da estrutura de poder.

3.1 Apresentação ideológica do partido; legitimação dos futuros titulares do poder

Através da nomeação de pessoas e da codificação das entidades podemos constatar que o "Portugal Socialista" centraliza o enredo no PS como forma de o apresentar.

As *figuras* do PS são sistematicamente nomeadas, a propósito de reuniões, comícios ou encontros, com especial incidência nos principais dirigentes. Compreensivelmente, Mário Soares é de longe a figura mais nomeada, sintomaticamente com um número de nomeações quase igual ao que Álvaro Cunhal recolhe na "Voz do Povo". São centenas as figuras do PS nomeadas. Supõe-se que elas vão ser os ministros, os secretários de Estado, os directores gerais. Isto é, procura-se dar a conhecer ao leitor/eleitor/cidadão as pessoas que o vão governar, legitimando-as pela mera nomeação.

A ideologia do PS é dada a conhecer através de uma multiplicidade de rótulos, que na sua maior parte se baseiam na designação "socialismo". São os casos do *verdadeiro socialismo* e do *socialismo em liberdade*.

A ideologia do socialismo em liberdade não impede o jornal de evocar frequentemente *símbolos revolucionários*, através de rótulos mais próximos da extrema-esquerda, como o de *massas populares* ou *massas trabalhadoras*, e imagens como a de *um mar vermelho* a propósito de uma manifestação do PS. Trata-se a nosso ver de um esforço de sedução de leitores identificados com uma perspectiva mais esquerdista.

Escureidão/luz: uma dicotomia inscrita no tempo

Um aspecto interessante do discurso do "Portugal Socialista" é a dicotomia que estabelece entre escureidão, identificada com o tempo do anterior regime (o passado), e a luz, identificada com o presente e o futuro. Nesse sentido, o momento do 25 de Abril é representado como o dia em que se fez luz, ganhando uma aura positiva várias vezes notada. Este tipo de dicotomia relaciona-se directamente com a *liberdade* como valor fundamental do PS, o que explica também o completo eclipse do 25 de Abril no discurso dramático da "Voz do Povo", uma vez que este jornal defende a ditadura do proletariado.

3.2 O sentimento elevado à categoria de ideologia

Os sentimentos assumem um lugar central na visão do mundo do "Portugal Socialista", ao constituírem-se como fundamentos morais da ideologia do *socialismo em liberdade*. Estamos numa época em que a perspectiva marxista, conflitual, dialéctica, que tende a substituir o capitalismo pelo socialismo baseado numa ditadura do proletariado, ainda persiste na esquerda.

E é através dos sentimentos que o jornal justifica, no discurso, por um lado a sua renúncia à postura marxista de conflito, e por outro a sua linha de consenso e reconciliação. A crítica à conflitualidade política baseia-se no *fim das inimizades devido à política*; enfatiza-se o *respeito* pelos adversários políticos e a *alegria* da participação na vida política; a independência de uma ex-colónia é um momento de *emoção* e a intolerância de elementos do PCP um motivo de *tristeza*. A força do PS reside na *solidariedade*, fundamentalmente de partidos políticos estrangeiros.

Ou seja, os sentimentos vêm fornecer uma explicação, historicamente aceitável para os leitores de esquerda, para o consenso social e político defendido. O sentimento é elevado à categoria de ideologia.

Não perspectivámos a análise da dramatização do discurso do "Portugal Socialista" numa perspectiva funcional, sistematizando as funções que ele desempenha ao nível das representações sociais. Desde o princípio, o nosso propósito no recurso ao "Portugal Socialista" foi usá-lo fundamentalmente como termo de comparação.

4. "*Comments are sacred, facts are free*" ou a dramatização como resposta à ambiguidade do jornalismo político

As modalidades resultantes da agregação dos dados, as temáticas das notícias, a forma activa como se comportam as categorias de análise relativas ao dramático, que estudámos, permitem-nos detectar uma ambiguidade que, arriscamos dizê-lo - até porque a observamos tanto no "Portugal Socialista" como na "Voz do Povo" -, é característica do jornalismo doutrinário ou político. Trata-se da posição em que se coloca o jornalista ao ter que confrontar a pretensão de objectividade, de "respeito sagrado pelos factos", reclamada pelo jornalismo, todo ele, no centro de um trabalho de produção simbólica de uma visão do mundo perfeitamente enquadrada ideologicamente.

A metonímia entre factos noticiados e a sua explicação histórica, usada regularmente pela "Voz do Povo", permite materializar ou encenar uma visão do mundo no espaço noticioso. O mesmo podemos dizer das metáforas, que transportam insistentemente a realidade para um universo de luta e mais particularmente de guerra.

Se este jornal coloca desta forma a verdade ao nível da luta de classes, seguindo a máxima leninista, então estamos perante a inversão de um dos princípios básicos da ideologia da objectividade, de "facts are sacred, comments are free" para algo como "comments are sacred, facts are free".

Ora a prática da dramatização vem oferecer uma solução para esta contradição. Na problemática e embaraçosa encruzilhada destes dois constrangimentos da produção jornalística, há um espaço privilegiado de dramatização, nomeadamente porque nele é possível e aconselhável ao jornalista *dispor* os factos objectivos, verdadeiros e noticiáveis no centro, ou num canto, de um enredo e de um palco simbólico pré-definidos a que chamamos "visão do mundo", a desempenhar um papel prescrito, como qualquer papel teatral. Criando a ilusão de realidade, este procedimento possibilita suscitar a adesão afectiva e ideológica do leitor sem macular a verdade dos factos.

Um paradigma de dramatização no jornalismo político

Finalmente, pensamos que uma das utilidades deste trabalho consiste em identificar, a partir de uma situação de produção jornalística que se desenrolou num período de crise social ímpar na História de Portugal da segunda metade deste século, um paradigma de dramatização no jornalismo político, o qual poderá servir para questionar, com uma distanciação difícil de conseguir

noutras condições, os jornalismos que têm lugar, por exemplo, neste virar de milénio, os quais, pela nossa percepção imediata, poderão assumir muitas das formas dramáticas aqui identificadas.

BIBLIOGRAFIA

- ABÉLÈS, Marc (1995), "Encenações e rituais políticos - uma abordagem crítica", *Comunicação e Linguagens*, Lisboa, Cosmos/FCSH
- AGEE, Warren, TRAQUINA, Nelson (s/d), *O quarto poder frustrado - Os meios de comunicação social no Portugal pós-revolucionário*, Lisboa, Vega
- AGUIAR E SILVA, Vítor Manuel de (1969), *Teoria da Literatura*, 2ª edição revista e aumentada, Coimbra, Medina
- ALBERTOSA, J. L. Martínez (1974), *Redacción Periodística, los estilos y los generos de la prensa escrita*, Barcelona, A.T.E.
- ANSART, P. (1983), *La gestion des passions politiques*, Lausanne, L'Age d'Homme
- ANSART, P. (1997), *Les cliniciens des passions politiques*, Paris, Seuil
- BABIN, Pierre (1993), *Linguagem e cultura dos media*, Lisboa, Bertrand (Edição original: *Langage et culture des médias*, Paris, Editions Universitaires, 1991)
- BABO, Maria Augusta (1998) "A dramatização da paixão nas *Cartas Portuguesas*", *Comunicação e Linguagens* nº 24, Lisboa, Cosmos/FCSH
- BARDIN, Laurence (1979), *Análise de conteúdo*, Lisboa, Edições 70 (Edição original: *L'analyse de contenu*, Paris, PUF, 1977)
- BOURDIEU, Pierre (1989), *O poder simbólico*, Lisboa, Difel
- BOURDIEU, Pierre (1998), *O que falar quer dizer*, Lisboa, Difel (Edição original: *Ce que parler veut dire*, Paris, Arthème Fayard, 1982)
- CHARLOT, Jean (1974), *Os partidos políticos*, Lisboa, Parceria Pereira
- CHEVALIER, Jean, GHEERBRANT (1969), *Dictionnaire des Symboles*, Paris, Robert Laffont
- DAWSON, S. W. (1975), *O drama e o dramático*, Lisboa, Lysia
- DOMENACH, J.-M. (1962) *La propagande Politique*, Paris, PUF
- DORT, Bernard (1971) *Théâtre Réel*, Paris, Seuil
- ECO, Umberto (s/d), *Apocalípticos e Integrados*, Trad. port. Gerardo Gerson de Souza, São Paulo, Perspectiva, Col. Debates (Edição original: *Apocalittici e Integrati*, Milão, Valentino Bompiani & C.)

- FEATHERSTONE, Mike (1990), "Moderno e pós-moderno", *Sociologia, Problemas e Práticas*, nº 8, Lisboa, CIES / ISCTE
- FERNANDES, António Teixeira (1988), *Os fenómenos políticos - Sociologia do poder*, Porto, Afrontamento
- FERREIRA, João Pedro (1993), Recensão Crítica da obra de Jaroslav Krejci, *Great Revolutions Compared: The Search for a Theory*, Brighton, Wheatsheaf Books, 1987, *Cultura - História e Filosofia*, volume VII, Lisboa, Centro de História e Cultura da FCSH
- FONTAINE, André (1982), *Histoire de la "détente", 1962-1981*, Paris, Éditions du Seuil
- FONTAINE, André (1994), "O 25 de Abril agudizou a Guerra Fria", in MESQUITA, Mário, REBELO, José, *O 25 de Abril nos media internacionais*, Porto, Afrontamento, Col. Textos/25
- GOMES, Wilson (1995), "Duas premissas para a compreensão da política-espetáculo", *Comunicação e Linguagens*, Lisboa, Cosmos/FCSH
- GREIMAS, A. J., LANDOWSKI, E., et. al. (1979), *Introduction à l'analyse du discours en sciences sociales*, Paris, Hachette Université
- HAMICHE, Daniel (1973), *Le théâtre et la Révolution*, Paris, Union Générale d'Éditions
- KAPFERER, Jean-Noël (1988), *Boatos - O meio de comunicação mais velho do mundo*, Trad. port. Maria Adelaide Freire, Mira-Sintra, Europa-América (Edição original: *Rumeurs - Le plus vieux média du monde*, Paris, Seuil, 1987)
- LEBLANC, Gérard (1989), "A actualidade trágica", *Comunicação e Linguagens*, nº 9, Lisboa, Cosmos/FCSH
- LENINE, Vladimir I. U. (1966), *Que faire?*, Paris, Éditions du Seuil
- LIPOVETSKY, Gilles (1989), *A era do Vazio*, Trad. port. Miguel Pereira e Ana Faria, Lisboa, Relógio d'Água (Edição original: *L'ère du vide*, Paris, Gallimard)
- LIPSET, Seymour Martin (1992), *Consenso e Conflito*, Trad. port. Rafael Marques, Lisboa, Gradiva (Edição original: *Consensus and Conflict*, New Brunswick, Transaction Publishers, 1985)
- LUKACS, Georg, SCHAFF, Adam (1973), *Sobre o conceito de consciência de classe*, Porto, Publicações Escorpião
- MAINGUENEAU, D. (1976), *Initiation aux méthodes de l'analyse du discours*, Paris, Hachette Université

- MARX, Karl (1982), *O 18 do Brumário de Luís Bonaparte*, Lisboa, Edições Avante
- MARX, Karl, ENGELS, Friedrich (1997), *Manifesto do Partido Comunista*, Lisboa, Edições Avante
- MATOS, Maria Madalena Guibentif (1992), *La démocratie au Portugal: analyse du débat politique entre 1974 et 1976*, Texto policopiado, Tese para Doutoramento apresentada à F.S.E.S. da Universidade de Genebra
- MEMMI, Dominique (1986), *Du récit en politique*, Paris, Presses de la F.N.S.P.
- MESQUITA, Mário (1988), "Estratégias liberais e dirigistas na Comunicação Social de 1974-75 - da Comissão Ad Hoc à Lei de Imprensa", *Comunicação e Linguagens*, nº 8, Lisboa, Cosmos/FCSH
- MESQUITA, Mário (1994a), "Os meios de comunicação social", in *Portugal: 20 anos de democracia*, Lisboa, Círculo de Leitores
- MESQUITA, Mário (1994b), "Portugal na Primeira Página", in MESQUITA, Mário, REBELO, José (1994), *O 25 de Abril nos media internacionais*, Porto, Afrontamento, Col. Textos/25
- MEUNIER, Jean-Pierre (1996), "Metáforas do Jornalismo Político", *Comunicação e Linguagens*, Cosmos/FCSH
- MORAIS, João, VIOLANTE, Luís (1986), *Contribuição para uma cronologia dos factos económicos e sociais - Portugal 1926-1985*, Lisboa, Livros Horizonte, Col. Horizonte Económico
- PAQUETE DE OLIVEIRA, José (1984), "Imprensa escrita: um 'meio de censura' à informação?", *A Comunicação no Quotidiano Português*, Lisboa, Relógio d'Água, CES/ISCTE e autores
- PAQUETE DE OLIVEIRA, José (1988), *Formas de 'Censura Oculta' na imprensa escrita em Portugal no pós-25 de Abril (1974-1987)*, Texto policopiado, Dissertação para Tese de Doutoramento, Lisboa, ISCTE
- POUCHIN, Dominique (1994), "O último teatro leninista", in MESQUITA, Mário, REBELO, José, *O 25 de Abril nos media internacionais*, Porto, Afrontamento, Col. Textos/25
- QUINTERO, Alejandro (1993), *História da Propaganda*, Lisboa, Planeta Editora (Edição original: *Historia de la Propaganda*, Barcelona, Eudema, 1990)
- REBELO, José (1994), "Imagens de um pretérito imperfeito", in MESQUITA, Mário, REBELO, José, *O 25 de Abril nos media internacionais*, Porto, Afrontamento, Col. Textos/25

- REIS, António (1994), "O processo de democratização", in *Portugal: 20 anos de democracia*, Lisboa, Círculo de Leitores
- REIS, Carlos, LOPES, Ana Cristina (1996), *Dicionário de Narratologia*, 5ª edição, Coimbra, Almedina
- RODRIGUES, Adriano Duarte (1988), "O acontecimento", *Comunicação e Linguagens*, nº 8, Lisboa, Cosmos/FCSH
- RODRIGUES, Adriano Duarte (1990), *Estratégias da Comunicação*, Lisboa, Presença
- SCHWARTZENBERG, Roger-Gérard (1979), *Sociologia Política*, São Paulo-Rio de Janeiro, Difel
- SFEZ, Lucien (1988), *La Symbolique Politique*, Paris, PUF
- SFEZ, Lucien (1993), *Dictionnaire Critique de la Communication*, Paris, PUF
- SHAW, Harry (1978), *Dicionário de Termos Literários*, Lisboa, Dom Quixote (Edição original: *Dictionary of Literary Terms*, Nova Iorque, McGraw-Hill, 1973)
- TENGARRINHA, José (1989), *História da Imprensa Periódica em Portugal*, 2ª edição revista e aumentada, Lisboa, Caminho
- TRAQUINA, Nelson (1988), "As notícias", *Comunicação e Linguagens*, nº 8, Lisboa, Cosmos/FCSH
- TUCHMAN, Gaye (1978), *Making News - A study in the construction of reality*, New York, The Free Press
- WOLF, Mauro (1994), *Teorias da Comunicação*, 3ª edição, Trad. port. de Maria Vilar de Figueiredo, Lisboa, Presença (Edição original: *Teorie delle Comunicazioni di Massa*, Milão, Fabbri, Bompiani, Sonzogno, Etas SpA, 1985)

